

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

MARIA EDUARDA PANIZZI

**JORNALISMO E FUTEBOL: TENSÕES ENTRE PARCIALIDADE, ISENÇÃO E O
PAPEL DO JORNALISTA NO ÂMBITO DA DISCUSSÃO DE GÊNEROS**

CAXIAS DO SUL

2023

MARIA EDUARDA PANIZZI

**JORNALISMO E FUTEBOL: TENSÕES ENTRE PARCIALIDADE, ISENÇÃO E O
PAPEL DO JORNALISTA NO ÂMBITO DA DISCUSSÃO DE GÊNEROS**

Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo na Universidade de Caxias do
Sul (UCS).

Orientador: Prof. Dr. Marcell Bocchese

CAXIAS DO SUL

2023

MARIA EDUARDA PANIZZI

**JORNALISMO E FUTEBOL: TENSÕES ENTRE PARCIALIDADE, ISENÇÃO E O
PAPEL DO JORNALISTA NO ÂMBITO DA DISCUSSÃO DE GÊNEROS**

Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo na Universidade de Caxias do
Sul (UCS).

Orientador: Prof. Dr. Marcell Bocchese

Aprovado (a) em 01/12/2023

Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcell Bocchese
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Prof. Me. Jacob Raul Hoffmann
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Profa. Dra. Paula Sperb
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

A todas as mulheres que lutaram antes de mim e a todas que continuam lutando comigo.

AGRADECIMENTOS

Uma das músicas que mais gosto da minha banda preferida - Lagum - se chama "Ninguém me ensinou". Nela, o eu lírico reflete sobre a vida que escolhemos. Ao longo das estrofes, Pedro Calais, o vocalista, canta em alto e bom tom que não tem medo de errar, apenas de desistir. Na minha opinião, ele não poderia estar mais certo. Até porque, se não fosse dessa forma, eu provavelmente não estaria concluindo essa graduação. Além disso, o questionamento principal da letra é "quem te ensinou a sonhar?". E é a essas pessoas - as que me ensinaram a sonhar - que quero agradecer.

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Alisete Brancher Panizzi e Rui Panizzi, e a minha cachorrinha, Sindy, pois sem eles nada disso seria possível. Foram eles os primeiros que me ensinaram a sonhar. Mais do que isso: forneceram todos os subsídios financeiros e, principalmente, emocionais para que eu pudesse concluir a graduação com sucesso. Por isso, o meu muito obrigada. Amo vocês mais que tudo nesse mundo.

Agradeço também aos meus amigos por estarem comigo ao longo de toda a graduação e por sempre entenderem as minhas ausências durante esse período de elaboração do TCC. Vocês, sem dúvidas, são o alívio em meio ao caos e, mesmo sem perceberem, foram o meu antídoto para ter forças para continuar trilhando esse caminho tão complexo da faculdade. Obrigada por me ensinarem a sonhar.

Não poderia deixar de agradecer aos meus colegas do Esporte Clube Juventude, que estiveram presentes na reta final do TCC e a todo momento foram compreensivos e sempre se colocaram à disposição para ajudar. Principalmente, agradeço por terem entendido os meus momentos de ausência e por serem uma rede de apoio incrível. Tenho sorte por conhecer vocês. Obrigada por me ensinarem a sonhar.

Agradeço também à minha irmã de outra mãe, Michelle Pértile, que esteve comigo ao longo de toda a graduação e, mais do que nunca, nos últimos dois semestres de TCC. Sem a união que criamos ao longo desses anos eu provavelmente não teria conseguido chegar até aqui. Das poucas certezas que tenho na vida, você é uma delas. Obrigada por existir e por me ensinar a sonhar.

Preciso agradecer também aos meus colegas de curso, com quem convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de

experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como profissional. Dos encontros inesperados da vida, vocês são uma parte essencial. Obrigada por me ensinarem a sonhar.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Marcell Bocchese, por sempre ter me apoiado e acreditado no meu potencial. Cada uma de suas correções e ensinamentos me permitiram apresentar um melhor desempenho ao longo da graduação e, sem dúvidas, farão toda a diferença na minha vida profissional. Aqui, cabe agradecer também a todos os professores que cruzaram a minha trajetória acadêmica desde a infância. Obrigada por me ensinarem a sonhar.

Não poderia deixar de agradecer aos meus entrevistados, Bianca Molina, Carolina Freitas, Diogo Olivier, Kelly Costa, Maurício Reolon, Olga Bagatini, Quetelin Rodrigues, Rodrigo Cordeiro, Rafael Alves, Raony Pacheco, Thaigor Janke e Tríssia Ordovás Sartori, por terem contribuído totalmente com o resultado final desta pesquisa. O relato de vocês foi essencial para que esse sonho se tornasse realidade.

Agradeço também à vida (seja ela aqui definida como Deus, universo ou plano espiritual) por ter me feito exatamente quem eu sou. Por nunca ter desistido de mim e por sempre ter acreditado que, independentemente das pedras no caminho, eu chegaria lá. Agradeço ao esporte, em especial ao futebol, por sempre ter sido uma paixão na minha vida e a razão principal para eu escolher cursar Jornalismo.

Agradeço a mim, por, desde antes de iniciar a faculdade, já saber que, se tivesse a oportunidade, falaria sobre o futebol de mulheres. Ter vivido essa modalidade e sentido as desigualdades na pele foi um grande gatilho para escolher esse tema para o meu TCC. Não tenho pretensão alguma de mudar o mundo, mas tenho certeza de que pequenas atitudes ajudam a transformá-lo em um lugar melhor.

Por fim, deixo aqui o meu muito obrigada a todos aqueles que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste trabalho. Vocês, mesmo sem perceber, me ensinaram a sonhar. Por isso tudo, como diria Lagum, sou grata um tanto!

“Só se pode alcançar um grande êxito quando nos mantemos fiéis a nós mesmos.”

Friedrich Nietzsche

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso discorre sobre a desigualdade de tratamento existente entre os gêneros feminino e masculino no futebol brasileiro. Nesse contexto, o objetivo principal da pesquisa é compreender o papel do jornalista esportivo no que diz respeito à tentativa de equalizar essas diferenças. Dessa forma, o referencial teórico envolve considerações sobre a história do futebol no Brasil, a discussão de gêneros e seu papel no cenário do futebol e do jornalismo esportivo e a representatividade do jornalista no universo futebolístico. A metodologia utilizada foi a pesquisa exploratória, sob os preceitos do estudo monográfico e da análise dedutiva. Para tanto, esse estudo é qualitativo e utiliza a síntese da análise de entrevistas realizadas pela pesquisadora com profissionais do jornalismo e o levantamento bibliográfico para alcançar a conclusão geral. Como principal resultado, pode ser mencionado que o papel do jornalista no que tange à tentativa de equalizar o tratamento entre os gêneros no futebol brasileiro é dar visibilidade à modalidade feminina. A mídia possui a capacidade de influenciar profundamente a sociedade. Assim, entende-se que o profissional da área possui uma responsabilidade gigantesca em criticar os aspectos de desigualdade do futebol e oportunizar que o futebol de mulheres seja mais visto e prestigiado.

Palavras-chave: Desigualdade de gênero. Equidade. Futebol brasileiro. Futebol de mulheres. Papel do jornalista.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O FUTEBOL BRASILEIRO: ALGUMAS PERSPECTIVAS. 14	14
2.1 Um breve histórico do futebol no Brasil.....	14
2.1.2 O futebol como paixão nacional e retrato da sociedade brasileira.....	18
2.1.3 Os 10 melhores jogadores de futebol brasileiro de todos os tempos.....	20
2.2 O futebol praticado por mulheres na nação canarina: da proibição à exigência.....	24
2.2.1 O cenário começa a mudar.....	26
2.2.2 Da proibição à exigência: a realidade atual do futebol praticado por mulheres no Brasil.....	27
2.2.3 As atuais ligas de futebol de mulheres no Brasil.....	30
2.3 Como o passado do machismo no futebol resultou na desigualdade contemporânea da modalidade.....	31
3 A DISCUSSÃO DE GÊNEROS E SEU PAPEL NO CENÁRIO DO FUTEBOL E NO JORNALISMO ESPORTIVO.....	37
3.1 Discussão de gêneros: aspectos sobre a diferença de tratamento direcionada a homens e mulheres.....	37
3.2 Como o gênero pode ser determinante na relevância dada a um profissional.....	41
3.3 Privilégios no esporte: por que os homens são mais favorecidos dentro e fora de campo.....	44
4 JORNALISMO ESPORTIVO: ISENÇÃO, HISTÓRIA E REPRESENTATIVIDADE.....	48
4.1 A isenção na prática jornalística.....	48
4.2 Aspectos sobre a história do jornalismo esportivo.....	50
4.2.1 Jornalismo esportivo no Brasil: primórdios.....	52
4.3 Homens e mulheres no universo do jornalismo esportivo.....	55
4.3.1 A conduta profissional jornalística esportiva no Brasil: aspectos importantes.....	56
5 METODOLOGIA.....	60
5.1.1 Método de abordagem.....	63
5.1.2 Métodos de procedimento.....	66
5.2 A importância da entrevista.....	67
5.2.1 Como se preparar para a entrevista.....	69
5.2.2 A entrevista semiestruturada.....	71
5.3 Delimitação do corpus.....	71
5.3.1 Perfil dos entrevistados.....	73
6 TENSÕES EM ANÁLISE: A PARCIALIDADE E A ISENÇÃO DO JORNALISTA.....	76
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS.....	99
APÊNDICES.....	108
APÊNDICE A - Entrevistas transcritas.....	108
ENTREVISTA COM A JORNALISTA CAROLINA FREITAS.....	108
ENTREVISTA COM O JORNALISTA MAURÍCIO REOLON.....	114
ENTREVISTA COM O JORNALISTA RODRIGO CORDEIRO.....	117
ENTREVISTA COM A JORNALISTA TRÍSSIA ORDOVÁS SARTORI.....	121
ENTREVISTA COM O JORNALISTA DIOGO OLIVIER.....	125

ENTREVISTA COM A JORNALISTA KELLY COSTA.....	127
ENTREVISTA COM A JORNALISTA QUETELIN RODRIGUES.....	133
ENTREVISTA COM O JORNALISTA THAIGOR JANKE.....	140
ENTREVISTA COM A JORNALISTA BIANCA MOLINA.....	145
ENTREVISTA COM A JORNALISTA OLGA BAGATINI.....	153
ENTREVISTA COM O NARRADOR RAFAEL ALVES.....	158
ENTREVISTA COM O JORNALISTA RAONY PACHECO.....	162
APÊNDICE B - Projeto de pesquisa do TCC 1.....	168

1 INTRODUÇÃO

O tema deste estudo foi motivado pelo interesse da autora no jornalismo esportivo, aliado ao seu desejo pessoal de ver o jornalismo atuar em prol do avanço de uma sociedade mais igualitária, principalmente no que diz respeito ao futebol brasileiro. Com isso em mente, foi considerado relevante investigar um tema capaz de integrar ambos os assuntos: *Jornalismo e futebol: tensões entre parcialidade, isenção e o papel do jornalista no âmbito da discussão de gêneros.*

A escolha desse tema se justifica por conta da inegável desigualdade existente entre os gêneros feminino e masculino no futebol brasileiro. Diariamente, atletas mulheres são postas à prova e precisam barrar inúmeras dificuldades para praticar a modalidade. Da chuteira que calçam ao salário que recebem, as mulheres são desvalorizadas no esporte simplesmente pelo fato de serem mulheres.

Nesse sentido, busca-se entender qual é o papel do jornalista no que tange à tentativa de equalizar o tratamento direcionado ao futebol de homens e de mulheres no Brasil. Por conta da mídia ser capaz de influenciar profundamente a sociedade e contribuir para a formação coletiva da massa, trava-se o desafio de compreender como e em quais momentos o jornalista pode contribuir para reforçar a ideia de que o futebol de mulheres deve ser respeitado, transmitido e valorizado tanto quanto o masculino.

Com a decisão do tema, passou-se a avaliar qual deveria ser a abordagem aplicada para compreender melhor a temática, chegando à escolha da questão norteadora: *qual é o papel do jornalista esportivo no que diz respeito às tensões que fazem parte da realidade dos gêneros feminino e masculino no futebol brasileiro?* Assim, objetiva-se investigar a potencial contribuição do jornalista esportivo na tentativa de equilibrar o tratamento entre os gêneros no cenário do futebol no Brasil.

Dessa forma, com o propósito de compreender as responsabilidades do profissional do jornalismo para equalizar o tratamento entre os gêneros feminino e masculino no universo futebolístico, o objetivo geral do estudo é *compreender qual é o papel do jornalista esportivo no que diz respeito ao seu modo de lidar com as diferenças no tratamento entre os gêneros no futebol brasileiro.*

Com o intuito de dar conta do propósito de cumprimento ao objetivo acima citado, a pesquisa abrange, adicionalmente, outros elementos destinados a auxiliar na investigação, estabelecidos com base nos objetivos específicos: *averiguar as*

medidas que o jornalista pode tomar para equalizar os gêneros no futebol brasileiro; compreender por que o futebol de mulheres é tão mais desvalorizado que o de homens; investigar como o jornalista pode ser isento e imparcial na conduta profissional esportiva no contexto das tensões entre o futebol praticado por homens em relação ao praticado por mulheres; entender qual a forma correta de exercer a conduta profissional jornalística esportiva; e compreender como a herança deixada pela proibição do futebol de mulheres colaborou para a falta de profissionalização da modalidade.

A metodologia utilizada nesta pesquisa é de orientação exploratória qualitativa, enquanto as modalidades metodológicas empregadas incluem a pesquisa monográfica e a execução e a análise de entrevistas. O uso da pesquisa monográfica tem por objetivo fundamentar uma base teórica consistente que permita a análise de 12 entrevistas com profissionais do jornalismo. Para tanto, essa etapa compreende o levantamento de bibliografias sobre jornalismo esportivo, futebol brasileiro e discussão de gêneros. Ademais, o método de abordagem utilizado foi o dedutivo, que parte da premissa que apenas a razão pode levar ao conhecimento verdadeiro.

Nesse sentido, faz-se importante apresentar como foi realizada a delimitação e análise do corpus da pesquisa. Para tanto, foi definido que seriam selecionados profissionais do jornalismo de Caxias do Sul, Porto Alegre e São Paulo, que atuassem nos diferentes meios de comunicação. Assim, seis homens e seis mulheres puderam retratar a realidade do jornalismo no interior e na capital do Rio Grande do Sul e em um dos grandes centros urbanos do país. Dessa forma, o desenvolvimento do estudo resulta em cinco capítulos que serão apresentados na sequência.

O capítulo dois, intitulado *Considerações sobre o futebol brasileiro: algumas perspectivas*, discorre sobre a história do futebol no Brasil, a importância dele para a sociedade, a proibição do futebol de mulheres no país e o espaço alcançado pela modalidade na contemporaneidade. Além disso, apresenta-se a lista dos 10 melhores jogadores de futebol brasileiro de todos os tempos segundo a revista *FourFourTwo* e as atuais ligas de futebol de mulheres no Brasil. Por fim, traça-se uma linha de raciocínio sobre como o passado do machismo resultou na desigualdade que o futebol de mulheres enfrenta nos dias atuais. Os principais

autores utilizados para tal estudo são: Daolio (2000), Filho (1997), Guterman (2009), Kessler (2015), Máximo (1999), Moraes (2016), Silva (2022) e Trevisan (2019).

Já no capítulo três, *A discussão de gêneros e seu papel no cenário do futebol e no jornalismo esportivo*, é possível compreender a respeito da diferença de tratamento direcionada a homens e mulheres, sobre como a relevância atribuída a um profissional pode ser influenciada pelo gênero e também a respeito dos privilégios que rodeiam o esporte, discorrendo sobre o inegável favorecimento que os homens possuem dentro e fora de campo. Para tal reflexão, mencionam-se como principais referências os autores: Beauvoir (2009), Garcia (2011), Machado e Pinheiro (2022), Mello e Bordinhão (2023), Peragene (2022) e Zinani (2012).

No capítulo quatro, nomeado *Jornalismo esportivo: isenção, história e representatividade*, o leitor é levado a compreender a isenção na prática jornalística, alguns aspectos sobre a história do jornalismo esportivo, os primórdios do jornalismo esportivo no Brasil, a realidade de homens e mulheres no universo do jornalismo esportivo brasileiro e aspectos importantes a respeito da conduta profissional jornalística esportiva no Brasil. Neste ponto, evidenciam-se como principais referências os autores: Barbeiro e Rangel (2006), Borelli (2001), Coelho (2003), Fonseca (1997), Martins (2005), Moraes (2018), Pena (2021) e Silva e Lorangeira (2007).

Além disso, o capítulo cinco, intitulado *Metodologia*, explora os conceitos dos métodos empregados neste estudo, abordando os conceitos básicos essenciais para o desenvolvimento do projeto: metodologia, método, análise e análise de conteúdo.

A modalidade de entrevista escolhida foi a de profundidade qualitativa semiestruturada, que torna possível conservar a padronização de perguntas sem impor opções de respostas aos entrevistados. Após as entrevistas, analisam-se as respostas e cria-se um paralelo entre elas. Com isso, é possível compreender qual é a função do profissional jornalista na tentativa de equilibrar as tensões existentes entre o universo futebolístico no que tange à discussão de gêneros. Ademais, o método utilizado para o desenvolvimento desta pesquisa, a análise de conteúdo, nesse caso, das entrevistas, possibilita que o pesquisador se aproxime da verdade que está nas entrelinhas do dia a dia.

Para concluir, o capítulo seis, *Considerações Finais*, aborda a resposta à questão principal desta pesquisa. Nesta seção, também, são retomados o objetivo geral, os objetivos específicos e a metodologia.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O FUTEBOL BRASILEIRO: ALGUMAS PERSPECTIVAS

2.1 Um breve histórico do futebol no Brasil

O futebol é o maior fenômeno social do Brasil e, além de representar a identidade nacional, dá significado aos desejos de potência da maioria absoluta dos brasileiros. (GUTERMAN, 2009). Com “desejos de potência”, o autor se refere aos anseios de sucesso, reconhecimento, poder e ascensão social que muitos brasileiros possuem. O futebol, nesse contexto, é visto como uma forma de realizar esses anseios.

Contudo, apesar de parecer nato aos filhos deste solo, o esporte nem sempre fez parte do dia a dia brasileiro. Ainda, a julgar pelos feitos já conquistados pela Seleção Brasileira de Futebol Masculino, pode ser inimaginável acreditar que a trajetória do principal esporte do Brasil data de pouco mais de um século. A modalidade, que completou seu centenário em 1995, está próxima de atingir a marca dos 130 anos de história registrada em terras canarinhas.

[...] quem garantia que eram mesmo 100 anos? Quem disse que nosso futebol só começou a existir em 1895? Não teria a bola rolado antes pelos campos deste imenso país? Certamente, há algo de arbitrário na data que os historiadores elegeram para assinalar o nascimento do futebol brasileiro. Mas, arbitrária que seja, é a que melhor cabe como ponto de partida para tudo o mais. (MÁXIMO, 1999, p. 179).

Importado da Inglaterra por Charles William Miller, paulistano filho de ingleses que voltou de Southampton depois de ter cursado a *Banister Court School*, o futebol foi descoberto como um fascinante e novo brinquedo. Segundo Máximo (1999), à época, os filhos de famílias da alta sociedade eram instruídos a estudar na Europa, mesmo que existissem escolas de qualidade no Brasil. Miller, que era descendente europeu, conheceu a terra dos pais, fez amigos e tomou uma atitude que mudaria o futuro brasileiro: em sua mala, o garoto trouxe duas bolas de futebol, um par de chuteiras, alguns uniformes usados, uma bomba de ar e um livro com as regras do esporte que conheceu na Inglaterra e pelo qual se apaixonou. (TREVISAN, 2019).

Foi então na manhã do domingo, 14 de abril de 1895, que aconteceu a primeira partida de futebol em terras brasileiras. Charles pegou uma de suas bolas e se dirigiu a um terreno baldio da várzea do Carmo, entre as ruas Santa Rosa e do

Gasômetro, em São Paulo. Foi no local, que era considerado o jardim da alta classe média paulistana, que Miller plantou a semente do futebol.

Foi com jovens de boas famílias como a sua, até então interessados em críquete, golfe, tênis e similares, que Charles plantou a semente. Ensinou-lhes os fundamentos do futebol, dividiu-os em dois times, escalou um dos seus amigos para juiz, outro para bandeirinha, e lá foram todos fazer história na várzea do Carmo. (MÁXIMO, 1999, p. 182).

A partir daquele momento, o futuro do futebol no Brasil estava destinado ao sucesso. Charles Miller e seus amigos passaram a realizar novos jogos, até que passaram a surgir os primeiros times de futebol de verdade. (MÁXIMO, 1999). Entretanto, vale ressaltar, a modalidade, contraditoriamente sob a perspectiva atual, era considerada quase como um brinquedo de meninos ricos. Por isso, infelizmente, o preconceito não é um "luxo" do século XXI.

O esporte aparece primeiro como atividade da elite, importado e jogado por estrangeiros aristocráticos ou ligados aos investidores europeus que exploraram as oportunidades abertas pelo desenvolvimento do país no final do século XIX. Negros e operários só teriam vez ou nos campos de várzea ou quando passaram a ser decisivos para que os times de brancos ricos ganhassem títulos. (GUTERMAN, 2009, p. 12).

Dessa forma, mesmo que a Lei Áurea tenha sido assinada em 13 de maio de 1888 pela Princesa Isabel, colocando um fim na escravidão no Brasil, esse feito sequer se aproximou de exterminar os preconceitos raciais e sociais no país. Por isso, desde seu início em terras canarinhas, o futebol

[...] vetou velada e até mesmo explicitamente a participação de negros e pobres em suas equipes. Os clubes que não impediam a associação das chamadas "pessoas de cor" ou então de operários em seus estatutos cobravam valores impensáveis a essas classes, o que acabava por impedir a indesejada presença em seus quadros sociais. (TREVISAN, 2019, p. 15).

Segundo Máximo (2009), a história do futebol no Brasil pode ser dividida em fases que refletem o que o esporte representa na sociedade brasileira. Embora pouco a pouco pobres e negros fossem conquistando seus espaços nos clubes da primeira divisão, a oposição contra eles era altíssima, pois o futebol era declaradamente racista. Tanto que em 1921 o então presidente da República, Epitácio Pessoa, recomendou que negros não fossem incluídos na comissão brasileira que viajaria a Buenos Aires para o Campeonato Sul-Americano.

O racismo era tão escancarado que essa prescrição tinha como objetivo projetar "outra imagem do Brasil no exterior", pois uma delegação de futebol não deixava de representar o país. E "era absolutamente imperioso que o país fosse representado por sua 'melhor sociedade'". (MÁXIMO, 1999, p. 184).

Foi justamente essa imposição presidencial que fez com que muitos jogadores negros começassem a organizar ligas próprias. E, apesar da discriminação, em 1923, o Vasco da Gama foi campeão da primeira divisão carioca tendo um elenco repleto de negros. Foi

[...] uma data histórica para o futebol brasileiro, porque mostrou que um time de negros e trabalhadores, se bem treinados e remunerados, podia desbancar os clubes de estudantes ricos do futebol brasileiro. O Vasco ainda sofreria, nos anos seguintes, com as normas do futebol que impediam a profissionalização de jogadores e a participação de atletas negros e analfabetos. Mas venceu as resistências, e seu sucesso - que inclui a construção, em 1927, do estádio de São Januário, então o maior do país, com dinheiro arrecadado entre torcedores de toda a cidade - dá a dimensão das transformações profundas pelas quais passava o futebol. (GUTERMAN, 2009, p. 55).

Com isso já era possível notar uma pequena integração entre as classes e as raças. Entretanto, nem todos os cantos do país seguiram o exemplo do Rio de Janeiro. Na capital gaúcha, por exemplo, foi somente nos anos 1950 que o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre passou a permitir que negros vestissem sua camisa.

Nesse sentido, todo o abismo existente em torno do universo futebolístico deixou de existir no momento em que houve a formação das metrópoles brasileiras. Dessa forma, os pilares do preconceito “foram demolidos pela massa de trabalhadores que encontrou no futebol a essência democrática que lhe era negada em todas as outras áreas.” (GUTERMAN, 2009, p. 12).

Ainda segundo Guterman (2009), a entrada dos operários no futebol foi responsável por acentuar uma mudança de perfil do esporte que vinha sendo operada pelo menos desde 1905.

O amadorismo, que serviu para deixar de fora do futebol quem não fosse da aristocracia, estava virando uma intenção só de fachada. Vários jogadores já atuavam sob comando do São Paulo, como Mac Lean no Americano de Santos e o zagueiro Asbury no Paulistano, entre vários outros. O Corinthians não tinha dinheiro para dar a seus jogadores, mas seus operários eram convidados a jogar por diversos clubes em troca de dinheiro, porque “o espírito esportivo” dos primeiros anos já cedia lugar à obsessão pela vitória e por títulos. (GUTERMAN, 2009, p. 50).

Com a obsessão por vitórias e títulos, chegou o momento da profissionalização do futebol se tornar uma realidade. A ruptura do futebol, de esporte de elite para esporte de massa e de esporte amador para esporte profissional, ocorreu na década de 1920, quando a Primeira República demonstrava sinais de desgaste por conta do “desprezo atávico por tudo que cheirasse a povo”. (GUTERMAN, 2009).

De acordo com Mario Filho (2003), a profissionalização do futebol fez com que desaparecesse a vantagem então existente de se ser um jogador de boa família, estudante e branco. O autor destaca que esses rapazes, anteriormente favorecidos pelo sistema, passaram a ter que competir, em igualdade de condições, com “o pé rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto para ver quem jogava melhor”. (FILHO, 2003, p. 126). Esse movimento foi a verdadeira revolução ocorrida no futebol brasileiro.

Da mesma forma que na atualidade, as mudanças ocorridas no universo futebolístico da época também pautaram a transformação crítica do Brasil. Segundo Guterman (2009), a popularidade do futebol e o imparável acesso das classes baixas ao universo que anteriormente era reservado à elite foi responsável por levar a intelectualidade brasileira a debater de modo apaixonado não somente modelos políticos, mas também a própria identidade nacional.

Com um potencial social e político inegável, em 1933 o futebol profissional foi oficialmente implantado, quando foi criada a Liga Carioca de Futebol. Segundo Monteiro Lobato (1941, p. 258), a modalidade teve “a honra de despertar o nosso povo do marasmo de nervos em que vivia”. Entretanto, por mais estranho que possa parecer, a profissionalização do futebol foi fruto de uma ideia conservadora. Isso porque aqueles clubes que perdiam os campeonatos por se negarem a ter jogadores negros em seus times decretaram o novo regime.

Assim, poderiam arrematar jogadores de qualquer raça ou condição social, contratados como empregados, sem precisarem macular seu quadro social. Não foi por acaso que as elites do Fluminense e do São Paulo estavam entre os líderes do movimento profissionalista. (MÁXIMO, 1999, p. 186).

Ao mesmo tempo, segundo o jornalista Mario Rodrigues Filho, a causa da profissionalização do futebol foi a migração de jogadores para lugares que já tinham adotado este regime. “Países como Itália, Espanha, Argentina e Uruguai proporcionavam aos brasileiros, principalmente aos negros e pobres, uma vida de crescimento econômico e social.” (SOUZA, 2008, p. 40). Por conta disso, os clubes brasileiros “foram obrigados a adotar o regime profissional para impedir o fluxo migratório dos seus melhores atletas”. (FILHO apud SOUZA, 2008, p. 40).

Ainda, é importante ressaltar que a profissionalização do futebol se tornou uma realidade devido às incontáveis transformações ocorridas na sociedade brasileira desde o final do século XIX. Segundo Rosenfeld apud Souza (2008), a

introdução do profissionalismo em 1933 foi resultado de um processo histórico mais abrangente e complexo, influenciado pela intensa industrialização, urbanização das grandes cidades, busca pelo reconhecimento econômico e social da população pobre e negra, avanço dos meios de comunicação e a metamorfose dos esportes em espetáculos de massa.

2.1.2 O futebol como paixão nacional e retrato da sociedade brasileira

Apesar dos altos e baixos da história do futebol, o tópico a ser abordado é o fato da modalidade ter se transformado em uma paixão popular. Mas, claro, não foi do dia para a noite que essa passou a ser a realidade brasileira. Segundo Máximo (1999), a virada de chave ocorreu quando o Brasil venceu o Uruguai na final do Campeonato Sul-Americano em 1919. O grito de campeão ecoou após Friedenreich marcar o gol do título na terceira prorrogação. Após o feito histórico, o atleta “foi carregado nos ombros da torcida pelas ruas da cidade, teve as chuteiras expostas numa joalheria e consagrou-se como ídolo maior, cognominado *El Tigre* pelos adversários”. (MÁXIMO, 1999, p. 184).

A partir daquele momento o futebol começou a estar estampado na alma do povo. Dali em diante, a paixão só passou a aumentar e, dependendo do ponto de vista, se tornou a religião de grande parte dos brasileiros. O futebol tanto se tornou parte do dia a dia dos brasileiros que, cotidianamente, os filhos deste solo utilizam expressões totalmente atreladas à modalidade esportiva.

É interessante observar como nosso cotidiano está impregnado de termos futebolísticos, tais como "pisar na bola", "fazer o meio campo", "dar um chute", "bater na trave", "fazer um gol de placa" e assim por diante. Essas gírias são utilizadas por todos, mesmo aqueles que não são torcedores fanáticos. O fato é que essas expressões foram incorporadas pela sociedade brasileira, tendo claro significado no cotidiano de todas as pessoas. (DAOLIO, 2000, p. 4).

A presença do futebol na vida dos brasileiros é tamanha e tão naturalizada que às vezes passa despercebida. Para perceber essa influência, basta olhar ao redor. Inúmeros filmes, peças de teatro e novelas tiveram o futebol como personagem principal ou cenário para suas tramas. Ao mesmo tempo, a imprensa reserva uma gama gigantesca de horários para a transmissão do futebol ou até mesmo programas que repercutem o assunto. Nesse sentido, Daolio (2000, p. 3) questiona: “quanto espaço diário de jornal é dedicado a esse esporte, em detrimento

da cobertura de outros?; quantas emissoras de rádio transmitem o mesmo jogo nas tardes de domingo?”.

Partindo ainda mais além, é importante levar em consideração a grandeza alcançada pelo futebol. Por ser comum, pode parecer insignificante, mas, se observado minuciosamente, o público que presencia partidas de futebol em estádios é enorme.

Um dado da grandeza dos números do futebol brasileiro é a afirmação constante de que um estádio com 10.000 pessoas estaria vazio. Ora, em qual outro esporte um contingente de torcedores como este seria considerado pequeno? Essa afirmação parece decorrência da grandeza de construção dos estádios de futebol espalhados pelo Brasil, muitos deles, de tão grandes que são, jamais têm sua lotação esgotada. (DAOLIO, 2000, p. 4).

Outro aspecto importante a respeito da popularidade do futebol no Brasil é a fidelidade dos torcedores para com seus times do coração. Segundo Daolio (2000), mesmo que o clube não enfrente uma fase tão positiva ou que a equipe caia para a segunda divisão, o torcedor opta por não mudar de time. Pelo contrário. A torcida sofre com o clube e acredita que dias de sucesso virão, o que o torna ainda mais fanático.

No Brasil, essa fidelidade vem desde o dia do nascimento, quando o garoto recebe um nome, uma religião e um time de futebol para o qual vai torcer a vida toda. Fidelidade que está expressa na porta do quarto da maternidade, quando os pais penduram um par de chuteiras e um uniforme em miniaturas, representando o time de futebol da família. Ao longo da infância, há um contínuo processo de inculcação de valores e hábitos positivos sobre o time da família e negativos em relação às equipes adversárias. (DAOLIO, 2000, p. 4).

Além disso, mais do que paixão nacional, o futebol pode ser visto como a personificação da própria sociedade. Ao mesmo tempo em que o esporte é um modelo da sociedade brasileira, ele é um modelo para ela se apresentar. Isto é, segundo Daolio (2000), o brasileiro se comporta na vida como em uma partida de futebol: com chances de ganhar ou perder, às vezes empatar, e tendo que encarar adversários, respeitar regras e autoridades, jogar dentro de um tempo e espaço determinados, marcar e sofrer gols, promover jogadas categóricas ou erros fatais. Apesar disso, a boa notícia é que diferente do futebol, na vida quase sempre existe a chance de recuperar o placar no próximo jogo.

O futebol brasileiro não é apenas uma modalidade esportiva com regras próprias, técnicas determinadas e táticas específicas; não é apenas manifestação lúdica do homem brasileiro; nem tampouco é o ópio do povo, como preferem alguns. Mais que tudo isso, o futebol é uma forma que a sociedade brasileira encontrou para se expressar. É uma maneira do homem nacional extravasar características emocionais profundas, tais como

paixão, ódio, felicidade, tristeza, prazer, dor, fidelidade, resignação, coragem, fraqueza e muitas outras. (DAOLIO, 2000, p. 4-5).

Assim, entende-se que, no Brasil, o futebol está muito além de ser simplesmente um jogo. Ele transcende as linhas do campo e se torna uma forma de expressão profunda da sociedade brasileira. A modalidade não é apenas uma atividade esportiva. Ela é um fenômeno cultural que reflete as emoções e valores enraizados na identidade nacional.

2.1.3 Os 10 melhores jogadores de futebol brasileiro de todos os tempos

Falar sobre os maiores nomes da história do país do futebol certamente não é uma tarefa fácil. Dentre todos os ídolos que marcaram gerações, é extremamente complexo elencar apenas 10 para estampar o pódio. Contudo, a revista inglesa *FourFourTwo*¹ elegeu, em outubro de 2022, os 10 melhores jogadores brasileiros de todos os tempos. Por óbvio a lista varia conforme critérios específicos e variáveis. A seguir, observa-se o ranking criado pela *FourFourTwo* em ordem decrescente. Os dados sobre os jogadores foram retirados do capítulo 18 do livro “A história do futebol para quem tem pressa”, de Márcio Trevisan (2019).

10º lugar: Kaká (Ricardo Izecson dos Santos Leite)

Nascido em Gama/DF em 22 de abril de 1982, Kaká, ao contrário da grande maioria dos jogadores brasileiros, é descendente de uma família de classe média alta. Tanto é que o ex-atleta sempre foi apontado como um dos atletas mais cultos que o futebol brasileiro já produziu.

Revelado pelas categorias de base do São Paulo, Kaká chamava a atenção desde cedo pela visão de jogo, pela qualidade do passe e pelo bom chute. Do Morumbi para o Milan, da Itália, o brasileiro conquistou ainda mais sucesso na Europa, tanto que em 2007 foi eleito o melhor jogador do mundo pela FIFA. Kaká também conquistou a Copa do Mundo de 2002, mesmo sem ter participado efetivamente da campanha brasileira na busca pelo penta.

¹ *FourFourTwo* é uma revista de futebol publicada pela *Future*. Emitida mensalmente, publicou sua 300ª edição em maio de 2019. Leva o nome da formação de futebol com o mesmo nome, 4-4-2.

9º lugar: Jairzinho (Jair Ventura Filho)

O carioca nasceu em 25 de dezembro de 1944 e foi o escolhido para substituir ninguém mais, ninguém menos, do que Garrincha. Jairzinho, apesar de ser menos habilidoso, era tão rápido quanto e melhor finalizador do que seu antecessor tanto no Botafogo, quanto na Seleção Brasileira.

Em 1970, o ponta-direita era o dono absoluto da camisa 7 da Seleção no Mundial do México. Foi o destaque da competição, terminou como campeão e único jogador a marcar gols em todas as partidas, além de ficar conhecido como o “Furacão da Copa”.

8º lugar: Sócrates (Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira)

O paraense nascido em Belém em 19 de fevereiro de 1954, Sócrates se formou em Medicina e foi ídolo de uma geração inteira de torcedores do Corinthians. Com 1,91 metros de altura, magro e desengonçado, devolveu, ao lado de Zico e Falcão, a magia da Seleção Brasileira, que sempre havia sido inerente.

Apesar de não ter conquistado o título mundial, o jogador fez os brasileiros relembrem de Pelé e Garrincha e voltarem a sonhar com o futebol-arte. O título não veio na Copa de 1982, mas “se hoje, tanto tempo depois, ainda se fala em Sócrates, é porque, ao contrário do ditado, valeram mais os meios do que os fins”. (TREVISAN, 2019, p. 183).

7º lugar: Zico (Arthur Antunes Coimbra)

Nascido no Rio de Janeiro em 1953, Zico encantou a todos desde seus primeiros chutes em uma bola de futebol. Por conta de sua forma física franzina, ficou conhecido pelo apelido de “Galinho de Quintino”, uma referência ao bairro da Zona Norte carioca onde nasceu.

Antes de se tornar o camisa 10 do Flamengo, Zico precisou passar por um processo de fortalecimento muscular. Na Gávea, ele conquistou 12 títulos expressivos. Em sua carreira, marcou 756 gols, o que coloca o “Galo” no ranking dos maiores artilheiros da história do futebol mundial.

6º lugar: Rivaldo (Rivaldo Vítor Borba Ferreira)

O pernambucano nasceu em 19 de abril de 1972 em Paulista e foi destaque do Mogi Mirim em 2002. A tática adotada no clube pelo técnico Oswaldo Alvarez (Vadão) levou o time à fase semifinal do Campeonato Paulista. Depois de uma passagem pelo Corinthians, Rivaldo foi transferido para o Palmeiras, clube pelo qual conquistou um Brasileirão e dois Paulistões.

O meio-campista tinha o chute forte de longa distância e grande facilidade para armar jogadas ofensivas. Tanto que teve passagem pelo Barcelona, clube pelo qual foi eleito o melhor jogador da FIFA em 1999. O ex-atleta disputou duas copas do mundo, sendo vice em 1998 e campeão em 2002.

5º lugar: Romário (Romário de Souza Faria)

Apesar da pouca altura e de não ser tão veloz, o carioca Romário, nascido em 29 de janeiro de 1966, conseguiu conquistar o mundo. Há quem diga que foram exatamente essas atribuições que o ajudaram em sua performance em campo, visto que ele foi o centroavante que mais fez gols utilizando-se de uma menor faixa do gramado e que mais balançou as redes com chutes de bico.

Ademais, ele é um dos poucos jogadores que atingiu a marca dos mil gols marcados. Romário também foi campeão e destaque da Copa de 1994, nos Estados Unidos, além de ter sido o melhor jogador da FIFA do mesmo ano.

4º lugar: Ronaldinho Gaúcho (Ronaldo de Assis Moreira)

O mago do futebol nasceu em Porto Alegre em 21 de março de 1980. Desde que iniciou sua carreira no Grêmio, Ronaldinho conquistava multidões pela sua habilidade extraordinária e por seus dribles desconcertantes. Era, inclusive, aplaudido pelos torcedores rivais, que não raro batiam palmas de pé para o mago gaúcho.

Ronaldinho conquistou o pentacampeonato mundial em 2002 e foi eleito por duas vezes consecutivas como o melhor jogador do mundo pela FIFA (2004 e 2005). Depois de uma brilhante passagem pela Europa, o gaúcho retornou ao futebol

brasileiro para fazer história no Atlético Mineiro, conduzindo o clube ao seu primeiro título da Libertadores, em 2013.

3º lugar: Garrincha (Manuel Francisco dos Santos)

Nascido em Pau Grande, no Rio de Janeiro, em 28 de outubro de 1933, o “Anjo das Pernas Tortas” foi um excepcional ponta-direita e considerado o melhor jogador de sua posição em toda a história do futebol pela FIFA. Mané conquistava o público por sua genialidade e seus dribles, que provocavam sorrisos naqueles que tinham o privilégio de vê-lo jogando.

Bicampeão mundial com a Seleção Brasileira, Garrincha terminou a Copa de 1962, no Chile, substituindo Pelé, que sofreu uma contusão e ficou de fora do torneio. Na ocasião, o jogador, além do título, recebeu as faixas de artilheiro e melhor jogador da competição.

2º lugar: Ronaldo (Ronaldo Luís Nazário de Lima)

O “fenômeno” nasceu em 22 de setembro de 1976 na capital fluminense. Aos 17 anos, foi campeão mundial pela Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1994. Com 23 anos, já havia atingido a marca de 200 gols como atleta profissional e foi eleito o melhor jogador do planeta pela FIFA em três ocasiões (1996, 1997 e 2002).

Depois de seguidas e graves lesões que o afastaram dos gramados por quase três anos, Ronaldo, aos 26 anos, conquistou o pentacampeonato mundial com o Brasil em 2002. Encerrou sua carreira aos 35 anos com mais de 600 gols marcados e na condição de segundo maior artilheiro da Seleção Brasileira, com 67 gols - atrás apenas de Pelé.

1º lugar: Pelé (Édson Arantes do Nascimento)

O Rei do Futebol é brasileiro. Pelé nasceu em Três Corações, Minas Gerais, em 23 de outubro de 1940 e foi o Atleta do Século XX. Venceu três Copas do Mundo, duas Libertadores da América, dois Mundiais Interclubes, 10 Campeonatos Paulistas, quatro Torneios Rio-São Paulo, seis Campeonatos Brasileiros, foi eleito 11 vezes artilheiro do Paulistão, duas vezes o máximo goleador do Brasileirão e eleito

pela FIFA e pela Federação Internacional de História e Estatísticas do Futebol (IFFHS) o melhor jogador de todos os tempos.

A descrição acima traduz quem foi o rei na história do futebol. Se Pelé não tivesse existido, talvez o futebol não seria o que é hoje. Segundo Trevisan (2019), jamais alguém foi melhor do que Pelé e jamais será.

2.2 O futebol praticado por mulheres na nação canarina: da proibição à exigência

Antes de iniciar este subcapítulo, é imprescindível frisar que o termo a ser empregado para denominar o público feminino que pratica futebol nesta pesquisa é “futebol de mulheres” ou “futebol praticado por mulheres”. Isso porque, segundo Kessler (2015), a substituição de “futebol feminino” por esses termos busca combater a narrativa de que as mulheres são incompatíveis com a prática desse esporte.

Nega-se, com isso, a ideia de que essa prática daria contornos peculiares do esporte, tornando-o “feminino” e descaracterizando-o. Pelo contrário, a utilização dessa expressão reafirma tratar-se exatamente do mesmo esporte, porém com outros corpos em campo. (KESSLER apud SILVA, 2022, p. 263).

Sendo assim, é necessário recorrer às constatações destacadas no item 3 desta pesquisa, que revelam o abismo exponencial existente entre os gêneros de uma forma geral e, nesse caso, principalmente, no âmbito futebolístico. Infelizmente, o futebol é um ambiente predominantemente masculino e, apesar dessa realidade estar sendo alterada ano a ano, é inegável que o esporte foi iniciado por homens, como citado no item 2.1.

Essa definição é resultado de um processo histórico que segregava os papéis destinados a homens e mulheres. Segundo Filho (1997), a história feminina no esporte reflete a forma como as mulheres eram concebidas nos mais diferentes momentos da história em que o esporte foi pensado, construído, organizado e praticado.

Por conseguinte, o autor destaca que, ainda em 1882, Rui Barbosa relatou o Projeto número 224, que tratava da Reforma do Ensino Primário e de várias instituições complementares da Instituição Pública. À época, Barbosa destacou essa questão das diferenças de papéis destinados aos gêneros e levando sempre em

consideração, em relação à mulher, a “harmonia das formas femininas e as exigências da maternidade futura”.

Já não bastasse ser problemático levar em conta o corpo feminino, Barbosa ainda focou no tópico maternal, sendo que, primeiramente, nem todas as mulheres podem ser mães e, acima de tudo, nem todas as mulheres querem ser mães. E, se essa imposição maternal é concebida como dever universal feminino até os dias de hoje, pode-se imaginar no século XIX.

Configurava-se, portanto, no tratamento dado à prática pelas mulheres da Educação Física e do Esporte, o reforço ao pensamento dominante a respeito do papel da mulher na sociedade brasileira, preparando-a fisicamente para a maternidade, concebendo a ideia de “mulher” quase que somente associada à “mãe”. (FILHO, 1997, p. 94).

Ademais, 24 anos após o parecer de Barbosa, o educador Fernando de Azevedo destacou a forma a qual a educação física deveria se incorporar aos hábitos femininos.

[...] a educação física da mulher deve ser, portanto, integral higiênica e plástica e, abrangendo com os trabalhos manuais os jogos infantis, a ginástica educativa e os esportes, cingir-se exclusivamente aos jogos e esportes menos violentos e de todos compatíveis com a delicadeza do organismo das mães. (AZEVEDO apud FILHO, 1997, p. 94).

Pouco mais de três décadas depois dessa frase, o Brasil de fato colocou essas aspirações em prática. Em 14 de abril de 1941 o então presidente Getúlio Vargas promulgou o Decreto-lei número 3.199 que estabeleceu as bases do esporte brasileiro e a proibição para mulheres de atividades desportivas que fossem “incompatíveis com as condições de sua natureza”. (BRASIL, 1941).

Esse impedimento perdurou até 1983 e foi um dos responsáveis por resultar na desvalorização que a categoria enfrenta atualmente. Com esse decreto, as bases de organização dos esportes no Brasil foram estabelecidas e, a partir disso, era a primeira vez que o Estado regulava a estrutura desportiva brasileira. Inclusive, no mesmo período, foi criado o Conselho Nacional de Desportos (CND).

Nesse sentido, é importante destacar que “ao longo dos mais de 40 anos de proibição da prática do futebol pelas mulheres, elas nunca deixaram de jogar.” (SILVA, 2022, p. 264). Entretanto, o ato de seguir praticando o esporte não quer dizer que esse ambiente tenha sido salubre para a modalidade. Muito pelo contrário. Por décadas, o futebol praticado por mulheres foi considerado como atração de circo. (BONFIM, 2019).

Eles eram performados por atrizes e contribuíram, por um lado, para popularizar a imagem de mulheres de uniformes jogando futebol. Por outro

lado, no entanto, essas partidas colaboraram para disseminar a ideia de que, quando praticado por mulheres, independente do nível técnico, o futebol era apenas uma “brincadeira, chiste, faz-de-conta”. (BONFIM apud SILVA, 2022, p. 252).

O fato de a modalidade ser considerada como piada já seria ruim o bastante. Contudo, não suficiente, essa era uma atividade classificada como entretenimento para o público masculino, que se dirigia aos estádios para praticar o que hoje é chamado de assédio.

Ao se colocar mulheres consideradas bonitas para atuar nesse jogo, pretendia-se atrair justamente esses homens que estavam habituados a ir aos estádios para torcer por seus times e que, no caso do futebol praticado por mulheres, seriam atraídos não pela intenção de torcer ou apreciar o esporte, mas sim pelos corpos das moças em exposição, engajando-se numa atividade pouco usual para elas. (SILVA, 2022, p. 253).

Por conseguinte, essa forma de “entretenimento” apenas corroborava para manter o conceito de que o espaço do estádio de futebol era um local de expressão da masculinidade heterossexual. (DAMO, 2007). Pior do que isso: transformava o espaço designado para o ato de torcer em uma vitrine promocional de corpos femininos que jamais estiveram à venda.

Outrossim, é preciso levar em consideração que, por não possuírem voz e local dentro do universo futebolístico, as mulheres eram pouco habituadas a lidar com o esporte. Isso contribuía para que os jogos tivessem baixa qualidade técnica, o que reforçava a crença de que “as mulheres não deveriam jogar futebol, senão nessas ocasiões voltadas ao entretenimento”. (SILVA, 2022).

Dessa forma, é nítido observar que a diferença de tratamento com os gêneros feminino e masculino no futebol não é recente. Ela possui uma rica herança repleta de machismo, preconceitos e assédios. E, por se tratar de um esporte com regras, talvez possa parecer contraditório que estas se apliquem somente dentro de campo. Como citou Kessler (2016, p. 27), “enquanto a contenção da violência é objetivada nas regras do jogo com punições, o conflito entre as diferentes lógicas do futebol desenrola-se numa dimensão de inabilitada apreensão pelos registros oficiais”.

2.2.1 O cenário começa a mudar

Apesar de sutis, pequenos aspectos de aumento do espaço feminino no futebol começaram a ser percebidos no final dos anos 1950 e início dos anos 1960. Segundo Filho (1997), foi dentro de um quadro mais amplo da luta feminina de se

livrar do estigma de naturalmente inferior ao homem, vinculado às alterações ocorridas no campo da economia do Brasil, que a participação da mulher nos esportes passou a aumentar.

Sendo assim, a figura feminina buscou ocupar um lugar na sociedade em que se identificava como “um ser capaz de, em condições de igualdade em relação ao homem, envolver-se em tarefas que até então somente a ele pertenciam”. (FILHO, 1997, p. 96). Simultaneamente, o campo onde o jogo, literalmente, virou, foi o mais imprevisível de todos: na várzea².

Isso porque, longe dos clubes tradicionais, dos grandes estádios e do centro, as mulheres que praticavam o futebol amador resistiam. Dessa forma, nesses espaços esportivos considerados “menores”, “as mulheres puderam efetivamente jogar futebol, isto é, sem se ocupar de disfarces, segredos, conspirações ou intervenções policiais ligadas à proibição da modalidade para elas”. (SILVA, 2022, p. 259).

Sob o mesmo ponto de vista, entende-se o motivo pelo qual aquelas mulheres não desistiram do esporte e plantaram a semente do futuro: o amor pelo futebol. Elas jogavam simplesmente porque gostavam de fazer aquilo, mesmo que o ato de praticar pudesse render a elas um tempo atrás das grades. É o que Tralci Filho e Araújo (2011) definiram como “jogar futebol pelo puro gosto de fazê-lo, sem nenhum ganho fora do próprio sucesso esportivo”. E, acima de tudo, elas reconheciam aquele ato como uma luta de resistência contra o sistema.

Além disso, mesmo que, à época, não percebessem a importância de suas escolhas, essas mulheres foram responsáveis por marcar o início do processo de reconhecimento, legalização e organização do futebol para mulheres no Brasil. (SILVA, 2022).

2.2.2 Da proibição à exigência: a realidade atual do futebol praticado por mulheres no Brasil

Depois de ser proibido por mais de 40 anos, o futebol de mulheres no Brasil alcançou um de seus maiores divisores de águas em 2016. Isso porque, à época, a FIFA publicou a visão de como a instituição via o futebol para os próximos 10 anos

² Campo de futebol localizado em um terreno baldio e utilizado por times de amadores.

seguidos de 2016. Nesse documento, o incentivo ao futebol de mulheres ganhou uma relevância grandíssima e, entre os objetivos, estavam desenvolver novas competições internacionais, assegurar a criação de estratégias locais de fomento à modalidade, criar um programa de marketing e ampliar o número de mulheres nos comitês das associações e da própria FIFA.

A partir disso, a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) passou a exigir que os clubes interessados em disputar a Copa Libertadores e a Copa Sul-Americana tivessem também uma equipe feminina. Essa regra passou a valer a partir de 2019 e incentivou também a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) a trilhar o mesmo caminho. Em 2017, a confederação criou o licenciamento dos clubes brasileiros para a disputa de suas competições oficiais. Nessas regras, tornou obrigatório que cada clube que venha a disputar o Brasileirão da Série A participe de competições femininas.

Segundo trecho do regulamento da Conmebol,

o solicitante (a disputar a competição) deverá ter uma equipe feminina ou associar-se a um clube que possua a mesma. Ademais, deverá ter ao menos uma categoria juvenil feminina, ou associar-se a um clube que possua a mesma. [...] Em ambos os casos, o solicitante deverá prover suporte técnico e todo o equipamento e infraestrutura (campo de jogo para disputa das partidas e de treino) necessários para o desenvolvimento de ambas as equipes em condições adequadas. (CONMEBOL, 2017).

Apesar de recentes, essas novas regras foram decisivas para o futuro (hoje presente) da categoria no Brasil. Prova disso é que, em 2022, o futebol de mulheres bateu duas vezes o recorde de público em jogos entre clubes. Na primeira partida, 36.330 torcedores se deslocaram ao estádio Beira-Rio, em Porto Alegre, para o jogo da final do Brasileirão Feminino entre Internacional e Corinthians. No jogo de volta, 41.070 estiveram presentes na Neo Química Arena, em São Paulo.

Fatos como esse apenas comprovam que as categorias femininas de futebol só não possuíam o mesmo prestígio do público que o masculino porque não eram incentivadas.

O silêncio e a visibilidade foram fatores que se sobrepuseram durante longos anos à história das mulheres. Inclusive a que escreveram com seus corpos, seus dribles e sua doação ao futebol não escaparam desse processo de silenciamento. (MORAES, 2016, p. 199).

Entretanto, assim como afirma Goellner apud Moraes (2016), silêncio não significa ausência. Segundo o autor, o fato de as mulheres não serem nomeadas, evidenciadas, mostradas e narradas não significa, de maneira alguma, que essas

mulheres não estivessem presentes nas quadras, arenas, campos, parques, ginásios e ruas. “Simplesmente a elas não se conferiu luz nem voz. Foram lançadas nas zonas de sombras e de esquecimentos por razões políticas, éticas, ideológicas, religiosas, culturais, entre outras.” (GOELLNER apud MORAES, 2016, p. 203).

A partir disso, em busca de dar ainda mais voz e espaço ao futebol praticado por mulheres, o presidente da Confederação Brasileira de Futebol, Ednaldo Rodrigues, afirmou, em fevereiro de 2023, que até 2027 todos os times das séries A, B, C e D do Campeonato Brasileiro terão uma equipe feminina.

Queremos que o futebol feminino possa ser bastante valorizado e apoiado. Não adianta o clube achar que o futebol feminino é sacrifício. Pensamos de forma macro. Para que os clubes possam estar na Série A é obrigatório ter futebol feminino. Isso vai ser estendido para as Série B, C e D. Em 2027, o clube que for jogar a Série D tem que ter o futebol feminino. São 64 clubes que vão praticar, em todo o Brasil, o futebol feminino. (RODRIGUES, 2023).

Iniciativas como a tomada pelo presidente da CBF são essenciais para corroborar com o crescimento e visibilidade da modalidade no país. Ainda mais quando se leva em consideração que o Brasil é considerado o país do futebol. Segundo Moraes (2016), a “ausência” do futebol de mulheres não pode ser compreendida como descaso ou desinteresse delas. Muito pelo contrário.

O caso do futebol é emblemático ao se observar essa ausência, pois, se o Brasil fosse realmente o “país do futebol”, creio que a presença e a permanência feminina deveriam, no mínimo, igualar-se à masculina, apresentando-se dentro e fora dos gramados. (MORAES, 2016, p. 203-204).

Apesar desses avanços, existem inúmeros relatos do descaso ainda existente no universo do futebol praticado por mulheres. Desde o uniforme que vestem até o salário que recebem, as mulheres estão longe de atingir o patamar do gênero oposto quando o assunto é futebol. O que torna esse cenário ainda pior é saber que essa realidade só é resultado de um passado repleto de impedimentos, onde os homens possuíam o poder de decidir em que ambiente as mulheres deveriam estar.

Trata-se de um esporte que deveria exclusivamente servir para celebrar a virilidade masculina, no qual a mulher deveria exercer somente a função de espectadora e auxiliar em tarefas como passar e lavar os uniformes, servir bebidas, além de, de vez em quando, torcer pelos times dos maridos, filhos, namorados, etc. (MOURA apud MORAES, 2016, p. 201).

Havendo empecilhos ou não, o importante é que as mulheres jamais deixaram de lutar por seu espaço no futebol – e fora dele. Hoje, mais do que nunca, entende-se que o normal é que não exista preconceito entre gêneros. “Homens e mulheres devem ter os mesmos direitos. Têm. Os mesmos níveis salariais. [...] Devem ter as mesmas oportunidades.” (COELHO, 2003, p. 34).

2.2.3 As atuais ligas de futebol de mulheres no Brasil

As competições de futebol de mulheres na categoria profissional foram ampliadas em 2022. A partir desse ano, o Brasileirão Feminino passou a ter três divisões: A-1, A-2 e A-3, que são proporcionais às séries A, B e C do campeonato masculino. Com essa expansão, o número de times passou de 52 para 64, divididos em três séries que disputam entre si.

Especificamente sobre a Série A-1, há um calendário fixo, que conta com 16 equipes participantes. O torneio segue o formato de quatro fases. A primeira delas começa com os 16 times se enfrentando entre si em turno único. Ao final dela, são classificados às quartas de final os oito primeiros colocados. Os quatro últimos disputam a Série A-2. A partir das quartas, são mata-matas em jogos de ida e volta. Os oito clubes são distribuídos em quatro grupos, com dois times em cada. Avançam para a semifinal os quatro melhores, que são colocados, posteriormente, em dois grupos de duas equipes.

Pelo regulamento, se os clubes empatarem no número de pontos ao final das fases de mata-mata, o desempate é definido observando o maior saldo de gols. E, caso persista a igualdade, são realizadas cobranças de pênaltis. É importante destacar que o Brasileirão Feminino garante vagas para a disputa da Supercopa do Brasil e da Libertadores. Para a competição nacional, terão direito à vaga os oito clubes melhores colocados, limitados a um clube por estado, entre os 12 melhores colocados da Série A-1 e os quatro melhores colocados da Série A-2. Em caso de não preenchimento das oito vagas pelo primeiro critério, a CBF prevê que a federação melhor ranqueada no Ranking Nacional de Federações do Futebol Feminino (RNF/FF) 2022 terá direito a duas vagas.

As equipes campeã e vice-campeã do Brasileirão terão vagas asseguradas na Libertadores Feminina do ano seguinte. Caso um mesmo time chegue até a decisão do torneio brasileiro e conquiste a taça da competição sul-americana, a vaga oriunda do Brasileirão 2022 é repassada ao time melhor colocado no campeonato, excluídos os já classificados.

O Brasileirão A-2 também é disputado em quatro fases. Na primeira, os dezesseis times são distribuídos em dois grupos de oito clubes cada. Na segunda etapa, são classificados para as quartas de final os quatro times melhores colocados em cada grupo e, assim, disputam por uma vaga na semifinal e na final. Para a

formação dos grupos o critério utilizado é a proximidade geográfica por estado. Na primeira fase, os clubes se enfrentarão em turno único dentro de cada grupo. A partir das quartas de final, os confrontos são em partidas de ida e volta. Os quatro primeiros colocados se classificam para a Série A-1 e os últimos quatro são rebaixados à Série A-3.

Já o Brasileirão A-3 é disputado em cinco fases. Sendo a primeira 32 clubes distribuídos em 16 grupos de dois clubes cada. A segunda fase conta com 16 clubes distribuídos em oito grupos de dois clubes cada. Na terceira fase são oito clubes distribuídos em quatro grupos de dois clubes cada. Na semifinal são quatro clubes distribuídos em dois grupos de dois clubes cada. Por fim, a fase final conta com dois clubes em um grupo. Em todas as fases do campeonato, os confrontos acontecem em partidas de ida e volta. Os quatro clubes semifinalistas ganham vaga para disputar a Série A-2 do ano seguinte.

Além dos campeonatos profissionais, existem também os torneios disputados pelas categorias de base, que são os responsáveis por formar as futuras atletas no país. Entre eles, existem três predominantes: o Brasileirão Feminino sub-18; o Brasileirão Feminino sub-16; e a Liga de Desenvolvimento da Conmebol, que é disputada nas categorias sub-16 e sub-14.

2.3 Como o passado do machismo no futebol resultou na desigualdade contemporânea da modalidade

Como citado anteriormente, o machismo sempre esteve presente na realidade do futebol brasileiro. Aliás, não apenas no futebol, mas neste subcapítulo o enfoque será apenas na modalidade. De acordo com o dicionário, o termo machismo se refere ao “comportamento que tende a negar à mulher a extensão de prerrogativas ou direitos do homem”. (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1210). Apesar de correto, esse significado está longe de representar a verdadeira realidade do termo.

Segundo Drumont (1980, p. 1), o machismo é definido como “um sistema de representações simbólicas, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher”. Ao mesmo tempo, a autora ressalta que o machismo constitui um sistema de representações-dominação que se vale do sexo. Dessa forma, as relações entre os homens e mulheres são mistificadas,

“reduzindo-os a sexos hierarquizados, divididos em polo dominante e polo dominado que se confirmam mutuamente numa situação de objetos”. (DRUMONT, 1980, p. 1).

Trazendo essa realidade para o futebol brasileiro, é preciso levar em consideração diversos aspectos que revelam o machismo esdrúxulo que assombra essa modalidade. São inúmeros os preconceitos sofridos por mulheres quando o assunto é bola no pé. Sejam elas atletas, torcedoras ou estudiosas da área, as mulheres sempre são diminuídas dentro das quatro linhas.

Primeiramente, é importante destacar a falta de apoio ao futebol praticado por mulheres. Infelizmente, durante muito tempo, essa modalidade recebeu pouco ou nenhum investimento e visibilidade quando comparada com a categoria masculina. Isso, por óbvio, reflete o desequilíbrio de oportunidades e recursos apresentados entre os dois gêneros.

Até mesmo as questões da história do futebol feminino mostram-se tratadas com indiferença, pois enquanto a FIFA afirma que a primeira partida realizada entre mulheres foi na Inglaterra em 1880, a própria Federação Inglesa de Futebol afirma que o primeiro jogo feminino ocorreu em 1895. (MARTINS; MORAES, 2007, p. 72).

Aqui, é imprescindível ressaltar que, segundo Judith Butler (2003), as identidades de gênero e de sexualidade são performativas. “O gênero é sempre um feito, [...] não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performativamente constituída”. (BUTLER, 2003, p. 48). Sendo assim, é possível compreender que ser homem ou mulher é uma construção ativa, não uma condição inata.

Indo mais além, é preciso lembrar como, lamentavelmente, é comum ouvir comentários e piadas sexistas sobre mulheres no contexto do futebol. Esses comentários infelizes são naturalizados tanto entre torcedores, quanto entre os próprios profissionais do esporte, o que contribui para a disseminação de estereótipos prejudiciais para a categoria.

Outro aspecto importantíssimo é a objetificação dos corpos femininos. Como citado no item 2.2, no passado os homens se dirigiam aos estádios apenas para observar os corpos femininos vestidos em uniformes de futebol. E esse era o principal objetivo de se promover jogos entre mulheres. Segundo Silva (2022, p. 253), o estádio era o lugar da expressão da masculinidade heterossexual “através do ato de torcer e/ou no exercício da violência, nesse evento ele assumiu uma

roupagem diferente da habitual: residia na afirmação do desejo pelos corpos expostos em campo”.

Ainda ligado aos corpos femininos, é comum que as mulheres tenham que enfrentar a hostilidade dentro dos estádios. Frequentemente, elas sofrem assédio verbal e até físico dentro das arenas, tornando estes locais pouco acolhedores para mulheres. Isso ocorre mesmo que a Declaração Universal dos Direitos Humanos preze pelos direitos fundamentais do ser humano, na dignidade e no valor da pessoa humana e na igualdade de direitos do homem e da mulher. Além de comentários de assédio, as mulheres também são obrigadas a ouvir comentários e análises que reforçam estereótipos de gênero e subestimam a capacidade delas no esporte.

Por fim, mas não menos importante, é necessário falar sobre a falta de reconhecimento da modalidade. É extremamente usual que as conquistas das atletas mulheres sejam subestimadas em relação às dos homens, mesmo nos momentos em que conquistam feitos igualmente impressionantes. Isto é, quando um time feminino conquista uma Copa do Mundo, por exemplo, esse feito não é reconhecido tal qual fosse a equipe masculina levantando a taça.

Nesse sentido, é preciso analisar o fato de que não há como dissociar o passado do machismo da desigualdade contemporânea do futebol brasileiro. Até porque, se até hoje é comum presenciar todos os preconceitos citados acima, faz-se ideia na época em que a mulher era proibida de praticar o esporte.

Apesar disso, a Lei nº 14.192, prevê no artigo 2º que à mulher são garantidos os direitos de participação política e vedadas a discriminação e a desigualdade de tratamento em virtude de sexo ou de raça no acesso às instâncias de representação política e no exercício de funções públicas.

Assim, é inquestionável o impacto significativo do machismo na realidade atual do futebol de mulheres. Quesitos como a falta de infraestrutura e de promoção da modalidade resultaram em menos oportunidades para que as mulheres pudessem desenvolver habilidades e carreiras no esporte, o que criou um desequilíbrio significativo quando comparado com a categoria masculina.

Mesmo que isso pareça óbvio, muitas pessoas insistem em afirmar que as mulheres não sabem jogar futebol apenas por serem mulheres. Um exemplo disso é a clássica frase “futebol não é coisa de mulher”. Resultado do machismo, essa afirmação levanta a ideia de que as mulheres não são tão habilidosas ou competitivas quanto os homens no esporte. Sendo assim, incontestavelmente, esses

estereótipos afetaram a percepção pública do futebol de mulheres e influenciaram a falta de apoio e de reconhecimento da modalidade.

Nesse sentido, o inciso XIII do artigo 5º do capítulo I da Constituição Federal Brasileira afirma que é livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer. Isto significa que todos os cidadãos têm o direito fundamental de optar e exercer qualquer tipo de trabalho de sua escolha. Ou seja, o Estado não pode impedir um cidadão de buscar uma ocupação ou profissão específica, desde que essa atividade seja legal e não prejudique a sociedade. Sendo assim, entende-se que a prática do futebol profissional por mulheres é e deve continuar sendo uma profissão digna, justa e acessível a todas as mulheres que assim o quiserem.

Por conseguinte, devido à falta de visibilidade e apoio ao futebol praticado por mulheres no passado, as meninas praticamente não tiveram modelos a seguir ou jogadoras de destaque para se inspirarem. Isso significa que por décadas, basicamente, não era possível que uma menina tivesse o sonho de ser jogadora profissional de futebol. Não havia exemplos. Ou melhor, esses exemplos jamais eram apresentados a elas através da mídia. Isso contribuiu para a desigualdade ao longo do tempo, à medida que menos mulheres foram incentivadas a entrar no esporte.

Ainda em relação à mídia, as coberturas entre o futebol de homens e mulheres foi extremamente desigual por muitos anos, o que resultou na ideia de que o futebol de homens seria mais importante e valioso que o de mulheres. Da mesma forma, pelo fato da mídia por diversas vezes ter dedicado menos espaço ao futebol de mulheres, isso limitou a visibilidade das jogadoras e sua capacidade de construir uma base de fãs sólida.

Não interessa qual país e evento são estudados, os resultados consistentemente mostram que os esportes envolvendo mulheres são proporcionalmente mal representados na mídia esportiva e considerados como de menor emoção e de menor dignidade para notícias do que os esportes envolvendo homens. (STERKENBURG; KNOPPERS, 2004, p. 303).

Dessa forma, é inquestionável como todos esses fatores combinados foram responsáveis por resultar em um ciclo de desigualdade contínua no futebol. Todos esses preconceitos acabam por perpetuar a crença de que o futebol de mulheres tem menos valor e importância em comparação com o de homens.

Mesmo com os revezes, as mulheres nunca deixaram de lutar. Por conta dessa dedicação, a modalidade tem tido melhores alcances midiáticos nos últimos tempos, apesar de ainda serem pequenos quando comparados aos masculinos. Assim como citado nos itens 2.2.2 e 2.2.3, hoje o Campeonato Brasileiro conta com três divisões, além dos campeonatos estaduais, que estão em fase de construção e melhorias.

Ao mesmo tempo, desde 2019 os clubes da Série A do Brasileirão Masculino são obrigados a ter uma equipe feminina. Além disso, é válido reforçar que neste ano o presidente da CBF, Ednaldo Rodrigues, anunciou que a partir de 2027 as equipes das séries B, C e D também terão essa obrigatoriedade.

Em relação às coberturas midiáticas, é importante destacar uma considerável crescente nacional. Um exemplo disso foi a cobertura da Copa do Mundo Feminina 2023. No Brasil, quatro plataformas transmitiram os jogos: Globo (TV aberta), SporTV (TV fechada), Cazé TV (YouTube) e FIFA+ (streaming). Por optarem por investimentos distintos de transmissão, cada uma das plataformas realizou a cobertura de uma forma específica.

Na Cazé TV, o streamer Casimiro Miguel realizou a transmissão de todas as 64 partidas da Copa do Mundo. Portanto, foi possível acompanhar todos os jogos do torneio, além de conteúdos e melhores momentos, bastidores, transmissões pré e pós-jogos, reações e cobertura in loco. Já o Grupo Globo exibiu sete partidas ao vivo na TV aberta (com foco na seleção brasileira) e 34 no SporTV (TV fechada), sempre com imagens também direcionadas ao Globoplay.

A FIFA+, plataforma de streaming da FIFA, proporcionou a oportunidade de assistir a todos os jogos, incluindo os melhores momentos com linguagem de sinais. Um detalhe importante é que o Brasil foi o único país da América do Sul a ter transmissão ao vivo na plataforma.

Por fim, a conquista mais recente do futebol de mulheres no Brasil foi mais um recorde de público. Depois de, como citado no item 2.2.2, atingir a marca de 41.070 torcedores nas finais do Brasileirão de 2022, a Neo Química Arena quebrou mais um recorde de público no dia 10 de setembro deste ano. O estádio recebeu 42.326 torcedores pagantes e 42.566 pessoas no total para a final do Campeonato Brasileiro entre Corinthians e Ferroviária. A partida teve renda bruta de R\$ 920.125,90, a maior do futebol de mulheres de clubes no Brasil, superando em cerca de R\$ 20 mil a renda da final de 2022.

Assim, entende-se que essa marca demonstra com clareza como o futebol praticado por mulheres na nação canarina é digno de investimento, recursos e visibilidade, contestando os críticos que insistem em afirmar o contrário.

3 A DISCUSSÃO DE GÊNEROS E SEU PAPEL NO CENÁRIO DO FUTEBOL E NO JORNALISMO ESPORTIVO

3.1 Discussão de gêneros: aspectos sobre a diferença de tratamento direcionada a homens e mulheres

O estudo de gênero, em suma, aborda a pesquisa teórica que tem o objetivo de associar as ciências sociais e a literatura e discute questões relacionadas a aspectos como identidade, sexualidade, pós-modernidade, pós-colonialismo, desterritorialização e multiculturalismo. (ZINANI, 2012). A finalidade desse viés de pesquisa é evidenciar não somente a diferença entre os gêneros, mas principalmente a subordinação da mulher em inúmeros setores da sociedade. Por conseguinte, é importante ressaltar a diferença entre sexo, gênero, identidade de gênero e sexualidade.

De acordo com Mello e Bordinhão (2023, p.1), “o sexo está relacionado a características biológicas que serve para a classificação dos seres vivos, como macho, fêmea e intersexuais”. Ao mesmo tempo, os autores alegam que o gênero “está relacionado a características culturais, ou seja, a construções sociais consoante os papéis desenvolvidos pelos indivíduos no seio da sociedade”. (MELLO; BORDINHÃO, 2023, p. 1).

Já a sexualidade, segundo os autores, está ligada aos padrões afetivos e sexuais dos indivíduos. Ao mesmo tempo, de acordo com a classificação elaborada pelo Conselho Nacional de Justiça³, identidade de gênero diz respeito a “identificação com características socialmente atribuídas a determinado gênero – mesmo que de forma não alinhada com o sexo biológico de um indivíduo”. (CNJ, 2021).

Ao mesmo tempo, é necessário frisar a questão da desigualdade de gêneros, ou seja, a desigualdade existente entre homens e mulheres. Segundo Mello e Bordinhão (2023), essa disparidade pode ser notada desde as revoluções burguesas ocorridas no século XVIII. Os autores afirmam que “a assimetria de tratamento entre homens e mulheres é, pois, fruto de hierarquias estruturais.” (MELLO; BORDINHÃO, 2023, p. 5). Apesar dos séculos que se passaram, essa estrutura, chamada de

³ Conselho Nacional de Justiça. — Brasília: Conselho Nacional de Justiça — CNJ; Escola Nacional de Formação e Aperfeiçoamento de Magistrados — Enfam, 2021, p. 21.

patriarcado, subordinação ou dominação dos homens sobre as mulheres, ainda é extremamente presente na atualidade. (MELLO; BORDINHÃO, 2023).

Um dos pontos mais relevantes do debate de gêneros é o feminismo, movimento que pode ser definido como

[...] a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim. Partindo desse princípio, o feminismo se articula como filosofia política e, ao mesmo tempo, como movimento social. (GARCIA, 2011, p. 13).

Nesse sentido, é importante destacar que o feminismo organizou-se como movimento a partir da década de 1960, no momento em que foram fundadas entidades que se propuseram a discutir os direitos das mulheres, e que acabou por se consolidar apenas na década de 1980. (ZINANI, 2012).

Sendo assim, partindo do pressuposto de que o feminismo foi iniciado pelo fato de que a disparidade entre gêneros é explícita em incontáveis situações do dia a dia, faz-se necessário levar em consideração o que significa ser mulher. De acordo com o dicionário, mulher é o indivíduo do sexo feminino, considerado do ponto de vista das características biológicas, do aspecto ou forma corporal, como tipo representativo de determinada região geográfica, época, etc. (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1328).

Ademais, com base nas palavras da escritora Simone de Beauvoir (2009), que afirmou que os amadores de fórmulas básicas acham extremamente simples definir o gênero feminino, é crucial partir do pressuposto de que o feminismo foi iniciado devido à evidente disparidade entre gêneros em inúmeras situações do cotidiano.

A mulher é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la. Na boca do homem o epíteto “fêmea” soa como um insulto; no entanto, ele não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: “É um macho!” O termo “fêmea” é pejorativo não porque enraíza a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo. E se esse sexo parece ao homem desprezível e inimigo, mesmo nos bichos inocentes, é evidentemente por causa da inquieta hostilidade que a mulher suscita no homem; entretanto, ele quer encontrar na biologia uma justificação desse sentimento. (BEAUVOIR, 2009, p. 31).

Dessa forma, justamente por uma determinada parcela da sociedade viver em uma bolha ilusória que acredita piamente que os homens são superiores às mulheres, existe esse abismo entre os gêneros. Como cita Beauvoir (2009), embora a biologia possa explicar algumas diferenças entre os gêneros, ela não deve ser

usada como uma justificativa para tamanha desigualdade entre homens e mulheres. Por óbvio, as mulheres devem ser vistas como indivíduos em seu próprio direito e não como seres definidos apenas por suas características biológicas.

Ademais, por se tratar de um tema tão importante, é indispensável que se fale sobre a discussão de gênero na sociedade contemporânea, pois somente explorando temáticas consideradas como tabus é possível desvendá-las e defini-las como de fato são. Segundo a autora do livro “Breve História do Feminismo”, Carla Cristina Garcia (2011), praticamente ninguém nega que é necessário o enfoque de “gênero” no desenvolvimento de políticas públicas. No entanto, “muitas dessas mesmas pessoas torcem o nariz quando a palavra feminismo é mencionada”. (GARCIA, 2011, p. 11). Na sequência, a autora questiona o porquê de a palavra “gênero” parecer ser menos perigosa do que “feminismo”.

Garcia (2011) alega ainda que isso ocorre porque essas pessoas desconhecem o que de fato é o feminismo e quais são suas realizações, mas, principalmente, porque a desinformação impera sua visão a respeito do tema. Isso porque, ao longo de sua história, o feminismo

[...] foi alvo de campanhas que fizeram com que a população de modo geral acreditasse que o feminismo era um inimigo a combater e não que segundo a época e a realidade de cada país existiram e coexistiram muitos tipos de feminismo com um nexo em comum: lutar pelo reconhecimento de direitos e oportunidades para as mulheres e, com isso, pela igualdade de todos os seres humanos. (GARCIA, 2011, p. 11).

Sendo assim, torna-se extremamente didático compreender os motivos da necessidade de se explorar essa vertente na sociedade atual. Da mesma forma que na luta por outros inúmeros direitos humanos, é indispensável utilizar a força do feminismo como ponto de apoio. Assim, é possível reconhecer que essa perspectiva de equidade de gênero não apenas promove a justiça social, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa, na qual todos os indivíduos possam desfrutar plenamente dos mesmos direitos e oportunidades.

Nesse sentido, vale ressaltar a diferença entre equidade e igualdade. Segundo o Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT), a igualdade é baseada no princípio da universalidade, ou seja, prega que todos devem ser regidos pelas mesmas regras e devem ter os mesmos direitos e deveres. Por outro lado, a equidade reconhece que as pessoas não são todas iguais e que, justamente por isso, é preciso ajustar esse “desequilíbrio”. Isso é de suma importância, visto que se o objetivo é garantir que as pessoas desfrutem das

mesmas oportunidades, é preciso levar em consideração as diferenças individuais delas. Assim, equidade quer dizer oportunizar às pessoas o que elas precisam para que o coletivo todo tenha acesso às mesmas oportunidades.

Com isso em mente, entende-se os motivos da discussão de gêneros ser tão fundamental no século XXI. Não basta oferecer os mesmos direitos para as pessoas que, por sua natureza, são diferentes. É preciso analisar as desproporções existentes entre elas, compreendê-las e corrigi-las. No que tange a narrativa de gêneros, é preciso garantir que as mulheres tenham as mesmas chances de serem contratadas e promovidas para posições de liderança como os homens, e que não sejam discriminadas por motivos de gênero durante o processo de seleção, por exemplo.

Outrossim, a equidade de gênero também pode ser promovida através de programas de treinamento e conscientização para sensibilizar os funcionários sobre as questões de gênero e como combater a discriminação e o assédio. De acordo com o TJDFT, isso pode incluir treinamento para prevenção de violência doméstica e para a promoção de ambientes de trabalho inclusivos.

De modo geral, a aplicação de equidade de gênero envolve a implementação de medidas concretas para garantir que homens e mulheres tenham oportunidades iguais e justas em todos os aspectos da vida, incluindo trabalho, educação, saúde, política e justiça.

Para tanto, é necessário que a mudança parta de cada indivíduo. Não basta apenas não assediar, é preciso agir de modo a extinguir, ou, ao menos, diminuir os casos de assédio e discriminação. Contudo, infelizmente a realidade atual é rodeada por homens que, em sua maioria, protegem-se uns aos outros. E, mesmo que grande parte deles concorde com as aspirações feministas, dificilmente eles as empregarão em rodas de conversa masculinas.

Dessa forma, entende-se que a mudança precisa ser instituída dentro de cada uma dessas bolhas, pois só assim será possível viver em um mundo equalitário e justo para ambos os gêneros. De lição, o que une e fica pendente às mulheres de todos os cantos do mundo é tornar realidade o fato de que os direitos das mulheres nada mais são do que direitos humanos. (GARCIA, 2011).

3.2 Como o gênero pode ser determinante na relevância dada a um profissional

Para falar desse assunto, primeiramente é necessário frisar que a história das mulheres emergiu na década de 1970, mesmo que a profissionalização delas já estivesse sendo desenvolvida desde o século XIX. (MACHADO; PINHEIRO, 2022). Os autores destacam ainda que, até aquele momento, a profissão estava sendo monopolizada por historiadores homens, visto que “as mulheres das camadas médias levavam uma vida por majoritariamente doméstica⁴”. (MACHADO; PINHEIRO, 2022, p. 21). Isso significa que, naquela época, apenas os homens possuíam tempo e oportunidades demandadas pelas atividades que “fundamentavam a história profissional”. (MACHADO; PINHEIRO, 2022).

Nesse sentido, Simone de Beauvoir (2009) afirmou em “O Segundo Sexo” que as mulheres não possuíam história e não podiam orgulhar-se de si próprias por conta da tradição historiográfica que era dominada por homens. Isso fez com que as mulheres fossem ocultadas, seja como produtoras de conhecimento ou como temas de pesquisas. (MACHADO; PINHEIRO, 2022). Dessa forma, é possível compreender que o ponto não é que as mulheres não possuíam a capacidade ou inteligência necessárias para desenvolver funções trabalhistas. Pelo contrário, elas possuíam, sim, essas virtudes. Contudo, foram totalmente escanteadas simplesmente pelo fato de serem mulheres.

Sendo assim, é extremamente simples compreender o porquê a realidade contemporânea continua sendo assustadoramente machista. Por óbvio, isso reflete no dia a dia das mulheres, seja no trabalho, nos esportes ou na vida social. Exemplo disso é que a diferença de remuneração entre os gêneros no Brasil atingiu a marca de 22% no final de 2022, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Isso quer dizer que uma brasileira recebe, em média, 78% do salário masculino.

Um detalhe importante é que, recentemente, foi sancionada a Lei 14.611, de 2023, que teve origem no PL 1.085/2023, de iniciativa do Poder Executivo, e foi aprovada pelo Senado em 1º de junho deste ano. Essa lei determina a obrigatoriedade e igualdade salarial e critérios remuneratórios entre os gêneros. Segundo o texto da lei, em caso de discriminação por conta de sexo, raça, etnia ou

⁴ Nesse caso, segundo Machado e Pinheiro (2022), a palavra “doméstica” se refere às camadas médias, visto que uma parte significativa dos historiadores adinham desses grupos.

idade, o pagamento das diferenças salariais devidas ao empregado discriminado não afasta seu direito de ação de indenização por danos morais, consideradas as especificidades do caso concreto.

Apesar desse pequeno avanço, é inquestionável que o gênero é determinante na relevância dada a um profissional. Segundo Seggiaro (2017, p. 84),

No mercado de trabalho as mulheres ainda recebem sistematicamente menos que os homens, e enfrentam diariamente problemas, como a discriminação de gênero, o assédio, a imposição de padrões de beleza e o machismo, ainda presentes nas empresas. (SEGGIARO, 2017, p. 84).

Ainda, segundo Neves apud Seggiaro (2017, p. 85),

[...] o mercado pode ser impiedoso com as mulheres, resultado de vários séculos opressão, e uma formação acadêmica não muda essas circunstâncias, já que mesmo depois de formadas as mulheres ganham menos e têm menos autoridade que seus colegas homens, até aquelas que se destacam por suas notas na academia ou competência profissional. (NEVES apud SEGGIARO, 2017, p. 85).

Assim, Coelho (2002) destaca que, ao longo da história, as mulheres experimentaram uma realidade na qual foram profundamente cerceadas pela autoridade absoluta dos homens. Esse cenário limitou drasticamente a liberdade feminina, destinando-as à exclusão tanto das oportunidades de trabalho quanto do acesso ao ensino superior.

Ademais, é importante ressaltar que, além dos diferenciais salariais entre homens e mulheres, a desigualdade de gêneros também se expressa através da segregação ocupacional. (COTRIM; TEIXEIRA; PRONI, 2020). Segundo os autores, “apesar da maior participação da mulher no mercado de trabalho, sua inserção se dá em maior parte em ocupações e setores já previamente ocupados por uma maioria feminina.” (COTRIM; TEIXEIRA; PRONI, 2020, p. 25).

Nesse sentido, mesmo mais presentes no mercado de trabalho, grande parte das mulheres continua trabalhando em áreas que tradicionalmente foram associadas a atividades consideradas femininas, como educação, saúde, serviços de atendimento ao cliente, etc. O principal problema dessa segregação é que ela continua criando um abismo enorme entre os gêneros e contribui para a desvalorização feminina. Sendo assim, revelam-se os desafios contínuos que são relacionados à equidade de gênero no mundo profissional.

Um detalhe importante que precisa ser abordado nesse tema é a questão da maternidade. Esse é mais um dos fatores que afetam a vida das mulheres no mercado de trabalho. Isso porque

[...] muitos empregadores são influenciados pela visão de que as mulheres geram prejuízos para organização por conta de sua capacidade reprodutiva, e acabam perpetuando condutas preconceituosas em torno do trabalho feminino, gerando dificuldade de inserção e ascensão para mulheres no mercado de trabalho. (AGUIAR; ANDRADE; RODRIGUES, 2023, p. 5).

Ademais, é possível observar a sobrecarga de responsabilidades que as mulheres enfrentam. Isso pode ser analisado tanto no mercado de trabalho, quanto na esfera privada. Por óbvio, essa realidade afeta as possibilidades de acesso a um trabalho digno, a vida familiar e o bem-estar feminino.

Ao mesmo tempo, é preciso levar em consideração os direitos reservados às mulheres durante a gestação, como a licença maternidade. Dessa forma, é preciso destacar que as normas estabelecidas no Brasil prevêem um período de afastamento, em geral, de 120 dias sem prejuízo no salário, sendo que esse tempo pode se expandir para 180 dias. (AGUIAR; ANDRADE; RODRIGUES, 2023).

Ainda, segundo o artigo 391 da Consolidação das Leis do Trabalho (BRASIL, 1943), é garantida a estabilidade no emprego para a trabalhadora desde o período em que a gestação é confirmada até cinco meses após o parto. Além disso, no artigo 396, a CLT prevê também dois descansos especiais de 30 minutos cada, que são destinados à amamentação. (AGUIAR; ANDRADE; RODRIGUES, 2023).

Apesar do previsto em lei, um estudo realizado pelo portal Empregos.com.br em 2023, que ouviu 273 mães entre 18 e 45 anos, constatou que mais da metade das mulheres (56,4%) já foi demitida ou conhece outra mulher que foi desligada após voltar da licença-maternidade. Ademais, sem que seja criada uma ação orientada, não será possível conseguir a igualdade salarial entre os gêneros antes de 2086, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2015).

Por fim, de acordo com Aguiar, Andrade e Rodrigues (2023), a incompatibilidade que frequentemente surge entre as responsabilidades do trabalho e as demandas da maternidade resulta, em diversas instâncias, na postergação da decisão de ser mãe devido ao progresso da carreira profissional.

Em outros cenários, resulta na escolha de abandonar a trajetória profissional em prol da dedicação à maternidade. Ambas circunstâncias têm o potencial de acarretar prejuízos significativos para a saúde mental da mulher, que se vê aprisionada entre a pressão do relógio biológico e as expectativas impostas por um mercado de trabalho extremamente competitivo. Sendo assim, é possível entender

como o gênero é determinante na relevância dada a um profissional, visto que até mesmo as características biológicas são levadas em consideração na hora de contratar um funcionário.

3.3 Privilégios no esporte: por que os homens são mais favorecidos dentro e fora de campo

De acordo com o dicionário, privilégio significa direito, vantagem, prerrogativa, válidos apenas para um indivíduo ou um grupo, em detrimento da maioria. (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1553). Dessa forma, entende-se que o privilégio implica que algumas pessoas possuem acesso facilitado a oportunidades, recursos, tratamento preferencial ou consideração positiva na sociedade, simplesmente porque fazem parte de um grupo privilegiado. Ou seja, esse determinado grupo de pessoas acaba por enfrentar menos barreiras e desafios em comparação com aqueles que não possuem tais privilégios.

Relacionando a discussão com a temática de gêneros, é possível compreender que se tratando do universo esportivo, os homens possuem uma vantagem gigantesca quando comparados às mulheres. O enorme abismo existente entre essas duas realidades é resultado de um passado histórico e de tradição onde os homens dominavam os esportes. Isso acabou por criar uma desigualdade de gênero amplamente enraizada e que resultou na desvalorização feminina nos esportes.

Nesse sentido, é importante entender o conceito de privilégio para reconhecer e abordar as desigualdades sistêmicas e as injustiças que existem na sociedade contemporânea. De acordo com Peragene (2022), a igualdade é um dos pilares do Estado Democrático de Direito. O autor ressalta que

A liberdade e a igualdade foram os primeiros direitos a serem reconhecidos como direitos humanos fundamentais e passaram a servir de parâmetros para outros, a fim de garantir respeito à dignidade da pessoa humana. (PERAGENE, 2022, p. 122).

Ainda, segundo o primeiro inciso do Artigo 5º da Constituição Federal de 1988, os homens e as mulheres são iguais em direitos e obrigações. Isso significa que perante a lei ambos os sexos devem ser tratados de maneira igualitária em termos de oportunidades, proteção legal e responsabilidades civis. Por óbvio, esse princípio é importante para promover a igualdade de gênero, eliminar a

discriminação de gênero e assegurar que todos os cidadãos tenham oportunidades iguais e sejam tratados com justiça, independentemente de seu sexo.

Levando o Artigo 5º em consideração, que destaca que todos são iguais perante a lei, entende-se que os atletas também deveriam se enquadrar no âmbito dos trabalhadores, “com todos os benefícios e garantias trabalhistas, pelo fato de exercerem uma profissão”. (PERAGENE, 2022, p. 124). O livro “O princípio da igualdade de gêneros no esporte”, escrito por Fábio Peragene e publicado em 2022, traz dados importantes a respeito da desigualdade salarial entre homens e mulheres no futebol. Apesar de atualmente os dados estarem desatualizados, é importante citar os valores para comparação.

Na seleção brasileira, podemos ver quem são nossos maiores atletas: Marta e Neymar. A brasileira que joga no Orlando Pride, time dos Estados Unidos, recebe 340.000 euros (1,47 milhão de reais) por ano. Já Neymar, no Paris Saint German, na França, recebe cerca de 91,5 milhões de euros (396 milhões de reais). (PERAGENE, 2022, p. 124).

De fato, a diferença é abismática. O salário anual de Marta em 2022 não chegava ao valor mensal de Neymar. Isso sem levar em consideração o fato de que Marta é a melhor jogadora da história do futebol de mulheres. Tanto que recebeu seis Bolas de Ouro a coroando como melhor do mundo pela FIFA. Ao mesmo tempo, Neymar nunca recebeu esse título.

Seguindo mais além, de acordo com dados publicados pelo jornal Folha de São Paulo em 2017, os atletas da Seleção Masculina recebiam R\$500 por dia da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Ao mesmo tempo, as mulheres recebiam exatamente metade do valor: R\$250. Felizmente, em 2020 a CBF anunciou que a partir das participações do Brasil nos Jogos Olímpicos de Tóquio em 2021 essa diferença seria extinta. Desde então, as diárias e premiações pagas a homens e mulheres nas convocações foram equiparadas.

Ademais, segundo Peragene (2022), as mulheres vem lutando para serem “iguais” aos homens perante a lei desde o século XVII, quando o movimento feminista passou a adquirir características de ação política. O autor destaca ainda que a “ampliação da mulher na atividade econômica ocorreu devido a várias mudanças no perfil ao passar dos anos, como o estado civil e a escolaridade”. (PERAGENE, 2022, p. 138).

O diferencial entre os gêneros no mercado de trabalho se explica pelo fato de que são as mulheres as responsáveis pelo trabalho doméstico relacionado à reprodução das famílias e aos cuidados com as pessoas e a casa. Pela própria natureza destas atividades, exigindo tempo e esforço, ou

seja, a divisão convencional do trabalho é considerada a causa mais importante da inserção desigual de homens e mulheres no mercado de trabalho e as desigualdades de gênero nas famílias. (PERAGENE, 2022, p. 138).

Por conseguinte, embora o mercado de trabalho possua limitações e discrepâncias entre os gêneros, ele continua sendo amplo. Apesar disso, segundo Peragene (2022), quando levados em consideração os contratos de trabalho referentes ao mundo do esporte, o caminho acaba sendo ainda mais complexo para o gênero feminino.

O autor destaca ainda que “o esporte é permeado por normas culturais historicamente construídas, que acabam por moldar gestos e impor certa padronização nos modos de vivenciar e usar o corpo, trazendo a diferenciação entre os gêneros.” (PERAGENE, 2022, p. 140). Isso significa que as práticas esportivas não ocorrem em um vácuo social, mas são influenciadas pelas normas culturais, valores e expectativas da sociedade em que estão inseridas. Ou seja, o ambiente no qual os atletas estão inseridos está totalmente atrelado à valorização, ou não, que estes terão ao exercer o seu trabalho.

Ainda segundo Peragene (2022), para que a desconstrução do estereótipo de gêneros ocorra, é essencial estabelecer regulamentos que incentivem ações equitativas, sem favorecimento injusto ou vantagens desproporcionais. O autor revela ainda que a igualdade e a desigualdade acabam por ser condições naturais do ser humano. “[...] Enquanto o direito de propriedade do corpo nos faz iguais, nascemos com talentos e capacidades desiguais. Pela tendência da sociedade de fortalecer a desigualdade, é necessário produzir uma segunda igualdade proporcionada por lei”. (PERAGENE, 2022, p. 142).

A ideia citada acima enfatiza que mesmo que todos tenham, tecnicamente, direitos iguais sobre seus corpos, as desigualdades naturais e as tendências sociais podem levar a disparidades significativas. Sendo assim, entende-se que a intervenção legal e as políticas públicas são necessárias para equilibrar essas desigualdades e promover uma sociedade mais justa e inclusiva.

Por fim, entende-se que para que o problema do tratamento desigual entre os gêneros seja mitigado, é necessário que a inclusão seja promovida de forma abrangente. Segundo Peragene (2022), somente dessa forma será possível atrair o interesse do público e da mídia, o que, por sua vez, convocará investimentos para o

esporte feminino. A partir disso, a equidade de gênero estará cada vez mais próxima de se tornar uma realidade.

4 JORNALISMO ESPORTIVO: ISENÇÃO, HISTÓRIA E REPRESENTATIVIDADE

4.1 A isenção na prática jornalística

De acordo com o dicionário, a isenção pode ser compreendida como o caráter ou condição daquele que não é parcial. (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1113). Nesse sentido, é comum ouvir que os jornalistas não devem ter opinião sobre os assuntos que abordam. Entretanto, segundo Martins (2005), ter opinião não significa ser parcial ou escrever sem objetividade.

Significa formar o próprio juízo sobre os fatos, entender sua importância (ou falta de importância para a sociedade), avaliar seu impacto sobre a vida das pessoas, perceber os interesses que estão em jogo e esforçar-se para informar sobre a essência dos conflitos, e não sobre sua aparência. (MARTINS, 2005, p. 78).

O autor destaca ainda que os jornalistas devem formar opinião sobre os assuntos que cobrem. O importante é que essas opiniões não sejam inseridas no texto que será escrito (com exceção dos cronistas). Entretanto, é de suma importância filtrar, organizar e hierarquizar as informações apuradas. Segundo Martins (2005), um repórter que não tem opinião não possui capacidade sequer para apurar uma matéria de forma bem feita.

Por analogia, segundo Silva e Lorangeira (2022), a dialógica do jornalismo tem o funcionamento baseado em antagonismos equilibrados. São eles negociação/conflicto, liberdade/restricção, autonomia/dependência.

Na leitura objetivista, que condena todo o processo à dependência de um determinismo cognitivo de formação, uma série de contradições é acionada. Primeiro, declara-se a impossibilidade da objetividade; depois, da neutralidade; na sequência, da imparcialidade; por fim, da isenção. Logo, da independência. (SILVA; LARANGEIRA, 2022, p. 7).

Dessa forma, os autores destacam que cabe a cada jornalista ser militante e escolher o seu lado. A problemática disso é que a verdade acaba sendo prejudicada. Porém, “quem diz que não há verdade cobra verdade dos oponentes”. (SILVA; LARANGEIRA, 2022, p. 7). Essa frase pode ser observada como uma crítica àqueles que afirmam que não há verdade absoluta e, ao mesmo tempo, exigem que seus oponentes apresentem provas concretas e objetivas para suas afirmações. Em resumo, ela enfatiza a importância de buscar a verdade e a objetividade em qualquer discussão ou debate, independentemente das crenças pessoais ou ideologias envolvidas.

Dizer que verdade não existe é uma contradição performativa. É uma mentira, embora compreensível, se considerarmos ser a concepção da inexistência da verdade um regime de verdade, apropriado à intencionalidade de quem o profere. (FOUCAULT apud SILVA; LARANGEIRA, 2022, p. 7)

Ademais, Martins (2005) ressalta que existe o risco de um repórter não ser isento por ter opinião, mas, segundo ele, isso pode ser resolvido com a autocrítica profissional. Ele também questiona a premissa de que um repórter sem opinião seria isento. O autor reitera que esses são dois pólos que não possuem conexão direta. Simultaneamente, por outro lado, “a cobertura feita por um repórter que não pensa será sempre medíocre, sem ponto de partida e sem rumo”. (MARTINS, 2005, p. 79).

Por conseguinte, é necessário frisar que a isenção no jornalismo faz parte do princípio ético de garantir a objetividade e a imparcialidade na produção de conteúdos. De acordo com o art. 4º do capítulo II do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, “o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação”. Isto é, os profissionais do jornalismo devem apresentar os fatos de forma equilibrada, sem tomar partido ou favorecer qualquer uma das partes envolvidas.

Agir dessa forma significa garantir a credibilidade das informações e a confiança do público no trabalho jornalístico. Isso porque a isenção é baseada na ideia de que os fatos devem ser apresentados de forma clara e objetiva, sem a interferência de opiniões pessoais ou ideológicas.

Ademais, segundo o texto apresentado por Fabiana Moraes no encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR) em 2018, a isenção nunca foi uma característica do jornalismo.

Desde seu nascimento, o jornalismo massivo é permeado por interesses econômicos, ou seja, a isenção nunca foi uma característica dessa área de conhecimento. Apesar disso, insiste-se em realizar separações absurdas entre práticas “puras” enquanto outras, ao deixarem claros os propósitos de suas produções, são menos confiáveis. Poderíamos pensar justamente o contrário: acreditar preferencialmente em quem se revela e olhar com sérias restrições quem se antepara em lugares comuns como “apenas relatei os fatos” para esconder interesses específicos. (MORAES, 2018).

A partir disso, é possível compreender que uma prática ativista não quer dizer abrir mão da apuração, pesquisa e produção, mas sim empregá-las em abordagens que respeitem e potencializem o que pode ser considerado o poder do jornalismo: iluminar o que está sob as sombras. (MORAES, 2018). Ademais, é preciso citar que

o processo objetivo jornalístico vai muito além dos procedimentos técnicos. Segundo Moraes (2018), este deve ser pautado pela percepção da sub-representação, que acaba por atingir inúmeros grupos sociais

No entanto, é importante lembrar que a isenção completa por parte do jornalista pode ser difícil de alcançar, visto que este é um ser humano e, portanto, está sujeito a opiniões pessoais e influências externas. Por isso, é importante que os jornalistas sejam transparentes sobre seus métodos de trabalho e que os leitores também assumam uma postura crítica e questionadora em relação às informações que consomem.

Por essa análise, tem-se a impressão de que a isenção é, de fato, impossível de ser atingida. Contudo, “a isenção é como a felicidade. Em termos absolutos e permanentes, é inalcançável, mas nem por isso deixamos de correr atrás dela.” (MARTINS, 2005, p. 77). Sendo assim, compreende-se que tanto a felicidade quanto a isenção estão alocadas em patamares em que os seres humanos jamais serão capazes de alcançar. Entretanto, apesar disso, não há motivos para deixar de persegui-las, visto que ambas são essenciais para a realidade social e pessoal do jornalista.

4.2 Aspectos sobre a história do jornalismo esportivo

De acordo com a enciclopédia Intercom de Comunicação, o jornalismo esportivo é um dos setores mais dinâmicos da imprensa e que dedica horas de sua programação ao objetivo de explorar cada detalhe da atividade futebolística do país. (CARRANO, 2000). Especialmente quando se trata do futebol, o jornalismo esportivo não é apenas uma fonte de notícias. Ele é uma parte integrante da cultura e da identidade brasileira que proporciona aos torcedores uma maneira de se conectar emocionalmente com o esporte e seus protagonistas.

Por conseguinte, segundo Fonseca (1997), os primeiros registros a respeito da área datam de mais de cem anos. O autor destaca que, inicialmente, a categoria foi catalogada em 1854 pelo jornal francês *Le Sport*, que publicava crônicas sobre caça, haras e turfe⁵, além de sessões de boxe, canoagem, natação, pesca e demais esportes.

⁵ Turfe é o esporte que promove e incentiva corridas de cavalos.

Ao contrário do que se possa imaginar, a primeira modalidade esportiva que recebeu uma cobertura elaborada pelos veículos impressos foi o hipismo. O fato aconteceu em meados do século XIX, na França. De acordo com Fonseca,

[...] a grande imprensa só abriu espaço em 1875, num momento de mudanças sociais e de crescimento de esportes populares, pois, até então, só se registravam notas sobre o boxe, iatismo e esgrima. Por isso, os pioneiros do jornalismo esportivo surgiram nos jornais populares. (FONSECA, 1997, p. 126).

Em virtude de ser praticado pelas classes sociais menos favorecidas, o esporte era tratado como um tema inferior, que só veria seu cenário mudar a partir do momento que começasse a ser praticado pela elite. (FONSECA, 1997). De fato, essa mudança ocorreu no momento em que o membro da aristocracia francesa Barão Pierre de Coubertin trouxe à tona a ideia de ressurgir os ideais olímpicos de união entre os povos. Para tanto, ele criou os Jogos Olímpicos da Era Moderna em 1896.

A partir disso, no final do século XIX e início do século XX, seções esportivas diárias passaram a ser inseridas em diversos jornais. Nesse período, essas subdivisões proporcionaram destaque para eventos locais e regionais, como partidas de beisebol, futebol e corridas de cavalos. O resultado dessas coberturas foi o aumento de interesse dos leitores pela área esportiva, o que transformou o jornalismo esportivo em uma especialidade de diferentes periódicos da época. (FONSECA, 1997).

Entre as décadas de 1920 e 1930, o rádio se tornou uma ferramenta importantíssima para a cobertura dos esportes ao vivo. Através da evolução tecnológica, as estações de rádio transmitiam jogos e eventos esportivos. Essas novidades foram responsáveis por transformar os comentaristas radiofônicos em figuras populares e respeitadas na indústria do jornalismo esportivo.

Já na década de 1950, com a popularização da televisão, a modalidade esportiva se tornou ainda mais ilustre. Assim, a tecnologia evoluiu e se transformou em uma das principais formas de entretenimento e comunicação. A TV permitiu a transmissão de eventos ao vivo e a exibição de programas pré-gravados, o que a evidenciou como uma das principais fontes de informação e entretenimento em todo o mundo. (FONSECA, 1997).

Pouco tempo depois, em 1969, a internet foi criada como uma rede de computadores. Entretanto, foi apenas na década de 1990 que ela se tornou uma das

principais formas de comunicação e informação. Foi nessa época que os jornalistas esportivos começaram a se apropriar da tecnologia para criar sites e blogs onde pudessem publicar suas opiniões e análises sobre eventos esportivos.

A partir dos anos 2000, com o aumento do acesso à internet, as organizações de mídia tradicionais passaram a expandir sua presença online e criar sites dedicados a esportes. Já em 2010, com o crescimento das redes sociais, muitos jornalistas esportivos começaram a usar o *Twitter*, o *Facebook* e outras plataformas para compartilhar notícias e interagir com seus seguidores. As organizações de mídia também passaram a investir mais em vídeos, *podcasts* e outras formas de conteúdo multimídia.

4.2.1 Jornalismo esportivo no Brasil: primórdios

Preconceito. Essa foi a palavra que definiu o início da trajetória esportiva no Brasil. Ironicamente, no começo do século XX, o atual país do futebol jamais imaginava receber esse título. A modalidade, que hoje é ovacionada pelo público, precisou barrar inúmeros revezes para alcançar a relevância que possui hoje. Segundo o jornalista Paulo Vinícius Coelho (2003), a maioria das pessoas não acreditava que o futebol, por exemplo, fosse um assunto que iria estampar manchetes de jornais.

A rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular do país na época, jamais estamparia as primeiras páginas de jornal. Assunto menor. Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas quadras – valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país? Não, não poderia, mesmo que movesse multidões às ruas em busca de emoções que a vida cotidiana não oferecia. (COELHO, 2003, p. 7-8).

Entretanto, em decorrência da expansão dos meios de comunicação de massa no Brasil no século XX, a popularidade e relevância do jornalismo esportivo cresceram significativamente no país. Esse aspecto pode ser relacionado com o fato de que os veículos de comunicação exercem o trabalho de aliar mensagens ao entretenimento, em um processo que atua diretamente na construção do imaginário social e da memória coletiva. (SIQUEIRA, 1997).

Por conseguinte, ainda segundo Coelho (2003), na década de 1910 havia algumas páginas de divulgação esportiva no jornal *Fanfulla*⁶. Esse era um periódico que não formava opinião e nem era voltado para a elite, mas foi o responsável por atingir um público cada vez maior em São Paulo, que era formado pelos italianos.

Um aviso não muito pretensioso de uma das edições chamava-os a fundar um clube de futebol. Foi assim que nasceu o Palestra Itália, que se tornaria Palmeiras décadas mais tarde, no meio da Segunda Guerra Mundial. Nesse tempo, as poucas páginas dedicadas ao esporte nos diários paulistanos falavam sobre outra guerra. A travada entre os são-paulinos, que sonhavam tomar à força o estádio Parque Antártica dos palestrinos. (COELHO, 2003, p. 8).

O autor destaca que, à época, não existia o que hoje é chamado de jornalismo esportivo. Se não fossem aqueles primeiros relatos, hoje não se saberia nada a respeito do antigo Palestra e, de forma geral, de tantos outros esportes. Contudo, é extremamente relevante destacar que todos esses registros foram realizados a contragosto, segundo o que definiu Coelho. “Nas redações do passado – e isso se verifica também nas de hoje em dia – havia sempre alguém disposto a cortar uma linha a mais dedicada ao esporte.” (COELHO, 2003, p. 9).

Nesse sentido, é possível compreender que mesmo que o esporte movesse milhares de pessoas às ruas de uma forma que a vida cotidiana não conseguia, ele não poderia chegar nem perto de estampar as manchetes dos jornais brasileiros simplesmente porque não era considerado tão importante quanto os demais assuntos.

Entretanto, no início do século XX, era o Rio de Janeiro⁷ quem impulsionava o Brasil. E foi justamente nesse estado que os jornais passaram a dedicar mais páginas ao esporte. Segundo Coelho (2003), o divisor de águas do período foi a conquista da segunda divisão de 1923, feito atingido pelo Clube de Regatas Vasco da Gama, time que apostava na presença de negros em sua equipe.

Os negros entravam de vez no futebol, tomavam a ponta no esporte. O Vasco foi campeão carioca pela primeira vez em 1924, apesar da oposição dos outros grandes, que sonhavam tirá-lo da disputa alegando que o clube dos portugueses e negros não possuía estádio à altura de disputar a primeira divisão. Os portugueses construíram o estádio de São Januário e nunca mais saíram da elite do futebol do país. (COELHO, 2003, p. 9).

⁶ Criado em 17 de junho de 1893, o *Fanfulla* tornou-se o mais importante jornal em língua italiana, publicado diariamente na cidade de São Paulo desde 1894. Seu nome foi dado em homenagem a Bartolomeo Tito Alon, guerreiro libertário que viveu em Lodi (Itália) no século XV.

⁷ Até 1960, o Rio de Janeiro era a capital do Brasil. Isso significava que o governo federal, as principais instituições políticas e administrativas, bem como os principais órgãos governamentais, estavam localizados na cidade. Isso conferia ao Rio de Janeiro um status central no país.

A partir disso, diversos jornais dedicados ao esporte foram surgindo e se tornaram os responsáveis por lutar contra o preconceito de que apenas as pessoas de classes sociais menos favorecidas poderiam se interessar por diários esportivos. Isso porque “o preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menor poder aquisitivo significava também menor poder cultural e, conseqüentemente, ler não constava de nenhuma lista de prioridades.” (COELHO, 2003, p. 9).

Assim, diversos jornais e revistas esportivas surgiram e desapareceram com o passar dos anos. Contudo, a partir da segunda metade da década de 1960 houve o surgimento de mais cadernos esportivos no Brasil.

O Lance!, por exemplo, foi fundado em 1997 e se tornou um dos principais cadernos esportivos brasileiros. Ele cobre uma ampla variedade de esportes, com ênfase no futebol. O Lance! é conhecido por suas reportagens investigativas e análises aprofundadas sobre o esporte. Já a revista Placar foi lançada em 1970 e rapidamente se tornou uma das publicações esportivas mais populares do Brasil. Ela abrange o futebol brasileiro e internacional, fornecendo estatísticas, análises e perfis de jogadores.

Ao mesmo tempo, a Gazeta Esportiva foi fundada em 1928 como suplemento semanal do jornal A Gazeta. Ela é uma das publicações esportivas mais antigas do Brasil. Embora não tenha surgido na década de 1960, manteve sua relevância ao longo do tempo, oferecendo cobertura esportiva extensa e análises. Já a Folha de São Paulo - Esporte, é um dos principais jornais do país. O jornal expandiu sua cobertura esportiva na segunda metade da década de 1960, criando um caderno de esportes. A seção de esportes da Folha é conhecida por sua abordagem jornalística sólida.

Por fim, o jornal O Globo, sediado no Rio de Janeiro, também expandiu sua cobertura esportiva na época, dedicando um caderno específico para esportes. Ele oferece cobertura abrangente dos eventos esportivos, incluindo o futebol.

É importante destacar que esses cadernos esportivos desempenharam um papel fundamental na popularização do jornalismo esportivo no Brasil e na cobertura detalhada dos eventos esportivos nacionais e internacionais. Eles também contribuíram para a construção da cultura esportiva no país e ajudaram a consolidar o futebol como o esporte mais popular do Brasil.

4.3 Homens e mulheres no universo do jornalismo esportivo

Por se tratar de profissionais que estão sempre nos holofotes e que aparecem em frente às câmeras, grande parte do público tem certeza de que os jornalistas são profissionais que recebem salários altíssimos. Entretanto, ao contrário do que se possa imaginar, infelizmente o jornalismo não é uma profissão de alta remuneração. Fato este que se torna ainda mais agravante quando se leva em consideração a responsabilidade que passa pela mão dos porta-vozes da área.

Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social. Pode ser propagado em televisão, rádio, jornal, revista ou internet. Não importa. A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e do interesse público. (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 13).

Nesse sentido, um dos principais pontos a serem analisados a respeito das incumbências do jornalismo é o exercício da profissão respeitando os preceitos éticos da sociedade. Dentro desse tópico tem-se a necessidade de levar em consideração os perigos que a não atuação ética pode causar aos indivíduos. Como definiu Felipe Pena (2021), “no jornalismo, não há fibrose⁸. O tecido atingido pela calúnia não se regenera. As feridas abertas pela difamação não cicatrizam. A retratação nunca tem o mesmo espaço das acusações”. (PENA, 2021, p. 113).

Isto é, depois que algo é feito não há como voltar atrás. E é justamente por isso que os profissionais do jornalismo precisam ter tanto cuidado com aquilo que veiculam. A divulgação de uma informação incorreta, mesmo que não intencional, tem o poder de acabar com a vida de uma pessoa. Mesmo que retratações sejam feitas, a credibilidade do injustiçado nunca mais pode ser restituída, pois “a mentira fica marcada no imaginário popular”. (PENA, 2021, p. 113).

A partir disso, é preciso compreender que trabalhar com o jornalismo esportivo, em especial, possui especificidades, visto que, por muitas vezes, essa área é confundida com puro entretenimento. (BARBEIRO; RANGEL, 2006). Além disso, por se tratar de um serviço à comunidade, um bom pauteiro deve sempre desconfiar das informações que recebe.

Ademais, se o exercício da profissão já não é favorável aos homens, quando se trata de jornalistas esportivas, os problemas se tornam ainda maiores. Segundo Coelho (2003), antes de 1970 era praticamente impossível ouvir falar de mulheres

⁸ Fibrose é uma resposta do organismo ao trauma gerado por uma agressão cirúrgica.

no esporte. Ainda segundo ele, a presença feminina na área esportiva é sempre tratada como algo curioso, como se esse público entender de esportes fosse algo de outro mundo.

Logicamente, essa falta de respaldo ao feminino não é fato atual. Muito pelo contrário. Como citado no item 3, é uma herança deixada por gerações de preconceito e machismo que infelizmente ainda é enfrentada pela sociedade contemporânea. Como destacado no item 2.2, em 1941, foi promulgado um decreto-lei que estabeleceu as bases de organização esportivas em todo o Brasil até 1975. Esse documento preceituava que “às mulheres, não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”.

Pois é dentro de um quadro mais amplo da luta travada pela mulher de se livrar do estigma de naturalmente inferior ao homem, vinculado às alterações substantivas ocorridas no campo econômico brasileiro, no final dos anos 50, início dos anos 60, que vamos encontrar as bases para a gradativa alteração - que passou a ocorrer - da forma de se perceber a participação da mulher no fenômeno cultural chamado esporte. (FILHO, 1997, p. 96).

Por óbvio, essa proibição da prática de esportes pelas mulheres respingou não apenas nas atletas, mas também naquelas que possuíam o desejo de ter o esporte como sua profissão, mesmo sem utilizar os pés ou as mãos. Assim, discorrer sobre a figura da jornalista esportiva não é diferente das demais onde existem dificuldades de superar preconceitos contra mulheres por estarem praticando profissões que são consideradas naturais do território masculino. (FILHO, 1997).

4.3.1 A conduta profissional jornalística esportiva no Brasil: aspectos importantes

De acordo com Barbeiro e Rangel (2006), a emoção é a própria alma do esporte. “Ela está nos olhos do jogador que faz o gol do título, na decepção da derrota, nas piscinas, quadras e pistas. Em nenhuma outra área do jornalismo a informação e o entretenimento estão tão próximos.” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 45). A afirmação dos autores é a melhor forma de definir a realidade da vivência do jornalismo esportivo. Essa área envolve muito além dos princípios da profissão. Ela lida com a paixão, um dos mais incompreendidos sentimentos humanos.

Justamente por isso, é preciso ter muito cuidado no exercício do jornalismo esportivo, pois ele é repleto de momentos que podem ser influenciados pela emoção

individual. Barbeiro e Rangel (2006) afirmam que há um limite para a adrenalina. Segundo eles, “transformar um evento esportivo em grande espetáculo no qual o simples passe de um jogador para outro é narrado com entusiasmo é exagero”. (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 45). Dessa forma, os autores reiteram que a emoção precisa estar na medida exata e sempre acompanhada da isenção. (BARBEIRO; RANGEL, 2006).

Ademais, assim como todas as especialidades do jornalismo, é necessário saber construir uma boa história daquilo que se está retratando. Segundo Coelho (2003, p. 41), “é preciso saber priorizar a informação, ter noção exata de qual é o lide da matéria que está por nascer e o encadeamento de ideias para tornar a história suficientemente atraente”. Essas características são definidas pelo autor como bom jornalismo. “É a síntese da profissão, que vive de apurar informações inéditas e construir matérias corretas.” (COELHO, 2003, p. 41).

Nesse sentido, de acordo com Borelli (2001), a conduta midiática de grandes eventos esportivos envolve muito mais do que apenas jornalismo e esporte. A autora destaca que esses acontecimentos englobam diferentes interesses, questões de ordem econômica, cultural, política e religiosa, além, é claro, da atenção de milhares de pessoas em torno de um só movimento. Isso porque a mídia é um dos poucos espaços de privilégio na produção e circulação de discursos sociais. (HELAL, 1998). Ou seja, a mídia é um fator-chave na construção e disseminação de discursos sociais, enfatizando sua capacidade de influenciar a opinião pública e moldar as conversas em torno de questões sociais, políticas e culturais.

Sendo assim, o jornalista precisa mostrar competência e criatividade no momento de elaborar seus materiais a respeito do evento que está sendo veiculado. Não apenas por ser o cerne da profissão, mas também porque, como citado anteriormente, trata-se de um evento que envolve paixão. Por isso, é preciso “fugir do lugar comum das coberturas e buscar o entendimento profundo das especialidades do esporte brasileiro”. (CARVALHO, 1997, p. 123).

Como são movimentos sociais, os eventos esportivos não estão limitados apenas a representar uma competição. (BORELLI, 2001). A autora ressalta que as condutas jornalísticas esportivas envolvem um “conjunto de dimensões das relações interculturais, onde os atores sociais não são apenas os competidores, mas a platéia, os dirigentes, as mídias, os patrocinadores, os diretores esportivos, etc.” (BORELLI, 2001, p. 3).

Dessa forma, por envolver sentimentos de diversos grupos da sociedade, o exercício do jornalismo esportivo se torna ainda mais complexo. Independente da modalidade, o esporte sempre envolverá uma competição. Acompanhado dela, qualquer resultado final terá a possibilidade de agradar ou não esses grupos. Um dos lados da história sempre achará o placar final injusto, enquanto o outro irá se vangloriar do gosto da vitória. E é justamente nesse momento que o jornalista precisa ser o mais isento possível.

Segundo Barbeiro e Rangel (2006, p. 47), “a competição pode ser contaminada pela atmosfera emocional de uma cidade ou de uma região. Porém, cabe ao jornalista esportivo procurar sempre o equilíbrio e o bom senso e não incentivar as torcidas além do que é razoável.” Isto é, o profissional do jornalismo tem o dever de promover uma abordagem sensata e fornecer informações precisas, analisar os fatos de forma isenta e evitar sensacionalismo ou tendenciosidade.

Assim, o jornalista deve se concentrar na conduta objetiva dos eventos esportivos, destacando a qualidade técnica, tática e os aspectos emocionais saudáveis do esporte. Com essa linha de produção, o profissional estará contribuindo com uma atmosfera esportiva mais positiva e promoverá um ambiente competitivo baseado no respeito, *fair play*⁹ e apreciação do esporte em si, sem incentivar comportamentos excessivos ou prejudiciais por parte das torcidas.

Logicamente, é preciso destacar que a grande maioria dos jornalistas esportivos, principalmente falando sobre o Brasil, possuem um time do coração. É inegável que o futebol está presente no cotidiano canarinho, mesmo no daqueles que não dão a mínima importância para o esporte. Por óbvio, se tratando de jornalistas esportivos, essa realidade se torna ainda mais presente.

É comum dizer que uma pessoa torce por um time. A palavra torcer quer dizer que ela está apaixonada, inebriada, encantada com uma equipe ou por um atleta e nenhum raciocínio lógico é capaz de demovê-la disso. É uma característica do ser humano respeitabilíssima. São momentos de grande emoção e que são externados das maneiras mais exóticas que vão do grito, choro, abraço até o rojão e foguetório. [...] As paixões repetidas esmagam a razão. (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 47).

Por conseguinte, é provável que, eventualmente, esses profissionais transmitam partidas do clube para qual torcem. E isso de forma alguma deve ser visto como algo negativo. A única diferença é que nessas partidas específicas o profissional deve se concentrar ainda mais na isenção e omitir, ao menos

⁹ *Fair Play* é uma expressão do inglês que significa modo leal de agir.

aparentemente, que pende para um dos lados. Isso porque “quem torce modifica, altera, distorce. O torcedor tem direito de torcer e distorcer à vontade. O jornalista não pode fazer nem uma coisa nem outra, nem mesmo quando a seleção brasileira está em campo.” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 47).

É dever do jornalista saber identificar que no momento em que surgem paixões, o equilíbrio acaba sendo balançado e, com isso, o emocional toma conta do racional. (BARBEIRO; RANGEL, 2006). Esse conhecimento evitará que opiniões que surgem no calor do momento sejam expressadas para o público ou disseminadas em matérias jornalísticas.

Segundo Camargo apud Borelli (2001), a mídia possui a capacidade de influenciar profundamente a sociedade, contribuindo para a formação da visão coletiva da massa. Justamente por isso, nos dias de hoje, o esporte exerce um papel significativo como um dos principais fenômenos sociais que alcança amplamente as massas. Tudo isso graças aos meios de comunicação. Sendo assim, o esporte é configurado como um dos principais impulsionadores na formação do imaginário social das pessoas.

Indubitavelmente, esporte e jornalismo são duas áreas que precisam andar de mãos dadas para prosperarem. Segundo Nogueira apud Borelli (2001), as contribuições dos profissionais midiáticos para o desenvolvimento e para a divulgação do esporte são extremamente significativas. O autor ressalta que a mídia não tem capacidade para manter os mesmos níveis de audiência sem as transmissões esportivas. Simultaneamente, o esporte depende da divulgação midiática para que possa continuar a se desenvolver. Por isso, faz-se necessário ampliar as relações entre a mídia e esporte, visto que existe uma dependência mútua entre os dois campos. (NOGUEIRA apud BORELLI, 2001).

Assim, cabe aos profissionais jornalistas analisar e refletir sobre a construção de acontecimentos esportivos midiáticos. (BORELLI, 2001). Com isso, compreende-se que o exercício da profissão em eventos esportivos deve ir além dos fatos puramente competitivos. Ela deve explorar as diversas questões que envolvem o cenário esportivo como um todo. Para tanto, é essencial analisar o movimento esportivo como uma realidade complexa, que é permeada por uma infinidade de interesses, conflitos e negociações.

5 METODOLOGIA

O termo metodologia é derivado dos elementos gregos *méthodos* e *logia*. Quando desconstruída, a palavra método proporciona o vocábulo meta, que significa algo que está além, e hodos, que quer dizer passagem ou caminho. Dessa forma, em seu sentido originário, método aborda um procedimento que possibilita avançar sobre uma determinada finalidade. Ademais, quando acrescentado o sufixo “logia”, que significa ciência ou estudo de algo, tem-se a ideia do que é metodologia: a organização e o planejamento em relação ao estudo de um tema.

Nesse sentido, é preciso destacar que o termo metodologia pode possuir dois significados totalmente distintos. Pode ser um ramo da pedagogia que estuda os métodos mais adequados para transmitir conhecimentos ou o ramo da metodologia científica e da pesquisa, que tem como objetivo se ocupar de um estudo analítico e crítico dos métodos de investigação. (ZANELLA, 2006).

De acordo com Gil (2002), a metodologia da pesquisa acadêmica tem o papel de esclarecer os procedimentos utilizados para realizá-la. O autor destaca também que, mesmo que as pesquisas possuam singularidades, é extremamente necessário que o projeto delas contenha determinadas informações essenciais. A exemplo disso, tem-se a obrigação de elucidar qual o tipo de pesquisa empregado (natureza exploratória, descritiva ou explicativa), o tipo de delineamento adotado (experimental ou descritivo) e se a pesquisa se configura como estudo de caso, levantamento ou pesquisa bibliográfica.

Sendo assim, as pesquisas exploratórias são aquelas que normalmente proporcionam uma maior familiaridade com o problema (FIGUEIREDO, 2007). Isso quer dizer que elas têm o objetivo de tornar a questão mais explícita e tem como principal objetivo “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. (GIL, 2002, p. 46).

Além disso, é importante destacar que a pesquisa exploratória é a que menos apresenta rigidez em seu planejamento e normalmente envolve levantamento bibliográfico, documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. (GIL, 2002). O autor destaca também que esse tipo de pesquisa é empregado especialmente quando o tema escolhido pelo autor ainda é pouco explorado, o que “torna difícil formular hipóteses precisas e operacionalizáveis”. (GIL, 2002, p. 45).

Nesse sentido, este estudo utilizará a pesquisa exploratória, isso porque ainda não há uma resposta para definir qual é o papel do jornalista no que diz respeito à tentativa de amenizar desequilíbrios no tratamento entre os gêneros feminino e masculino no futebol brasileiro. Por isso, será necessário realizar um amplo levantamento bibliográfico para compreender os motivos da realidade do futebol de mulheres ser tão mais desvalorizado que o dos homens e principalmente desenvolver entrevistas com profissionais do jornalismo para entender como eles veem essa realidade e quais caminhos eles acreditam ser os adequados para os profissionais da área no que tange à equidade de gêneros.

Em relação à pesquisa descritiva, Figueiredo (2007) destaca que ela tem como principal objetivo descrever as características de determinada população ou fenômeno. Outro intuito dessa pesquisa é estabelecer “relações entre variáveis que são obtidas através da utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados”. (FIGUEIREDO, 2007, p. 111). Segundo Gil (2002), outras pesquisas deste tipo são aquelas que têm como objetivo

[...] estudar o nível de atendimento dos órgãos públicos de uma comunidade, as condições de habitação de seus habitantes, o índice de criminalidade que aí se registra, etc. São incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população. Também são pesquisas descritivas aquelas que visam descobrir a existência de associações entre variáveis, como, por exemplo, as pesquisas eleitorais que indicam a relação entre preferência político-partidária e nível de rendimentos ou de escolaridade. (GIL, 2002, p.47).

Ademais, as pesquisas descritivas, ao lado das exploratórias, normalmente são realizadas por pesquisadores sociais que se preocupam com a atuação prática. (FIGUEIREDO, 2007). Ambas pesquisas buscam descrever os fatos e fenômenos de uma realidade específica com exatidão dos fatos, o que “exige do pesquisador uma série de informações sobre o que se deseja pesquisar”. (TRIVIÑOS apud FIGUEIREDO, 2007, p. 111).

Quando ressaltado o espaço que é destinado à metodologia, Gil (2002) leva em consideração a necessidade de mencionar a população e a amostra do objeto de estudo, como, por exemplo, qual será sua extensão e como ela será selecionada. Na sequência, o autor destaca o procedimento da coleta de dados, que merece atenção do pesquisador. Por fim, ele reitera que a etapa da análise de dados, que pode ser dividida em qualitativa, quantitativa ou quanti-qualitativa, também deve ser mencionada.

De acordo com Figueiredo (2007), existe a possibilidade de a análise dos dados ser realizada através da pesquisa quantitativa, a qual realiza a análise de forma estatística e, na maior parte das vezes, é aplicada a estudos exploratórios que demandam um conhecimento profundo a respeito do objeto de pesquisa. Em contrapartida, as pesquisas qualitativas são aquelas que trabalham com dados que não podem ser quantificados, além de coletar e analisar materiais que são pouco estruturados e narrativos que exigem muito envolvimento do pesquisador. (FIGUEIREDO, 2007). Para finalizar, a autora destaca que “esse tipo de pesquisa produz grandes quantidades de dados narrativos, dispensando grandes amostras, visto que o pesquisador qualitativo tem de evitar controlar a pesquisa, para que o estudo permaneça no contexto naturalista”. (FIGUEIREDO, 2007, p. 114).

Por conseguinte, a pesquisa quanti-qualitativa é associada à análise de estatísticas e à investigação dos significados. Esse modo de pesquisa privilegia a melhor compreensão do tema que está sendo investigado e facilita a interpretação dos dados que são obtidos. Segundo Polit e Hungler apud Figueiredo (2007, p. 114), “a abordagem quanti-qualitativa é aquela que permite a complementação entre palavras e números, as duas linguagens fundamentais da comunicação humana”.

Para a análise dos dados deste trabalho, a pesquisa qualitativa é a mais adequada para que o resultado final chegue a um denominador comum. Com isso, entende-se que é necessário que os dados narrativos sejam analisados para uma melhor compreensão do cerne da pesquisa.

Dessa forma, segundo Moresi (2003), a metodologia deve fornecer o detalhamento da pesquisa; esclarecer os caminhos que foram percorridos para chegar aos objetivos propostos; apresentar todas as especificações técnicas materiais e dos equipamentos empregados; indicar como foi selecionada a amostra e o percentual em relação à população estudada; apontar os instrumentos de pesquisa utilizados; e mostrar como os dados foram tratados e como foram analisados. Assim, compreende-se que a metodologia nada mais é do que a escolha do melhor método para solucionar um problema de pesquisa. (DIEHLL; TATIM, 2004).

Como citado anteriormente, o método deriva do grego e é um procedimento que possibilita avançar sobre uma determinada finalidade. Dessa forma,

o sentido do método tem, na filosofia antiga, uma conotação diferente daquela que vai assumir a partir da filosofia moderna. Sócrates, Euclides, Platão, Aristóteles e outros filósofos [...] trataram também da geometria, da

lógica, da matemática, da física, da medicina, da astronomia, imprimindo uma visão totalizante às suas interpretações do mundo, nem sempre encontrada na ciência moderna. Tal visão inclui a preocupação com o saber-fazer, isto é, a técnica, e tem seu ponto de partida na geometria e na matemática, com a noção de medida (saber-medir), que caracteriza as explicações sobre o universo, a matéria, o movimento, os corpos etc. (PÁDUA, 2018, p. 14).

Nesse sentido, para Paviani (2013, p. 61), o método está “[...] intimamente ligado ao conceito de processo de investigação científica, que tem por objetivo produzir novos conhecimentos e modos de intervenção na realidade”. Ademais, por meio de atividades sistemáticas e racionais, o método possibilita a obtenção de conhecimentos válidos e verdadeiros, orientando o pesquisador ao apontar erros e traçar o caminho a seguir. (MARCONI; LAKATOS, 2005).

Além disso, é importante destacar que, segundo Paviani (2013), existem duas formas de interpretar o método: um modo básico de conhecer (sentido estrito) e um conjunto de regras, instrumentos, técnicas e procedimentos (sentido geral). Portanto, entende-se que, de forma ampla, o método científico pode ser considerado um conjunto de processos ou operações mentais que devem ser empregados na investigação. (MORESI, 2003).

Outrossim, Prodanov e De Freitas (2013) ressaltam que foram travadas diversas tentativas de criar um único método que abrangesse todas as ciências e ramos do conhecimento. Entretanto, esses experimentos acabaram por criar correntes de pensamento que divergem entre si. Por conta disso, atualmente, é comum que sejam aceitos e combinados diferentes métodos científicos em uma mesma pesquisa. Isso porque abordagens e métodos distintos podem ser úteis para investigar diferentes questões científicas. Ou seja, não há uma abordagem única ou correta para todas as situações. (PRODANOV; DE FREITAS, 2013). Para ilustrar ainda mais essa vertente ressaltada pelos autores, a seguir serão explicados os métodos de abordagem e de procedimento.

5.1.1 Método de abordagem

O primeiro dos métodos de abordagem a ser exemplificado é o método dedutivo. Segundo Prodanov e De Freitas (2013), o entendimento clássico aponta que esse é o método que parte do geral e, na sequência, desce ao particular. Os autores destacam ainda que esse método “prediz a ocorrência de casos particulares

com base na lógica” (PRODANOV; DE FREITAS, 2013, p. 27) a partir de princípios, leis ou teorias que são vistas como verdadeiras e indiscutíveis.

Proposto pelos racionalistas Baruch Spinoza, René Descartes e Wilhelm Leibniz, o método dedutivo leva a entender que apenas a razão pode levar ao conhecimento verdadeiro. Justamente por esse detalhe, não existe meio termo, isto é, os argumentos dedutivos são considerados corretos ou incorretos. (MARKONI; LAKATOS, 2005).

Ademais, segundo Diehl e Tatim (2004), as definições, os princípios e os teoremas são os instrumentos principais desse método, que usa “a construção lógica para, a partir de duas premissas, retirar uma terceira logicamente decorrente das primeiras, denominada de conclusão.” (PRODANOV; DE FREITAS, 2013, p. 27).

Dessa forma, compreende-se que esta pesquisa utilizará o método de abordagem dedutivo. Isso porque trata-se de uma problemática extremamente atual e que ainda não possui solução. Sendo assim, para compreender qual o papel do jornalista na tentativa de equalizar o tratamento entre os gêneros no futebol brasileiro, será necessário analisar todo o contexto e conversar com especialistas da área para chegar a uma conclusão concreta. Visto que o método dedutivo entende que apenas a razão pode levar ao conhecimento verdadeiro, esse método será empregado justamente por analisar princípios, leis e teorias vistas como verdadeiras e indiscutíveis.

Já no método indutivo, que foi proposto pelos empiristas David Hume, Francis Bacon, John Locke e Thomas Hobbes, ocorre a generalização. Conforme Prodanov e De Freitas (2013), o primórdio da questão é particular e posteriormente é aplicada uma lei geral, processo que, segundo os autores, ocorre por meio da observação e experimentação. “O objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam.” (MARCONI; LAKATOS, 2005, p. 87).

Além disso, de acordo com Marconi e Lakatos (2005), é importante destacar que a indução ocorre durante três etapas. A primeira delas conta com a observação minuciosa dos acontecimentos e fenômenos. Na segunda etapa ocorre o esclarecimento da relação entre esses fenômenos onde, através de experimentos, é realizada a classificação dos fatos e a determinação de sua causa. Já a terceira etapa tem relação com a generalização, onde extrai-se a conclusão final gerada pela observação.

Sob outra ótica, o método hipotético-dedutivo, que foi definido por Karl Popper a partir de críticas à indução, consiste na adoção da linha de raciocínio que entende que o problema surge a partir do momento em que os conhecimentos disponíveis sobre um assunto específico não são suficientes para explicar um fenômeno. (GIL, 2008). A partir disso, ainda segundo Gil (2008), são formuladas conjecturas ou hipóteses na tentativa de explicar as dificuldades expressas no problema.

Além disso, após serem formuladas, essas hipóteses devem ser testadas ou falseadas, processo que é chamado de inferência indutiva. De acordo com Prodanov e De Freitas (2013, p. 32), a pesquisa científica, quando utiliza a abordagem hipotético-dedutiva, é iniciada com “a formulação de um problema e com a sua descrição clara e precisa, a fim de facilitar a obtenção de um modelo simplificado e a identificação de outros conhecimentos e instrumentos [...] que auxiliarão o pesquisador em seu trabalho”.

Em contrapartida, no método dialético, proposto por Georg Wilhelm Hegel, “as contradições transcendem-se, dando origem a novas contradições que passam a requerer solução”. (PRODANOV; DE FREITAS, 2013, p. 34). Os autores destacam também que, quando empregado na pesquisa qualitativa, esse é um método que considera que os eventos e fenômenos da vida não podem ser compreendidos isoladamente, mas devem ser interpretados dentro do contexto mais amplo em que ocorrem. Nesse sentido, Marconi e Lakatos (2007) entendem que o término de um processo marca sempre o início de outro. Sendo assim, compreende-se que para o método dialético tudo está interligado.

Por fim, o método fenomenológico, difundido por Edmund Husserl, tem como objetivo criar uma base segura e livre de pressupostos para todas as ciências. (GIL, 2008). Além disso, esse método apenas apresenta e esclarece o que é o dado. Segundo Prodanov e De Freitas (2013), o método fenomenológico é focado apenas nos aspectos essenciais do fenômeno, independentemente de ser real ou não. Por não ser dedutivo nem empírico, esse método normalmente é empregado na pesquisa qualitativa. Além disso, tem como regra fundamental avançar para as próprias coisas. Nesse caso, a “coisa” refere-se ao fenômeno ou aquilo que é percebido a partir da consciência. “A fenomenologia só visa o dado, sem querer decidir se esse dado é uma realidade ou uma aparência.” (PRODANOV; DE FREITAS, 2013, p. 35).

5.1.2 Métodos de procedimento

Em contrapartida aos métodos de abordagem, os métodos de procedimentos são vistos como parte de etapas mais palpáveis da pesquisa científica. Segundo Prodanov e De Freitas (2013), essas etapas de investigação têm relação com os procedimentos técnicos que guiarão o pesquisador dentro de uma determinada área de conhecimento. São eles, inclusive, que determinarão quais processos serão utilizados na coleta de dados e informações e na análise. Os principais métodos de procedimento das ciências sociais incluem os métodos histórico, comparativo, monográfico (ou estudo de caso), estatístico, tipológico, funcionalista e estruturalista.

Primeiramente, o método histórico é aquele que investiga acontecimentos, processos e instituições do passado com o objetivo de confirmar a sua influência na sociedade contemporânea. (MARCONI; LAKATOS, 2007). Típico dos estudos qualitativos, esse método busca uma compreensão mais concreta do papel dos acontecimentos passados na sociedade e “deve remontar aos períodos de sua formação e de suas modificações”. (PRODANOV; DE FREITAS, 2013, p. 37).

Ao mesmo tempo, segundo Marconi e Lakatos (2007), o método comparativo é uma abordagem utilizada na ciência para explicar os fenômenos, onde se compara dois ou mais pontos para destacar suas semelhanças e diferenças, com o objetivo de encontrar as causas que explicam esses fatores. De acordo com Prodanov e De Freitas (2013), esse método busca tornar possível analisar o dado concreto e deduzir elementos abstratos, constantes ou gerais que estão presentes nele.

Já o método tipológico denota determinadas características que se assemelha ao método comparativo. Isso porque esse método busca realizar uma comparação entre fenômenos sociais de alta complexidade. (MARCONI; LAKATOS, 2005). Dessa forma, o pesquisador cria modelos para compreender casos concretos através de análises de aspectos essenciais dos fenômenos sociais e ao realizar comparações.

O método monográfico (estudo de caso) é aquele que analisa um caso em profundidade e pode ser considerado como representativo de muitos outros ou mesmo de todos os casos semelhantes. (GIL, 2008). Segundo o autor, esses casos podem ser indivíduos, instituições, grupos, comunidades, etc. Sendo assim, esse método tem como objetivo averiguar o tema escolhido para analisar todos os fatores que o influenciam, além de analisá-lo em todos os seus aspectos.

Com essa definição, entende-se que o método de procedimento aplicado nesta pesquisa será o monográfico. Como se trata de uma análise de um caso em profundidade, essa pesquisa precisará passar pelas etapas da averiguação e análise. Esse processo é necessário para que se possa investigar todos os aspectos que influenciam o todo e se chegue a um denominador comum de qual seria a possível solução para o problema da discussão de gêneros no futebol brasileiro.

Proposto por Adolphe Quetelet, o método estatístico emprega técnicas estatísticas para obter representações simplificadas a partir de conjuntos de dados complexos, além de analisar possíveis relações existentes entre si. (MARCONI; LAKATOS, 2005). Esse é um método que permite a descrição quantitativa da sociedade e que fornece um reforço das conclusões por meio da experimentação e observação. (PRODANOV; DE FREITAS, 2013).

O método funcionalista é mais um daqueles que dá mais valor à interpretação do que à investigação. Esse método entende que a sociedade é constituída por parcelas diferenciadas, inter-relacionadas e independentes. (MARCONI; LAKATOS, 2005). Ainda segundo os autores, cada uma dessas parcelas é responsável por desempenhar um papel indispensável. Sendo assim, entende-se que o método funcionalista procura compreender a sociedade através de suas unidades ou sistema organizado de atividades, analisando cada função em particular.

Por último, criado por Claude Lévi-Strauss, o método estruturalista “parte da investigação de um fenômeno concreto, eleva-se a seguir ao nível do abstrato [...] retomando por fim ao concreto”. (MARCONI; LAKATOS, 2005). Segundo os mesmos autores, esse método defende que uma linguagem abstrata é essencial para permitir a comparação de experiências aparentemente distintas, que sem isso não poderiam ser estudadas e ensinar algo.

5.2 A importância da entrevista

De acordo com Marconi e Lakatos (2003), a entrevista pode ser considerada como um encontro entre duas pessoas com a finalidade que uma delas aglomere informações a respeito de determinado assunto a partir de uma conversa de natureza profissional. Segundo as autoras, “esse procedimento é utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social”. (MARCONI, LAKATOS, 2003, p. 195).

Nesse sentido, Goode e Hatt apud Marconi e Lakatos (2003, p. 196) asseguram que a entrevista "consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de certo ato social como a conversação". Considerada por alguns autores como o principal instrumento de pesquisa na área da investigação social, a entrevista pode ser compreendida como um método sistemático de conversação face a face que provê verbalmente ao entrevistado as informações necessárias.

Marconi e Lakatos (2003) discorrem também sobre os objetivos da entrevista. Segundo elas, o principal deles é a obtenção de informações do entrevistado sobre determinado assunto ou problema. Em relação ao conteúdo, Sellitz apud Marconi e Lakatos (2003) destaca seis metas centrais: averiguação de fatos; determinação das opiniões sobre os fatos; determinação de sentimentos; descoberta de planos de ação; conduta atual ou do passado; e motivos conscientes para opiniões, sentimentos, sistemas ou condutas.

O primeiro deles diz respeito a averiguar se as pessoas que detêm determinadas informações de fato são capazes de compreendê-las. Já o segundo busca conhecer como as pessoas creem que os fatos são. O terceiro leva em consideração a conduta dos indivíduos a partir de seus sentimentos e medos. O quarto descobre, através de definições individuais, qual a conduta a ser tomada frente a determinadas situações para prever qual seria a sua própria. O quinto entende que é preciso conhecer a conduta individual no presente ou passado para prever o que essa mesma pessoa fará no futuro. Por fim, o sexto busca descobrir o que influencia nas opiniões, sentimentos e condutas individuais e os motivos dessa realidade.

É importante destacar que, segundo Fontana e Prey apud Duarte (2011), a entrevista é uma das maneiras mais simples e potentes utilizadas na tarefa da compreensão da condição humana. Assim, Duarte (2011) discorre sobre a entrevista com profundidade. De acordo com o autor, essa é uma técnica qualitativa que busca explorar um assunto através da busca de informações, percepções e experiências de informantes para que assim elas possam ser analisadas e apresentadas de forma estruturada.

Duarte (2011, p. 62) entende a entrevista com profundidade como "um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte,

selecionada por deter informações que se deseja conhecer”. A partir disso, Demo apud Duarte (2011) explica que na pesquisa qualitativa os dados não apenas são coletados, mas também são resultado de uma interpretação e construção do pesquisador a partir de um diálogo “inteligente e crítico” à realidade.

Dessa forma, é importante destacar que as entrevistas em profundidade normalmente são individuais, apesar de existir a possibilidade de realizá-las com duas fontes em conjunto. Segundo Duarte (2011), as entrevistas são classificadas com uma diversa variedade de tipologias que usualmente são definidas como abertas, semi-abertas e fechadas. Elas são originárias, respectivamente, de questões não estruturadas, semiestruturadas e estruturadas (quadro 1). O autor destaca que as abertas e semi-abertas são compreendidas como em profundidade e exigem da fonte uma “subordinação dinâmica ao entrevistado”. (DUARTE, 2011, p. 64).

Ademais, há uma distinção entre as entrevistas abertas e semiabertas. A primeira delas é realizada a partir de uma temática central e sem itinerário. Já a segunda parte de um roteiro-base. Simultaneamente, a entrevista fechada normalmente é aplicada em pesquisas quantitativas.

Quadro 1 - Modelo de tipologia em entrevista

Pesquisa	Questões	Entrevista	Modelo	Abordagem	Respostas
Qualitativa	Não-estruturadas	Aberta	Questão Central	Em profundidade	Indeterminadas
Qualitativa	Semiestruturadas	Semi-aberta	Roteiro	Em profundidade	Indeterminadas
Quantitativa	Estruturadas	Fechada	Questionário	Linear	Previstas

Fonte: A partir de Duarte, 2011.

5.2.1 Como se preparar para a entrevista

De acordo com Marconi e Lakatos (2003), o tempo de preparação para uma entrevista é essencial para o sucesso dela. Isso requer tempo e exige medidas como planejar a entrevista; conhecimento prévio a respeito do entrevistado; agendamento da entrevista; garantir condições favoráveis para a fonte; contato com líderes das

fontes; conhecimento prévio do campo; e organização de roteiro com questões importantes. (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Além disso, para que uma entrevista seja bem sucedida é necessário que o entrevistador tenha habilidade e sensibilidade. Isso porque, a partir do momento que ele consegue criar uma relação confiável com o entrevistado, a probabilidade que ele obtenha informações vistas como privilegiadas é extremamente alta. (MARCONI; LAKATOS, 2003). Sendo assim, as autoras definem cinco regras essenciais para o êxito de uma entrevista. São elas: contato inicial; formulação de perguntas; registros de respostas; término da entrevista; e requisitos importantes.

O contato inicial é primordial para estabelecer uma conversa amistosa e explicar a finalidade da pesquisa, além de ressaltar a importância da colaboração da fonte. Além disso, é preciso manter a confiança do entrevistado para garantir um ambiente em que ele fique confortável para falar de maneira espontânea e natural. É importante destacar que, ao longo da entrevista, questões não previstas anteriormente podem surgir. Por fim, o entrevistador pode falar, mas deve, principalmente, ouvir e se manter no comando da entrevista.

Por conseguinte, a formulação de perguntas é um fator crucial para garantir o sucesso de uma entrevista. Sendo assim, as perguntas precisam ser organizadas de acordo com o tipo da entrevista: padronizadas, obedecendo ao roteiro ou formulário preestabelecido; não-padronizadas, deixando o informante falar à vontade e, depois, ajudá-lo com outras perguntas, entrando em maiores detalhes. (MARCONI; LAKATOS, 2003). Ademais, é correto fazer uma pergunta de cada vez, iniciando por aquelas que não tenham probabilidade de ser recusadas, e toda pergunta que sugira resposta deve ser evitada.

Já o registro de respostas deve ser feito no momento da entrevista para que se mantenha uma maior fidedignidade e veracidade das informações. Para tanto, recomenda-se o uso do gravador. É necessário registrar a fala com as mesmas palavras utilizadas pela fonte e é essencial conferir respostas que não tenham sido totalmente claras. Ainda, é importante anotar gestos, atitudes e inflexões de voz, caso seja possível.

Ao término da entrevista, o entrevistador deve seguir a linha inicial de cordialidade. Isso garante que, caso seja necessário obter novos dados, o informante não se oponha a ceder respostas. Por fim, as respostas de uma entrevista devem atender à validade (comparação com a fonte externa, com a de

outro entrevistador, observando as dúvidas, incertezas e hesitações demonstradas pelo entrevistado); relevância (importância em relação aos objetivos da pesquisa); especificidade e clareza (referência a dados, data, nomes, lugares, quantidade, percentagens, prazos, etc com objetividade); profundidade (sentimentos, pensamentos e lembranças do entrevistado, sua intensidade e intimidade) e extensão (amplitude da resposta). (LODI apud MARCONI; LAKATOS, 2003).

5.2.2 A entrevista semiestruturada

O modelo de entrevista semiestruturada torna possível conservar a padronização de perguntas sem impor opções de respostas ao entrevistado. A partir disso, o pesquisador não irá interferir e manterá a condição de imparcialidade intacta e deixará que o entrevistado formule uma resposta pessoal sobre o assunto tratado:

a entrevista semiestruturada oferece maior amplitude na coleta dos dados, bem como uma maior organização: esta não estando mais irremediavelmente presa a um documento entregue a cada um dos interrogados. Por essa via, a flexibilidade possibilita um contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo assim a exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações, de suas crenças e valores. (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 188-189).

Outrossim, é importante destacar que um dos principais objetivos da entrevista semiestruturada é a busca por uma maior profundidade nos dados coletados e obtidos a partir da análise do conteúdo obtido durante as entrevistas. A partir disso, promove-se um confronto entre as respostas para que se possa ter uma maior compreensão do objeto de estudo.

Segundo Laville e Dionne (1999), a utilização da entrevista semiestruturada flexibiliza a coleta de dados e permite uma abordagem mais aberta ao entrevistado, o que faz com que respostas mais autênticas e confiáveis sejam obtidas. Além disso, esse tipo de entrevista é composto por uma série de perguntas que seguem um roteiro central, abordando a questão central do problema em discussão.

5.3 Delimitação do corpus

Antes de elaboradas as entrevistas utilizadas nesta pesquisa, fez-se necessário definir os profissionais entrevistados. Para tanto, é imprescindível ouvir jornalistas de diferentes regiões do Brasil. Isso porque é importante entender a

forma como o jornalismo esportivo do interior do Rio Grande do Sul, da capital dele, e do grande centro do Brasil lidam com a equidade de gêneros. Sendo assim, foi preciso contatar profissionais de Caxias do Sul, Porto Alegre e São Paulo.

Doze profissionais, no total, foram ouvidos, sendo seis homens e seis mulheres. Essa gama de entrevistados torna possível compreender as diferentes visões dos profissionais da área do jornalismo esportivo sobre qual o papel desses profissionais na tentativa de equalizar as condições impostas ao futebol de homens e mulheres no Brasil. Sendo assim, entrevistaram-se os profissionais do jornalismo Carolina Freitas, Maurício Reolon e Rodrigo Cordeiro e Tríssia Ordovás Sartori (Caxias do Sul); Diogo Olivier, Kelly Costa, Quetelin Rodrigues e Thairgor Janke (Porto Alegre); Bianca Molina, Olga Bagatini, Rafael Alves e Raony Pacheco (São Paulo).

Nesse sentido, abrangem-se diferentes veículos de comunicação. Isto é, rádio, televisão, impresso e online. Ademais, traça-se uma breve linha sobre a história de cada um dos entrevistados, explica-se sobre sua trajetória acadêmica e profissional e discorre-se sobre o veículo onde cada um deles atua.

Após isso, faz-se necessário definir as perguntas que seriam feitas durante as entrevistas. Elas seguem o padrão do modelo de profundidade qualitativo semiestruturado. Assim, garante-se que o pesquisador não interfira e mantenha a condição de imparcialidade intacta, o que resulta em uma entrevista isenta.

Após realizar todas as entrevistas, quando as informações foram coletadas, parte-se para a decupagem. Essa é uma etapa importantíssima para assegurar que as respostas estejam descritas exatamente como as fontes responderam às questões. Depois dessa função, analisam-se as respostas e cria-se um paralelo entre elas. Com isso, é possível chegar a uma conclusão para qual a função do profissional jornalista, seja ele repórter ou gestor, na tentativa de equilibrar as tensões existentes entre o universo futebolístico no que tange à discussão de gêneros.

Na sequência, parte-se para a análise das entrevistas realizadas com os 12 profissionais citados anteriormente. Todas as informações citadas a seguir foram retiradas dos relatos dos profissionais que participaram das entrevistas. Assim, tem-se um resultado final verdadeiro, imparcial e reflexivo a respeito do papel do jornalista na tentativa de equalizar o tratamento entre os gêneros no futebol brasileiro.

5.3.1 Perfil dos entrevistados

Caxias do Sul:

- **Carolina Freitas¹⁰:** Bacharela em Jornalismo pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Foi estagiária da Frispit Rádio da universidade. Após, trabalhou na Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SMEL) de Caxias do Sul. Foi selecionada para o Grupo RBS e iniciou como estagiária da rádio Gaúcha Serra, atuando como produtora do Chamada Geral e do Gaúcha Hoje. Após, foi transferida para a editoria de Esportes, onde estagiava e produzia o Show dos Esportes. Quando o estágio foi encerrado, trabalhou como *freelancer* em Porto Alegre durante os Jogos Olímpicos, como produtora da Gaúcha. Após, foi efetivada como editora digital em GZH, onde atua até hoje.
- **Maurício Reolon:** Bacharel em Jornalismo pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Fez estágio na Rádio Caxias, nos laboratórios da UCS, estagiário e posteriormente assessor de imprensa do Esporte Clube Juventude. Atuou também como repórter na UCS TV e no jornal SerraNossa. Atualmente, é editor de esportes, colunista e comentarista esportivo do Grupo RBS na Serra Gaúcha. Atua no Grupo RBS desde 2011, atualmente no Jornal Pioneiro, Pioneiro em GZH e Gaúcha Serra, com algumas participações no Jornal do Almoço da RBS TV.
- **Rodrigo Cordeiro:** Bacharel em Jornalismo pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL). Trabalha como repórter do Grupo RBS há 21 anos. Iniciou a trajetória no jornalismo esportivo em 2007. Teve uma passagem pela Inter TV, afiliada da Rede Globo no Rio de Janeiro. Atualmente, é repórter e apresentador da RBS TV em Caxias do Sul. Cobriu as Surdolimpíadas em Caxias do Sul em 2022, conquistas locais do SER Caxias e EC Juventude e reforçou a equipe da RBS em grandes jogos em Porto Alegre, como finais de Copa do Brasil e Gauchão.

¹⁰ Apesar de trabalhar em Porto Alegre, Freitas será considerada como jornalista de Caxias do Sul nesta pesquisa, visto que atua retratando as equipes femininas da cidade e do interior do estado para o Jornal Pioneiro.

- **Tríssia Ordovás Sartori:** Bacharela em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Doutoranda em Letras - Leitura e Processos de Linguagem, na associação ampla UCS/UniRitter. Realiza pesquisas na área de onomástica, em toponímia e antroponímia. Realizou estágio na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul e posteriormente integrou a redação do Grupo RBS. Iniciou como repórter, depois foi editora de área e atualmente é editora-chefe do jornal Pioneiro, em Caxias do Sul.

Porto Alegre:

- **Diogo Olivier:** Bacharel em Jornalismo pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Realizou estágio na rádio Gaúcha e o Curso de Jornalismo Aplicado de RBS/UFRGS com a Universidade de Navarra (ESP). Atua no Grupo RBS desde janeiro de 1991. Iniciou como repórter, depois passou a ser repórter especial e, por fim, se tornou colunista. Também é colaborador do SporTV.
- **Kelly Costa:** Bacharela em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e pós-graduada em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, é repórter e apresentadora da RBS TV em Porto Alegre. Iniciou a trajetória no jornalismo atuando na assessoria de imprensa e, posteriormente, passou a atuar em veículos de comunicação e com o esporte. Atuou também na TV Pampa. Participou das coberturas da RBS na Copa do Mundo masculina de 2022 e na Copa do Mundo feminina de 2023.
- **Quetelin Rodrigues:** Bacharela em Jornalismo pela Universidade Estácio de Sá no Rio de Janeiro. Iniciou a vida profissional na Ulbra TV. Atuou como repórter de rádio, produtora, editora de texto e editora chefe da Band/RS. Trabalhou na Rede Globo durante a Copa das Confederações 2013, Copa do Mundo Masculina 2014 e Olimpíadas 2016. Retornou ao Rio Grande do Sul para atuar no Grupo RBS, atuando como editora de texto e produtora de esporte. Após, começou a trabalhar com conteúdo independente e atualmente possui um canal no YouTube chamado

Copero TV, que realiza cobertura do Grêmio. Participa também do podcast Clube das Gu, que fala sobre o futebol de mulheres no Rio Grande do Sul. Além disso, integra a equipe da “A Voz da Torcida”, um projeto de vídeos e podcasts do Globo Esporte.

- **Thaigor Janke:** Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Trabalhou em Pelotas como repórter no site Rede Esportiva e nas rádios Cultura, Tupanci e BraPel. Trabalhou na Band entre 2017 e 2023, inicialmente como repórter do jornalismo geral. A partir de 2019, passou a integrar a equipe de esportes como repórter, apresentador e coordenador. Em 2021, abriu o canal A Dupla, no YouTube, com seu sócio Matheus D'Avila. Desde outubro de 2023, integra o time do Debate Raiz, programa diário no YouTube.

São Paulo:

- **Bianca Molina:** Bacharela em Jornalismo pela Universidade Estácio de Sá no Rio de Janeiro. Iniciou no jornalismo esportivo em 2011, como repórter da Rádio Bandeirantes de 2011 a 2013. Trabalhou no Sport Club Internacional de 2013 a 2014 e, após, atuou como repórter da TV Record até 2015. Em 2016 integrou a equipe do Fox Sports por cinco anos. Atuou também na Band em São Paulo como repórter. Participou de duas temporadas de Copa Libertadores pela Conmebol e também da Copa Sul-Americana. Realizou coberturas de Paulistão masculino e feminino pelo YouTube oficial. Cobriu a Copa do Mundo Feminina 2023 pela Cazé TV e atualmente integra a equipe da Revista Placar e da TNT Sports.
- **Olga Bagatini:** Bacharela em Jornalismo na Cásper Líbero em 2016. Possui Mestrado em Jornalismo Esportivo Internacional pela St. Mary's University London. Iniciou a trajetória profissional na Gazeta Esportiva em 2014. Trabalhou no Lance!, no UOL, na Folha de São Paulo e participou do trainee do Estadão. Em 2019, teve um blog de futebol de mulheres no Yahoo. Trabalhou também no Museu do Futebol e elaborou o capítulo de jornalismo esportivo do MiniManual do Jornalismo Humanizado da ONG Think Olga, além de ter sido professora no

curso Relacionamento com as Mídias no Futebol Feminino da CBF Academy. Ministrou a aula "Posicionamento e Atualidades", que tratou de pautas contemporâneas de diversidade e inclusão, equidade de gênero, direito das mulheres, entre outras. Atualmente, trabalha na ONU Mulheres como especialista de comunicação.

- **Rafael Alves:** Iniciou a graduação em Jornalismo no Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), mas não concluiu o curso. Iniciou a trajetória no jornalismo como repórter de rádio web. Em 2017 passou a se dedicar especialmente ao futebol de mulheres. Trabalhou na ESPN, comentou os jogos da Copa do Mundo Feminina 2023 na Cazé TV e atua na GOAT TV comentando a Libertadores Feminina. É editor-chefe, criador e apresentador do Planeta do Futebol Feminino, transmitido no canal Nosso Futebol no YouTube. Apresenta também o podcast do Paulistão Feminino no YouTube.
- **Raony Pacheco:** Bacharel em Jornalismo pela Universidade de São Judas Tadeu (USJT). Iniciou a trajetória no futebol na Web Rádio Mooca transmitindo os jogos do Atlético Juventus. Trabalhou no streaming da Federação Paulista de Futebol no Facebook. Transmitiu jogos da série A2 do Brasileirão Feminino e depois passou a trabalhar fortemente com a narração. Transmitiu jogos do Campeonato Brasileiro para o exterior pela produtora Brasileirão Play. Narra jogos de futebol de mulheres pelo Canal Olímpico do Brasil. Narrou os jogos Pan Americanos de 2019 pela Record TV. Atualmente, presta serviços de narração para a Cazé TV e realiza transmissões para o Campeonato Paulista Feminino no canal do Campeonato Paulista. Além disso, possui uma agência de comunicação chamada RP2 Sport Marketing.

6 TENSÕES EM ANÁLISE: A PARCIALIDADE E A ISENÇÃO DO JORNALISTA

Neste capítulo será apresentado o resultado da análise das 12 entrevistas realizadas com os profissionais do Jornalismo, sendo quatro de Caxias do Sul, quatro de Porto Alegre e quatro de São Paulo. O referencial teórico também será lembrado neste item, visto que ele é essencial para a contextualização do conteúdo a ser explorado. Além disso, o referencial fornece a base conceitual e teórica para a pesquisa. Ele ajuda a estabelecer a estrutura conceitual na qual a análise se baseia, ajuda na construção do argumento ao longo do trabalho e fornece um contexto lógico para a análise. As entrevistas completas estão nos apêndices desta pesquisa. Na análise, serão citados os trechos e dados relacionados diretamente às questões do estudo.

Como citado no capítulo 2, o futebol é o maior fenômeno social do Brasil e representa a identidade nacional. (GUTERMAN, 2009). A modalidade, que chegou às terras canarinhas há quase 130 anos, se transformou em uma paixão popular e passou a ser parte do dia a dia dos brasileiros. Prova disso é que cotidianamente são utilizadas expressões como “pisar na bola”, “bater na trave”, “bola fora”, “aos 45 do segundo tempo”, “tirar de letra” e etc. Segundo Daolio (2000), também como já visto, essas gírias são adotadas inclusive por aqueles que não são torcedores fanáticos e adeptos ao futebol.

Em concordância com o jornalista Thaigor Janke¹¹ (2023), que atua em Porto Alegre no canal do Youtube A Dupla, é possível compreender que o futebol é um canalizador de todos os âmbitos da sociedade contemporânea. Isso quer dizer que, ao mesmo tempo que o esporte é um modelo da sociedade brasileira, ele é um modelo para ela se apresentar. Tanto que, como citado no capítulo 2, o brasileiro se comporta na vida como em uma partida de futebol. (DAOLIO, 2000).

Ademais, é preciso reforçar a ideia de que, infelizmente, o futebol ainda é um ambiente predominantemente masculino. Isso porque essa modalidade foi iniciada por homens a partir de um processo histórico que segregava os papéis destinados aos gêneros feminino e masculino. Como já visto em Filho (1997), a história feminina no esporte reflete a forma como as mulheres eram concebidas nos mais diferentes

¹¹ Informação verbal: as demais citações relacionadas a Janke (2023) também são oriundas de entrevista concedida à pesquisadora pela plataforma Zoom no dia 9 de outubro de 2023.

momentos da história em que o esporte foi pensado, construído, organizado e praticado.

Ainda segundo Filho (1997), em 1882 foi relatado um projeto que tratava da Reforma do Ensino Primário e de várias instituições complementares na Instituição Pública. À época, a questão das diferenças de papéis destinados aos gêneros eram única e exclusivamente levadas em consideração a partir da harmonia das formas femininas e as exigências da maternidade futura.

Por óbvio, esse discurso é extremamente machista e conservador, visto que preserva as aspirações que homens possuíam em relação às mulheres. Assim, é necessário lembrar que o gênero está vinculado a elementos culturais, ou seja, às estruturas sociais que determinam os papéis desempenhados pelas pessoas na sociedade. (MELLO; BORDINHÃO, 2023). De acordo com a jornalista Olga Bagatini¹² (2023), que atua como especialista de comunicação da ONU Mulheres, em São Paulo,

baseado muito numa pseudociência no século XX, quando a imprensa esportiva surge, os homens da época tinham muitos preconceitos do que era o papel social da mulher e do homem. Era um movimento consciente e direcionado para afastar as mulheres desses esportes. (BAGATINI, 2023).

Ainda, é importante destacar que as identidades de gênero são performativas. Isto é, ser homem ou mulher é uma construção ativa, não uma condição inata. (BUTLER, 2003). Dessa forma, é possível compreender que o papel do homem e da mulher na sociedade foi se moldando a partir da realidade que era imposta à época. E, no caso do Brasil, especificamente, tinha-se uma sociedade pautada pelo patriarcado, que pregava que as mulheres deveriam servir aos homens e viver apenas para a família e para o lar, sem chances de aspirações profissionais ou de estarem afastadas do ambiente doméstico.

Segundo já visto em Mello e Bordinhão (2023), essa disparidade de tratamento entre homens e mulheres é fruto de hierarquias estruturais que iniciaram desde as revoluções burguesas ocorridas no século XVIII. E, apesar de séculos terem se passado, essa estrutura, chamada de patriarcado, subordinação ou dominação dos homens sobre as mulheres continua sendo fortemente presente na atualidade. (MELLO; BORDINHÃO, 2023).

¹² Informação verbal: as demais citações relacionadas a Bagatini (2023) também são oriundas de entrevista concedida à pesquisadora pela plataforma Zoom no dia 10 de outubro de 2023.

A persistência do patriarcado pode ser observada em diversas esferas da vida contemporânea, desde o ambiente doméstico até o mercado de trabalho e as instituições sociais. Assim, é preciso citar que essa estrutura impacta diretamente as oportunidades disponíveis para mulheres, influencia normas culturais e reforça estereótipos de gênero prejudiciais. Trazendo essa realidade para o futebol, a jornalista Tríssia Ordovás Sartori¹³ (2023), que atua como editora-chefe do Jornal Pioneiro, em Caxias do Sul, cita que

durante muito tempo foi como se o futebol feminino não existisse, foi completamente ignorado. [...] Tem muita gente que fala “ai, que saco, futebol feminino não tem graça. Não é a mesma coisa” como se fosse um esporte ligado ao gênero e não ligado ao esporte. Isso que é mais curioso. Então o tratamento é muito proporcional. (SARTORI, 2023).

Nesse sentido, é preciso reforçar que, segundo o dicionário, mulher é o indivíduo do sexo feminino, considerado do ponto de vista das características biológicas, do aspecto ou forma corporal, como tipo representativo de determinada região geográfica, época, etc. (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1328). Ao mesmo tempo, como já ensinado por Beauvoir (2009), mesmo que a biologia possa explicar algumas diferenças entre os gêneros, ela não deve ser usada como uma justificativa para tamanha desigualdade entre homens e mulheres. Ou seja, mesmo que as mulheres possuam a capacidade de engravidar e tenham características físicas diferentes dos homens, nem por isso elas devem ser tratadas de forma desigual em relação ao gênero oposto.

Dessa forma, é notório que, assim como em todos os outros âmbitos da vida, se tratando do universo esportivo, os homens possuem uma vantagem gigantesca em relação às mulheres. Por óbvio, as mulheres foram extremamente desvalorizadas em todos os setores da sociedade quando comparadas aos homens - e com o futebol não foi diferente. É difícil quantificar os preconceitos sofridos por mulheres que desejam viver a realidade do futebol na sociedade contemporânea. Sejam elas atletas, torcedoras ou estudiosas da área, as mulheres sempre são inferiorizadas dentro - e fora - das quatro linhas.

O jornalista Diogo Olivier¹⁴ (2023), que atua como repórter e colunista de GZH, em Porto Alegre, destaca que a diferença de tratamento entre os gêneros no

¹³ Informação verbal: as demais citações relacionadas a Sartori (2023) também são oriundas de entrevista concedida à pesquisadora pela plataforma Zoom no dia 3 de outubro de 2023.

¹⁴ Informação verbal: as demais citações relacionadas a Olivier (2023) também são oriundas de entrevista concedida à pesquisadora pela plataforma Zoom no dia 3 de outubro de 2023.

futebol brasileiro pode ser considerada como um inimigo atávico. Segundo ele, para quebrar o ciclo do machismo e da desvalorização da modalidade feminina no futebol, é necessário romper barreiras de séculos de patriarcado.

Não é um inimigo perceptível. É a gente tentar enxergar com os mesmos olhos. A gente vive numa cultura machista e a gente se acostumou a ver meninos jogando futebol, a gente se acostumou a ver homens narrando futebol, vozes masculinas na reportagem. Então o nosso primeiro desafio é romper a barreira [...] do estranhamento. (OLIVIER, 2023).

Aqui, cabe lembrar o termo machismo, que possui total influência na desigualdade de gêneros. Segundo o dicionário, machismo se refere ao “comportamento que tende a negar à mulher a extensão de prerrogativas ou direitos do homem”. (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1210). Ao mesmo tempo, como citado anteriormente, Drummond (1980) define o termo como um sistema de construções simbólicas que obscurece as relações de exploração, domínio e subjugação entre homens e mulheres.

Tal comportamento foi responsável pela proibição do futebol de mulheres no Brasil durante a Era Vargas. O decreto-lei que proibia que as mulheres praticassem esportes que, segundo às leis da época, eram considerados incompatíveis com os corpos femininos, foi responsável por considerar o futebol de mulheres como um crime até 1983.

Isso significa que os mais de 40 anos de proibição do futebol praticado por mulheres foi um dos fatores cruciais para o resultado da desvalorização da categoria até os dias de hoje. Apesar da proibição, segundo o que já foi visto em Silva (2022), as mulheres nunca deixaram de jogar futebol no Brasil. Entretanto, o ambiente era extremamente insalubre e considerado como atração de circo. (BONFIM, 2019).

Não suficiente, o futebol praticado por mulheres era classificado como entretenimento para o público masculino, que se dirigia aos estádios para rir da modalidade e assediar as jogadoras através de olhares mal intencionados. Como já visto em Damo (2007), por óbvio, essa forma de “entretenimento” contribuía ainda mais para reforçar a ideia de que o estádio de futebol era um local de expressão da masculinidade heterossexual.

Ademais, é preciso destacar que, devido à falta de representação e presença no cenário do futebol, as mulheres possuíam pouca experiência no esporte, o que resultava em baixa qualidade técnica nos jogos. Assim, entende-se, novamente, que a diferença de tratamento direcionado aos gêneros no futebol brasileiro não é

recente. Pelo contrário: possui uma rica herança repleta de machismo, preconceitos e assédios.

Dessa forma, por muito tempo o futebol de mulheres recebeu pouco ou nenhum incentivo e visibilidade quando comparado com a categoria masculina. Assim, é possível perceber que isso é refletido no desequilíbrio de oportunidades e recursos apresentados entre os dois gêneros na contemporaneidade. Atualmente, segundo os 12 entrevistados desta pesquisa, as principais diferenças notáveis entre o tratamento direcionado aos gêneros feminino e masculino no futebol brasileiro são a infraestrutura, acompanhamento da mídia, informação, espaço dedicado, remuneração e condições de trabalho.

Apesar disso, segundo o primeiro inciso do Artigo 5º da Constituição Federal de 1988, os homens e as mulheres são iguais em direitos e obrigações. Ou seja, perante a lei, ambos os gêneros devem ser tratados de maneira igualitária em termos de oportunidades, proteção legal e responsabilidades civis. Infelizmente, essa não é a realidade posta no século XXI. De acordo com o narrador de futebol de mulheres Rafael Alves¹⁵ (2023), que atua no Planeta do Futebol Feminino, em São Paulo, historicamente o futebol de mulheres foi tratado de uma forma que pode ser considerada até ofensiva.

A gente tem um histórico [...] de manchetes grosseiramente machistas. Hoje eu vejo uma reflexão que está em curso de uma necessidade de se falar mais e melhor não só sobre o futebol de mulheres, mas sobre o esporte de mulheres como um todo. Acho que numa sociedade machista não dá para falar que a gente alcançou isso [equidade de gêneros], mas dá para falar que se está caminhando nesse sentido. (ALVES, 2023).

Não apenas no esporte, mas principalmente nele, o maior abismo é relacionado à remuneração. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, as brasileiras recebem, em média, 22% a menos do que os homens. A título de contextualização, é válido lembrar os dados salariais de Marta e Neymar em 2022. A brasileira, que joga pelo Orlando Pride, recebia R\$1,47 milhão anualmente. Ao mesmo tempo, Neymar, então atacante do Paris Saint Germain, recebia R\$396 milhões anualmente. (PERAGENE, 2022). De fato, a diferença é discrepante. O salário anual de Marta não chegava ao valor mensal de Neymar.

¹⁵ Informação verbal: as demais citações relacionadas a Alves (2023) também são oriundas de entrevista concedida à pesquisadora pela plataforma Google Meet no dia 11 de outubro de 2023.

Isso reforça a ideia de que as conquistas femininas sempre são subestimadas em relação às dos homens. No caso dos maiores nomes do futebol brasileiro atual, pode-se observar que Marta é considerada a rainha do futebol, vencedora de seis Bolas de Ouro FIFA. Ao mesmo tempo, Neymar nunca conquistou esse título. Apesar disso, Neymar possui um reconhecimento mundial extremamente maior quando comparado ao de Marta. E esse é apenas um dos exemplos dessa desigualdade de gêneros.

Se elas tivessem um salário justo, que permitisse elas se dedicarem ao esporte de alto nível, acho que já seria um começo. O que acontece em muitos times é que é muito comum você encontrar um time ou outro no qual as atletas dividem as suas funções. Então acho que a primeira defasagem que a gente tem que mudar seria dar uma condição satisfatoriamente possível para que elas pudessem viver somente no futebol. (ALVES, 2023).

Por conseguinte, o jornalista e editor de esportes do Jornal Pioneiro, de Caxias do Sul, Maurício Reolon (2023), destaca que a obrigatoriedade de se ter uma equipe feminina é positiva, pois se pressiona a valorizar a modalidade e, ao mesmo tempo, abre margem para tratar a categoria como “várzea”. Segundo ele, o fato de “ter que” ter um time feminino muitas vezes faz com que se tenha a equipe porque precisa, ou porque é obrigatório, e, com isso, o que resta para a modalidade são apenas migalhas.

Por conseguinte, segundo Janke (2023), a falta de acompanhamento do futebol de mulheres acaba por causar inúmeros outros problemas para a modalidade. O jornalista alega que o não acompanhamento gera consequências como a falta de informação, de paixão e de envolvimento.

A falta de informação gera muito preconceito. A partir do momento que as pessoas não acompanham o futebol feminino, elas não sabem o que falar do futebol feminino. E não sabendo o que falar do futebol feminino, elas tomam opiniões equivocadas. E como a gente vive em uma sociedade que é machista, que é preconceituosa como um todo, isso se transfere para o futebol. (JANKE, 2023).

Ao mesmo tempo, Bagatini (2023) reflete sobre como o futebol no Brasil é um reforço da masculinidade, que faz com que as mulheres sejam desvalorizadas e vistas como menos importantes. A jornalista alega que existe uma responsabilidade qualitativa por parte da imprensa nessa realidade, onde, por muitas décadas, foram produzidas reportagens repletas de estereótipos nocivos de gênero sobre as mulheres no futebol.

A imprensa tem um poder muito forte de formar opinião, de montar o imaginário social, de influenciar a percepção das pessoas. [...] Então eu coloco muito essas diferenças na imprensa, porque elas geram tanto essa

essa percepção do público, como maior ou menor valor para a modalidade. Isso gera essa percepção do público, menor audiência, menos interesse das marcas de anunciarem, de colocarem dinheiro, e, com menos, as próprias organizações que gerem o esporte fazem tratamento diferenciado. (BAGATINI, 2023).

Assim como citado por Bagatini (2023), um dos responsáveis pela desvalorização da modalidade feminina de futebol parte das próprias organizações futebolísticas. Ao encontro disso, Rodrigo Cordeiro¹⁶ (2023), jornalista da RBS TV em Caxias do Sul, alega que a diferenciação entre os gêneros parte da própria Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Cordeiro (2023) destaca que a CBF não oportuniza aos clubes a possibilidade de estimular o futebol praticado por mulheres.

Parte desse princípio de que o órgão que organiza as competições, que é responsável por gerir o calendário brasileiro, já não dá essa oportunidade de participação aos clubes. Recentemente teve aquela determinação de que clubes da primeira divisão deveriam ter equipes femininas. A partir daí se começou realmente a ter um calendário, mas é algo que me parece para cumprir tabela, por obrigação. Então acho que, no momento em que a própria entidade responsável por gerir o futebol do país por muito tempo fechou os olhos para essa questão, acaba sendo um efeito cascata. (CORDEIRO, 2023).

Como citado por Cordeiro (2023), há poucos anos passou a ser obrigatório que os clubes da Série A do Campeonato Brasileiro Masculino passassem a ter times femininos. Além disso, a Conmebol também obriga que os clubes que desejem participar da Copa Libertadores Masculina tenham equipes femininas. Isso, por um lado, é extremamente positivo, pois aumenta a quantidade de times de mulheres. Contudo, simultaneamente, alguns desses clubes cumprem essa obrigatoriedade de maneira amadora.

Nesse sentido, a jornalista Quetelin Rodrigues¹⁷ (2023), que atua no canal no YouTube Copero TV, em Porto Alegre, ressalta que, em meados de 2017, quando se começou a acompanhar o futebol de mulheres no Rio Grande do Sul, foi um momento extremamente importante para o desenvolvimento da modalidade. Apesar disso, muitos integrantes das redações eram contra essas medidas impostas pela CBF e Conmebol.

Foi uma grande discussão nas redações. A maioria dos homens não aprovava isso, por conta que achava que seria um gasto a mais para o clube. E a gente entendendo que seria muito necessário para que a

¹⁶ Informação verbal: as demais citações relacionadas a Cordeiro (2023) também são oriundas de entrevista concedida à pesquisadora pela plataforma Google Meet no dia 13 de outubro de 2023.

¹⁷ Informação verbal: as demais citações relacionadas a Rodrigues (2023) também são oriundas de entrevista concedida à pesquisadora pela plataforma Zoom no dia 10 de outubro de 2023.

modalidade realmente tivesse uma notoriedade maior, uma relevância maior, uma estrutura maior, mesmo que seja obrigado. (RODRIGUES, 2023).

À vista disso, a jornalista Kelly Costa¹⁸ (2023), repórter e apresentadora da RBS TV em Porto Alegre, concorda com a ideia da jornalista Bianca Molina¹⁹ (2023), que atualmente trabalha para a Revista Placar e TNT Sports, em São Paulo, e também da ideia de Sartori (2023), no que diz respeito a realizar uma força extra para que o futebol de mulheres seja reconhecido. Essa forma de lidar com a situação pode ser vista como o sistema brasileiro de cotas.

Nesse sentido, é importante esclarecer que as cotas representam medidas de ação afirmativa no âmbito das políticas públicas, visando fomentar a equidade de oportunidades e mitigar as disparidades sociais e raciais. No contexto brasileiro, essas políticas consistem em estabelecer cotas de vagas em instituições de ensino federais para grupos que, ao longo da história, enfrentaram exclusão ou sub-representação dentro dessas instituições.

Aqui, vale lembrar que, segundo o Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT), a equidade reconhece que as pessoas não são todas iguais e que, justamente por isso, é preciso ajustar esse “desequilíbrio”. Assim, entende-se que é preciso buscar espaços para promover condições dignas para a modalidade feminina de futebol. Costa (2023) alega que “se as coisas não acontecem de forma natural, se essa igualdade não acontece como tem que acontecer [...] é preciso impor algumas coisas”.

É um processo de quase enfiar goela abaixo. Eles enfiam goela abaixo tantas modalidades que as pessoas não querem assistir, então por que não falar do feminino? Por que é feito por mulheres? Porque essa é a única diferença. Então é ter esse entendimento que talvez, sim, vamos colocar que o futebol feminino ainda precise desse espaço de cotas e que ele é fundamental para buscar as boas histórias e trazer isso de forma um pouco mais atrativa. (MOLINA, 2023).

Ainda, Sartori (2023) destaca que existe uma iniciativa de dar maior visibilidade para o futebol de mulheres, mas ressalta que isso ainda não é feito de maneira orgânica. Ela concorda com Molina (2023) que é de fato um processo de, como dito popularmente, “enfiar goela abaixo”.

¹⁸ Informação verbal: as demais citações relacionadas a Costa (2023) também são oriundas de entrevista concedida à pesquisadora pela plataforma Google Meet no dia 17 de outubro de 2023.

¹⁹ Informação verbal: as demais citações relacionadas a Molina (2023) também são oriundas de entrevista concedida à pesquisadora pela plataforma Zoom no dia 6 de outubro de 2023.

Tem que enfiar goela abaixo até se acostumar em ver que é a mesma coisa, é o mesmo jogo, é o mesmo esporte. Passa muito também pelo universo machista que a gente vive, porque não tem outra explicação. Então eu acho que precisa encontrar meios para dar mais visibilidade na sociedade para que o esporte seja mais percebido [...] independentemente do gênero. (SARTORI, 2023).

Ademais, Carolina Freitas²⁰ (2023), jornalista que atua em GZH e na rádio Gaúcha em Porto Alegre, destaca que, sim, a realidade dos gêneros feminino e masculino no futebol brasileiro é muito diferente. A repórter concorda que o futebol de mulheres ainda não traz o mesmo retorno de audiência quando comparado ao de homens. Contudo, ela destaca que se um incentivo não for posto em prática para que o público passe a acompanhar a modalidade feminina, nunca será possível alcançar a tão sonhada equidade no futebol brasileiro. Assim, é importante ressaltar que esses desequilíbrios impactam não apenas as jogadoras, mas também a capacidade do futebol de mulheres de crescer, atrair público e se estabelecer como uma modalidade de destaque.

Apesar disso, seria injusto deixar de destacar que, apesar da inquestionável desproporção existente entre o futebol de homens e de mulheres, a realidade é muito menos desigual do que era há uma década. Segundo Reolon (2023), o futebol de mulheres está construindo um espaço merecido e apenas recentemente a imprensa passou a valorizar, mesmo que minimamente, essa modalidade.

Analisando as entrevistas concedidas para esta pesquisa, foi unanimidade entre as respostas que a imprensa brasileira não direciona a mesma visibilidade para os gêneros feminino e masculino no futebol nacional. Todos os entrevistados destacaram que nem de longe o espaço dedicado às modalidades é o mesmo. A imprensa não direciona o mesmo espaço e nem empreende o mesmo tempo e cuidado com o futebol de homens e mulheres. (SARTORI, 2023). Apesar das melhorias, o tratamento ainda é muito desproporcional.

A gente tem que ver essa questão do futebol feminino como muito estrutural e realmente histórica. Eu acho que existe uma mudança, mas se tu me perguntar se a visibilidade é a mesma, é óbvio que não é a mesma. Agora, se tu me perguntar: Kelly, há cinco anos vocês davam a mesma visibilidade para o futebol feminino que vocês dão hoje? Não, hoje a gente consegue acompanhar mais. (COSTA, 2023).

Para exemplificar, é importante trazer à tona um ponto ressaltado por Janke (2023). O jornalista lembrou a teoria da *Agenda Setting*, formulada por Maxwell

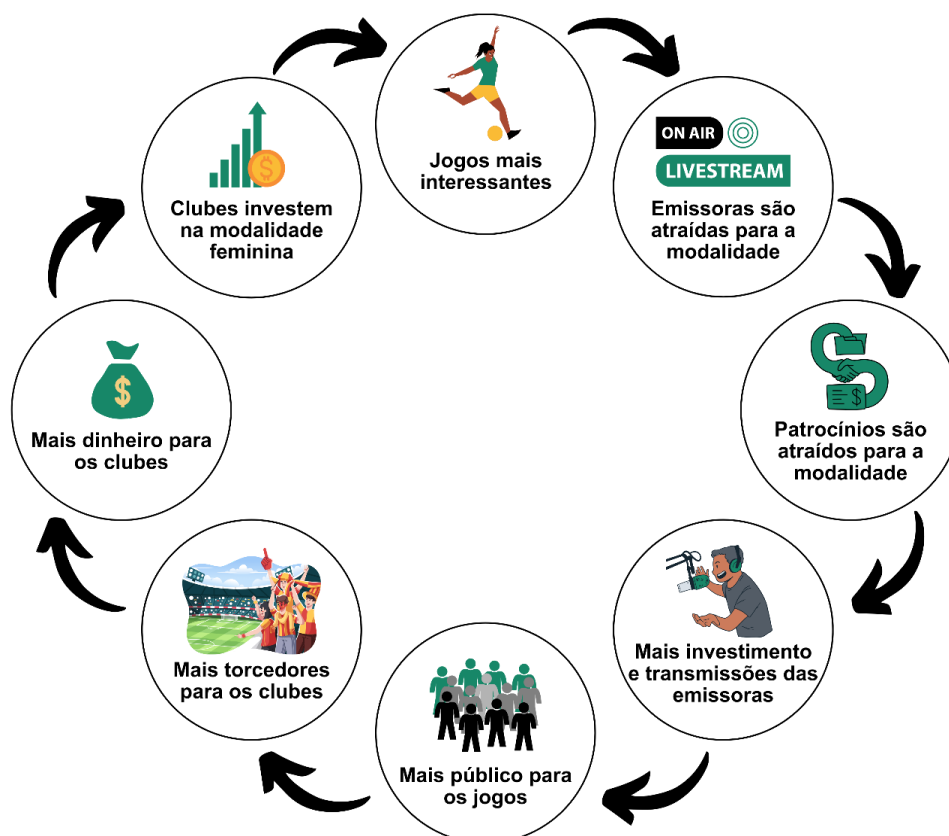
²⁰ Informação verbal: as demais citações relacionadas a Freitas (2023) também são oriundas de entrevista concedida à pesquisadora pela plataforma Zoom no dia 10 de outubro de 2023.

McCombs e Donald Shaw na década de 1970. Essa teoria sugere que os consumidores de notícias tendem a atribuir mais importância aos tópicos que recebem maior visibilidade na cobertura jornalística. Nesse sentido, o questionamento que fica é: o jornalismo não dá visibilidade ao futebol de mulheres porque o futebol de mulheres não dá audiência ou o futebol de mulheres não possui audiência porque o jornalismo não dá visibilidade à modalidade?

Segundo Janke (2023), essa é uma discussão que não possui uma resposta clara e que pode ser considerada paradoxal. Trata-se de um círculo que se retroalimenta e que em algum momento precisa ser quebrado. “Não tem audiência, logo o jornalismo não fala, logo as pessoas não acompanham, logo não tem audiência, logo o jornalismo não fala, logo as pessoas não acompanham e assim tu vai num círculo que se retroalimenta.” (JANKE, 2023).

Em consonância, Molina (2023) alega que o movimento para equalizar o tratamento entre os gêneros no futebol brasileiro é cíclico. A jornalista exemplificou o processo de modo a ser visualizado na ilustração 1.

Ilustração 1 - Círculo de equalização entre os gêneros no futebol brasileiro



Fonte: A partir de Molina (2023).

Analisando o quadro, é possível compreender que o ciclo se retroalimenta. Ou seja, é necessário que os clubes invistam na modalidade feminina de futebol. A partir do momento em que os clubes investem, os jogos passam a ser mais interessantes. Com os jogos ficando mais interessantes, as emissoras serão atraídas para a modalidade. Se as emissoras forem atraídas, os patrocinadores também serão atraídos. Se os patrocinadores forem atraídos, haverá mais investimento e transmissões por parte das emissoras. Com mais transmissões, mais público será atraído para os jogos. Com mais público nos jogos, os clubes passarão a ter mais torcedores. Com mais torcedores, haverá mais dinheiro para os clubes, visto que esses pagam mensalidades e ingressos para assistir aos jogos. Por fim, haverá mais dinheiro para os clubes que, por sua vez, poderão investir ainda mais na modalidade feminina. Com isso, tem-se um processo cíclico em que cada uma das etapas é responsável por alimentar as outras e, dessa forma, como dito no universo do futebol, a bola passará a girar.

Obviamente, esse não é um processo fácil e muito menos rápido. É um trabalho que exige muita paciência, tempo e dedicação. Dessa forma, entende-se que a responsabilidade por equalizar o tratamento entre os gêneros no futebol brasileiro passa por diversos âmbitos importantes. Para que no futuro se tenha um futebol equalitário, cada um dos setores da comunidade deve fazer a sua parte. Assim, clubes, confederações, dirigentes, entidades, federações, imprensa, patrocinadores, torcedores e a sociedade como um todo possuem papéis fundamentais nesse processo.

No que tange à sociedade, os entrevistados concordaram que é necessária uma mudança cultural. Ou seja, é preciso que o povo compreenda que o futebol não tem gênero. (BAGATINI, 2023). Segundo Cordeiro (2023), é uma ruptura do padrão estabelecido na contemporaneidade. Infelizmente, grande parte da sociedade ainda possui um pensamento muito enraizado de que o lugar da mulher não é dentro de um campo de futebol. Como já ensinado por Peragene (2022), as práticas esportivas são influenciadas por convenções culturais historicamente estabelecidas que moldam comportamentos e estabelecem padrões específicos para a expressão e utilização do corpo, gerando, assim, distinções entre as experiências de gênero.

Como visto no capítulo 2, um paradigma evidente da desigualdade do universo futebolístico é a tradicional frase “futebol não é coisa de mulher”. Originada do machismo arraigado, essa expressão promove a noção de que as mulheres não

possuem a mesma destreza que os homens no campo esportivo. Conseqüentemente, de maneira inegável, tais estereótipos impactaram a visão geral sobre o futebol praticado por mulheres, resultando na escassez de apoio e na subestimação dessa modalidade esportiva. Por isso, são necessárias quebras de paradigmas que demonstrem que, sim, as mulheres podem estar em qualquer lugar que desejarem.

Eu acho que tem que ter uma uma mudança geral de visão, porque acho que, infelizmente [...] há uma uma visão muito machista ainda de que mulher não sabe jogar futebol, de que mulher não sabe comentar futebol, mulher não sabe fazer nada. Tudo que envolva o esporte, mulher não sabe fazer. A mulher está ali porque quer ver os homens, ou porque quer imitar os homens, ou porque quer ser igual aos homens. Não é porque tem méritos. (FREITAS, 2023).

Consoante à opinião de Freitas (2023), Molina (2023) destaca que a sociedade sempre vai tentar diminuir as conquistas femininas. A jornalista reflete sobre a necessidade de mudança de pensamento da sociedade como um todo. Assim, a valorização e o respeito devem partir de cada uma das pessoas que integra a população brasileira. Segundo o jornalista Raony Pacheco²¹ (2023), narrador da Cazé TV²² e do Campeonato Paulista Feminino, em São Paulo, o primeiro passo é a cobrança pessoal de cada indivíduo. Ele ressalta que “as pessoas precisam ter essa consciência que parte muito mais do lado humano”. (PACHECO, 2023).

Assim, entende-se que a construção de um futebol nacional equalitário passa pelas mãos de cada um dos brasileiros. Conforme Molina (2023), no momento em que a sociedade olhar com mais valor para o futebol de mulheres, todo o resto passa a acontecer. Isto é, os demais setores do corpo social passarão a dedicar mais espaço à modalidade. E com isso, o ciclo apresentado na ilustração 1 estará mais perto de se tornar uma realidade.

Eu acho que são muitos segmentos que precisam se envolver num trabalho coletivo para que isso possa se aproximar cada vez mais de uma equiparação, como a gente busca e espera ver. Acho que tem que ser um trabalho conjunto. Acho que a gente tem que ter um engajamento de todas as pontas para mostrar que, sim, o futebol feminino é um negócio, é rentável, é interessante e o público consome. (COSTA, 2023).

²¹ Informação verbal: as demais citações relacionadas a (PACHECO, 2023) também são oriundas de entrevista concedida à pesquisadora pela plataforma Google Meet no dia 12 de outubro de 2023.

²² A Cazé TV possui mais de 9,45 milhões de inscritos no YouTube. Durante a Copa do Mundo Feminina 2023, atingiu a marca de um milhão de pessoas simultâneas no YouTube, na goleada da Seleção Brasileira sobre o Panamá por 4 a 0.

Como visto em Peragene (2022), para que a problemática da desigualdade existente entre os gêneros no futebol brasileiro seja mitigada, é necessário que a inclusão seja promovida de forma abrangente. O autor destaca que somente dessa forma será possível atrair o interesse do público e da mídia, que, por sua vez, convoca investimentos para o esporte feminino. Assim, a equidade de gênero estará cada vez mais próxima de se tornar uma realidade.

Trazendo a temática para a mídia, é importante falar sobre o papel do jornalista nesse contexto. Segundo o que foi visto em Moraes (2018), o poder do jornalismo é iluminar aquilo que está sob as sombras. No âmbito futebolístico, isso significa que o profissional do jornalismo tem as ferramentas necessárias para ajudar a amenizar as desigualdades existentes entre os gêneros feminino e masculino no futebol brasileiro.

Relembrando o que foi ensinado por Camargo apud Borelli (2001), a mídia possui a capacidade de influenciar profundamente a sociedade, contribuindo para a formação da visão coletiva da massa. Isto é, ao apresentar e selecionar determinados conteúdos, a mídia pode transmitir e reforçar estereótipos, valores culturais, padrões de comportamento e ideias dominantes, contribuindo para a construção de uma visão coletiva, que influencia a maneira como as pessoas percebem o mundo ao seu redor.

No contexto esportivo, a mídia desempenha um papel crucial na construção e na disseminação de representações e imagens relacionadas ao gênero, à prática esportiva e às expectativas sociais. Ela pode influenciar a forma como os esportes são apresentados, destacando determinadas modalidades esportivas como mais adequadas para um gênero em detrimento de outro, reforçando estereótipos e contribuindo para a diferenciação entre homens e mulheres no campo esportivo.

Essa influência da mídia pode impactar diretamente a participação, a valorização e o reconhecimento de atletas femininas, contribuindo para a manutenção de desigualdades e desafios enfrentados por mulheres no mundo esportivo. É importante, portanto, que o jornalista dê visibilidade para o futebol de mulheres.

No que diz respeito aos organismos de comunicação, tem que dar visibilidade. Acho que essa é a nossa grande tarefa, nosso primeiro grande objetivo. É isso que a gente tem que fazer. Tem que dar visibilidade. Não tem como as pessoas saberem o que está acontecendo sem ver. A nossa função primordial é dar visibilidade. A gente tem que falar e mostrar, principalmente jogos. Tem que fazer isso. (OLIVIER, 2023).

Para além, Cordeiro (2023) destaca que é necessário colocar o tema da desigualdade de gêneros em debate. O jornalista ressalta que é preciso estimular essa discussão. Assim, demonstra-se que o futebol de mulheres possui espaço, atletas e a possibilidade de impulsionar campeonatos. Promovendo esse debate, é feita uma crítica à inércia dos dirigentes, das confederações e da sociedade como um todo. Isso significa que ao estimular ativamente essa discussão, fica claramente evidenciada a existência do espaço da modalidade feminina e das pessoas que se organizam para formar clubes e equipes.

Ainda, Freitas (2023), Costa (2023) e Rodrigues (2023) concordam que o jornalista deve ofertar o futebol de mulheres. De forma geral, a obrigação mínima do profissional do jornalismo é transmitir a modalidade feminina. Costa (2023) enfatiza que isso deve ser feito não apenas por jornalistas mulheres, mas também por homens.

É encontrar lugares para que a gente possa cada vez mais transmitir o futebol feminino. E isso é algo que tem que ser não só para as mulheres. Não são só as mulheres que têm que se apropriar disso. Os homens também. Se algum dia a gente está na redação e a gente está deixando passar alguma coisa, que não seja só a mulher a puxar esse alerta. Isso é para todo mundo. (COSTA, 2023).

Nesse sentido, Rodrigues (2023) salienta que é preciso haver uma “briga” pela pauta dentro das redações. Em outras palavras, é imprescindível defender ativamente as pautas, acreditar nelas e promover o conteúdo, mesmo que isso envolva insistência. Ainda segundo a jornalista, o ponto de partida são as redações. É necessário lutar dentro desse ambiente, ocupar espaços para abordar o futebol de mulheres e demonstrar interesse ativo. A iniciativa primordial é enfrentar a escassez de cobertura do assunto nas redações, utilizando os espaços disponíveis para discutir o que está em curso, garantindo visibilidade para o tema e mantendo o interesse ativo.

Seguindo essa linha de raciocínio, é preciso lembrar o que foi ensinado por Borelli (2001): a conduta midiática de eventos esportivos envolve muito mais do que apenas jornalismo e esporte. Segundo a autora, esses acontecimentos englobam diferentes interesses, questões de ordem econômica, cultural, política e religiosa, além da atenção de milhares de pessoas. Isso porque, como visto em Helal (1998), a mídia é um fator-chave na construção e disseminação de discursos sociais,

ênfatizando sua capacidade de influenciar a opini3o p3blica e moldar as conversas em torno de quest3es sociais, pol3ticas e culturais.

Aqui, cabe destacar os fatores da isenç3o e parcialidade. Como j3 visto em Martins (2005), os jornalistas devem formar opini3o sobre os assuntos que cobrem. O autor destaca que o importante 3 que essas opini3es n3o sejam inseridas no texto que ser3 escrito (com exceç3o dos colunistas). Ao mesmo tempo, Silva e Larangeira (2022) j3 ensinaram que a dial3gica do jornalismo tem o funcionamento baseado em antagonismos equilibrados. Assim, os autores destacam que cabe a cada jornalista ter opini3o e escolher o seu lado.

No que tange 3 discuss3o de g3neros, entende-se que o jornalista deve tomar partido e ter opini3o. O Brasil possui uma d3vida hist3rica com o futebol de mulheres. Foram mais de 40 anos de proibich3o da modalidade. Por isso, 3 preciso oferecer oportunidades para que as mulheres possam, gradativamente, conquistar o espaço que a modalidade feminina de futebol merece ter. E, nesse caso, obviamente o jornalista acaba por n3o ser isento. Contudo, Martins (2005) ensina que isso pode ser resolvido com a autocr3tica profissional. Isto 3, dando visibilidade 3 pauta sem favorecer qualquer um dos lados, apenas retratando a verdade e demonstrando-a atrav3s de fatos e argumentos.

Ainda, 3 responsabilidade do jornalista entender o cen3rio em que se est3 inserido. O jornalista precisa entender, estar bem informado, buscar informaç3es e conhecer a realidade do futebol de mulheres, a import3ncia da modalidade e o que precisa ser feito para que ela atinja uma relev3ncia ainda maior. (JANKE, 2023). Ao mesmo tempo, Bagatini (2023) aponta que o jornalista deve buscar conhecimento e capacitaç3o sobre temas como diversidade e inclus3o.

Segundo Alves (2023), o jornalista que fala sobre o futebol de mulheres tem que estar ciente de que n3o vai falar apenas sobre a modalidade. O narrador destaca que 3 preciso assumir determinadas responsabilidades no que se refere 3 sociedade. “Voc4 n3o vai se omitir em quest3es de g3nero, em quest3es LGBTQIA+, quest3es raciais. [...] Tenho a impress3o de que o futebol de mulheres n3o quer repetir os erros do futebol masculino de ser permissivo a tantas coisas que a gente abomina.” (ALVES, 2023).

Isso demonstra a import3ncia de os jornalistas sa3rem da zona de conforto. Como citado anteriormente, o processo de construç3o de um futebol equalit3rio 3 longo e repleto de detalhes. 3 preciso muita dedicaç3o. Segundo Reolon (2023),

para criar uma história diferente é preciso pensar fora da caixa. Como disse Molina (2023), o jornalismo e o futebol são recorte de uma sociedade que ainda é elitista, machista e racista. Por isso, os jornalistas possuem um papel fundamental que ainda é pouco explorado.

Cabe a nós, jornalistas, entendermos que dá para fazer isso [promover o futebol de mulheres]. [...] Tudo isso é nossa responsabilidade. Nossa como produtores, de achar boas histórias. Nossa como editores-chefes, de permitir, dar liberdade para que essas histórias cheguem. Nossa como repórteres para entender como contar essas boas histórias. [...] A gente é muito responsável. (MOLINA, 2023).

De igual modo, parte do jornalista a responsabilidade de apontar todos os problemas que acontecem na modalidade feminina de futebol. (PACHECO, 2023). É preciso dar visibilidade à falta de estrutura, à falta de remuneração, às infraestruturas precárias e etc. É imprescindível questionar também as redações, quando estas não estão proporcionando o mesmo espaço para o futebol de homens e de mulheres.

Por óbvio, inicialmente o futebol de mulheres não dará o mesmo retorno financeiro e de audiência que o futebol de homens. Contudo, como citou Freitas (2023), a modalidade feminina não dará a audiência desejada ainda, mas um dia esse feito será alcançado. Prova disso são as diferenças de estrutura e visibilidade que podem ser observadas entre o futebol de mulheres de Caxias do Sul, Porto Alegre e São Paulo.

Como citado anteriormente, foi unanimidade entre os entrevistados que a imprensa brasileira não direciona a mesma visibilidade para os gêneros feminino e masculino no futebol nacional. Entretanto, pode-se observar que a visibilidade das mídias dos três pólos mencionados acima é completamente diferente.

Em Caxias do Sul, por exemplo, a situação de cobertura do futebol de mulheres é praticamente precária. Segundo Sartori (2023), a imprensa não direciona o mesmo espaço e nem empreende o mesmo tempo e o mesmo cuidado com o futebol de homens e de mulheres. A jornalista concorda que a visibilidade é completamente desproporcional. Ao encontro disso, Cordeiro (2023) ressalta que, na cidade, o futebol de mulheres apenas possui um espaço quando o Gauchão ou o Brasileirão estão acontecendo, apesar de ser um recorte muito pequeno.

Já em Porto Alegre, a situação é um pouco diferente. Apesar de ser infinitas vezes inferior à cobertura masculina, o futebol de mulheres começa a conquistar um pequeno espaço na mídia da capital gaúcha. Segundo Olivier (2023), a evolução em

Porto Alegre segue um pouco do rumo do Brasil de um modo geral. O jornalista destaca que ainda há muito trabalho a ser feito, mas a visibilidade do futebol de mulheres na capital já melhorou consideravelmente.

Costa (2023) concorda com a opinião de Olivier (2023) e destaca que a mídia porto-alegrense está evoluindo. Apesar disso, a jornalista ressalta que ainda há muito a ser melhorado e que a imprensa de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul como um todo ainda têm muito a construir para a cobertura do futebol de mulheres. Ao mesmo tempo, Rodrigues (2023) destaca a preocupação que existe em se fazer matérias especiais da modalidade feminina principalmente em épocas de Gre-Nal, o que acaba por desvalorizar os clubes do interior.

Quando tem um grande evento, se preocupa em fazer alguma coisa um pouco mais especial. Mas hoje eu vejo que melhorou um pouquinho a questão de se preocupar um pouco mais. A imprensa de Porto Alegre é ainda pior do que no centro do país. [...] Eu estou vendo que existe uma mudança de pensamento. Eu acho que está mudando, mas ainda assim muito aquém daquilo que a gente imaginava. Mas eu acho que já é um grande passo pensando na província que a gente tem aqui no Rio Grande do Sul. (RODRIGUES, 2023).

Janke (2023) destaca os projetos de futebol de mulheres presentes em Porto Alegre: Inter e Grêmio. Segundo ele, os dois clubes são referências da modalidade e, mesmo assim, existe um espaço muito pequeno na mídia para a categoria feminina. Segundo ele, bons projetos como os da dupla Gre-Nal melhoram a capacidade de divulgação da modalidade. Sendo assim, entende-se que existem ações em Porto Alegre que tentam quebrar o círculo da desigualdade de gêneros no futebol. (JANKE, 2023).

Apesar do cenário do futebol de mulheres em Porto Alegre ser mais positivo do que em Caxias do Sul, a realidade da modalidade quando comparada com São Paulo é muito inferior. Como citou Alves (2023), São Paulo é a exceção da regra. Pacheco (2023) aponta que a cobertura do futebol de mulheres em São Paulo tem sido cada vez melhor, apesar da maioria dos jogos ser realizada em horário comercial e, por isso, atrair menos público para os estádios.

Ao mesmo tempo, apesar de pequenas, Molina (2023) relembra as mudanças que ocorreram nos últimos anos na capital paulista.

Só para trazer um cenário, eu entrei na Band em 2011. Em 2011, a gente não falava nada sobre futebol feminino. Nada. Meu primeiro contato como jornalista com futebol feminino foi em 2016, na Fox, e só porque tinha Jogos Olímpicos, porque depois a gente só falou de novo na Fox sobre o futebol feminino em 2019, na Copa do Mundo. Então eu olho para trás e vejo que

está havendo uma mudança. Ela é muito lenta, mas está havendo. (MOLINA, 2023).

Apesar disso, a jornalista frisa que não é possível dizer que a imprensa, emissoras e programas oferecem a mesma atenção ao futebol de mulheres e de homens. Segundo ela, não está nem perto disso acontecer. Ou seja, mesmo em São Paulo, o pólo mais avançado do futebol de mulheres, o tratamento entre os gêneros ainda é muito desigual. De acordo com Bagatini (2023), diversos veículos tradicionais da cidade ainda optam por não ser progressistas e escolhem não colocar mulheres nas páginas de jornais, sites e dentro das redações.

Assim, entende-se que é possível mudar o cenário do futebol de mulheres a partir de ações concretas que incentivem a modalidade a se expandir. Apesar de muitos discordarem, o futebol de mulheres é, sim, um grande recorte do futebol brasileiro e possui uma possibilidade de crescimento exponencial. Para tanto, é necessário que cada um dos cidadãos brasileiros tome consciência disso e passe a disseminar o discurso da equidade entre os gêneros no futebol do Brasil.

Para além disso, cada um dos brasileiros deve cobrar seus times do coração para que fortaleçam as equipes femininas e critiquem a falta de infraestrutura que a modalidade enfrenta no país. A partir de uma força tarefa coletiva é possível mudar o cenário. Até porque, como citado por Olivier (2023), “pequenas coisinhas somadas realmente mudam o mundo”.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há centenas de anos as mulheres são consideradas inferiores aos homens. Independente do setor da sociedade que for colocado em pauta, infelizmente o gênero feminino ainda é extremamente subordinado quando comparado ao masculino. No cenário do futebol do brasileiro não é diferente. Contudo, para que essa realidade passe a mudar, é preciso colocar essa problemática em questão.

Nesse sentido, quando este trabalho de pesquisa foi iniciado, constatou-se que existem inúmeras desigualdades entre homens e mulheres no universo futebolístico brasileiro. Por isso, entendeu-se como importante estudar sobre os aspectos acerca da conduta profissional e do papel do jornalista esportivo brasileiro no futebol nacional sob o viés da problemática de gêneros. Isso porque o jornalista tem como dever dar voz àqueles que não a possuem.

Assim, entendendo a indiscutível responsabilidade do profissional do jornalismo na tentativa de equalizar o tratamento entre homens e mulheres no futebol do Brasil, buscou-se entender qual é o papel do jornalista esportivo no que diz respeito às tensões que fazem parte da realidade dos gêneros feminino e masculino no futebol nacional.

A partir da pesquisa, pôde-se compreender que uma das tarefas principais do jornalista esportivo é dar visibilidade ao futebol de mulheres. Visto que a mídia possui a capacidade de influenciar profundamente a sociedade, entende-se que o jornalista possui as ferramentas necessárias para ajudar a amenizar as desigualdades existentes entre os gêneros feminino e masculino no futebol brasileiro. Dessa forma, o jornalista deve oferecer espaço à modalidade e colocar o assunto em pauta. Ainda, é dever do jornalista criticar as desigualdades existentes entre o futebol de homens e de mulheres e promover o discurso de equidade de gêneros sempre que possível.

Para chegar à resposta da questão que norteia esta pesquisa, estipulou-se como objetivo geral *compreender qual é o papel do jornalista esportivo no que diz respeito ao seu modo de lidar com as diferenças no tratamento entre os gêneros no futebol brasileiro.*

Como apontado pelos profissionais do jornalismo Alves (2023), Bagatini (2023), Costa (2023), Cordeiro (2023), Freitas (2023), Janke (2023), Molina (2023), Olivier (2023), Pacheco (2023), Reolon (2023), Rodrigues (2023) e Sartori (2023), a

diferença de visibilidade entre o futebol de homens e mulheres no Brasil é abismática. Por isso, constata-se que o objetivo geral foi atendido, pois o trabalho conseguiu verificar que o papel do jornalista no âmbito da atuação esportiva é dar espaço à modalidade feminina e colocar a temática em pauta. Dessa forma, é possível entender que os profissionais do jornalismo contribuem, sim, com a equalização de tratamento entre os gêneros no futebol brasileiro.

Dessa forma, o primeiro objetivo específico buscou *averiguar as medidas que o jornalista pode tomar para equalizar os gêneros no futebol brasileiro*. Nesse ponto, entende-se que o jornalista deve dar visibilidade ao futebol de mulheres. Isto é, expor a modalidade, reconhecê-la como importante e fornecer uma presença de destaque na mídia. Além disso, o profissional também deve apontar as desigualdades existentes entre as modalidades feminina e masculina no futebol e trazer à tona a temática da discussão de gêneros. Tal objetivo foi atingido por meio do capítulo seis, a partir da análise das entrevistas realizadas com os profissionais do jornalismo.

Além disso, projetou-se, como segundo objetivo específico: *compreender por que o futebol de mulheres é tão mais desvalorizado que o de homens*. Esse objetivo foi alcançado no desenvolvimento do capítulo um, mais especificamente nos subcapítulos 2.2, 2.1.2, 2.2.2 e 2.3. Nesses itens, a pesquisadora retoma o histórico do futebol no Brasil e os fatos que levaram à proibição do futebol de mulheres e, conseqüentemente, à desvalorização da modalidade.

Já o terceiro objetivo específico buscou *investigar como o jornalista pode ser isento e imparcial na conduta profissional esportiva no contexto das tensões entre o futebol praticado por homens em relação ao praticado por mulheres*. Esse objetivo foi alcançado ao longo do capítulo quatro. Ao longo do texto, foi possível observar que o jornalista deve ter opinião. Contudo, é preciso embasar seu trabalho na autocrítica profissional e dar visibilidade à pauta retratando a verdade e demonstrando-a através de fatos e argumentos.

Por conseguinte, o quarto objetivo específico traçou *entender qual a forma correta de exercer a conduta profissional jornalística esportiva*. Esse tópico também pôde ser alcançado a partir do capítulo quatro, que retrata a isenção, a história e a representatividade do jornalismo esportivo. Assim, entende-se que essa área do jornalismo exige um cuidado redobrado, pois lida com a emoção individual. Ainda, o profissional do jornalismo tem o dever de promover uma abordagem sensata e

fornecer informações precisas, analisar os fatos de forma isenta e evitar sensacionalismo ou tendenciosidade. Com isso, compreende-se que o exercício da profissão em eventos esportivos deve explorar as diversas questões que envolvem o cenário esportivo como um todo.

Por fim, o último objetivo específico buscou *compreender como a herança deixada pela proibição do futebol de mulheres colaborou para a falta de profissionalização da modalidade*. Esse objetivo foi alcançado através do capítulo 2, especialmente nos subcapítulos 2.2 e 2.3. Através do estudo, foi possível chegar à conclusão de que é inquestionável o impacto significativo do machismo na realidade atual do futebol de mulheres. Quesitos como a falta de infraestrutura e de promoção da modalidade resultaram em menos oportunidades para que as mulheres pudessem desenvolver habilidades e carreiras no esporte, o que acabou por criar um desequilíbrio significativo quando comparado à categoria masculina.

Toda essa pesquisa exigiu um método de trabalho. Para tanto, foi utilizada a metodologia de pesquisa exploratória dedutiva, com o intuito de tornar o objeto de pesquisa mais explícito e trazer maior familiaridade com o tema. A pesquisa também aplicou o levantamento bibliográfico e a análise qualitativa de entrevistas para chegar a uma resposta para a questão norteadora. Quanto ao método de procedimento, foi utilizada a pesquisa monográfica, que buscou averiguar o tema para analisar todos os fatores que o influenciam, além de analisá-lo em todos os seus aspectos.

Assim, conclui-se que os jornalistas possuem um papel fundamental no que tange à discussão de gêneros no futebol brasileiro. Como citado anteriormente, a mídia possui a capacidade de influenciar a grande massa. Por isso, uma das obrigações do jornalista esportivo é dar visibilidade ao futebol de mulheres e mostrar ao público que a modalidade possui um futuro promissor, merece destaque e, acima de tudo, respeito. O jornalista deve demonstrar que a desigualdade existente entre os gêneros feminino e masculino no futebol brasileiro é fruto da proibição da modalidade no Brasil, aliada ao machismo e ao preconceito infundados.

Ademais, é importante salientar que esse é um tema de pesquisa extremamente recente e que ainda inicia a sua trajetória acadêmica. Ou seja, caso houvesse mais tempo, essa pesquisa poderia ser expandida e explorada por diversos semestres. Recomenda-se que, caso um estudante opte por dar sequência nessa linha de estudo, este entre em contato com um número maior de jornalistas

que atuem em todas as regiões do Brasil. Seria importante também conversar com atletas, torcedores e dirigentes dos clubes para poder analisar a visão desses setores em relação à modalidade feminina de futebol.

Assim, a pesquisadora acredita que, a partir do momento em que as pessoas compreenderem que é um dever individual da sociedade agir para que o futebol brasileiro ofereça as mesmas oportunidades aos homens e mulheres, será possível perceber uma mudança geral de visão.

Dessa forma, entende-se que, quanto mais visibilidade o futebol de mulheres tiver, mais discussões a respeito dele serão travadas e, conseqüentemente, mais fácil será conscientizar a sociedade de que o futebol não possui gênero. Por isso, parte de cada cidadão bater de frente com os preconceitos impostos e compreender que lugar de mulher é onde ela quiser estar. Seja dentro ou fora de campo, com o microfone na mão ou alheia ao esporte, a mulher pode ser quem e o que ela quiser.

REFERÊNCIAS

ADOXY. **O que é fibrose e como tratar.** Disponível em:

<<https://adoxy.com.br/blog/o-que-e-fibrose-e-como-tratar/#:~:text=Fibrose%20%C3%A9%20nada%20mais%20do,procedimento%2C%20maior%20a%20fibrose%20cicatricial.>> Acesso em 02/04/2023.

ADVOCACIA MARIA PESSOA. **Competições de Futebol Feminino: quais são as principais no Brasil?** Disponível em:

<<https://blog.advocaciamariapessoa.com.br/competicoes-de-futebol-feminino-quais-sao-as-principais-no-brasil/>> Acesso em 16/05/2023.

AGÊNCIA SENADO. **Sancionada lei de igualdade salarial entre mulheres e homens.** Disponível em:

<<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/07/04/sancionada-lei-de-igualdade-salarial-entre-mulheres-e-homens>> Acesso em 30/08/2023.

AGUIAR, Stefany Arruda; ANDRADE, Polyanna Peres; RODRIGUES, Carlos Manoel Lopes. **Maternidade e trabalho: revisão integrativa na produção nacional entre 2010 e 2020.** Trabalho (En) Cena, v. 8, n. Contínuo, p. e023005-e023005, 2023.

ALVES, Rafael. Entrevista I. [out. 2023]. Entrevistadora: Maria Eduarda Panizzi. Caxias do Sul, 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta pesquisa.

Andrade, C. de J., Praun, L., & Avoglia, H. R. C. (2020a). **Estratégias defensivas utilizadas frente à conciliação maternidade e trabalho: um olhar para as profissionais da educação.** Brazilian Journal of Development, 6(6), 35436–35452.

Andrade, C. de J., Praun, L., & Avoglia, H. R. C. (2020b). **O trabalho para mulheres egressas da licença maternidade: (re)pensando as transformações profissionais no contexto de educação.** Semina: Ciências Sociais e Humanas, 41(2), 249-264.

BAGATINI, Olga. Entrevista I. [out. 2023]. Entrevistadora: Maria Eduarda Panizzi. Caxias do Sul, 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta pesquisa.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo.** - São Paulo: Contexto, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo.** Tradução Sérgio Milliet - 2.ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

BONFIM, Aira Fernandes. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915,1941).** Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

BORELLI, Viviane. **Cobertura midiática de acontecimentos esportivos: uma breve revisão de estudos**. Intercom, p. 1-15, 2001.

Brasil (1943). **Decreto-lei Nº 5.452, de 1º de maio de 1943: Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho**. Brasil.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMARGO, Vera Regina Toledo. **O movimento olímpico e os meios de comunicação de massa: a interdependência e a perpetuação do mito esportivo**. in Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, setembro de 1999.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues (Org). **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: SEPE, 2000.

CARVALHO, Sérgio. Esporte e Jornalismo. In: TAMBUCCI, P.L. & OLIVEIRA, J.G.M.de & COELHO SOBRINHO, J. (orgs.) **Esporte & Jornalismo** - São Paulo, CEPEUSP, 1997.

CBF. **Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino A-3 - 2023**. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/competicoes/campeonato-brasileiro-feminino-a3>> Acesso em 16/05/2023.

CBF. **CBF divulga Regulamento Específico e Tabela Detalhada do Brasileiro Feminino Biance A-2**. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/campeonato-brasileiro-feminino/cbf-divulga-regulamento-especifico-e-tabela-basica-do-brasileiro-feminino#:~:text=A%20competi%C3%A7%C3%A3o%20ser%C3%A1%20disputada%20em,na%20semifinal%20e%20na%20final.>> Acesso em: 16/05/2023.

Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf> Acesso em 26/03/2023.

COELHO, Nariana; MUZART, Zahidé Lupinacci (Orgs.). **Evolução do feminismo: subsídios para a sua história**. 2 ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. Editora Contexto, 2003.

COELHO SOBRINHO, José; MARIZ DE OLIVEIRA, José Guilmar; TAMBUCCI, Pascoal Luiz. **Esporte e Jornalismo**. São Paulo: CEPEUSP/ECA-USP, 1997.

Conselho Nacional de Justiça. — Brasília: **Conselho Nacional de Justiça** — CNJ; Escola Nacional de Formação e Aperfeiçoamento de Magistrados — Enfam, 2021, p. 21.

CORDEIRO, Rodrigo. Entrevista I. [out. 2023]. Entrevistadora: Maria Eduarda Panizzi. Caxias do Sul, 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta pesquisa.

COSTA, Kelly. Entrevista I. [out. 2023]. Entrevistadora: Maria Eduarda Panizzi. Caxias do Sul, 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta pesquisa.

COTRIM, Luisa Rabioglio; TEIXEIRA, Marilane; PRONI, Marcelo Weishaupt. **Desigualdade de gênero no mercado de trabalho formal no Brasil**. Instituto de Economia, Unicamp, 2020.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2007.

DAOLIO, Jocimar. **As contradições do futebol brasileiro. Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 29-44, 2000.

DICIO. **Significado de Machismo**. Disponível em:
<<https://www.dicio.com.br/machismo/>> Acesso em 24/08/2023.

DIEHLL, Astor; TATIM, Denise. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.

DRUMONT, M.P. **Elementos para uma análise do machismo**. Perspectivas, São Paulo, 3: 81-85, 1980.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 5. reimpr. - São Paulo: Atlas, 2011.

EL PAÍS. **Da proibição à obrigação, o futebol feminino desafia os clubes brasileiros em 2019**. Disponível em:
<https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/11/deportes/1555012178_170838.html>
Acesso em 16/05/2023.

EL PAÍS. **CBF anuncia igualdade de pagamento de diárias para as seleções de Marta e Neymar**. Disponível em:
<<https://brasil.elpais.com/esportes/2020-09-03/cbf-anuncia-igualdade-de-pagamento-de-diarias-para-as-selecoes-de-marta-e-neymar.html>> Acesso em 05/09/2023.

ÉPOCA NEGÓCIOS. **Diferença salarial entre homens e mulheres vai a 22%, aponta IBGE**. Disponível em:
<<https://epocanegocios.globo.com/brasil/noticia/2023/03/diferenca-salarial-entre-homens-e-mulheres-vai-a-22-aponta-ibge.ghtml>> Acesso em 15/03/2023.

ETIMOLOGIA. **Etimologia de metodologia**. Disponível em:
<<https://etimologia.com.br/metodologia/>> Acesso em 27/04/2023.

ESPN. **Para jogar Libertadores masculina, clubes terão que montar time feminino**. Disponível em:
<http://www.espn.com.br/noticia/635254_para-jogar-libertadores-masculina-clubes-terao-que-montar-time-feminino> Acesso em 16/05/2023.

EXAME. **56% das mulheres foram demitidas ou conhecem quem foi desligada após licença-maternidade.** Disponível em:
<<https://exame.com/carreira/56-das-mulheres-foram-demitidas-ou-conhecem-quem-foi-desligada-apos-licenca-maternidade/>> Acesso em 31/08/2023.

FIGUEIREDO, Nélia. **Método e Metodologia na pesquisa científica.** 2. ed. São Paulo: Yendis, 2007.

FILHO, Lino Castellani. Esporte e Mulher. In: TAMBUCCI, P.L. & OLIVEIRA, J.G.M.de & COELHO SOBRINHO, J. (orgs.) **Esporte & Jornalismo** - São Paulo, CEPEUSP, 1997.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro.** Rio de Janeiro, Mauad, 2003.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Mulheres ganham até menos de um quinto do que homens na seleção.** Disponível em:
<<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2017/10/1923731-mulheres-ganham-ate-menos-de-um-quineto-do-que-homens-na-selecao.shtml>> Acesso em: 05/09/2023.

FOLHA DE SÃO PAULO. **História da Folha.** Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml?fill=4> Acesso em 11/09/2023.

FONSECA, O. Esporte e Crônica Esportiva. In: TAMBUCCI, P.L. & OLIVEIRA, J.G.M.de & COELHO SOBRINHO, J. (orgs.) **Esporte & Jornalismo** - São Paulo, CEPEUSP, 1997.

FOURFOUR TWO. **Ranked! The 10 best Brazilian players ever.** Disponível em:
<<https://www.fourfourtwo.com/features/ranked-the-best-brazilian-players-ever-footballers-all-time>> Acesso em 09/04/2023.

FREITAS, Carolina. Entrevista I. [out. 2023]. Entrevistadora: Maria Eduarda Panizzi. Caxias do Sul, 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta pesquisa.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo.** São Paulo : Claridade, 2011. 120 p. : il. - (Saber de tudo).

GARCIA, C. F., & Viecili, J. (2018). **Implicações do retorno ao trabalho após licença-maternidade na rotina e no trabalho da mulher.** Fractal: Revista de Psicologia, 30(2), 271–280.

GAZETA ESPORTIVA. **A Gazeta Esportiva, 70 anos.** Disponível em:
<<https://www.gazetaesportiva.com/especiais/gazeta-esportiva-70-anos/>> Acesso em 11/09/2023.

GE. **CBF quer obrigatoriedade de time feminino em clubes das quatro séries do futebol brasileiro.** Disponível em:
<<https://ge.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/2023/02/08/cbf-quer-obrigatorie>>

dade-de-time-feminino-em-clubes-das-quatro-series-do-futebol-brasileiro.ghtml>
Acesso em 16/05/2023.

GE. **Corinthians leva 42 mil pessoas à Arena e retoma recorde de público no futebol feminino.** Disponível em:

<<https://ge.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2023/09/10/corinthians-leva-42-mil-pessoas-a-arena-e-retoma-recorde-de-publico-no-futebol-feminino.ghtml>>

Acesso em 12/9/2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país** - São Paulo: Contexto, 2009.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

GZH. **Tudo o que você precisa saber para acompanhar o Brasileirão Feminino.**

Disponível em:

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2022/03/tudo-o-que-voce-precisa-saber-para-acompanhar-o-brasileirao-feminino-ckzxgv7nc0058017pynftjb9b.html>>

Acesso em 16/05/2023.

HELAL, Ronaldo. **Cultura e idolatria: ilusão, consumo e fantasia in Cultura e Imaginário: interpretação de filmes e pesquisa de idéias.** ROCHA, E. (org.), 1998.

JANKE, Thaigor. Entrevista I. [out. 2023]. Entrevistadora: Maria Eduarda Panizzi. Caxias do Sul, 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta pesquisa.

KESSLER, Cláudia Samuel. **Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol** - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

KESSLER, Cláudia Samuel & COSTA, Leda Maria da & PISANI, Mariane da Silva. **As mulheres no universo do futebol brasileiro** - Santa Maria, RS : Ed. UFSM, 2022.

LANCE! **Cazé TV atinge um milhão de pessoas no YouTube e bate recorde mundial de audiência.** Disponível em:

<<https://www.lance.com.br/fora-de-campo/caze-tv-atinge-marca-de-um-milhao-de-pessoas-no-youtube-e-bate-recorde-mundial-de-audiencia.html>> Acesso em 10/11/2023.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Porto Alegre : Artmed : Belo Horizonte: Editora UFMQ 1999.

LOBATO, Monteiro. **Contos Leves: Cidades Mortas, Negrinha e Macaco que se Fez Homem.** Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional, 1941, p. 258.

MACHADO, Bárbara Araújo; PINHEIRO, Camila Fernandes. **Relações de gênero e trabalho: história e teoria**. Curitiba : Editora Intersaberes, 2022.

MÁQUINA DO ESPORTE. **Onde assistir aos jogos da Copa do Mundo Feminina 2023**. Disponível em: <<https://maquinadoesporte.com.br/futebol/copa-mundo-feminina-2023/onde-assistir-aos-jogos-da-copa-do-mundo-feminina-2023/>> Acesso em 12/09/2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas; 2005.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 2003.

MARTINS, Franklin. **Jornalismo Político**. 1. reimpressão - São Paulo : Contexto, 2005.

MARTINS, Leonardo Tavares; MORAES, Laura. **O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata**. Pensar a Prática, v. 10, n. 1, p. 69-82, 2007.

MÁXIMO, João. **Memórias do futebol brasileiro**. Estudos Avançados, v. 13, p. 179-188, 1999.

MELLO, Cleyson de Moraes; BORDINHÃO, Patrícia. **(Des)Igualdade de Gênero**. Rio de Janeiro: Processo, 2023.

MOLINA, Bianca. Entrevista I. [out. 2023]. Entrevistadora: Maria Eduarda Panizzi. Caxias do Sul, 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta pesquisa.

MORAES, Enny Vieira. **O gramado como espaço de disputa entre gêneros: alguns aspectos sobre a história do futebol feminino no Brasil**. In: KESSLER, Cláudia Samuel. **Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol** - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

MORAES, Fabiana. **Ativismo, isenção e subjetividade: sobre um jornalismo que ainda não ousa dizer os nomes**. 17º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, v. 17, 2019.

MORESI, Eduardo et al. **Metodologia da pesquisa**. Brasília: Universidade Católica de Brasília, v. 108, n. 24, p. 5, 2003.

MUSEU DO FUTEBOL. **História do Lance!: projeto prático do jornalismo esportivo**. Disponível em: <<https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/490155/>> Acesso em 11/09/2023.

NUNES, Ginete Cavalcante; NASCIMENTO, Maria Cristina Delmondes; DE ALENCAR, Maria Aparecida Carvalho. **Pesquisa científica: conceitos básicos**. ID on line. Revista de psicologia, v. 10, n. 29, p. 144-151, 2016.

O GLOBO. **O Globo Sportivo**. Disponível em:
<<https://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/esportes/o-globo-sportivo-9075763>>
Acesso em 11/09/2023.

OLIVIER, Diogo. Entrevista I. [out. 2023]. Entrevistadora: Maria Eduarda Panizzi. Caxias do Sul, 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta pesquisa.

Organização Internacional do Trabalho (2015). **Progress on gender equality at work remains inadequate**. OIT. Disponível em:
<https://www.ilo.org/global/about-the-ilo/newsroom/news/WCMS_348035/lang--en/index.htm> Acesso em 09/09/2023.

PACHECO, Raony. Entrevista I. [out. 2023]. Entrevistadora: Maria Eduarda Panizzi. Caxias do Sul, 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta pesquisa.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa: Abordagem teórico-prática** – Campinas, SP: Papyrus, 2018. – Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

PAVIANI, Jayme. **Epistemologia prática: ensino e conhecimento científico**. 2. ed. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2013.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. - 3. ed., 6ª reimpressão. - São Paulo : Contexto, 2021.

PERAGENE, Fábio. **O princípio da igualdade de gêneros no esporte**. Rio de Janeiro: Processo, 2022.

PLANALTO. **Lei nº 14.192, de 4 de agosto de 2021**. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14192.htm#:~:text=de%20campanha%20eleitoral.,Art.,Par%C3%A1grafo%20%C3%BAnico.> Acesso em 11/09/2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REOLON, Maurício. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Maria Eduarda Panizzi. Caxias do Sul, 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta pesquisa.

RODRIGUES, Quetelin. Entrevista I. [out. 2023]. Entrevistadora: Maria Eduarda Panizzi. Caxias do Sul, 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta pesquisa.

SARTORI, Tríssia Ordovás. Entrevista I. [out. 2023]. Entrevistadora: Maria Eduarda Panizzi. Caxias do Sul, 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta pesquisa.

SEGGIARO, F. B. (2017). **Mulheres no mercado de trabalho: análise das dificuldades de gênero enfrentadas pelas mulheres do Século XXI**. Administração Do Sul, 2(2), 83-107.

SENADO FEDERAL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em:
<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf> Acesso em 04/09/2023.

SIGNIFICADOS. **O que é o fair play no esporte**. Disponível em:
<<https://www.significados.com.br/fair-play/>> Acesso em 10/07/2023.

SILVA, Giovana Capucim e. **Jogar é resistir: práticas do futebol por mulheres durante sua proibição**. In: Cláudia Samuel & COSTA, Leda Maria da & PISANI, Mariane da Silva. **As mulheres no universo do futebol brasileiro** - Santa Maria, RS : Ed. UFSM, 2022.

SILVA, Juremir Machado da; LARANGEIRA, Álvaro. **Teorias do jornalismo – A hipótese do mediador complexo: da isenção (possível) à independência (necessária)**. Galáxia (São Paulo), v. 47, 2022.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. **Memória, história e poder: a implantação dos meios de comunicação no Brasil**. Logos, v. 4, n. 2, p. 5-10, 1997.

SOUZA, Denaldo. **O Brasil entra em campo: construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)**. São Paulo: Annablume, 2008.

STERKENBURG, J. e KNOPPERS, A. **Dominant discourses about race/ethnicity and gender in sport practice and performance**. International Review for the Sociology of Sport, London, v. 39, n. 3, p. 301-321, 2004.

TERRA. **Cotas: como funciona o sistema de cotas no Brasil**. Disponível em:
<<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/cotas-como-funciona-o-sistema-de-cotas-no-brasil,0796bded40782e05f73d30f8f498ae49vsviiejh.html>> Acesso em 27/10/2023.

TERCEIRO TEMPO. **Revista Placar**. Disponível em:
<<https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/revista-placar-5809#:~:text=Placar%2C%20principal%20revista%20esportiva%20do,com%20Jo%C3%A3o%20Saldanha%20como%20treinador.>> Acesso em 11/09/2023.

TJDFT. **Diferença entre Igualdade e Equidade**. Disponível em:
<<https://www.tjdft.jus.br/acessibilidade/publicacoes/sementes-da-equidade/diferenca-entre-igualdade-e-equidade#:~:text=A%20igualdade%20%C3%A9%20baseada%20>

no, preciso%20ajustar%20esse%20%E2%80%9Cdesequil%C3%ADbrio%E2%80%9D> Acesso em 29/03/2023.

TRALCI FILHO, Marcio Antonio; ARAUJO, Sérgio Estevam Carlos de. **As possíveis relações entre os feminismos e as práticas esportivas**. In: RUBIO, Katia (ed.). As mulheres e o esporte olímpico brasileiro. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.p. 17-42.

TREVISAN, Márcio. **A história do futebol para quem tem pressa**. 1. ed. - Rio de Janeiro: Valentina, 2019.

UNICEF. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>> Acesso em 11/09/2023.

UOL. **A hora do futebol feminino?** Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/cbf-e-conmebol-obrigam-clubes-a-ter-times-femininos-sera-que-agora-vai/#a-hora-do-futebol-feminino?cmpid=copiaecola>> Acesso em 16/05/2023.

UOL. **O crescimento do futebol feminino no Brasil e a luta das mulheres por melhores condições**. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/o-crescimento-do-futebol-feminino-no-brasil-e-a-luta-das-mulheres-por-melhores-condicoes/#cover>> Acesso em 12/09/2023.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia da pesquisa** - Florianópolis : SEaD/UFSC, 2006.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Estudos culturais de gênero e estética da recepção: leitura na perspectiva feminina**. Nonada: Letras em Revista, v. 2, n. 19, p. 145-157, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Entrevistas transcritas

ENTREVISTA COM A JORNALISTA CAROLINA FREITAS

A entrevista com a profissional foi realizada através da plataforma Google Meet no dia 10 de outubro de 2023.

Pergunta: De um modo geral, quais são as principais diferenças que você percebe entre o tratamento direcionado aos gêneros feminino e masculino no futebol brasileiro?

Resposta: Eu acho que se a gente fizer um recorte especialmente aqui, para nossa realidade, a gente vê o futebol feminino recebendo na mídia um espaço de atenção de torcedores e de todo mundo que está envolvido no meio do futebol quando são grandes competições. Agora em outubro tem a disputa da Libertadores Feminina com as Gurias Coloradas, e agora se vê mais veículos de comunicação fazendo transmissão dos jogos das Gurias Coloradas, indo em busca de informações. Mas quando começou o ano, lá com a disputa da Supercopa do Brasil, que o Inter também disputou, era uma realidade completamente diferente. Quando foi a apresentação das Gurias Coloradas no início desse ano, tinha quatro pessoas lá na coletiva de apresentação: eu e a Valéria aqui da Zero Hora e da Rádio Gaúcha, a Camila Barbieri da RBS TV, e a Nani Quemelo da Rádio Inferno. E se a gente comparar com o ano passado, quando o Inter chegou na final do Brasileirão Feminino, a sala de imprensa estava lotada. Qual é a diferença? Os grandes veículos vão acompanhar o futebol feminino quando é uma grande decisão, porque aí que dá lucro. Então não há esse entendimento ainda, infelizmente, na minha visão, de quem está acima de nós, de que precisa de um acompanhamento desde a competição de base, que a gente faz no masculino e que a gente não faz no feminino. Então, por exemplo, temos a disputa de todas as competições masculinas: Brasileirão sub-20 masculino, Copa do Brasil sub-20 masculina. A gente não faz um acompanhamento realmente desde o começo, mas quando chega mais perto das decisões e a gente tem Grêmio e Inter, aí é uma realidade. “Vamos fazer matéria

sobre isso, sobre aquilo, vamos mandar o fulano lá para o jogo”. No feminino é diferente. O feminino a gente tem as Gurias Coloradas bicampeãs do Brasileirão feminino sub-20 e eu acompanhei os jogos decisivos delas, mas muito naquela de “Ah, por favor, vamos deixar, né? Eu posso ir, por favor? Eu posso vir fora do meu horário, não tem problema. Vamos dar um jeito nisso”. Porque é uma realidade muito diferente. Eu concordo que o futebol feminino ainda não dá o retorno de audiência, nesse caso comparado ao masculino. Mas nunca vai dar se a gente não der esse “incentivo” para que o leitor acompanhe, consuma o que a gente está produzindo. Então eu parto muito desse princípio de que não é uma prioridade da empresa. Eu sei disso, já entendi isso. Eu já entendi que o futebol feminino não é uma prioridade e que, se há uma grande competição envolvendo a dupla Gre-Nal, ou se é clássico Gre-Nal, ou se é qualquer coisa que envolva o masculino no mesmo dia que teve feminino, a prioridade vai ser esse jogo do masculino. Mas eu entendo também que se a gente não começar a fazer as competições desde o Gauchão feminino sub-17, que está acontecendo agora e está na semifinais, e a própria Federação não faz questão de divulgar a competição, não faz questão de mandar informações para imprensa, não faz questão de ajudar a vender o seu próprio produto, a gente nunca vai chegar em lugar nenhum. Então eu parto muito desse princípio de que eu não não tenho nenhuma pretensão de mudar o mundo, mas eu acho que as poucas coisas que a gente faz podem dar algum resultado e mudar alguma coisinha muito pequena na vida de quem está disputando essas competições. Então eu acho que é muito nesse viés. A gente tem uma diferença muito colossal em comparação com o masculino, mas é um processo. Só vai dar audiência no futebol feminino, como dá o masculino, se a gente começar do começo.

Pergunta: Na sua opinião, a imprensa brasileira direciona a mesma visibilidade para o futebol de homens e de mulheres? E qual a sua opinião sobre essa questão na região onde tu atua?

Resposta: É muito diferente, né? Eu acho que a gente tem pessoas muito fortes que fazem futebol feminino, que fazem as coisas acontecer. A Dibradoras, por exemplo, com a Renata Mendonça que agora está no SporTV. A gente vê a diferença quando é uma transmissão de futebol feminino com Renata Mendonça, Aline Calandrini, Isabelle Morais, Natália Lara, para outros colegas homens que não

sabem o básico. Não há nenhum interesse de se preparar para as partidas. Então acho que parte muito também da imprensa ter esse interesse de fazer o futebol feminino, ter espaço, e de como indivíduos também. Acho que os veículos precisam colocar as competições para que as pessoas tenham acesso mais fácil. No Brasileirão Feminino, por exemplo, da Série A-1, a primeira fase, a Rede Globo comprou os direitos nessa temporada, porque até o ano passado era da Band. Então a Band sempre transmitia um jogo no sábado e um domingo, ou ao contrário. E a Globo esse ano comprou os direitos, então era 100% de direitos da Globo. E aí parou de ter na TV aberta durante a primeira fase e também optou-se por transmitir um, dois jogos nessa etapa inicial. Acho que a gente está muito atrás também e acho que vai muito de um geral por interesse dos veículos, de quem manda mesmo, e de quem está à frente também, de quem vai dar a cara ali para fazer as competições e muitas vezes não faz questão de se preparar mesmo. E aí fica nesse negócio que é muito desvalorizado a respeito do futebol feminino, na minha opinião, claro. Em Porto Alegre eu acho que a gente caminha para uma coisa muito melhor do que a gente já teve. Agora, por exemplo, na Libertadores Feminina, todos os jogos das gurias tiveram transmissão. No Gauchão Feminino, a gente teve o Gre-Nal com transmissão, mas acho que a gente está muito atrás ainda. E daí pode ser uma questão também por eu ser do interior e por eu ver essa realidade no masculino em relação aos times do interior. Porque a gente vê a dupla Gre-Nal com uma visibilidade maior, porque é a dupla Gre-Nal, traz mais audiência, obviamente. Mas e aí com os times do interior na primeira fase do Gauchão, por exemplo, a primeira fase do Gauchão foi completamente ignorada pelos grandes veículos. A gente fez cobertura aqui em GZH e eu posso dizer, com certeza absoluta, que todas as matérias da primeira fase do Gauchão Feminino foram feitas por mim. Todas as matérias envolvendo a primeira fase eram só times do interior, então não havia interesse. Houve o interesse a partir da segunda fase, aí entrando a dupla Gre-Nal. Então “o que faremos a partir dessa segunda fase?”. E aí eu falei “olha, o Gauchão não começou agora. Ele teve seis rodadas antes de chegar a esse momento em que a gente tem a participação da dupla Gre-Nal. Então eu acho que aqui em Porto Alegre a gente tem muito a realidade de que futebol feminino é dupla Gre-Nal, mas não é assim que funciona. Pelo menos para mim não é. Então nessa temporada de 2023, a gente teve o Juventude disputando a série A-3 do Brasileirão. Eu fiz a cobertura de todos os jogos das gurias, estive na maioria deles presencialmente. Na

estreia, que foi lá em Criciúma, eu fui para Criciúma. Eu pedi uma folga para ir para Criciúma, porque não era uma prioridade da empresa. Então eu sabia que se eu pedisse para ir via empresa, não ia dar certo. Então eu fui por minha própria conta em risco. No jogo decisivo contra o Pinda também fui para Pindamonhangaba por minha própria conta em risco e para fazer um acompanhamento mínimo do que estava acontecendo. Mas eu acho que a gente fica muito atrás, porque se fosse um time do futebol masculino disputando um acesso inédito para o futebol masculino do interior, ia ter um holofote maior, independente da divisão, e no feminino não. No futebol feminino, o acesso do Juventude teve um espaço mínimo em qualquer lugar. No site não, porque no site tu coloca o que pode, está liberado. Mas no impresso, por exemplo, no rádio, enfim, e citando também a Gaúcha Serra, porque os guris fizeram também um acompanhamento, fizeram um podcast especial, até me convidaram para participar, a gente tem uma cobertura bem inferior. Então eu acho que ainda há esse entendimento e, infelizmente, não é uma realidade só do futebol feminino, a gente sabe que no futebol masculino também, de que futebol é dupla Gre-Nal e os times do interior estão à parte.

Pergunta: O que precisa ser feito para que os homens e as mulheres recebam as mesmas oportunidades dentro do futebol?

Resposta: Eu acho que tem que ter uma mudança geral de visão, porque acho que, infelizmente, e daí isso não vale só pro futebol feminino, há uma visão muito machista ainda de que mulher não sabe jogar futebol, de que mulher não sabe comentar futebol, mulher não sabe fazer nada. Tudo que envolva o esporte, mulher não sabe fazer. A mulher está ali porque quer ver os homens, ou porque quer imitar os homens, ou porque quer ser igual aos homens. Não é porque tem méritos. Então eu acho que isso é um negócio que, na minha humilde visão, a gente vai mudar para as próximas gerações. Eu vejo essas gerações que estão vindo com uma cabeça mais aberta para entender que as coisas não são tão retrógradas assim. Acho que, infelizmente, a gente ainda ouve muita coisa absurda em rede social. É uma realidade muito diferente do futebol feminino para o masculino e tem um peso muito maior também. A gente pode falar de várias coisas. A gente pode falar dos clubes mesmo que fazem futebol feminino por obrigação. A maioria deles faz por obrigação. A gente pode partir desse princípio dos clubes, a gente pode partir do princípio do

torcedor, que às vezes não entende a importância de estar ali. A gente tem também os dirigentes dentro dos clubes, que além de alguns clubes fazerem por obrigação, a gente sabe que dentro dos clubes tem dirigentes que lutam contra, que torcem para que o futebol feminino não dê certo apenas para defender uma tese. Tem a própria imprensa que, em muitos lugares, quando as gurias do Juventude foram enfrentar o Criciúma, eu não encontrei ninguém que cobrisse o Criciúma lá na cidade. Não tinha um setorista que soubesse alguma informação sobre o Criciúma. O site do Clube também estava desatualizado. Foi a mesma coisa sobre o Toledo e a mesma coisa sobre o Pinda. A gente também cobra muito que os times façam e aconteçam no futebol feminino e a gente não faz a nossa parte, que é o mínimo. Acho que são muitos pontos. Tem também patrocinador, que aparece apenas em jogo grande, em competição grande. São muitas coisas que a gente precisa mudar: torcedor, clube, dirigente, imprensa. Muita coisa precisa melhorar, evoluir e, claro, eu vejo que muitas coisas estão evoluindo nos últimos anos e acho que também muito pela pressão mesmo, especialmente nos clubes grandes, que estão no topo e daí sofrem mais com a pressão, e aí a gente vê uma evolução. Mas falta muito ainda. A gente pode falar de muitas coisas de categoria de base, enfim, dá para fazer uma tese sobre isso, mas falta muito.

Pergunta: Qual é o papel do jornalista na tentativa de equalizar o tratamento entre os gêneros no futebol brasileiro?

Resposta: Acho que o nosso papel como imprensa é ofertar tanto, tanto, tanto, tanto, que um dia a pessoa vai dizer “eu vou abrir essa matéria para ver o que está acontecendo, porque tem tantas matérias dessas, que tem que ter alguma coisa boa nisso”. Então eu acho que o nosso papel como jornalista é ofertar. É a pessoa saber onde ela vai encontrar informação, ela saber que tem a informação, ela saber que o time vai disputar a competição, ela saber onde ela pode assistir a competição, ou como ela pode fazer para assistir in loco o jogo do seu time do coração. Acho que a nossa obrigação mínima é transmitir o que está acontecendo. E aí é em todas as competições. Então desde que eu estou aqui, todas as competições que envolvem os times gaúchos, a gente faz. Acho que o nosso papel como jornalista é, no mínimo, ofertar o que está acontecendo tanto a ponto de as pessoas terem interesse nisso. Aí tu vai cativando o consumidor para ele saber onde buscar e para ele

também virar fiel, se fidelizar para a gente. Eu sempre ressalto: não vai dar a audiência desejada ainda, mas um dia vai dar. É muito isso que eu espero. Que no futuro próximo seja muito mais fácil, mas por enquanto ainda não é assim tão fácil.

ENTREVISTA COM O JORNALISTA MAURÍCIO REOLON

A entrevista com o profissional foi realizada através da plataforma Zoom no dia 29 de setembro de 2023.

Pergunta: De um modo geral, quais são as principais diferenças que você percebe entre o tratamento direcionado aos gêneros feminino e masculino no futebol brasileiro?

Resposta: Eu acho que é uma construção que a gente está vendo no Brasil. Acho que o futebol feminino está construindo um espaço merecido e só agora a imprensa passou a valorizar da forma que seja um espaço valorizado. Mas acho que passa muito pela forma como as equipes estão conseguindo se estruturar. E a partir do momento que as equipes e os campeonatos se estruturam, seria óbvio que a mídia também se estruturasse para ter acompanhamentos das partidas da mesma forma. Eu ainda vejo que a forma quase “amadora” que eram feitos os campeonatos até 2010 fazia com que a cobertura fosse da mesma forma como é em outras modalidades, em que muitas vezes se acompanha só quando tem uma final, um jogo específico, algum evento específico, e não a trajetória toda. Eu acho que conforme vai se organizando, conforme os campeonatos vão sendo levados a sério, a cobertura tende também a se fortalecer. Eu ainda não consigo, por exemplo, ver se planejando uma cobertura diária do futebol feminino como é do masculino, porque é uma questão cultural, estrutural, que vem desde muito tempo atrás. Mas que bom que, aos pouquinhos, acho que é uma coisa que vai se fortalecendo. Do mesmo jeito que tinha o negócio de “não cobrimos outros esportes e só cobrimos o futebol masculino”, acho que o futebol feminino e outras modalidades femininas também já estão começando a ser inseridas num pacote de coberturas de uma forma muito mais solidificada pela estruturação dos campeonatos e pela forma como as equipes se estruturam. Eu acho que conforme vai se profissionalizando ou se estruturando as coisas, tudo tende a convergir para ter um tratamento se não igualitário, o mais próximo disso.

Pergunta: Na sua opinião, a imprensa brasileira direciona a mesma visibilidade para o futebol de homens e de mulheres? E qual a sua opinião sobre essa questão na região onde tu atua?

Resposta: Não, acho que não. Acho que é um pouco dessa mesma situação, uma evolução gradativa. Tomara que daqui a um curto espaço de tempo se tenha uma igualdade de tratamento. É legal hoje pensar que a grande mídia já tem um olhar diferente sobre o Campeonato Brasileiro, sobre a possibilidade de se transmitir uma Libertadores, essas principais competições, porque isso dá visibilidade para a modalidade. A Copa do Mundo, que não tinha uma cobertura como teve nesse ano, já dá uma visibilidade. Eu acho difícil ainda a gente ver em cinco, 10 anos, uma igualdade de cobertura, porque o futebol masculino é um negócio que já está enraizado, já faz parte da cultura do brasileiro. E o feminino, do mesmo jeito que, por mais que seja a mesma modalidade, eu vejo que a cobertura ainda é semelhante aos outros esportes. Vai depender muito dessa organização, dos resultados, infelizmente, porque, tipo, hoje o vôlei é muito visível porque teve resultado, o skate está na moda e tem muita transmissibilidade porque teve resultado. Então acho que passa um pouco sobre isso de ter uma estruturação da modalidade como um todo, dos clubes e, querendo ou não, acho que o resultado de uma seleção, das equipes em campeonatos internacionais, tudo isso pesa pra que quando se vá pensar “vamos transmitir o Campeonato Paulista Feminino de futebol ou o campeonato feminino de vôlei, qual que vai ter mais audiência? Qual vai ter mais representatividade?”, então acho que é o combo dessas coisas.

Pergunta: O que precisa ser feito para que os homens e as mulheres recebam as mesmas oportunidades dentro do futebol?

Resposta: Essa é uma boa pergunta, porque acho que também passa, não só no futebol, eu acho que passa em todas as modalidades. Depois de sei lá quantos anos, lembro que teve o anúncio de que as principais competições de tênis iriam receber os mesmos prêmios, os vencedores dos grand slams. E daí tu imagina que o tênis está muito na frente nesse aspecto, porque as competições femininas e masculinas são praticamente todas nos mesmos locais. E um cara como o Federer

ganhava muito mais do que a Serena Williams. Qual é a diferença? Sendo que são os mesmos torneios. E isso acho que já está sendo discutido em todas as modalidades. No futebol acho que a diferença é bizarra de pagamento de salários para homens e mulheres. E aí quando tu pensa que os principais times do masculino têm que, e esse é um ponto. Ter que ter time feminino é bom porque tu pressiona a valorizar, mas o “tem que” muitas vezes faz com que tenha o time porque precisa, ou porque é obrigatório, então vai sobrar a migalha da migalha. Tanto que tu vê que muitos times que têm que ter um time feminino dificilmente chegam tão fortes no nível feminino quanto no masculino. Acho que as oportunidades, assim como tudo no futebol, passam também por investimento. Então se tu investe mais, muito mais, no masculino em relação feminino, não tem como esperar que se tenha o mesmo resultado dos dois. Acho que no momento em que se vê, ou que se trabalhe de uma forma separada, tu vai conseguir dar um nível de oportunidade semelhante, porque se for pra “ah, só vamos ter o futebol feminino porque é uma obrigação”, aí a tendência é que isso não se fortaleça. Quando um time cai da série A para a série B do masculino, o que acaba é o feminino. A primeira coisa que é cortada não é masculino porque caiu. Esse é o pior e ainda é muito realidade.

Pergunta: Qual é o papel do jornalista na tentativa de equalizar o tratamento entre os gêneros no futebol brasileiro?

Resposta: Eu, particularmente, tento ser o mais propulsor das ideias, de tentar auxiliar de alguma forma para que esse processo ocorra de uma forma mais rápida. Por mais que não dependa 100% de mim ou do repórter, daqui a pouco a gente não teria essa visibilidade no Rio Grande do Sul se não fosse a Carol e a Valéria para abraçarem a causa. Mas também, ao mesmo tempo, não adiantaria ter a Carol e a Valéria se o editor da Zero Hora, se o editor do Pioneiro, ou o editor de esporte da RBS como um todo, não comprassem a ideia do futebol feminino como um produto. Acho que a função é tentar auxiliar nesse processo de que estamos no começo de uma nova história e podemos fazer algo melhor. Para fazer uma história diferente a gente tem que tentar pensar um pouco fora da caixa e contar histórias de outras pessoas e de outras modalidades, incluindo o futebol feminino nesse pacote.

ENTREVISTA COM O JORNALISTA RODRIGO CORDEIRO

A entrevista com o profissional foi realizada através da plataforma Google Meet no dia 13 de outubro de 2023.

Pergunta: De um modo geral, quais são as principais diferenças que você percebe entre o tratamento direcionado aos gêneros feminino e masculino no futebol brasileiro?

Resposta: Eu acho que o tratamento, além da imprensa, vem da própria Confederação Brasileira de Futebol. Eu acho que já parte desse princípio de que o órgão que organiza as competições, que é responsável por gerir o calendário brasileiro, já não dá essa oportunidade de participação aos clubes. Acho que a CBF não oportuniza aos clubes essa possibilidade de estimular o futebol feminino. Recentemente teve aquela determinação de que clubes da primeira divisão deveriam ter equipes femininas. A partir daí se começou realmente a ter um calendário, mas é algo que me parece para cumprir tabela, por obrigação. Então acho que, no momento em que a própria entidade responsável por gerir o futebol do país por muito tempo fechou os olhos para essa questão, acaba sendo um efeito cascata. A sociedade, de certa maneira, não se importa. A imprensa também fecha os olhos. Havia coberturas muito específicas e esporádicas sobre futebol feminino questão de cinco, seis anos atrás, de “clube abriu o departamento feminino” e por si só isso já era notícia, porque era algo bastante incomum. Então eu acho que a grande diferença na situação do futebol feminino e masculino no país, que diferencia bastante essa realidade entre cada uma das modalidades, parte da CBF. Eu tenho essa impressão. E a partir daí tem esse efeito cascata que todo mundo acaba tentando fechar os olhos e não se envolver tanto para desmistificar várias coisas e estimular realmente que o futebol feminino se torne cada vez maior.

Pergunta: Na sua opinião, a imprensa brasileira direciona a mesma visibilidade para o futebol de homens e de mulheres? E qual a sua opinião sobre essa questão na região onde tu atua?

Resposta: Com certeza não. Eu acho que é algo que a partir, talvez da Copa do Mundo, um pouco antes ali, tenha se começado a dar um pouco mais de espaço. Mas a cobertura é inegavelmente muito inferior. Há pouco tempo, não se transmitiam os jogos de futebol feminino. Havia notícias muito esporádicas de Campeonato Brasileiro, quem ganhou, quem venceu e tal. Muitas vezes até sem entrar em detalhe de nome de atletas, quem fez gol, até para ter essa valorização pessoal também das atletas. Era uma cobertura realmente muito pequena, era só um registro que era feito. Do ano passado para cá, talvez a cobertura tenha ficado um pouco mais intensa e se procurado trabalhar o futebol feminino também com um outro olhar. Não só na questão de transmissão de jogos, de estímulo para a Copa do Mundo. Mas eu acho que é algo que eu, particularmente, acho que o esporte serve muito para isso, para contar histórias de pessoas, contar histórias de superação, de desejos, de sonhos realizados, de pessoas que não teriam de repente uma chance de um crescimento profissional, e encontram no esporte essa possibilidade. Então acho que, a partir também desse olhar que é dado para o futebol feminino, a cobertura tende a crescer a partir de agora, para realmente mostrar que não dá para fechar os olhos, de que há o futebol feminino, e há um futebol feminino que está se tornando cada vez mais forte, organizado. Antes muito muito construído por pessoas pioneiras, resilientes, que, apesar de tudo, ainda organizavam departamentos nos clubes ou abriam equipes exclusivamente femininas, ou as meninas que trabalhavam e à noite iam treinar. Então eram pequenos exemplos em vários lugares diferentes, que agora eu acho que conseguem todos se unir em prol da modalidade. Acho que a partir daí tende a ter uma cobertura um pouco mais expressiva na mídia. Acho que é o caminho, ou pelo menos deve ser o caminho. Em Caxias eu acho que ainda é muito precário, e eu faço uma meia culpa também muito em relação a isso. Hoje a gente acaba que, por exemplo, o futebol feminino é assunto realmente quando tem Campeonato Gaúcho ou o Brasileiro, mas acho que ainda é algo muito pequeno. Eu acho que o futebol feminino em Caxias e na Serra proporciona uma abrangência mais variada de assuntos que, muitas vezes, a gente não consegue ou por termos outras “prioridades” do calendário do futebol masculino, que ainda é o carro-chefe e é o que realmente as pessoas nos param na rua, querem ver, querem saber, querem perguntar. Mas acho que o nosso papel é ir introduzindo cada vez mais conteúdos do futebol feminino justamente para o nosso papel de modificar a sociedade, de transformar a sociedade para realmente colocar o futebol feminino

numa vitrine e estimular não só a participação de novas atletas, mas o público em geral para acompanhar os jogos. Então eu acho que em Caxias há espaço para isso. Já temos uma organização maior do próprio Juventude sendo destaque em Campeonatos Gaúchos e agora com o acesso à segunda divisão do Brasileiro. O Brasil também, em Farroupilha, lutando contra tudo e contra todos para manter o departamento feminino aberto já há tanto tempo. Então acho que há possibilidades. E acaba sendo uma união de esforços tanto dos clubes, quanto da imprensa mostrando essas atitudes para desenvolver o esporte por aqui.

Pergunta: O que precisa ser feito para que os homens e as mulheres recebam as mesmas oportunidades dentro do futebol?

Resposta: Eu acho que é muito uma ruptura, porque, ao mesmo tempo, acho que aquela crítica que eu fiz à CBF vale muito para clubes que abrem um departamento feminino pela obrigação de ter. Então acho que já é uma mudança realmente de pensamento, de raciocínio. Não só entregar porque “é obrigado”, mas entregar porque há mercado, entregar porque há público para isso, entregar porque há várias mulheres que querem jogar futebol, que têm talento para jogar futebol e têm histórias por trás da vida dessas pessoas que também merecem ser valorizadas. Então acho que o único jeito realmente é uma ruptura total. Acho que o futebol feminino, hoje em dia, é muito nessa base de ter que provar. Primeiro se parte daquele pressuposto de que mulher não entende de futebol, então é sempre a mulher precisando provar que gosta de futebol, que acompanha futebol, que entende de futebol, que sabe jogar futebol, que merece ter espaço no futebol. Então eu acho que por causa disso precisa ter uma ruptura total no pensamento de quem hoje gere os clubes e gere entidades e até da própria imprensa mesmo de que é algo que já está posto. O futebol feminino existe e agora o que se precisa é trabalhar para valorização realmente do esporte, para que haja cada vez mais espaço para que mulheres joguem, para que clubes se destaquem, para que pessoas possam ir para arquibancadas assistir, apoiar. Por isso que eu penso em ruptura, porque acho que ainda está muito enraizado aquele pensamento de que o lugar da mulher não é num campo.

Pergunta: Qual é o papel do jornalista na tentativa de equalizar o tratamento entre os gêneros no futebol brasileiro?

Resposta: Eu acho que o jornalista tem papel fundamental. Acho que em primeiro lugar pela nossa obrigação como profissionais de colocar isso em debate. Eu acho que parte muito da gente estimular essa discussão. No momento que a gente mostra que há espaço para o futebol feminino, que há pessoas, há mulheres jogando e há possibilidade de campeonatos serem organizados, de certa maneira, a gente já faz uma crítica a essa inércia de dirigentes e de confederações. Então acho que parte da gente realmente estimular essa discussão, de fomentar essa discussão de várias formas, mostrando, realmente, que há espaço para isso, mostrando as pessoas que se organizam para formar clubes, formar equipes. Acho que a gente tem um papel fundamental. Acho que a imprensa tem esse poder hoje de fomentar essa discussão, de levar essa discussão para a sociedade, e a sociedade, de certa maneira, pressionar clubes. A pessoa que está assistindo pode pressionar o clube que torce para criar um departamento, para investir ainda mais no departamento, se é que ele já existe, e os clubes de certa maneira se organizarem, se fortalecerem e pressionarem as organizações para se que construa um calendário ainda mais completo, que preveja mais jogos, mais campeonatos propriamente dito ditos, mais vagas para clubes. Eu acho que isso é algo que ainda está muito incipiente no país e que a imprensa tem total condições de promover esse debate.

ENTREVISTA COM A JORNALISTA TRÍSSIA ORDOVÁS SARTORI

A entrevista com a profissional foi realizada através da plataforma Zoom no dia 3 de outubro de 2023.

Pergunta: De um modo geral, quais são as principais diferenças que você percebe entre o tratamento direcionado aos gêneros feminino e masculino no futebol brasileiro?

Resposta: Existe um abismo entre as duas realidades. Primeiro em relação ao espaço, em relação ao acompanhamento, embora agora comece a surgir um pouco. Imagina, eu estou há 20 anos no jornal e agora nos últimos talvez dois anos que a gente começa a perceber alguma coisa em relação ao futebol feminino, cobrir futebol feminino, cobrir campeonato. Agora a Copa teve uma atenção maior do futebol feminino, mas é muito desproporcional. A gente não faz acompanhamento do dia a dia, por exemplo, do futebol feminino. Então pouca gente deve saber quem são as atletas, quem joga no Ju, quem são as gurias. Faz muito menos parte do universo de todo mundo, então o tratamento é muito diferente, embora eu já veja pequenos sinais de melhora. Durante muito tempo foi como se o futebol feminino não existisse, foi completamente ignorado, a Marta ainda dava alguma esperança de que pudesse ser diferente porque, enfim, surgiu uma mulher que era muito maravilhosa e isso talvez começou a chamar atenção. Mas mesmo assim, como era ela a única super maravilhosa, ainda não tinha esse prestígio e ainda não tem. Tem muita gente que fala “ai, que saco, futebol feminino não tem graça. Não é a mesma coisa” como se fosse um esporte ligado ao gênero e não ligado ao esporte, isso que é mais curioso. Então o tratamento é muito proporcional. Qualquer jornal grande tem times principais, mesmo o Pioneiro, tem a página do Caxias, página do Juventude. O futebol feminino é um espaço menor, é só um registro, a não ser que seja uma coisa, assim que ganhou o campeonato, conseguiu se classificar, daí até aumenta um pouco o espaço, mas é muito diferente. Acho que também parte um pouco do interesse dos profissionais, porque normalmente quem faz esporte, faz esporte porque gosta de futebol. Os guris que vão para editoria de esporte porque acompanham, porque jogavam, porque jogavam futebol de botão com o vô, porque sabem todas as escalações do Palmeiras de 1975, sei lá, e daí acabam indo para

esse universo e naturalmente se interessam pelo futebol que eles estão acostumados a assistir. Acho que agora, eu vejo a Carol Freitas, que tinha bastante afinidade, daí eu acho que ela meio que, talvez, nunca falei com ela sobre isso, mas não sei se meio que encampou esse movimento de valorização do futebol feminino e naturalmente vai fazendo com que tenha um espaço para isso. Acho que parte muito mais dos profissionais interessados, com afinidade no futebol feminino fazerem ele acontecer, do que “a partir de amanhã vamos ter uma sessão sobre futebol feminino” do nada, sabe? Me parece que é meio isso.

Pergunta: Na sua opinião, a imprensa brasileira direciona a mesma visibilidade para o futebol de homens e de mulheres? E qual a sua opinião sobre essa questão na região onde tu atua?

Resposta: Eu acho que a imprensa não direciona o mesmo mesmo espaço e nem empreende o mesmo tempo e o mesmo cuidado com o futebol feminino e masculino. É muito desproporcional. Talvez também porque é um negócio muito mais estruturado, consolidado, com patrocínio, com público, enfim. Em Caxias, eu vejo bem incipiente, eu vejo como uma possibilidade agora que a gente começa a falar um pouco mais, também por causa do bom desempenho, por exemplo, das gurias do Ju. Tu sabe que tem uma coisa curiosa, agora que falei gurias do Ju. Tempos atrás estava falando quando começaram, não me lembro se foi na Copa ou no Brasileiro do ano passado que tinha essa coisa das gurias. E daí eu disse “por que que chama de guria” Tu não chama os guris de guris. Isso é um jeito ridículo de chamar, parece estar fazendo pouco caso. Então até a própria forma de se referir às atletas me parece que é diferente. Elas não são as gurias do Ju, elas são atletas. A forma de se referir que acaba também migrando para o futebol. E como é um espaço muito mais masculino, ele acaba sendo um reflexo do que acontece na sociedade de modo geral, que em outros postos as mulheres já estão mais avançadas, já conseguiram, mesmo tendo que ouvir um monte de coisas absurdas, transcender. E talvez no caso delas ainda esteja mais no começo, seja ainda mais desafiador e quem trabalha com isso também vai ser muito mais desafiado a cruzar essa ponte.

Pergunta: O que precisa ser feito para que os homens e as mulheres recebam as mesmas oportunidades dentro do futebol?

Resposta: Eu acho que precisa de mudança cultural, que demora muito tempo para a sociedade, de forma geral, permitir esse tratamento igual. Tem um monte de avanços, mas eu acho que ainda não é igual. Além de tudo, o futebol das mulheres, eu acho que falta conhecimento também. Eu acho que o conhecimento precisa ser mais disseminado, porque o futebol é super incorporado à cultura, é uma coisa muito de todo mundo, mas o futebol masculino, né? E as pessoas não tomam, porque é muito difícil tu ver meninas jogando bola. Não sei, quando eu estava no colégio, na Educação Física, eu jogava futebol, porque eu achava que as gurias mais legais jogavam futebol. Quando fui para o jornal, no começo, a gente tinha um time de futebol. Só que daí tem uma coisa que também faz parte do universo e diz muito. É uma metáfora do resto. A gente marcava todo sábado de manhã e ia ao Sesc jogar. Certo. Combinava, tinha o time. Os guris fazem o tempo inteiro. Só que as gurias um dia não podiam porque tem que ficar com o filho, porque tem que cuidar do gato... então as mulheres abrem mão das suas coisas porque elas têm algo maior para fazer. E eu nunca vi nenhum cara dizer “ah, eu não posso ir no futebol porque eu tenho que ficar com meu filho que está doente”. Então é um pouco desse universo. Eu acho que tem que tentar naturalizar, porque ainda não é assim. Existe essa iniciativa de mostrar, dar maior visibilidade para o futebol feminino, mas ainda não é uma coisa orgânica. Eu acho que as pessoas ainda não percebem como sendo. “Ah, estão forçando a barra, estão tentando enfiar goela abaixo das pessoas”, e tem que ser assim no começo. Tem que enfiar goela abaixo, porque até se acostumar em ver que é a mesma coisa, é o mesmo jogo, é o mesmo esporte. Passa muito também pelo universo machista que a gente vive, porque não tem outra explicação. Então eu acho que precisa encontrar meios para dar mais visibilidade na sociedade para que o esporte seja mais percebido, que seja percebido independentemente do gênero. Eu acho que é utopia imaginar que em pouquíssimo tempo o futebol feminino vai conseguir ganhar a mesma visibilidade do futebol masculino, porque inclusive é um business muito lucrativo, então quando envolve dinheiro a gente está falando de outra coisa, inclusive. Mas o que precisa é estar mais na sociedade. Estando na sociedade a mídia acaba também sendo um espelho do que acontece, acaba retratando.

Pergunta: Qual é o papel do jornalista na tentativa de equalizar o tratamento entre os gêneros no futebol brasileiro?

Resposta: Eu acho que um pouco é parar para pensar sobre. Acho que é uma coisa até curiosa, porque quem trabalha em jornalismo diário normalmente não consegue. Vai fazendo, fazendo, fazendo, e tu nunca olha de fato o que tu está fazendo, a não ser que dê algum super problema. Então é difícil. Mas eu acho que olhar para a realidade, entender esses movimentos, ver que está rolando, eu acho que começa-se ter um olhar um pouco mais interessado para esse universo. Mas eu acho que o ideal seria ter um setorista de futebol feminino. Mas com a estrutura enxuta das redações isso é meio sonho. Acho que também parte de ter alguém com essa afinidade, que fica muito mais orgânico, muito mais natural o processo. Não acho que os veículos não queiram dar espaço para o futebol feminino, mas eu acho que tem menos gente interessada em fazer futebol feminino e a tomar isso como uma causa. Então teria que encontrar profissionais que estivessem a fim de comprar essa briga. As histórias nem sempre chegam para gente, tem as que chegam e as que não chegam. Tem um monte de história maravilhosa que a gente nunca vai contar porque a gente não está no lugar e ninguém nos disse que tem essa história. Então se tiver também alguém nos clubes que possa fazer a mediação e levar essas histórias, ajudar a divulgar, eu acho que também é um caminho. Fazer essa assessoria de imprensa, como se faz com qualquer político, artista. Fazer com futebol, que no masculino, embora tenha assessoria, ele meio que caminha já, porque todo mundo já sabe que vai ter jogo tal dia, os jogadores são esses, quem vai ser escalado. No feminino ainda precisa de um contexto, de ficar o tempo inteiro lembrando. Então acho que pode ser as duas coisas. Eu acho que as histórias teriam que chegar um pouco mais ou a gente teria que ter uma conscientização dentro da redação de “olha, a gente precisa dar o mesmo espaço ou dar um espaço parecido” e ter gente para fazer isso também.

ENTREVISTA COM O JORNALISTA DIOGO OLIVIER

A entrevista com o profissional foi realizada através da plataforma Zoom no dia 3 de outubro de 2023.

Pergunta: De um modo geral, quais são as principais diferenças que você percebe entre o tratamento direcionado aos gêneros feminino e masculino no futebol brasileiro?

Resposta: Eu acho que, primeiro, é um inimigo atávico, porque ele não é um inimigo perceptível. É a gente tentar enxergar com os mesmos olhos. A gente vive numa cultura machista e a gente se acostumou a ver meninos jogando futebol, a gente se acostumou a ver homens narrando futebol, vozes masculinas na reportagem. Então o nosso primeiro desafio é romper a barreira, que é a barreira lá da infância, do estranhamento. Eu ouço muitos colegas dizendo assim “ah, mas a fulana, narradora, não é tão boa, ela grita muito”. Isso acontece porque a gente não está acostumado a ver mulheres narrando. A gente viu a vida inteira homens narrando. Então a gente acostumou o ouvido a estar lá com o vô, a vó, no jogo de futebol com o pai, a mãe, sonhando, num momento de felicidade e alegria. Claro que todo teu imaginário subjetivo de emoções, complexo para caramba, está ligado com uma voz masculina. Então quando tu ouve a voz feminina, causa um estranhamento. Acho que essa é a principal barreira: a gente se policiar a vencer esse estranhamento para não achar que um é bom e o outro ruim. Essa é a grande questão. Acho que se tu conseguir passar essa primeira barreira, que não é nem só uma barreira profissional, é uma barreira de um universo mais complexo, acho que o resto acaba se encaminhando. Esse é o maior problema que a gente tem que superar. Essa é a questão central.

Pergunta: Na sua opinião, a imprensa brasileira direciona a mesma visibilidade para o futebol de homens e de mulheres? E qual a sua opinião sobre essa questão na região onde tu atua?

Resposta: Não, não direciona. Não direciona e eu acho que ela passou a direcionar por obrigação em um determinado momento. Primeiro foi por obrigação. Aquela história de que os clubes foram obrigados, para poder aderir ao parcelamento de

dívidas, a dar investimento ao futebol feminino. Os clubes foram fazendo isso meio à moda “miguelão” para dizer que tinha um time, só para poder entrar no processo. Mas eu acho que agora a gente ainda não dá. Acho que primeiro tem que quebrar essa percepção que a gente tem que o futebol é masculino. Isso é o que a gente tem que quebrar. Mas eu acho que o que está sendo interessante, e que está acontecendo nesse momento, é que os clubes e as empresas de comunicação começaram a perceber o seguinte: a gente fez isso aqui e tem um monte de gente vendo. Se tu fizer o jogo, dependendo do jogo, tem público. Então isso começou a ser visto também como um negócio. Claro, tem audiência, tem gente que quer ver, estão nos cobrando, vamos ter que fazer, e aí a máquina toda girando, então isso é um processo e aí uma coisa alimenta a outra. Tu vai quebrando as barreiras de percepção, de estranhamento, de o homem achar que é dono do futebol quando obviamente não é. E aí essas coisas vão se quebrando. Em Porto Alegre eu acho que ela segue um pouco o rumo do Brasil de um modo geral. A gente tem um lado positivo, que é que a dupla Gre-Nal conseguiu ser protagonista nesse cenário. Menos que as paulistas, claro. Mas é um cenário que aconteceu com o futebol masculino há muito tempo atrás, que os times do Rio e São Paulo tinham muito mais dinheiro e as décadas foram passando e Inter e Grêmio viraram o que são hoje. Acho que, de certa forma, é o que está acontecendo no futebol feminino, porque a gente está no mesmo país, mesma geografia, mesma concentração econômica em São Paulo, especialmente. Não tem nada de diferente. Mas o trabalho de Inter e Grêmio, especialmente do Inter nas categorias de base, que sempre foi muito forte, nos ajudam a trabalhar isso. Acho que a gente aqui na RBS está tentando dar uma contribuição importante. Primeiro porque era importante fazer isso para tu ter um nível de pertencimento das mulheres no futebol e também porque a gente está vendo que é um negócio legal, interessante, bom. O nível está melhorando, os jogos estão melhores, a evolução é impressionante. Eu acho que em Porto Alegre tem muita coisa para acontecer, mas acho que melhorou bastante. Até o tratamento do futebol gaúcho, a gente aqui está tentando dar uma cobertura mais perto do diário para Inter e Grêmio. Tem a Carol e a Valéria que fazem um acompanhamento diário, mas esse é um outro ponto que a gente tem que evoluir também. Isso não pode ser um nicho. Não pode ser só um assunto delas, tem que ser um assunto nosso também. Eu, sempre que posso, falo na minha coluna também sobre o futebol feminino, mas tinha que falar mais, porque ainda é uma coisa nichada. Essa questão

do nicho é a barreira do estranhamento que a gente tem que conseguir evoluir para ser uma coisa natural.

Pergunta: O que precisa ser feito para que os homens e as mulheres recebam as mesmas oportunidades dentro do futebol?

Resposta: Uma pergunta muito complexa. Acho que os clubes, especialmente, tem que também dar uma contribuição de dar um tratamento parecido. Não vou nem dizer igual nesse primeiro momento, porque tem aquela questão de, por exemplo, o estádio, o equipamento principal, que também dá uma noção de igualdade. Tudo bem, se tu jogar partidas demais no mesmo gramado o gramado fica ruim, mas os clubes têm que começar a pensar nisso, têm que começar a tratar o futebol masculino em alguns momentos da mesma maneira que o feminino. Pagar melhores salários, enfim, isso os clubes tem que tentar fazer. Mas eu acho que, de nossa parte, para não ficar além dessa questão mais estrutural que eu acho que cada um pensa nisso, e eu não acho pouca coisa. Eu realmente acredito que a gente muda o mundo. Pequenas coisinhas somadas realmente mudam o mundo. Eu acredito muito nisso.

Pergunta: Qual é o papel do jornalista na tentativa de equalizar o tratamento entre os gêneros no futebol brasileiro?

Resposta: No que diz respeito aos organismos de comunicação, tu tem que dar visibilidade. Acho que essa é a nossa grande tarefa, nosso primeiro grande objetivo. Tem um Gre-Nal? Vamos transmitir, colocar um repórter. Tem que ter um motorista para levar o repórter até o campo. O repórter depois vai fazer uma matéria para GZH, depois vamos repercutir no Sala de Redação. É isso que a gente tem que fazer. Tem que dar visibilidade. Não tem como as pessoas saberem o que está acontecendo sem ver. A nossa função primordial é dar visibilidade. A gente tem que falar e mostrar, especialmente jogos. Tem que fazer isso. Se a gente fizer isso, a gente faz a nossa parte.

ENTREVISTA COM A JORNALISTA KELLY COSTA

A entrevista com a profissional foi realizada através da plataforma Google Meet no dia 17 de outubro de 2023.

Pergunta: De um modo geral, quais são as principais diferenças que você percebe entre o tratamento direcionado aos gêneros feminino e masculino no futebol brasileiro?

Resposta: Eu acho que tem muita diferença. A começar por estrutura. Acho que falta muito investimento quando a gente fala em centro de treinamento, em questão salarial para as meninas, logística. Acho que tudo isso é muito mais difícil no futebol feminino e acho que existe um investimento muito menor quando a gente fala da modalidade. Por que? Por muito tempo, por longos anos, o futebol feminino era a modalidade menos interessante. Então se descuidou do olhar do futebol feminino até que a gente teve uma virada de chave, que foi a necessidade de clubes que participam da Libertadores terem os seus times, as suas equipes femininas também. Acho que principalmente quando a gente fala de América Latina. Então acho que isso foi muito importante, a gente tem a necessidade. E se as coisas não acontecem de forma natural, se essa igualdade não acontece como tem que acontecer, porque existe uma história por trás de tudo isso e essa reparação naturalmente não vai acontecer. Então a gente precisa impor algumas coisas. Acho que esse foi um bom passo. “Ah, os times que querem disputar a Libertadores precisam ter equipes femininas”, então, bom, é um passo importante de uma confederação que tomou essa atitude e conseguiu instituir que isso passasse a ter um olhar mais específico para a modalidade. Mas eu acho que estrutura e salários são as principais diferenças. As meninas não têm os mesmos CTS que os homens, não ganham salários que se equiparam. Quando a gente fala em jogos nos estádios, por exemplo, geralmente as mulheres não jogam no principal estádio do clube. Então fazendo seus campeonatos, fazendo as suas disputas estaduais, suas disputas de Brasileirão em estádios secundários, e isso é muito ruim. Não conseguem às vezes compatibilizar a agenda dos jogos. “Ah, vai gastar muito o gramado”. Bom, mas o estádio principal é um. Para as meninas é outro. Isso é muito comum. Aqui no Rio Grande do Sul a gente vê bastante isso. Inter e Grêmio só disputam as decisões,

basicamente, no Beira-Rio e na Arena. Então isso é muito negativo. Essas, para mim, são as principais diferenças de investimento. E a gente vai também, mais uma vez, da questão do salário à questão de estrutura, de logística, de planejamento, tudo. Às vezes viajar para as gurias é uma viagem muito maior. O voo é fretado no masculino e no feminino é um voo comercial e daí pega um ônibus e isso é desgastante. Isso acho que impacta de alguma forma também no desempenho delas.

Pergunta: Na sua opinião, a imprensa brasileira direciona a mesma visibilidade para o futebol de homens e de mulheres? E qual a sua opinião sobre essa questão na região onde tu atua?

Resposta: Não, claro que não. Esse desafio é uma coisa muito estrutural. A gente tem que ver essa questão do futebol feminino como muito estrutural e realmente histórica. Eu acho que existe uma mudança, mas se tu me perguntar se a visibilidade é a mesma, é óbvio que não é a mesma. Agora, se tu me perguntar: Kelly, há cinco anos vocês davam a mesma visibilidade para o futebol feminino que vocês dão hoje? Não, hoje a gente consegue acompanhar mais. A gente entende que é importante acompanhar mais e a gente, enquanto redação, por exemplo aqui na RBS TV, adotou uma postura e tem uma parte da equipe que volta o seu olhar para o futebol feminino. Isso é muito importante. A gente começou lá atrás com o projeto Joga que nem Mulher. Foi um primeiro projeto em que a gente já começava a voltar mais o nosso olhar para o futebol feminino. Passados alguns anos, agora a gente tem um novo projeto com a nossa editora Heloíse Bordin e também com a Camila Barbieri, que é repórter aqui do Grupo RBS, que é o Joga Nelas, que também tem um olhar muito voltado para o futebol feminino. No Joga que nem Mulher era uma equipe inteira, uma redação, e agora o Joga Nelas é encabeçado por duas jornalistas que fazem um quadro sobre futebol feminino dentro do Globo Esporte e também para as redes sociais, o que é muito importante. Na Gaúcha, por exemplo, a gente tem o Resenha das Gurias com a Carol Freitas e com a Valéria Possamai. Também são duas gurias que são responsáveis e se apropriam desse tema, e isso é muito importante. Elas são pessoas que tomam a frente, que trazem as discussões e que, junto com toda a redação, ajudam a pensar no futebol feminino, e isso é muito importante. Quando direciona um projeto, isso é muito

importante na minha visão. Quando tu direciona pessoas para cuidar disso, quando tu direciona pessoas para estarem atentas aos calendários, competições, aos feitos históricos, aos momentos de cada clube da região, isso faz toda a diferença. Um movimento muito importante que a RBS fez foi a Copa do Mundo Feminina 2023. Eu fui para a Copa do Mundo Feminina, e eu e o Rodrigo Oliveira somos os primeiros representantes do Grupo RBS a acompanhar um mundial de mulheres. Então isso também é um marco. Bom, pela primeira vez mandamos uma equipe para o outro lado do mundo. Houve um investimento para isso, para que nós tivéssemos uma cobertura, obviamente, mais regionalizada, porque nós somos afiliados da Globo. A Globo faz uma cobertura sobre a Seleção Brasileira, mas a RBS fez um movimento de mandar uma equipe local para trazer um olhar voltado ao público do Rio Grande do Sul sobre o mundial feminino. Então acho que esse tipo de movimento é uma conquista e que vem ao longo dos anos. Acho que é um processo que também passa por cavar esse espaço. Não é igual. A cobertura não é a mesma. Mas esse tipo de olhar mais atento, a gente vem tendo ao longo do tempo. Em Porto Alegre, eu acho que, de alguma forma, a gente está evoluindo. Eu não queria ser pretensiosa de dizer que “ah, nós estamos um passo à frente”, eu não gostaria de ter essa pretensão. Mas eu acho que quando a gente fala de outras emissoras, a gente ainda pode melhorar. E eu acho que isso passa pela criação de núcleos de pessoas que conseguem cuidar do futebol feminino, conseguem se dedicar mais à modalidade. Agora, eu não tenho como falar pelas outras emissoras em termos de estrutura, em termos de profissionais trabalhando, em termos de tamanho da redação, e o quanto consegue se dedicar a isso. Eu posso hoje falar pela RBS, que faz esse movimento de uma forma intencional, de uma forma planejada, de uma forma até mesmo cada vez mais orgânica, e que cria seus núcleos para cuidar disso. Eu acho que isso é muito importante. Agora, de uma forma geral, acho que a imprensa em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul ainda tem muito a melhorar e ainda tem muito a construir na cobertura do futebol feminino.

Pergunta: O que precisa ser feito para que os homens e as mulheres recebam as mesmas oportunidades dentro do futebol?

Resposta: Eu acho que é um caminho bem desafiador e de bastante necessidade de empenho, dedicação, luta e esforço de todo mundo que trabalha com futebol para

que isso aconteça. Eu acho que isso começa pelas entidades, pelas federações, confederações, e vai passando também por equipes, por clubes, por mídia, por árbitros. Eu acho que são muitos segmentos que precisam se envolver num trabalho coletivo para que isso possa se aproximar cada vez mais de uma equiparação, como a gente busca e espera ver. Mas eu acho que a gente tem que considerar, sim, algumas evoluções com o passar dos anos. Parte muito de um trabalho nosso, como imprensa, de mostrar o quanto é interessante, o quanto é atrativo, e o quanto é um negócio, também, o futebol feminino. Eu acho que esse ano a gente deu um passo muito importante com a Copa do Mundo Feminina, em que a gente conseguiu ter uma transmissão muito maior dos jogos, a gente conseguiu ter uma cobertura muito mais relevante, a gente conseguiu mandar um número de mulheres para trabalhar nessa cobertura do futebol feminino, que também foi mais significativo, e é uma evolução de outros anos para esse ano. Então acho que tem que ser um trabalho conjunto. Acho que a gente tem que ter um engajamento de todas as pontas para mostrar que, sim, o futebol feminino é um negócio, é rentável, é interessante e o público consome. Não à toa, nessa Copa da Austrália, a gente teve as maiores audiências in loco e nas TVs locais. Quando a gente fala em Austrália e Nova Zelândia, foram super audiências que às vezes passaram audiências de jogos no futebol masculino. Então existe o interesse pela modalidade também considerando mulheres em campo. Acho que isso também faz parte de um trabalho nosso de mostrar o quanto isso é relevante e o quanto isso também é um negócio muito rentável no mundo do futebol.

Pergunta: Qual é o papel do jornalista na tentativa de equalizar o tratamento entre os gêneros no futebol brasileiro?

Resposta: Eu acho que em primeiro lugar é cavar espaços, encontrar lugares para que a gente possa cada vez mais transmitir o futebol feminino. Seja os jogos, seja com reportagens, seja com análises, entrevistas, podcasts, enfim, coisas que, de qualquer forma, levem até o público as informações do futebol feminino. Acho que esse é um papel muito importante. Então cavar é encontrar esses espaços. É tu estar numa redação do Globo Esporte e propor algo que tem a ver com futebol feminino e aquilo se sustente e vá para o ar. É encontrar a página da Zero Hora que vai publicar aquilo hoje, é encontrar o espaço do Globo Esporte que vai trazer essa

notícia. Acho que esse é o nosso papel enquanto jornalista. E isso é algo que tem que ser não só para as mulheres. Não são só as mulheres que têm que se apropriar disso. Os homens também. Se algum dia a gente está na redação e a gente está deixando passar alguma coisa, que não seja só a mulher a puxar esse alerta. Isso é para todo mundo. Mas essa cultura só vai se modificar a partir do momento em que se for institucionalizando a ideia de que a modalidade tem que estar nos nossos espaços. Então, esse é o nosso papel.

ENTREVISTA COM A JORNALISTA QUETELIN RODRIGUES

A entrevista com a profissional foi realizada através da plataforma Zoom no dia 10 de outubro de 2023.

Pergunta: De um modo geral, quais são as principais diferenças que você percebe entre o tratamento direcionado aos gêneros feminino e masculino no futebol brasileiro?

Resposta: Eu acho que começa tudo por uma grande estrutura que a gente vê em relação aos campeonatos. Desde que eu comecei a trabalhar na imprensa, lá por 2009/2010, ninguém cobria o futebol feminino. A gente nem tinha pauta de futebol feminino aqui no Rio Grande do Sul, por conta dos dois principais clubes, Grêmio e Inter, naquela época não terem a modalidade aberta. Começou a se acompanhar o futebol feminino por aqui, de um modo geral na imprensa, que eu me lembre, ali por 2017, se eu não me engano, quando a Conmebol colocou aquela obrigatoriedade, que para mim naquela época foi muito importante. Acho que ainda é muito importante. Eu lembro que foi uma grande discussão nas redações. A maioria dos homens não aprovava isso, por conta que achava que seria um gasto a mais para o clube. E a gente entendendo que seria muito necessário para que a modalidade realmente tivesse uma notoriedade maior, uma relevância maior, uma estrutura maior, mesmo que seja obrigado. Eu acho que naquele determinado momento precisaria de uma medida assim para que o futebol feminino fosse levado mais a sério. Então a principal diferença que eu vejo é a questão de estrutura mesmo. Tu chega hoje para fazer uma pauta de futebol feminino, melhorou muito, mas naquela época ainda era meio várzea. Hoje não se tem coletivas no final do jogo. É tudo muito aberto. A gente tem um trato muito mais próximo das meninas. As meninas conversam muito mais abertamente com a gente, desabafam com a gente. Coisas que no masculino a gente tem uma separação, né? Existem várias formas de nos barrar ali para se aproximar do jogador. Eu vejo o futebol feminino hoje como, essa questão da cobertura e da proximidade, o futebol masculino era na época em que os repórteres tinham total acesso ao vestiário e tudo mais, coisa que eu não cheguei a pegar na minha na minha época de começar a trabalhar na imprensa. A gente já tinha assessoria de imprensa, já tinha coletivas e tudo mais, mas nas

antigas todo mundo fala que era muito mais aberto, uma relação muito mais próxima. Então eu vejo muito isso, principalmente a questão da estrutura dos clubes. Não tem uma organização para uma coletiva depois do jogo. O máximo que acontece é a entrevista pós jogo para as detentoras dos direitos de transmissão. Hoje a gente vê, por exemplo, a FGF, a Federação Gaúcha de Futebol, cedendo imagens dos jogos do Campeonato Gaúcho para quem quiser fazer transmissão. Isso é uma coisa que eu também achei muito bacana, mas que poucos veículos se aproveitam dessa distribuição de conteúdo gratuito. A gente pode hoje fazer um conteúdo gratuito do futebol feminino, coisa que no futebol masculino não vai existir. Vai ter que se pagar milhões e milhões e milhões para ter o direito de imagem de transmissão de uma partida de futebol masculino na internet. Então, eu acho que essa é a principal diferença: a questão da estrutura e a proximidade que a gente tem dos atletas e das figuras que fazem parte do futebol feminino.

Pergunta: Na sua opinião, a imprensa brasileira direciona a mesma visibilidade para o futebol de homens e de mulheres? E qual a sua opinião sobre essa questão na região onde tu atua?

Resposta: Não, com certeza não. Acho que já melhorou. Eu trabalhei no Globo Esporte aqui no Rio Grande do Sul em 2017/2018 e o futebol feminino era uma notinha pé de algum programa. Hoje eu vejo que existe uma preocupação em fazer algumas matérias especiais, quando tem Gre-Nal, principalmente. Ainda são coisas muito óbvias. Quando tem um grande evento, se preocupa em fazer alguma coisa um pouco mais especial. Mas hoje eu vejo que melhorou um pouquinho a questão de se preocupar um pouco mais. A gente já vê um quadro de futebol feminino no Globo Esporte, no Esporte Espetacular, a gente já vê uma grande matéria. Quando se aproxima de eventos esportivos grandes, como Olimpíadas e Copa do Mundo, se tem, obviamente, uma cobertura mais especial. Mas, assim, não tem nem um pedacinho do que é a grande cobertura masculina e não sei nem se um dia vai ter. Eu vejo que melhorou bastante, principalmente na questão de transmissão. A Globo, por exemplo, hoje é obrigada a fazer mais conteúdos de futebol feminino, porque ela comprou o produto do futebol feminino. Isso tem muito também nas redações. Por que que eu vou fazer matérias gigantescas da Champions League se eu não tenho direito de transmissão da Champions? Eu vou acabar fazendo propaganda para a

minha concorrência. Mas existe a obrigação social de fazer aquele conteúdo, só que sem exagerar demais, eu entendo uma parte comercial nisso. Talvez melhore a partir do momento que as grandes emissoras, e eu acho que já começou essa revolução, a Globo comprar os direitos do Brasileirão feminino, por exemplo, quando se tem esse interesse de comprar os grandes produtos para que tenha se tenha transmissão, para que se tenha mais conteúdo a se fazer sobre isso. A imprensa de Porto Alegre é ainda pior do que no centro do país, porque só RBS faz aqui, porque tem uma estrutura melhor. Os outros não estão nem aí para o futebol feminino. Eu nunca vou ver no Donos da Bola RS uma linha sobre o futebol feminino, o mínimo debate sobre futebol feminino e nem se for um Gre-Nal, nem se for uma final de campeonato. O Inter na Libertadores agora, por exemplo, ninguém vai falar sobre isso. É só a RBS mesmo que fala, porque eu acho que, pelo compromisso social, ela tem um pouco mais essa visão macro de cobrir os grandes eventos e todos os tipos de esporte, mas eu entendo também a limitação de equipe. A gente sabe que já é apertado, os dois grandes clubes dão muito trabalho aqui no Rio Grande do Sul. Tem muito conteúdo, é muito forte aqui o futebol masculino por conta da dupla Gre-Nal. A gente vê até o interior às vezes um pouco escanteado no futebol feminino por conta da dupla Gre-Nal ser muito forte aqui, mas eu vejo só RBS tendo um pouco de preocupação. Eu estou vendo que existe uma mudança de pensamento, muito por quem está lá hoje. O Tiago Cirqueira, que é o chefe geral do esporte da RBS, ele tem muito essa visão social de cobrir realmente tudo. Eu acho que está mudando, mas ainda assim muito aquém daquilo que a gente imaginava. Mas eu acho que já é um grande passo pensando na província que a gente tem aqui no Rio Grande do Sul. Aqui é tudo realmente mais difícil.

Pergunta: O que precisa ser feito para que os homens e as mulheres recebam as mesmas oportunidades dentro do futebol?

Resposta: Eu acho que essa é uma grande pergunta, porque eu fico me perguntando várias vezes em relação a isso por conta de ver, por exemplo, a Marta, milhões de vezes aí melhor do mundo e não ganhar um terço do que qualquer outro jogador medíocre no Brasil ganha. Eu acho que o primeiro de tudo seria encarar o futebol feminino como um grande produto para que tivesse uma estrutura melhor, condições melhores para que as gurias pudessem exercer com qualidade aquilo que

elas se propõem a fazer. A gente vê ainda o Campeonato Brasileiro, a elite do futebol brasileiro ainda muito precária. Claro que os grandes clubes já tem uma estrutura um pouco melhor, mas Grêmio e Inter, por exemplo, agora que estão começando a se estruturar um pouquinho melhor. Mas é muito aquém ainda da estrutura do futebol masculino e até mesmo da estrutura de base. Eu acho que a base do Grêmio tem muito mais estrutura que o futebol profissional feminino. Então primeiro de tudo acho que é encarar como produto, realmente, para que as marcas comecem a olhar para o futebol feminino com um carinho um pouco maior. Eu vejo que ainda existe um investimento muito mais para tentar levantar a modalidade, do que acreditar realmente nela. Então primeiro de tudo acho que melhorar a estrutura e encarar realmente como um produto para que a grande mídia consiga enxergar como um produto rentável, porque quem produz conteúdo sabe que o futebol feminino ainda está crescendo, ele tem um futuro brilhante pela frente. Acho que a gente vai ter muita coisa legal ainda na modalidade, mas a gente sabe que engatinha muito em relação a audiência ainda. E essa é, era, pelo menos, quando eu trabalhava na imprensa, a grande barreira: “por que que a gente vai produzir tanto tempo de futebol feminino se as pessoas nem olham?”. Eu acho que essa visão está mudando muito por conta dos grandes produtos, como por exemplo as Olimpíadas serem transmitidas para o Brasil inteiro, a Copa do Mundo ser transmitida para o Brasil inteiro, e as pessoas terem a oportunidade de assistir o futebol feminino. Eu acho que as duas coisas vão ter que caminhar juntas: encarar como um grande produto e a mídia encarar como um grande produto para que ele se torne um produto popular, para que as gurias sejam reconhecidas na rua. Em questão dos clubes, eu fico também imaginando, o que que os clubes podem fazer para ajudar na questão, por exemplo, de imprensa? O que que uma assessoria de futebol feminino pode ajudar? Porque às vezes se torna algo constrangedor. Por exemplo, no final do jogo, se fazer uma coletiva com o treinador e não ter ninguém para entrevistar. Então eu, por diversos momentos, tenho certeza que as assessorias pensam nisso e tu vê que não vai ter o interesse da mídia em conversar com o treinador para saber por que ele fez uma mudança x num jogo no futebol feminino. Se parte do pressuposto que não tem interesse das pessoas. Então eu acho que tem que mudar muito. As assessorias deveriam pensar muito mais em pautas e oferecer e distribuir. E se a grande mídia não tiver o interesse, começa com a mídia menor, começa com a mídia identificada. Eu vejo que os clubes fazem

um trabalho de assessoria bacana, de entrevistar, de colocar um produto no seu canal no YouTube, mas daqui a pouco oferece pautas, traz algumas curiosidades, oferece, bate na porta, enche o saco da mídia para que a mídia compre a ideia. Tenho certeza que seria um trabalho de formiguinha, mas acho que poderia render frutos. E nas redações eu acho que já está tendo uma mudança bem significativa não só partindo de mulheres, como naquela época eu imaginava. Eu via nas redações que isso partia muito das mulheres de “ah, vamos colocar uma notinha do futebol feminino, quem sabe a gente faz uma pauta sobre a fulana que está se destacando, ou vamos conversar com o treinador”, eu via muito nas reuniões de pauta iniciativa de mulheres em relação ao futebol feminino. Hoje eu acho que está mudando um pouquinho. Eu, por exemplo, hoje faço parte de uma equipe que se preocupa com futebol feminino, a gente tem transmitido. A gente adorou a oportunidade da FGF de transmitir os jogos do futebol feminino. Claro que a gente não tem equipe para fazer todos, então a gente aproveita uma brecha de futebol masculino e faz o feminino. A gente transmitiu alguns jogos do feminino e foi bem legal. A gente teve uma audiência muito massa. Eu vejo partir de homens também essa iniciativa, de tentar tratar de uma forma mais igual. Se a gente ver uma notícia hoje no futebol feminino, por exemplo, o Grêmio está tendo vários problemas de LCA, de lesões bem complicadas. Vamos supor, qualquer menina do futebol feminino que tenha tido algum problema, que a notícia realmente seja mais relevante, ela vai para capa da nossa da nossa Live, ela vai para o título da nossa Live, independente se é do futebol masculino ou feminino. A notícia é que vai prevalecer. E eu vejo que a grande mídia ainda não faz jornalismo nesse sentido. Uma notícia, algo irrelevante, um treino do Grêmio que não aconteceu nada, vai ser mais relevante que uma lesão, por exemplo. Ele vai ser a abertura de um jornal. E não uma lesão grave de uma menina do futebol feminino. Então também encarar como jornalismo mesmo, né? A notícia principal ser o que realmente aconteceu, e não algo irrelevante naquele dia. Então eu acho que é mais ou menos por aí. Deveria partir de todos os lados: dos clubes, das federações para que dêem mais estrutura. A gente vê realmente uma evolução. Eu vi o título do Grêmio de 2017, se eu não me engano, numa cadeira, sendo levantado numa mesa de escola. As gurias lá numa maneira extremamente constrangedora. E hoje a gente vê o último título num palco bacana, com a Arena lotada, com aquela chuva de prata, com um palco legal montado. A gente vê uma estrutura melhor, mas ainda tem muito caminho para

percorrer, dar estrutura para o interior para que se torne um produto interessante, para que se torne algo que as pessoas tenham interesse de acompanhar. Acho que é num todo, de Federação, clube, torcedor, torcida, e imprensa, não só a grande mídia, mas também os identificados. Acho que poderiam contribuir muito mais para a modalidade, e eu digo numa questão de que futebol feminino, ele tem um fácil acesso. É muito mais fácil tu entrevistar uma menina do futebol feminino do que um jogador de futebol masculino. Então falta o interesse, porque as meninas estão aí, os campeonatos estão rolando. A gente tem acesso a tudo. Falta o interesse realmente dos identificados de também dar essa mesma visibilidade para as meninas.

Pergunta: Qual é o papel do jornalista na tentativa de equalizar o tratamento entre os gêneros no futebol brasileiro?

Resposta: Eu acho que começa muito por essa briga em relação às redações, de brigar pela pauta, de acreditar nela, de brigar pelo produto, de ser chato mesmo. Eu vejo muita essa iniciativa das meninas, principalmente. Vejo também dos meninos, principalmente nas rádios que não são da RBS. A Rádio Gaúcha a gente sabe que tem uma uma diferença. Mas a Guaíba, Band, a Grenal. A Grenal, então, meu Deus do céu. A Grenal fala do futebol feminino de uma forma extremamente misógina, é bizarro. Eu acho que começa pelas redações. De brigar dentro da redação, de ocupar os seus espaços para falar do futebol feminino, de ter esse interesse. Não só a galera mais jovem, mas os mais velhos também, os que têm uma posição um pouco maior e uma visibilidade um pouco maior, os grandes comentaristas se interessarem. Ter essa iniciativa de primeiro brigar na redação pela falta e usar os seus espaços para falar sobre sobre o que está acontecendo. Dar essa visibilidade, falar sobre o assunto, usar os seus espaços e ter esse interesse, se policiar para isso. Eu sei que não é da nossa cultura. Eu comecei acompanhando o futebol masculino e demorei para passar a ter uma atenção maior para o feminino. Mas se policiar, se atentar para isso, fazer um esforço para que isso aconteça. Usar o seu espaço e a sua voz para dar visibilidade. Eu tenho certeza que daqui a pouco, ali na frente, na pauta do futebol feminino, a briga vai ser para quem vai cobrir. Não é para a gente fazer o esforço de cobrir, mas sim vai ter uma visibilidade muito maior. Eu acho que já é uma realidade. As marcas estão se atentando para isso e logo a gente

vai ter, eu acho que nunca vai ser igual, pelo dinheiro que é colocado nas duas modalidades, e vai ter uma diferença da grande mídia em relação a isso. Mas eu acho que a gente vai ocupar um espaço muito maior, muito mais relevante, e que já tem, mas vai ser muito maior os setores das grandes mídias. Vai existir um setor muito maior para o futebol feminino. Vai ter um setor específico de futebol feminino muito maior do que é hoje. Não vai ser qualquer pessoa ali da redação, acho que vai existir uma especialista nisso. E quem tomou iniciativa agora vai colher esses frutos mais adiante.

ENTREVISTA COM O JORNALISTA THAIGOR JANKE

A entrevista com o profissional foi realizada através da plataforma Zoom no dia 9 de outubro de 2023.

Pergunta: De um modo geral, quais são as principais diferenças que você percebe entre o tratamento direcionado aos gêneros feminino e masculino no futebol brasileiro?

Resposta: Eu acho que existe uma falta de acompanhamento e a partir da falta de acompanhamento gera uma série de outras consequências, como a falta de informação, a falta de paixão, a falta de envolvimento, e tudo isso pelo fato de que as pessoas não acompanham. O torcedor comum de futebol, e aí a gente olha para, por exemplo, aqui na realidade que eu vivo de Grêmio e de Inter, a fatia do estado que acompanha diariamente o meu trabalho é essa. O futebol, as informações diárias do Grêmio, as informações diárias do Inter, quem o Inter está contratando, como o Inter treinou, quem são os jogadores que estão à disposição. É muito grande essa fatia no bolo de torcedores, porque há um acompanhamento. E quando tu acompanha algo tu fomenta aquele *hobby*, aquele hábito, aquela paixão, no caso do torcedor em si, pelos clubes de futebol. Então acho que não há este acompanhamento em cima do futebol feminino e acho que a partir disso a gente consegue generalizar e transformar as consequências que isso traz. Traz a falta de acompanhamento, que traz falta de investimento, que traz falta de paixão, de envolvimento do torcedor, que traz falta de informação do torcedor a respeito disso, e com a falta de informação tu tem muito preconceito. A partir do momento que as pessoas não acompanham o futebol feminino, elas não sabem o que falar do futebol feminino. E não sabendo o que falar do futebol feminino, elas tomam opiniões equivocadas. E como a gente vive em uma sociedade que é machista, que é preconceituosa como um todo, isso se transfere para o futebol. E acho que o futebol canaliza muito tudo isso que a gente tem na sociedade, que é potencializado pelo fato de que as pessoas não acompanham o futebol feminino e, por isso, também gera um preconceito por terem opiniões equivocadas em cima dele.

Pergunta: Na sua opinião, a imprensa brasileira direciona a mesma visibilidade para o futebol de homens e de mulheres? E qual a sua opinião sobre essa questão na região onde tu atua?

Resposta: Não. Como é que eu enxergo isso: eu fui coordenador de uma emissora de esportes, tenho um canal no YouTube, a gente tem muita dificuldade de falar do futebol feminino dentro de uma velha discussão que existe do jornalismo. A gente fala muito sobre, eu sempre cito esse exemplo, que é da *Agenda Setting*, da teoria de agendamento, que questiona a gente. O jornalismo não fala porque não tem audiência ou não tem audiência porque o jornalismo não fala? E essa é uma discussão quase que paradoxal. Acho que não tem uma resposta clara, porque é um pouco de cada. Sim, eu tenho muita dificuldade de trabalhar com pautas ligadas ao futebol feminino, porque são pautas que não dão audiência. Por exemplo do meu caso de hoje, que não estou em um veículo tradicional, que estou em um canal do YouTube, eu preciso de audiência para sustentar o meu canal. Eu preciso que o vídeo que eu publique dê visualização. E se eu postar um vídeo de futebol feminino, e eu já fiz alguns no canal em momentos específicos, ele não dá a mesma audiência do que o futebol masculino. Logo, não é rentável para mim falar de futebol feminino. O que acaba fazendo com que eu tenha menos cobertura em cima do futebol feminino. O que também faz que exista menos audiência e menos acompanhamento do futebol feminino. Então é uma discussão paradoxal. O jornalismo não fala porque não tem audiência ou não tem audiência porque o jornalismo não fala? No fim, é um círculo que em algum momento precisa ser quebrado. Não tem audiência, logo o jornalismo não fala, logo as pessoas não acompanham, logo não tem audiência, logo o jornalismo não fala, logo as pessoas não acompanham... e assim tu vai num círculo que se retroalimenta. É assim que eu vejo hoje o acompanhamento da mídia em cima do futebol feminino. Ele é muito menor, a visibilidade é muito menor e existem explicações para isso. A audiência é muito menor, mas existem explicações para a audiência ser menor, que também é o fato do jornalismo não acompanhar tanto quanto o futebol masculino. A gente tem em Porto Alegre, por exemplo, projetos de futebol feminino que são avançados no cenário nacional. O Inter foi vice-campeão brasileiro do ano passado. A gente tem o Inter como, talvez, o grande clube do futebol brasileiro na categoria de base de futebol feminino. Empilha campeonatos sub-17, sub-15, no futebol feminino. Sempre servindo jogadoras para

a Seleção. O Inter é um clube formador de futebol feminino que está conseguindo vender e abrir esse mercado de transferências no futebol feminino, que era uma coisa que a gente não acompanhava. O Grêmio também tem um projeto interessante, coloca jogadoras na Seleção Brasileira, coloca jogadoras na Seleção Colombiana, que foi muito bem agora na Copa do Mundo. Então a gente tem aqui, no cenário de Porto Alegre, dois clubes que são referências em projetos de futebol feminino. Com seus defeitos, com suas precariedades, mas que são referências no futebol feminino. E ainda assim a gente tem um espaço muito pequeno na mídia para o futebol feminino. Acho que bons projetos como do Inter e do Grêmio melhoram a capacidade de divulgação. Por exemplo, a gente comandou, na Rádio Bandeirantes, e eu estava por lá ainda, coberturas mais intensas quando o Inter chegou na final do Campeonato Brasileiro no ano passado. A Rádio Gaúcha, então, que é uma empresa que já tem um apoio mais institucional, porque tem uma capacidade financeira de suportar audiência baixa nisso por um viés institucional e por um viés social também que se torna o fomento do futebol feminino, tem investido bastante nisso. Por exemplo, na Libertadores, agora, enviou a Valéria, que está lá em Cali. No Campeonato Brasileiro, enviou uma equipe para São Paulo para transmitir. A gente enviou daqui uma repórter também, da Bandeirantes, para transmitir o jogo lá em São Paulo da final do futebol feminino. Então houve esse fomento, houve esta disposição das emissoras, também porque houve um bom projeto aqui que conseguiu quebrar essa linha, quebrar esse círculo. E acho que a gente precisa disso, de projetos que quebram esse círculo tanto no futebol, como do Grêmio, do Inter, como da mídia também, que é isso que a Gaúcha está fazendo. A Gaúcha está tentando quebrar o círculo. “Pô, eu vou ir para Cali, não vai me dar tanto retorno, mas eu vou ir porque é importante. Eu vou tentar quebrar esse círculo”, e talvez seja isso que seja necessário. Eu vejo aqui também em Porto Alegre, e isso é muito importante, um movimento de marcas para isso. Empresas que apoiam o futebol feminino e apoiam não só apoiando o clube, mas apoiam, e isso vai ser muito importante para a gente desenvolver futebol feminino, as empresas de comunicação. E isso é outra coisa que quebra o círculo, porque tu obriga a empresa a pensar o futebol feminino, pensar a cobertura do futebol feminino, e pensando a cobertura do futebol feminino de uma maneira que seja rentável para a empresa de comunicação. E aí tu quebra esse círculo também, porque se a empresa de comunicação dá visibilidade, aumenta o acompanhamento,

aumenta a paixão, aumenta a audiência, aumenta a cobertura, e a gente pode construir um novo círculo. Então, em Porto Alegre, eu vejo ações que tentam quebrar esse círculo, ainda que minimamente, ainda que não de uma maneira tão eficiente, mas tentam quebrar esse círculo nesses três polos: os clubes, as empresas de comunicação, em especial Gaúcha, e as marcas também, o que é muito importante.

Pergunta: O que precisa ser feito para que os homens e as mulheres recebam as mesmas oportunidades dentro do futebol?

Resposta: De um modo geral eu acho que é necessário quebrar esse círculo. É necessário justamente isso. É necessário a gente ter ações que tirem da rotina a realidade que está posta hoje. Qual a realidade que está posta hoje? É esse círculo de não acompanhamento, não audiência, não acompanhamento. Se tu quebrar esse círculo e tu tentar de alguma maneira puxar para algum lado, tu começa a construir um novo círculo, e obviamente que isso é um caminho muito longo. Eu vejo muitas teses preconceituosas a respeito do nível do futebol feminino dizendo “o futebol feminino é nível de segunda divisão da categoria de base”. Mas eu sempre traço esse paralelo aqui: pega o futebol masculino na década de 1970, do Pelé, do Gerson, do Rivelino, do Tostão, e coloca na TV e coloca um jogo de hoje. É completamente diferente. Eu sou muito da tese de que os jogadores de antigamente não teriam a menor capacidade de jogar hoje pelo desenvolvimento que o futebol teve. O futebol feminino tem um desenvolvimento muito mais atrasado, porque ele era proibido aqui no Brasil. Então é óbvio que o futebol feminino vai ter um nível técnico inferior e isso só vai ser consertado a partir do desenvolvimento que passa pela mídia, passa pelo acompanhamento, para chegar no torcedor, para ter mais investimento, para ter mais desenvolvimento na prática. O futebol feminino já evoluiu muito nos últimos anos. Ele está em uma escala grande e isso vai ser cada vez maior com o passar do tempo. Não dá para tu cobrar um nível técnico do futebol feminino quando as jogadoras recebem 100 vezes menos do que no profissional masculino. É inconcebível isso. Então, acho que são necessárias quebras desse círculo para que a partir disso se tenha um novo círculo, que precisa de muita paciência, precisa de muito tempo para a gente conseguir desenvolver um futebol feminino como é no exterior, nos Estados Unidos, onde é muito forte, na Europa,

onde está sendo muito forte. É necessário muito tempo para isso. São necessárias ações que quebrem a rotina que a gente tem hoje.

Pergunta: Qual é o papel do jornalista na tentativa de equalizar o tratamento entre os gêneros no futebol brasileiro?

Resposta: Acho que é entender o cenário. Primeiro, não ter opiniões preconceituosas, é óbvio. Isso é mais do que obrigação. Mas para tu entender o cenário, porque que o futebol feminino tem dificuldades, quais as dificuldades, como superar as dificuldades. Acho que entender esse papel também do jornalismo de, e aí são duas questões: tu tem o jornalista e tem a empresa de comunicação. O papel das empresas de comunicação acho que é justamente fazer isso que a Gaúcha está fazendo. A Gaúcha está fomentando. É tentar quebrar esse círculo justamente por entender que é quebrando esse círculo que tu vai conseguir desenvolver. É quebrando esse círculo que tu vai conseguir fazer um futebol feminino melhor. Acho que o papel da empresa de comunicação é essa: entender o seu papel institucional dentro desse círculo e a sua importância nessa tentativa de virada de chave. E o papel do jornalista é entender, é estar bem informado, é buscar informações sobre o futebol feminino, é conhecer a realidade do futebol feminino e a importância que ele pode ter, a importância que ele tem, e o que que ele precisa para ter uma importância e uma representatividade ainda maior. Acho que o papel jornalista é esse: é entender e saber exatamente o que acontece, por que acontece, como acontece, e o que precisa acontecer de diferente para que tudo mude.

ENTREVISTA COM A JORNALISTA BIANCA MOLINA

A entrevista com a profissional foi realizada através da plataforma Zoom no dia 6 de outubro de 2023.

Pergunta: De um modo geral, quais são as principais diferenças que você percebe entre o tratamento direcionado aos gêneros feminino e masculino no futebol brasileiro?

Resposta: Tem muita diferença, né? Porque o futebol feminino, tirando aquele recorte ainda pequeno dos jornalistas que são especializados e dos torcedores que realmente gostam e acompanham, ainda é tido como uma prática amadora muitas vezes. Salvo exceção de grandes eventos como uma Copa do Mundo, num geral, a gente não vê uma mesa de bar debatendo a crise no futebol feminino do Palmeiras, o assédio moral que é feito pelo dirigente do futebol feminino no clube. Mas isso acontece no masculino. A situação do Cuca, entre pessoas que concordavam ou discordavam, gerou vários debates em todos os ambientes possíveis. Então se dá muita pouca atenção ainda ao futebol feminino. Por isso eu acho interessante o tema do teu TCC, porque eu acho, sim, que nós, jornalistas, somos uma máquina extremamente fundamental para uma tentativa de reversão desse cenário. A gente precisa pautar, ainda que num movimento de formiguinha, devagarinho, aos pouquinhos. Não vou conseguir botar um VT de cinco minutos sobre futebol feminino na ESPN, por exemplo. Mas, de repente, uma nota coberta de uns 30 segundos falando que a Libertadores Feminina começou, isso faz a diferença. Então ainda tem muita diferença no tratamento, como se o futebol masculino é o supprassumo do esporte brasileiro, é a grande paixão nacional, a gente sabe, e o futebol feminino não é um braço dele. Ele é como se fosse uma coisa muito menor na comparação e, lembrando, na visão de grande parte dos jornalistas e de grande parte do público. Não dá nem para a gente comparar esse tratamento, porque ele não existe. É como se o futebol feminino só fosse lembrado em momentos de Copa do Mundo e de Olimpíadas, mesmo a gente tendo grandes jogos em outras competições. Realmente, não é buscar uma igualdade, é uma equidade. Tentar transformar a coisa, deixar com o cenário mais justo, mais plausível. A gente tem o próprio Corinthians, que sempre fala sobre isso, que tem mais da metade da torcida do

clube composta por mulheres. O estádio está sempre composto por mulheres. São várias as mulheres cada vez mais que acompanham o futebol. Nem estou falando das que jogam futebol. Por que a gente ignora o futebol de mulheres? Por que a gente não dá atenção já que a gente tem uma audiência teoricamente tão grande? Então a gente está bem longe de ter algo parecido em relação ao tratamento masculino para o feminino.

Pergunta: Na sua opinião, a imprensa brasileira direciona a mesma visibilidade para o futebol de homens e de mulheres? E qual a sua opinião sobre essa questão na região onde tu atua?

Resposta: Não, nem um pouco. Mesmo quando o futebol feminino é o principal assunto, ele não é o principal assunto em pauta. Hoje a gente tem um movimento de transformação, mais ou menos isso. A Rádio Gaúcha eu já vi que tem duas meninas que são especializadas no futebol feminino, a Carol e a Valéria. Então hoje na programação da Rádio Gaúcha, em GZH, existe uma preocupação de ter notas atualizadas e boletins atualizados sobre o cenário do futebol feminino, seja gaúcho ou nacional. A ESPN tem às sextas-feiras o programa Mina e Paz, então existe uma preocupação de pelo menos toda sexta-feira, de 9 às 10 da noite, ter um debate ao vivo com mulheres falando sobre os principais assuntos do futebol feminino daquela semana. A Placar fez uma parceria com o Fut das Minas para toda quarta-feira ter uma atualização sobre o futebol feminino. Então está acontecendo uma preocupação, uma coisa até de importância social. Eles entenderam que precisam fazer esse movimento e não é por busca de audiência, porque realmente, trazer essa audiência do futebol feminino ainda é um pouco mais difícil, mas é por uma situação de inclusão mesmo. Então as emissoras estão colocando. Mas tu for parar para pensar, a ESPN tem uma programação ao vivo de 9 horas da manhã a mais ou menos 11 horas da noite por dia. Vou botar só de segunda a sexta. São 65 horas de programação ao vivo. Dessas 65 horas, só uma hora é dedicada ao futebol feminino, que é essa sexta-feira de 9 às 10 horas. Tirando isso, acho que em alguns programas têm boletins: “Ah, essa semana está começando a Libertadores Feminina”. Vamos botar que seja de dois minutos, que tem três programas que estão nos jornais. São 30 minutos num universo de 16 horas. É uma hora e meia só de programas e boletins dedicados para isso. Então é muito desigual e muito longe de

estar minimamente igual. E mesmo num ambiente de Copa do Mundo, num cenário de Copa do Mundo, falo da ESPN que é a emissora que eu mais gosto de acompanhar, todos os dias eles traziam boletim sobre as adversárias do Brasil ou sobre as principais forças da Copa. E mesmo assim não chegava nem perto, porque eles caprichavam às vezes na matéria, mas o debate ficava pobre ou ficava rápido. Ou, às vezes, não tinha matéria para ter um pouco mais de debate. E daí um pouco mais de debate é cinco minutos de debate. Não são 15 minutos ou uma hora de debate. Então, não existe essa igualdade de tratamento. E está existindo, é verdade, uma mudança, mas ela é muito devagar. Mas só para te trazer um cenário, eu entrei na Band em 2011. Em 2011, a gente não falava nada sobre futebol feminino. Nada. Meu primeiro contato como jornalista com futebol feminino foi em 2016 na Fox, e só porque tinha Jogos Olímpicos, porque depois a gente só falou de novo na Fox sobre o futebol feminino em 2019, na Copa do Mundo. Então eu olho para trás e vejo que está havendo uma mudança. Ela é muito lenta, mas está havendo. Agora, dizer que os jornalistas, as emissoras, os programas, dão a mesma atenção, não está nem perto disso acontecer. Aqui foi uma virada de chave para mim, profissionalmente, em relação ao futebol feminino, porque eu já chego para ser repórter na Band que detinha os direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro Feminino. Então minha primeira experiência como repórter de transmissão já foi no Brasileirão, e a Band tinha um cuidado mesmo. A gente recebe um material para estudar para os jogos e era muito bem feito, um material de pesquisa. Então já é uma coisa de atenção, de dar um cuidado à modalidade. Além disso, os jogos eram aos domingos. A gente tinha matéria no programa de sábado de tarde fazendo algum gancho com a transmissão, chamando a transmissão. Tinha matéria no programa de domingo de manhã e tinha matéria no Jogo Aberto de segunda, pós jogo. Não é o suprasumo, não é o ideal, mas já é alguma coisa. A Band é a segunda maior emissora de TV aberta do segmento esportivo. Então não é só porque é a Band, é porque o estado de São Paulo respira o futebol feminino há mais tempo, tem a maior torcida. A torcida mais engajada, que é a torcida do Corinthians, e isso se reverte em audiência para a modalidade. Então quando eu tive esse contato com a Band foi muito legal, porque foi a primeira emissora em que eu trabalhei que não desprezava o futebol feminino, ela sabia que ela até precisava valorizar porque era um produto dela. E a partir daí eu tive outras oportunidades de trabalhar para a Federação Paulista no Paulistão Feminino, de trabalhar também para Conmebol na

Libertadores Feminina em algumas oportunidades. Foi aí que eu entendi que existe um público que quer ver. Tem público, e esse público vai aparecer quando tu der um estádio bem localizado para as pessoas, quando tiver bons jogos, boas competições, e aqui em São Paulo tudo isso acontece. Tem jogos de alto nível, às vezes os clubes abrem os estádios nas fases mais para frente, de mata-mata, e, conseqüentemente, as emissoras envolvidas tratam com mais respeito. Na Conmebol a gente tinha um programa que chamava A Glória é Delas. Primeiro eu achei que o programa tinha que falar sobre o futebol de modo geral, porque éramos mulheres e nós, mulheres, podemos falar sobre o que a gente quiser. Mas depois eu entendi que era importante o programa falar sobre futebol feminino, porque a gente precisava daquele espaço. Sobre o futebol em geral, todos os outros já falavam. Sobre o futebol feminino só o nosso falava. E aí a gente investiu. Foram duas temporadas desse A Glória é Delas trazendo jogadoras, técnicas, médicas, pessoas do staff, jornalistas falando sobre a dificuldade, tentando disseminar um pouco mais a ideia da modalidade. E agora na Cazé TV foi a explosão de audiência. Claro, é uma Copa do Mundo. É diferente. Mas foi muito gostoso ver que eles usaram o quórum que eles usam nas outras competições. Ou seja, não é porque é a Copa Feminina que só tinha mulheres. Não é porque é a Copa Feminina que o Cazé não estava participando. Nos jogos do Brasil e nos mais importantes do mata-mata, ele estava lá. O Luizinho estava narrando os principais jogos. O Guilherme Beltrão estava comentando os principais jogos. Eles contrataram ex-jogadoras. Fizeram um baita de um casting de comentaristas. Fizeram um programa, que era o meu programa de todos os dias com duas horas de duração falando só sobre futebol feminino. Então aqui em São Paulo eu descobri que dá. É só a gente querer, porque dá. Tem público, tem profissionais cada vez mais capacitados, mas também aqui o futebol local fomentou isso, porque os clubes aqui são mais fortes. Tanto que a gente vê no Campeonato Brasileiro, invariavelmente, são os daqui que estão mais na frente, e isso leva a, eu queria fazer um desenho para organizar meu pensamento. É cíclico. Porque é mais ou menos assim: os clubes precisam investir na modalidade. Se eles investirem na modalidade, os jogos vão ficar mais interessantes. Se os jogos ficarem mais interessantes, as emissoras vão se atrair. Se as emissoras se atraírem, os patrocinadores vão se atrair. Se os patrocinadores se atraírem, vai ter mais investimento das emissoras, vai ter mais transmissões nas emissoras, que vão buscar mais público para os jogos, que vão buscar mais fãs para

os clubes, que vão dar mais dinheiro para os clubes, para os clubes investirem cada vez mais e a bola vai girar. Então não dá para fazer nada sozinho. A imprensa, nesse negócio aí que eu mostrei, ela é parte fundamental de parceria com os clubes, com a torcida, e com os investimentos também. Então aqui em São Paulo, graças aos clubes, à qualidade dos jogos, eles estão mais avançados, e por isso a imprensa daqui está bem mais avançada. A gente faz jogos, não só finais, jogos bons aqui do Campeonato Paulista e do Brasileirão e tu vai ver tem 30 profissionais. No Rio Grande do Sul eu imagino que tenha três, quatro. Então, aqui em São Paulo realmente dá para dar uma aula para vários estados, federações e emissoras.

Pergunta: O que precisa ser feito para que os homens e as mulheres recebam as mesmas oportunidades dentro do futebol?

Resposta: É muito difícil isso, porque precisa de muita coisa. Eu fugi um pouco das respostas para tentar traçar um raciocínio. Mas, assim, a Copa do Mundo, se tu fores ver, eu não sou do marketing, mas eu fiquei obcecada com os patrocínios que as jogadoras estavam recebendo ou não estavam recebendo. Numa tentativa de comparação com o masculino. E no masculino até o zé ruela, aquele cara que pegou a última vaga dos 23 para a Copa do Mundo, ele fecha no mínimo três, quatro marcas, porque é uma Copa do Mundo, é um momento de mais visibilidade. Ele com certeza tem um material esportivo. No feminino isso não acontece. Às vezes a gente se ilude, ver a Tamires com Puma, ver a Andressa com Nike, mas não é uma realidade. Ainda é uma minoria. E então eu fico pensando: o que elas precisam para conseguir esses patrocínios? Porque, assim, a Marta é a cara do futebol feminino. Daí a Marta fechou quatro patrocínios para a Copa, estou chutando, porque agora já não lembro. Sabe o que a Marta precisou para fechar esses quatro patrocínios para a Copa? Ela precisou ser a melhor do mundo mil vezes. Ela precisou ser a grande referência do futebol feminino brasileiro, uma das norte-americanas quando ela passou por lá, e uma das referências da Suécia, porque a Suécia é uma baita de uma escola, e tem a Marta com a passagem dela também como referência. Então ela precisou de muita coisa. E daí um cara como, não estou menosprezando, mas, tipo, o Vinícius Júnior, que é um menino ainda, está começando. Ele teve oito patrocínios sem ter a metade do repertório que ela tem na profissão. Então isso é muito chocante. Eu costumo falar que no jornalismo esportivo para as mulheres, a

gente tem que estudar o triplo dos homens, porque eles, a sociedade vai estar sempre tentando nos pegar, sempre tentando nos diminuir. Então eu me formei jornalista assim. E eu acho que do futebol feminino também é isso, porque não basta tu ganhar um título, não basta tu ter um ano brilhante, não. Tu precisa sempre render muito mais para chamar, não só a atenção do público, atenção na imprensa, atenção das marcas, muito mais do que os homens. Porque os homens já estão dentro de um sistema que privilegia eles. Também que é um sistema muito mais antigo, foram 40 anos de proibição do futebol feminino, então a gente está correndo atrás. Só que nesse correr atrás, elas já mostraram várias vezes que elas podem usufruir mais desses benefícios de estarem onde estão, de serem quem são. E ainda assim isso não acontece, porque o futebol feminino ainda é visto como uma coisa pequena, uma coisa quase, muitas vezes, ainda de várzea, sendo que a gente sabe que não é. Então acho que o que precisa é uma mudança de pensamento da sociedade como um todo mesmo. De valorizar, de respeitar. Tem que partir dos próprios clubes também, porque a gente sabe que tem clubes que não respeitam, que não valorizam. Então os próprios clubes precisam respeitar a modalidade. Então acho que essa mudança de pensamento da sociedade, do público, que vai impactar, é outra rodinha daquelas, ela vem muito de como os clubes tratam também, do que os clubes fazem para preservar, para valorizar, e para mostrar que não estão tendo hoje o futebol feminino porque é uma obrigatoriedade da CBF, da Conmebol. Então eu acho que é mais ou menos isso. No momento que a sociedade olhar com mais valor para o futebol, todo o resto passa a acontecer mais. Acho que parte dos clubes, das federações, mostrarem mais valorizações e respeito para impactarem a sociedade, para que a sociedade impacte os outros, sejam as marcas, os grandes eventos, para que as meninas acabem, no final das contas, sendo mais privilegiadas com isso.

Pergunta: Qual é o papel do jornalista na tentativa de equalizar o tratamento entre os gêneros no futebol brasileiro?

Resposta: Primeiro, eu acho que é bom a gente dar uma dividida, porque hoje a gente tem várias esferas do jornalismo. Então vamos falar sobre jornalistas independentes. Hoje a gente tem nisso aqui (celular) uma máquina de produção de conteúdo. Então eu acho que se a gente já usa as nossas redes sociais para falar

sobre coisas atreladas a trabalho, a esporte, tudo mais, acho que é praticamente obrigação do jornalista esportivo que tem o mínimo de consideração e tem essa ideia de ter uma responsabilidade na divulgação, na disseminação do futebol feminino, falar sobre isso também. Aí vou me usar de exemplo. Na Copa do Mundo Masculina, eu estava lá, no Catar, produzindo coisas naturalmente porque eu estava lá. Na feminina, estava no último mês de gestação, numa rotina bem corrida, mas eu fiz todos os dias pós jogo. Eu fiz um resumo de tudo que tinha acontecido naquela Copa do Mundo. Porque os jogos aconteciam às duas, cinco, sete da manhã, horários que as pessoas que gostam do futebol feminino já tinham dificuldade para assistir, imagina quem não gosta. Então eu pensei: “como eu posso chegar a um público que não consome e falar sobre futebol feminino para não parecer que não está acontecendo uma Copa?” Então todo dia eu estava lá falando, um resumão. Então eu acho que no momento que a gente tem essa facilidade de produzir coisas por nós mesmos e rapidinho no celular, acho que a gente não pode ignorar que as coisas do futebol feminino estejam acontecendo, porque nesse caso nós somos responsáveis pelo nosso material. A gente não precisa aprovar nada com editor-chefe. A gente não precisa passar por um produtor, nem nada. Na situação das grandes emissoras, que tem uma ordem a ser seguida, eu acho que é se conscientizar de que eles não vão derrubar uma audiência, porque o pensamento sempre é esse: “nossa, vai falar de futebol feminino, vai derrubar a audiência”. Então eu acho que se os responsáveis pelas decisões do que falar, como falar, entenderem que botar, aos pouquinhos, como *drops*, pílulas, o futebol feminino, mesmo que eventualmente a audiência caia. É um processo de quase enfiar goela abaixo. Eles enfiam goela abaixo tantas modalidades que as pessoas não querem assistir, então por que não falar do feminino? Por que é feito por mulheres? Porque essa é a única diferença. Então é ter esse entendimento que talvez, sim, vamos botar que o futebol feminino ainda precise desse espaço de cotas e que eles são fundamentais para buscar as boas histórias para trazer isso até de forma um pouco mais atrativa. Como eu vou falar da Libertadores Feminina, que é uma competição que a Conmebol não dá muita bola e ela é muito curta e tal? “Hum, Palmeiras está na competição e o Palmeiras também está na Masculina. Vou fazer um gancho. Falar sobre os dois, atrelando”. Como eu vou falar do Inter? “Ah, o Inter está na Libertadores Masculina e na Feminina também, vou fazer um gancho”. “Ah, o Corinthians foi eliminado da Sul-Americana, mas tem uma chance de título

continental ainda, com as meninas. Vou fazer um gancho”. É ter ideias de como fazer isso ficar mais atrativo. Nem sempre vai ser a melhor das notícias, mas ela precisa ser dada. Precisa ser falado, porque a Libertadores Feminina é o maior torneio da modalidade do continente e hoje a gente tem três representantes. O Brasil é o maior vencedor. Por que não falar? Cabe a nós, jornalistas, entendermos que dá para fazer isso, e como fazer isso de forma a não jogar contra as emissoras e também de chamar um público que pode ser um público que venha a agregar para o canal de forma geral. Até porque tem muita gente que é do futebol feminino e que não acompanha mais nada, acompanha só o futebol feminino. Então também por que tu não tenta trazer esse público para ti? Tudo isso é responsabilidade nossa. Nossa como produtores, de achar boas histórias. Nossa como editores chefes, de permitir, dar liberdade para que essas histórias cheguem. Nossa como repórteres, para entender como contar essas boas histórias. Então, por isso que eu falo, a gente é muito responsável. E eu tenho muito ranço com jornalista esportivo que não dá bola para o futebol feminino. Eu tenho muito ranço dos homens e até de mulheres que não se dispõem a estudar a modalidade, a conhecer a modalidade e, conseqüentemente, também a não falar sobre a modalidade, porque são menos ferramentas que a gente acaba tendo nesse processo de mudança do cenário, de dar mais visibilidade e tudo mais. Por isso eu sempre falo que nós somos responsáveis. Os jornalistas têm um papel fundamental ainda pouco explorado. O jornalismo e o futebol são recorte de uma sociedade que ainda é elitista, que é machista, que é racista. Então o futebol feminino acaba sendo uma vítima de tudo isso, e a gente, que se interessa de alguma forma, tem que fazer o mínimo que seja para mudar isso.

ENTREVISTA COM A JORNALISTA OLGA BAGATINI

A entrevista com a profissional foi realizada através da plataforma Zoom no dia 10 de outubro de 2023.

Pergunta: De um modo geral, quais são as principais diferenças que você percebe entre o tratamento direcionado aos gêneros feminino e masculino no futebol brasileiro?

Resposta: Olha, eu vou começar falando da mídia, porque eu acho que a mídia ocupa um papel muito importante nesse ciclo de visibilidade, que gera investimento, que gera oportunidade, que gera audiência. Eu acho que baseado muito numa pseudociência no século XX, quando a imprensa esportiva surge, começa a se popularizar, os homens da época tinham muitos preconceitos do que era o papel social da mulher e do homem. Era um movimento consciente e direcionado para afastar as mulheres desses esportes. Nisso a gente tem a proibição no Brasil, e em muitos outros países, do que os homens falavam que eram os esportes incompatíveis com o corpo da mulher. Esse tipo de coisa foi sendo reproduzido pela imprensa também e gerou um imaginário social em que o esporte das mulheres, o futebol especificamente, porque o futebol no Brasil é muito um antro de masculinidade, de reforço da masculinidade, em que o futebol de mulheres, as mulheres do futebol, fossem desvalorizadas, vistas como menores, vistas como menos importantes. Então tem uma responsabilidade qualitativa da imprensa em que as reportagens reproduziram, por muitas décadas, estereótipos nocivos de gênero sobre as mulheres do futebol. Mas também tem uma questão de espaço, pouco tempo de espaço dedicado. A gente tem muitos números que mostram tanto nos jornais impressos, no site, na TV, rádio, redes sociais, que as mulheres recebem uma parcela ínfima de cobertura em relação aos homens e quando essa cobertura acontece, muitas vezes o foco não é no desempenho esportivo, na trajetória da atleta, e sim em aspectos da vida pessoal, em aspectos da aparência física da atleta. Então isso aconteceu por muito tempo de uma maneira bem naturalizada. Demorou a começar a problematizar esse tipo de situação. E a imprensa tem um poder muito forte de formar opinião, de montar o imaginário social, de influenciar a percepção das pessoas, ao mesmo tempo em que a imprensa tem ferramentas. Tem

muitos estudos que mostram que a imprensa tem ferramentas e usa ferramentas para fazer com que as pessoas se emocionem com a transmissão. E isso é só aplicado no esporte dos homens. Então desde a escolha da câmera, do ângulo, a palavra do narrador, são palavras escolhidas. Eu sempre cito um estudo de Cambridge que mostra que as palavras mais associadas com o esporte de mulheres são “participar”, “colaborar”. Enquanto dos homens é muito um vocabulário quase bélico, “competir”, “vencer”, “batalhar”, “dominar”. E todas essas escolhas, que são escolhas conscientes da mídia, por um lado, podem ou não ser conscientes na verdade, né? Porque muitas vezes um narrador está ali sem perceber que está reproduzindo esses estereótipos, mas a imprensa tem essas técnicas para fazer a emoção do público em relação a uma modalidade. E mesmo isso sendo uma técnica, muitas vezes também para não transmitir, para não se envolver politicamente nessa discussão, a imprensa falava “não, a gente não vai transmitir porque não dá audiência, porque não é emocionante, porque não é bom”, ignorando que essa construção de emoção é feita artificialmente. Então eu coloco muito essas diferenças na imprensa, porque essas diferenças na imprensa, no tratamento, geram tanto essa essa percepção do público como maior ou menor valor para modalidade. Isso gera essa percepção do público, então audiência, e aí menor audiência, menos interesse das marcas de anunciarem, de colocarem dinheiro, e com menos, também, as próprias organizações que gerem o esporte fazem tratamento diferenciado. Muitas confederações, por exemplo, têm um orçamento, e o orçamento maior vai para quem acha que tem mais chance de medalha na competição. E aí, por conta de toda essa falta de investimento e de estrutura, muitas vezes os homens acabam ganhando mais recursos e logo se desenvolvem mais. E a gente pode pegar também, esses estereótipos eu estou falando no lugar do alto rendimento, o esporte amador, de como esses estereótipos de que o esporte das mulheres é menos interessante e tem menos valor impede, aliás, limita e condiciona a participação de meninas que podem ser potenciais talentos no futuro. Ou seja, que vão começar a praticar o esporte e podem se tornar atletas profissionais ou mesmo se a gente pensar no nível de esporte pela saúde e bem-estar físico e mental. Então acho que uma coisa acaba justificando a outra: a gente não vai transmitir porque não tem interesse, a gente não vai mostrar porque não tem investimento, porque as pessoas não querem ver. E aí esse ciclo, não sei onde ele começa, mas a verdade é

que ele está aí rodando faz muito tempo e, na prática, gera discriminação para as mulheres do esporte.

Pergunta: Na sua opinião, a imprensa brasileira direciona a mesma visibilidade para o futebol de homens e de mulheres? E qual a sua opinião sobre essa questão na região onde tu atua?

Resposta: De maneira nenhuma. Acho que a gente teve alguns avanços por tudo que eu falei. Teve esse momento da proibição, a gente pega nos anos 1980, quando o futebol de mulheres volta a ser regularizado, eram aquelas matérias das mulheres que jogavam ou extremamente sexualizadas de shortinho curto, de salto, ou até matérias muito racistas. E essa proibição não vem do nada. Ela vem de um lugar em que o esporte das mulheres estava fazendo sucesso e os homens veem como uma maneira mesmo de reafirmar o seu espaço e de afastar essa “ameaça” das mulheres. E aí a gente vê isso se reproduzindo até os anos 2010 sem muita problematização. Acho que nos anos 1960 a gente teve alguns avanços importantes, muito acompanhando o movimento global de diversidade, de inclusão, de falar de temas de gênero, em que eu acho que alguns veículos fizeram um trabalho melhor do que outros, mas que fizeram um trabalho, mas que mesmo assim os problemas dessa sexualização exacerbada, o problema desse foco na vida pessoal da atleta, ou maternidade, ou aparência física, eles passam a se tornar outros problemas, que é ou uma condescendência em relação ao futebol feminino. Então eu vi muito na Copa de 2019, na Copa de 2023, narradores falando “ah, parabéns, fulana acertou um passe”, que é uma coisa que jamais se falaria no masculino. Então tem uma diferença de tratamento pejorativo ainda. Ou então uma falta de preparo na cobertura, errar o nome de jogadoras, só fazer perguntas sobre a Marta quando ela não é o tema principal da Seleção, por exemplo. Ou então ignorar as conquistas das mulheres. A gente viu muito isso na Copa de 2022, quando o Cristiano Ronaldo fez o gol e foi o primeiro atleta homem a marcar em cinco Copas do Mundo. Veículos do mundo inteiro deram a manchete de que ele era o primeiro jogador de futebol da história a fazer isso, sendo que em 2019 tanto a Marta, quanto a Sinclair, do Canadá, já haviam marcado em cinco Copas. Então os problemas estão se transformando. Talvez não sejam tão escancaradas, essa sexualização, objetificação, mas elas ainda persistem. São avanços a passos muito lentos e que

eu acho que a imprensa independente está puxando muito o movimento da imprensa *mainstream*. Eu acho que São Paulo, até pelo trabalho da Federação Paulista, que é a referência de gestão de futebol de mulheres no Brasil, está um pouco à frente da realidade dos outros estados. Aqui os clubes têm investido mais, mas quando, por exemplo, em 2019 baixou a obrigatoriedade, o Corinthians investia e os outros clubes no começo era uma coisa muito na linha da obrigação mesmo, isso pensando na gestão. Em relação à imprensa, eu acho que também é esse movimento que acompanha. A mídia independente puxou bastante, cobrou bastante, tanto a mídia *mainstream*, quanto as organizações dos clubes por mudanças, e a gente vê alguns veículos respondendo a isso. Eu acho que a Globo é o principal exemplo. Mas a gente vê outros veículos tradicionais aqui de São Paulo, que são alguns dos maiores veículos do país, que ainda, muito por escolha política mesmo do veículo, escolha editorial de não ser progressista, escolhem não colocar as mulheres nas páginas dos jornais, nos sites, mas também não dentro da redação. Ainda é uma desigualdade muito grande de mulheres especialmente em cargos de liderança e de tomada de decisão.

Pergunta: O que precisa ser feito para que os homens e as mulheres recebam as mesmas oportunidades dentro do futebol?

Resposta: Eu acho que é fundamental começar uma mudança de cultura. É preciso toda uma mudança de cultura, de a gente entender que o futebol não tem gênero. Que as meninas também devem ser incentivadas, que não é uma coisa que vem naturalmente, que é uma construção que a família, a escola precisa apresentar. E que passa muito pela imprensa. Eu acho que esse é o movimento que a gente está vivendo nesse momento. São meninas vendo mulheres como modelos de referência na mídia. Esse movimento das meninas desde muito novas serem incentivadas, verem na TV, verem que elas podem sonhar com se tornar jogadoras e que elas podem ter caminhos para isso, ou seja, ter onde treinar, ter onde disputar campeonatos e ter esse apoio da família é fundamental. Eu acho que a mídia faz um papel fundamental nesse lugar de promover as atletas mulheres a esses postos de modelos de sociedade.

Pergunta: Qual é o papel do jornalista na tentativa de equalizar o tratamento entre os gêneros no futebol brasileiro?

Resposta: Eu acho que o jornalista precisa buscar conhecimento e capacitação sobre esses temas. Tem que sensibilizar sobre temas de diversidade e inclusão. Tem que entender o que é gênero, o que é estereótipo de gênero, como ele, muitas vezes, se reproduz, porque é o que a gente chama de viés inconsciente. Então, o jornalismo esportivo ainda é um lugar muito daqueles caras da Velha Guarda, homens, brancos, héteros que estão ali desde sempre fazendo aquilo, e que sempre tiveram esse espaço muito garantido, se sentindo muito seguros de estarem ali por entenderem do esporte. Então também não sentiam que precisavam aprender sobre outros temas ou se atualizar. E aí acaba ficando uma coisa meio antiquada mesmo. Então eu acho que essa galera precisa ir atrás, porque os conhecimentos estão aí, estão disponíveis gratuitamente. Eu acho que também é um papel muito da redação fornecer esse tipo de capacitação e contratar mais mulheres. É fundamental que as chefias, os homens que estão nesses cargos de poder na redação, contratem mais mulheres para todos os cargos. Precisa ampliar esse leque. As mulheres precisam estar presentes em sua diversidade, com essas perspectivas diferentes para colaborar com o debate. E eu acho que é fundamental isso. Quem pode, os donos da caneta na redação, trazerem esses esses treinamentos, trazerem mais mulheres. E eu acho que também é importante a gente, mulheres, conversar com os jovens e as jovens que estão chegando para a gente já começar a sensibilizar sobre esses temas. E também acho que é muito importante que os jornalistas saiam da zona de conforto. Buscar cultura geral. Como todos os outros jornalistas precisam da cultura geral, o jornalista esportivo também precisa. Acho que é importante que o jornalista esportivo reconheça sempre que precisa estar ligado no que está acontecendo no mundo.

ENTREVISTA COM O NARRADOR RAFAEL ALVES

A entrevista com o profissional foi realizada através da plataforma Google Meet no dia 11 de outubro de 2023.

Pergunta: De um modo geral, quais são as principais diferenças que você percebe entre o tratamento direcionado aos gêneros feminino e masculino no futebol brasileiro?

Resposta: A diferença é que historicamente foi tratado de um modo até ofensivo. A gente tem um histórico, por exemplo, os grandes portais, como a Placar, de manchetes grosseiramente machistas. Hoje eu vejo uma reflexão que está em curso de uma necessidade de se falar mais e melhor não só sobre o futebol de mulheres, mas sobre o esporte de mulheres como um todo. Acho que numa sociedade machista não dá para falar que a gente alcançou isso, mas dá para falar que se está caminhando nesse sentido. Acho que é uma meia culpa no sentido de saber a importância, não só de dar a visibilidade em si, mas de como tratar as modalidades onde mulheres jogam, onde há 15, 20 anos você falava sobre a maneira como elas se vestiam, ou sobre o corpo, hoje não. Hoje você fala sobre desempenho. Hoje você sabe que a sua responsabilidade é falar sobre o desempenho. Trazendo para a realidade do futebol de mulheres, eu costumo falar que quem pretende falar sobre futebol feminino não vai falar só sobre futebol. Vai falar de uma série de fatores. Você não vai se omitir em questões de gênero, em questões LGBTQIA+, questões raciais, porque traz essa carga mesmo. O futebol de mulheres, tenho a impressão de que ele não quer repetir os erros do futebol masculino de ser permissivo a tantas coisas que a gente abomina. Então acho que a diferença na cobertura tem sido entender a responsabilidade que se tem ao falar sobre o esporte feito com mulheres, e no futebol feminino não é diferente.

Pergunta: Na sua opinião, a imprensa brasileira direciona a mesma visibilidade para o futebol de homens e de mulheres? E qual a sua opinião sobre essa questão na região onde tu atua?

Resposta: Definitivamente não. É uma tendência que a gente vê mais comum na mídia independente do que na mídia tradicional. Acho que na mídia independente, com o interesse em passar competições, isso, claro, é um avanço. Mas ainda se vê algo de uma maneira muito questionável. Vamos lembrar do exemplo do principal canal do país exibir o Brasileirão, mas não exibir todos os jogos. Então meio que se escondeu o Brasileirão, de certo modo. Então acho que ainda há um receio muito grande em abrir esse espaço para passar os jogos, talvez por medo de *hate*, medo de queda de audiência, enfim de uma série de fatores. O que não se justifica, porque haja vista que em canais de esporte, sobretudo, você vê de tudo, você vê todos os tipos de competições, modalidades, e todas elas têm o nicho. Então é o nicho de audiência que você tem garantido ali. Curiosamente com o futebol feminino se vê pouco isso. Não tem tanto essa coragem. Mas, até nos noticiários, eu acho que ainda é uma diferença muito grande, embora eu acho que melhorou, avançou, mas ainda muito longe do ideal. Aqui em São Paulo a gente tem uma situação diferente, até porque a gente tem uma abrangência de jogos maior. Então a gente tem o Campeonato Paulista. Tem sete times paulistas na série A. Tem dois times paulistas na Libertadores. Então, naturalmente, você acaba tendo uma abrangência maior em termos de interesse das mídias, dos canais, das marcas, do que em outros estados. São Paulo é a exceção da regra no que se refere a isso, justamente por essa amplitude que tem de jogos. Hoje todos os jogos, praticamente, dos Campeonatos Paulistas, sendo ele principal ou de base, são transmitidos em algum canal. São Paulo é a exceção da regra, algo que você não vai ver, espero que eu esteja enganado, com tanta facilidade em outros estados. A gente tem o Campeonato Gaúcho, que está sendo transmitido. Isso é legal. O Campeonato Carioca, eu acho que quando chegar na fase mais aguda, vai ter uma transmissão maior na reta final. Eu entendo também quando não se interessa tanto assim pelo início de um campeonato estadual, porque, realmente, há uma discrepância técnica absurda. Então isso não é atrativo, obviamente. Não é atrativo nem para mim, que trabalho com futebol feminino, que dirá para quem pensa em entrar nesse mercado ou tem esse interesse de transmitir futebol feminino. Então com esse contexto que eu falei, acho que São Paulo é a exceção da regra.

Pergunta: O que precisa ser feito para que os homens e as mulheres recebam as mesmas oportunidades dentro do futebol?

Resposta: Eu acho que a gente tem que alinhar as expectativas no sentido de, talvez eu esteja equivocado, mas arrisco a dizer que se você perguntar para os atletas, acho que, óbvio, se elas pudessem escolher ganhar o tanto que os homens ganham, com certeza, mas sabendo da realidade, sabendo de tudo, eu acho que se elas tivessem um salário justo, que permitisse elas a se dedicarem ao esporte de alto nível, acho que já seria um começo. Porque o que acontece em muitos times é que é muito comum você encontrar um time ou outro no qual as atletas dividem as suas funções. Então acho que a primeira defasagem que a gente tem que mudar seria dar uma condição satisfatoriamente possível para que ela pudesse viver somente no futebol. Então, ter uma boa condição de renda, ter uma boa estrutura que permita que ela treine em alto rendimento. E aí o que acontece depois é consequência. Se a gente via há cinco, seis anos, o mercado de olho somente na Marta, hoje a gente vê o mercado olhando para Bia Zaneratto, para Tamires. E isso só vai aumentando, porque conforme esses times vão aprimorando as suas atletas, elas vão se destacando de diversas maneiras, seja pela liderança, seja pelo jogo que tem feito, e isso vai aglutinando os torcedores que também olham para aquelas atletas como ídolos do seu times. Hoje é muito comum você ver garotos mais novos tendo mulheres como referência também. Nem as mulheres tinham mulheres como referência há 10 anos. Então acho que esse tipo de mudança leva a necessidade de se investir mais em imagens e em histórias contadas por mulheres dentro do futebol. Então eu acho que pensar que elas terão os mesmos números de seguidores que os atletas, os mesmos ganhos que os atletas masculinos, tomara que isso aconteça. Mas a gente sabe que na sociedade que a gente vive, na defasagem histórica que há sobre isso, é muito difícil. Pensando nisso, talvez, alinhar as expectativas nesse sentido, fazer com que a gente garanta que essas atletas tenham condições básicas e aceitáveis para que elas possam viver somente do futebol.

Pergunta: Qual é o papel do jornalista na tentativa de equalizar o tratamento entre os gêneros no futebol brasileiro?

Resposta: Eu vou falar sobre o ponto de vista do meio independente. Eu acharia pretensioso, ainda mais eu, como um homem, achar que eu ajudaria a ajustar isso. Acho que não é nem esse ponto. Como eu disse lá atrás, se você quer falar sobre

futebol de mulheres, você não vai falar só sobre futebol. Você tem que assumir algumas responsabilidades no que se refere à sociedade. Quando acontece um caso de racismo, um caso de xenofobia, um caso de misoginia, a gente não pode se omitir. Então quando a gente produz conteúdo sobre futebol feminino, sobretudo, é mostrar que há farta vida dentro do futebol jogado por mulheres, falar do que acontece dentro de campo. Muito se falava sobre desenvolvimento, e tem que se falar, sim. Só que a gente já sabe disso. A gente já sabe que tem que desenvolver, os debates que a gente tem, quem que a gente tem que atacar, a gente já sabe. Mas e o jogo? E o que cativa as pessoas? A nossa responsabilidade é trazer, primeiro, e é uma exigência que eu tenho muito quando a gente fala sobre futebol feminino e eu levo isso para o futebol feminino: todo mundo que trabalha futebol feminino, assiste muito futebol feminino. Eu abro mão tranquilamente de assistir futebol masculino para assistir o futebol feminino, pode ter certeza. A responsabilidade, olhando por esse ponto de vista, do ponto de vista da mídia independente, de onde eu atuo, é você levar uma realidade que tem no masculino, do dia a dia, como o time treinou, como que o time se prepara para algum jogo, levar isso pensando no feminino. Então na medida do possível, lógico, a gente não tem o aparato técnico e o aparato de mão de obra para fazer isso, para colocar uma repórter diariamente no clube. Mas eu tenho ferramentas que me permitem fazer uma *Live* pós jogo para falar sobre isso. Eu tenho ferramentas que me permitem fazer um vídeo sobre a contratação de um treinador, sobre uma notícia que aconteceu. Então é a partir disso, da paixão que a gente tem pelo futebol jogado por mulheres, repercutir outros âmbitos do dia a dia do futebol de mulheres. Eu acho que isso é uma linguagem muito da mídia independente. Era muito comum, às vezes ainda é, pessoas da mídia hegemônica entrarem em contato com a gente para tirar dúvidas sobre diversos assuntos. Lógico, hoje eles têm total autonomia, até porque tem muitos recursos, tem muitos profissionais excelentes que já fazem esse trabalho de pesquisa, de análise, de estudo. De certo modo, a nossa responsabilidade é essa. É trazer a realidade que não é possível ver na mídia hegemônica do futebol jogado por mulheres para os nossos seguidores, cada um na sua linguagem.

ENTREVISTA COM O JORNALISTA RAONY PACHECO

A entrevista com o profissional foi realizada através da plataforma Google Meet no dia 12 de outubro de 2023.

Pergunta: De um modo geral, quais são as principais diferenças que você percebe entre o tratamento direcionado aos gêneros feminino e masculino no futebol brasileiro?

Resposta: Então, as principais diferenças, na minha opinião, são de estrutura e de trabalho. Eu por acompanhar muito futebol feminino, participar de muitas transmissões, é muito difícil de ver uma estrutura similar com o que tem no masculino para o feminino. A gente pega times de camisa no Brasil, que hoje se sentem obrigados, essa é a palavra mesmo, se sentem obrigados a ter um time feminino para ter os seus níveis de competição e respeitar o que “foi colocado” como regra. Eles destinam espaços muito minoritários do que tem relacionado ao masculino. Se você pegar algumas equipes no masculino, elas têm todo um centro de treinamento, tem um trabalho multidisciplinar. No feminino, o que acontece: muitas vezes fica com a sobra desse espaço de horários que são vagos e disponibilizam para as meninas treinarem, e olhe lá se tem profissionais para cada setor de atuação. Às vezes tem profissionais que, ao mesmo tempo, realizam treinamento dentro de campo e precisam fazer um trabalho de fisioterapia externamente. Então, as principais dificuldades que eu vejo são as comparações com relação às estruturas que são dadas. Se a gente estender um pouquinho mais, até a área de comunicação, tem times que nem mesmo se preocupam em comunicar o trabalho que é feito no futebol feminino. Eu já tive inúmeras dificuldades com isso, da gente chegar e ficar à mercê de buscar uma informação com a própria jogadora. E aí eu entro em níveis de competições que tem lá o seu estrelato, mas às vezes os times não têm nem estrutura de comunicação. A gente não sabe qual equipe vai ser titular, quem treinou, quem está lesionada, o tempo de contrato com essas jogadoras. Tem várias coisas também que o esporte pode proporcionar para elas, mas elas possuem contratos de validade, às vezes, de dois, três meses, ou por uma pré-temporada de uma competição estadual. Tem time que não tem calendário nacional. Até tento compreender, mas essas meninas não têm uma forma sequer de

ter um planejamento de vida. E aí outra coisa também que eu acho muito preocupante é se uma jogadora se lesiona, o atendimento que ela tem hoje dos clubes. Eu já ouvi de algumas jogadoras que elas tiveram que pagar do próprio bolso a cirurgia, contar com o convênio médico que a família bancou. Então uma lesão de LCA, por exemplo, que é uma das maiores que se tem no futebol, tem jogadoras que tiveram esse problema e elas não contaram com nenhum suporte do clube, porque não é que tá no contrato. É uma questão do clube largar mesmo. E elas tiveram que pagar do próprio bolso, pagar academia, recuperação, para depender de um esporte que elas não tem garantia nenhuma no futuro. Elas mesmo vão se auto vender. Eu bato muito nessa parte que eu tive mais aproximação: da infraestrutura e da comunicação dos clubes, que são muito deficitárias.

Pergunta: Na sua opinião, a imprensa brasileira direciona a mesma visibilidade para o futebol de homens e de mulheres? E qual a sua opinião sobre essa questão na região onde tu atua?

Resposta: Não direciona. A gente pode falar sobre isso da última Copa do Mundo, a grande expectativa que se teve pela Seleção Brasileira. Eu vi muitas pessoas falando assim “Tá vendo? Grande expectativa e não passou nem da primeira fase”, e todo mundo quer entender um pouquinho de infraestrutura do futebol feminino. Eu acho que todo mundo já teve um pouquinho disso. E aí quando eu comecei a trabalhar mais com o futebol feminino, acompanhei muito o Campeonato Paulista, Série A-2 do Campeonato Brasileiro eu fiz alguns jogos também, antes de fazer os jogos, vamos colocar os maiores agora, que você tem um Campeonato Brasileiro com uma outra infraestrutura também, que não é das melhores ainda, na minha opinião. Todo mundo queria saber um pouquinho, mas ninguém ia lá acompanhar o dia a dia. E aí o que eu falo: a imprensa não vai acompanhar o dia a dia. E aí entra por uma questão de mudança de linha editorial dos veículos. Alguns já estão mudando, alguns promovem campeonatos ou eventos de imersão para os seus colaboradores, para os jornalistas, para as jornalistas, outros já promovem grade disponível. Só que quem se preparou muito mais para isso, no começo, foram mais os veículos que tinham destinação para internet, apenas os *streamings*, do que os canais. Então esse foi o primeiro ponto: a mudança veio do *streaming*, de uma galera que acompanhava mais, também. Às vezes a gente ia em jogos que não

tinha ninguém cobrindo, ninguém. Você sabia do resultado porque eram essas pessoas que colocavam os resultados na internet, no *Twitter*, ou elas iam lá e batiam fotos. Aí depois começou-se a ter uma uma destinação de informação para isso. Agora, vide isso, acho que alguns veículos já estão mudando sua linha editorial, estão abrindo mais espaços. Mas mesmo assim esse espaço ainda se resume para alguns pontos, como, por exemplo, a Copa Libertadores Feminina, Campeonato Brasileiro quando está afunilando, a Copa do Mundo. Eu, por ter trabalhado na Copa do Mundo Feminina lá na Cazé TV, vi uma grande cobertura, e não só da Seleção Brasileira, debates e tudo mais. Eu achei muito legal aquilo. Ao mesmo tempo, também, achei que foram poucos os programas que abordaram isso. Mas é um processo de evolução. E aí a gente não pode deixar de falar que, infelizmente, hoje, para um canal de TV abrir um pouco mais de espaço para isso, ele vê pelo viés comercial, e talvez o futebol feminino ainda não seja um viés comercial confiante para esses veículos. Aí fica o questionamento: como fazer ele se tornar um pouco mais confiável? Aí tem um ponto meu de lamentação, porque eu fiquei muito triste de o Brasil cair na primeira fase. Eu acredito que se o Brasil tivesse passado para as oitavas, quartas, a gente poderia ter uma discussão maior dessa valorização financeira que fomenta as transmissões. E aí caiu na primeira fase e ficou aquilo: “Está vendo? Olha aí como a gente fala”, é um discurso muito banal, mas, assim, muita gente se apegou nisso de “Aí, está vendo? Nem passaram da primeira fase, é outro esporte isso aí” e me doeu bastante, me dói ainda, porque hoje eu sei um pouco mais do futebol feminino. Mas infelizmente são resultados que colocam na prateleira do interesse. Em São Paulo melhorou bastante. Vamos falar das quatro potências hoje, Palmeiras, Corinthians, Santos e São Paulo, têm um produto de comunicação bem legal. Eu atuo muito próximo desses clubes na transmissão de jogos, porque além de narrar futebol, eu tenho uma agência que transmite os jogos do futebol feminino para o canal do Futebol Paulista, e tem outros canais também. Então a gente já fez, por exemplo, final do sub-17 na Neo Química Arena cheia, São Paulo e Corinthians, com números de *streaming* batendo cinco, seis mil visualizações simultâneas, que eu acho legal pra caramba no sub-17. E a gente tem hoje transmissões, por exemplo, do Corinthians, Santos, São Paulo, Palmeiras, São José, Ferroviária, com números acima de 20 mil, 22 mil aparelhos ligados simultaneamente. E aí eu só acho meio complicado, porque esses jogos, a grande maioria são realizados à tarde, em horário comercial, a galera está trabalhando e

não vê muito. Mas é porque também o clube procura segurar para não ter o gasto com iluminação. Essa é a verdade, pode falar o que for, mas é o gasto. Então acho que a cobertura melhorou bastante. Já tem veículos especializados, a própria Federação Paulista tem um espaço muito legal, ela tem o *podcast* do futebol feminino no canal, ela tem investimento em peneiras, cede para nós um material sensacional antes do campeonato chegar com o histórico dos clubes, as artilheiras. Acho que ainda pode ser melhor por parte dos clubes. Às vezes falta um pouco mais de carinho e divulgações. Não quando o time vai para uma final, mas quando começa um Campeonato Brasileiro, quando começa um Campeonato Paulista. O que eu sinto que tem mais cobertura e está muito mais engajada é a Federação Paulista de Futebol com os campeonatos. Então eu sinto isso no dia a dia. No meu caso, que eu tenho que transmitir, eu vejo da Federação um engajamento legal, um material legal, premiação, festa de final de ano para as jogadoras, entendimento da seleção do campeonato. O Campeonato Paulista hoje, para mim, é muito mais organizado do que o Campeonato Brasileiro, muito mais organizado. E os times de São Paulo têm investido um pouco mais, porque alguns já trabalham o próprio departamento de *marketing*. Então eu acho que a cobertura em São Paulo tem sido cada vez melhor. O espaço tem sido cada vez melhor, mais amplo, para a gente traçar, por exemplo, um bate-papo entre desafios de grandes jogadoras.

Pergunta: O que precisa ser feito para que os homens e as mulheres recebam as mesmas oportunidades dentro do futebol?

Resposta: A primeira coisa que, na minha opinião, tem que acontecer, eu sei que a gente bate muito nos clubes, mas a gente tem que se cobrar. As pessoas precisam ter essa consciência que parte muito mais do lado humano nosso. Acho que a gente precisa mudar isso, entender que precisa mudar. Em segundo ponto chegam os clubes. Os clubes precisam ter uma infraestrutura similar tanto para o masculino, quanto para o feminino. Essa é a verdade. “Ah, Raony, desculpa, mas é o masculino que leva mais gente para o estádio, que tem sócio torcedor, que dá mais dinheiro”. Tudo bem, eu vou, eu vou sentar com o financeiro, com o marketing para entender. Mas o que eu preciso fazer para melhorar o futebol feminino? Uma coisa que eu acho que deveria jogar a favor desses clubes? Algumas pessoas olham com um olhar mais crítico a isso, mas eu não vejo assim. Eu acho que seria legal, se você

pega, por exemplo, uma rodada de Campeonato Brasileiro masculino. Tem Corinthians e Grêmio. Poxa, é muito comum as pessoas chegarem mais cedo no estádio. Eu gostaria de ver uma preliminar do Campeonato Brasileiro Feminino, eu gostaria. Vou falar porque eu gostaria. Já foi feito muitas vezes isso. No início dos anos 1990, essa década, nós tivemos um exemplo disso. Eu acho que seria legal, porque eu acho que as pessoas vão se familiarizar mais. Como é que a pessoa vai se familiarizar com o Corinthians e o Grêmio no feminino jogando quarta-feira às 15h horas, quando a pessoa está trabalhando? Imagina que legal, na Neo Química Arena, o Corinthians faz divulgação para o público chegar mais cedo. “Ah, mas você está desprestigiando”. Eu não o vejo assim. Respeito as opiniões, mas eu acho que seria uma forma de apresentar também para crianças, para todo mundo. Ou depois. Coloca depois do jogo. Pode ser ou antes ou depois. Eu gosto dessa ideia, eu acho que você aproxima com o futebol feminino, aproxima ao ponto da gente ver meninos, meninas, na arquibancada com a camisa da Zanotti. Eu respeito quem vê isso com um olhar meio crítico, mas no meu ponto de vista seria muito legal. Eu acho que falta essa aproximação. Eu também entro num outro ponto de questão financeira. Para você ir num jogo hoje é difícil. Se você quiser ir num jogo do feminino, às vezes é aberto, mas tem transporte. A gente vive num país que não tem acesso a muita coisa. Se eu quiser ver o São Paulo no feminino, eu tenho que ir para Cotia. Se eu quiser ver o São José, às vezes eu tenho que ir para o interior. Se eu quiser ir ver o Palmeiras, o Palmeiras, na grande maioria, nem joga no Allianz Parque com o time feminino, joga mais quando está na reta final. E por que não essa ideia? No Campeonato Brasileiro, hoje você vai lá, você comprou o ingresso, você ganhou dois jogos. Vai ganhando mais a confiança da galera. Eu acho que seria legal, porque, a partir disso, a gente poderia dar uma vitrine maior para essas meninas também, e ter mais o estádio lotado. É legal quando a gente vai no jogo feminino super lotado, uma atmosfera legal. Então às vezes são casos isolados. Eu acho que a CBF poderia entrar nesse consenso com a Federação Paulista de Futebol de colocar esses jogos. Pode ser preliminar ou depois. Eu acho que seria legal o estádio inteiro para curtir. Seria bacana demais.

Pergunta: Qual é o papel do jornalista na tentativa de equalizar o tratamento entre os gêneros no futebol brasileiro?

Resposta: Acho que primeiro a gente tem que torcer para que melhore o pensamento e o raciocínio de todas as editorias e todas as diretrizes do jornalismo esportivo brasileiro. Acho que já tem mudado. Acho que esse processo está acontecendo. É trazer para quem vem da nova geração, também, essa importância e bater nessa tecla, questionar por que que não tem e tudo mais. E nós, como jornalistas, também questionarmos os lugares onde trabalhamos do porquê não tem se dado a mesma cobertura. Então para a mudança do jornalismo brasileiro acho que a gente já está no caminho. Tem pessoas que estão fazendo esse caminho, estão trilhando esse caminho. Existe abertura para cobertura do futebol feminino. Ainda pode ser melhor. E parte de nós cobrarmos isso. Parte do jornalista em si, principalmente do esporte, cobrar isso. Cobrar mesmo, de fato. Eu acho que essa cobrança já estava existindo. Ter uma cobertura mais ampla, nós, comunicadores, cobrarmos isso, mostrarmos isso, e apontarmos também todas as coisas que estão acontecendo. Abrindo espaço para falar quando uma jogadora sai de um clube sem receber, abrir espaço para trazer essa jogadora também para falar quais são as dificuldades dela, falar como é que é a forma de contrato, etc.

APÊNDICE B - Projeto de pesquisa do TCC 1

Projeto de pesquisa realizado no semestre de 2023/2.

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

MARIA EDUARDA PANIZZI

**JORNALISMO E FUTEBOL: TENSÕES ENTRE PARCIALIDADE E ISENÇÃO NO
ÂMBITO DA DISCUSSÃO DE GÊNEROS**

CAXIAS DO SUL

2023

MARIA EDUARDA PANIZZI

**JORNALISMO E FUTEBOL: TENSÕES ENTRE PARCIALIDADE E ISENÇÃO NO
ÂMBITO DA DISCUSSÃO DE GÊNEROS**

Projeto de TCC apresentado como
requisito para aprovação na disciplina de
Trabalho de Conclusão de Curso I

Orientador: Prof. Dr. Marcell Bocchese

CAXIAS DO SUL

2023

1 INTRODUÇÃO

São raras as pessoas que nunca ouviram a frase “futebol não é coisa de mulher”. Extremamente preconceituoso, esse dizer não passa de um estereótipo imposto pela sociedade machista que insiste em ditar o que as mulheres devem ou não fazer. Embora pouco disseminado, o futebol praticado pelo gênero feminino no Brasil não é uma novidade do século XXI. Muito pelo contrário. A modalidade já se fazia presente no país desde o início do século XX, mas, por conta do patriarcado, precisou barrar inúmeros preconceitos ao longo dos anos para alcançar o pequeno patamar onde está hoje.

Ironicamente, o país do futebol é parcial quando se trata de discussão de gêneros no esporte. Tanto que o futebol de mulheres foi criminalizado no Brasil por quase 40 anos, após o então presidente Getúlio Vargas²³ assinar um decreto-lei que proibia a prática de esportes “incompatíveis com a natureza feminina”. Fato é que esse impedimento foi um dos maiores responsáveis por atrasar o desenvolvimento da modalidade, o que torna extremamente didático entender o porquê a categoria ainda não é proporcional à masculina no país.

Dessa forma, é impossível dimensionar a quantidade de preconceitos que atletas mulheres que praticam futebol sofrem ao longo da carreira. Essas diferenças de tratamento vão desde a chuteira até a maior de todas elas: a remuneração. Mas, infelizmente, essa não é uma exclusividade apenas do futebol. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, as brasileiras recebem, em média, 22% a menos do que os homens.

A questão a ser analisada ao longo desta pesquisa é justamente onde o jornalista se encaixa nesse universo e quais são as suas obrigações e forças na tentativa de equalizar o tratamento entre os gêneros no futebol brasileiro. Diferentemente de igualdade, a equidade reconhece que as pessoas não são iguais e, justamente por isso, é preciso realizar ações para ajustar esse desequilíbrio. E no esporte não é diferente. Se o futebol de homens recebe muito mais prestígio que o de mulheres, é necessário rever a importância e espaço dados a cada um deles

²³ Primeiro Governo: 1930 a 1945;
Estado Novo: 1937 a 1945;
Segundo Governo: 1950 a 1954.

para então reconfigurar esse sistema e promover as mesmas oportunidades para ambos os gêneros.

Portanto, esse projeto contempla em seus capítulos o jornalismo esportivo, discussão de gêneros, isenção na prática jornalística e aspectos sobre a história do futebol brasileiro. Primeiramente, explica o que é o jornalismo esportivo, como ele surgiu e quais são as suas características. Na sequência, aprofunda-se no tópico central deste estudo: os gêneros. Após isso, aborda a isenção como característica central do profissional do jornalismo.

Nesse sentido, para que o futuro possa ser diferente, é preciso estudar o passado. Por isso, o último conceito elucida como foi o início do futebol no Brasil e suas ramificações. Almeja-se que seja possível, assim, assimilar os motivos da modalidade ser a maior marca das terras canarinhas e o porquê de o abismo entre os gêneros no futebol ser tão grotesco.

2 TEMA

Jornalismo e futebol: tensões entre parcialidade e isenção no âmbito da discussão de gêneros.

2.1 Delimitação do tema

Aspectos acerca da conduta profissional e do papel do jornalista esportivo brasileiro no futebol nacional sob o viés da problemática de gêneros.

3 JUSTIFICATIVA

É de conhecimento geral, ou, ao menos, deveria ser, que o futebol de mulheres já foi proibido no Brasil. Em 1941 o então presidente Getúlio Vargas assinou um decreto-lei que impedia mulheres de praticarem esportes que não fossem “adequados à sua natureza”. Sendo assim, durante 40 anos a prática da modalidade foi considerada crime no país do futebol.

Infelizmente, as consequências desse período são observadas diariamente no século XXI. Não apenas no universo esportivo, como em grande parte das áreas profissionais, as mulheres recebem salários consideravelmente inferiores aos masculinos, mesmo exercendo exatamente a mesma função. Segundo dados de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as brasileiras recebem, em média, 22% a menos do que os homens - mesmo que essa diferença já seja proibida pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Não somente os dados salariais são inferiores, como também a diferença no tratamento que as mulheres recebem. Falando especificamente sobre o futebol, as condições de trabalho são infinitamente inferiores quando comparadas com as do gênero oposto. Existem inúmeros relatos de atletas brasileiras alegando terem sofrido preconceito dentro dos próprios clubes de atuação, onde o profissionalismo dedicado ao elenco feminino era completamente diferente do masculino.

Apesar da parcialidade imposta perante os gêneros no futebol brasileiro ser esdrúxula, aparentemente, grande parte do público opta por não enxergar essa realidade. A partir disso, inúmeras críticas são lançadas à modalidade feminina e, mesmo 40 anos após o futebol de mulheres ser legalizado, a clássica frase “futebol não é coisa de mulher” não sai de moda. Ademais, não é incomum ouvir frases extremamente machistas durante uma partida de futebol de mulheres.

Justamente por isso é tão importante discorrer sobre esse tema. E, apesar de existir um considerável número de projetos de pesquisa a respeito do futebol de mulheres, a academia ainda engatinha quanto a essa temática. Dessa forma, faz-se necessário explorar cada vez mais esse universo tão vasto e desconhecido. Ainda, é de extrema importância que o papel do jornalista nesse contexto seja compreendido.

Frente a todas as adversidades citadas acima, onde o profissional do jornalismo se enquadra e o que ele pode fazer para equalizar o universo futebolístico? Quais os deveres do jornalista quanto as parcialidades impostas

perante os gêneros no futebol brasileiro? Essas são algumas das questões que esse projeto de pesquisa visa desvendar. O objetivo principal, além de trazer o tema à tona, é demonstrar como a parcialidade existente entre os gêneros no futebol brasileiro não passa de uma herança histórica que deveria ter sido equalizada antes mesmo que tivesse se tornado tão abismática quanto é hoje.

4 QUESTÃO NORTEADORA

Qual é o papel do jornalista esportivo no que diz respeito às tensões que fazem parte da realidade dos gêneros feminino e masculino no futebol brasileiro?

5 OBJETIVOS

5.1 Objetivo geral

Compreender qual é o papel do jornalista esportivo no que diz respeito ao seu modo de lidar com as diferenças no tratamento entre os gêneros no futebol brasileiro.

5.2 Objetivos específicos

- Averiguar as medidas que o jornalista pode tomar para equalizar os gêneros no futebol brasileiro;
- Compreender por que o futebol de mulheres é tão mais desvalorizado que o masculino;
- Investigar como o jornalista pode ser isento e imparcial na conduta profissional esportiva no contexto das tensões entre o futebol praticado por homens em relação ao praticado por mulheres;
- Entender qual a forma correta de exercer a conduta profissional jornalística esportiva;
- Compreender como a herança deixada pela proibição do futebol de mulheres colaborou para a falta de profissionalização da modalidade.

6 METODOLOGIA

O termo metodologia é derivado dos elementos gregos *méthodos* e *logia*. Quando desconstruída, a palavra método proporciona o vocábulo meta, que significa algo que está além, e hodos, que quer dizer passagem ou caminho. Dessa forma, em seu sentido originário, método aborda um procedimento que possibilita avançar sobre uma determinada finalidade. Ademais, quando acrescentado o sufixo “logia”, que significa ciência ou estudo de algo, tem-se a ideia do que é metodologia: a organização e o planejamento em relação ao estudo de um tema.

Nesse sentido, é preciso destacar que o termo metodologia pode possuir dois significados totalmente distintos. Pode ser um ramo da pedagogia que estuda os métodos mais adequados para transmitir conhecimentos ou o ramo da metodologia científica e da pesquisa, que tem como objetivo se ocupar de um estudo analítico e crítico dos métodos de investigação. (ZANELLA, 2006).

De acordo com Gil (2002), a metodologia da pesquisa acadêmica tem o papel de esclarecer os procedimentos utilizados para realizá-la. O autor destaca também que, mesmo que as pesquisas possuam singularidades, é extremamente necessário que o projeto delas contenha determinadas informações essenciais. A exemplo disso, tem-se a obrigação de elucidar qual o tipo de pesquisa empregado (natureza exploratória, descritiva ou explicativa), o tipo de delineamento adotado (experimental ou descritivo) e se a pesquisa se configura como estudo de caso, levantamento ou pesquisa bibliográfica.

Sendo assim, as pesquisas exploratórias são aquelas que normalmente proporcionam uma maior familiaridade com o problema (FIGUEIREDO, 2007). Isso quer dizer que elas têm o objetivo de tornar a questão mais explícita e tem como principal objetivo “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. (GIL, 2002, p. 46).

Além disso, é importante destacar que a pesquisa exploratória é a que menos apresenta rigidez em seu planejamento e normalmente envolve levantamento bibliográfico, documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. (GIL, 2002). O autor destaca também que esse tipo de pesquisa é empregado especialmente quando o tema escolhido pelo autor ainda é pouco explorado, o que “torna difícil formular hipóteses precisas e operacionalizáveis”. (GIL, 2002, p.45).

Nesse sentido, este estudo utilizará a pesquisa exploratória, isso porque ainda não há uma resposta para definir qual é o papel do jornalista no que diz respeito à tentativa de amenizar desequilíbrios no tratamento entre os gêneros feminino e masculino no futebol brasileiro. Por isso, será necessário realizar um amplo levantamento bibliográfico para compreender os motivos da realidade do futebol de mulheres ser tão mais desvalorizado que o dos homens e principalmente desenvolver inúmeras entrevistas com profissionais do jornalismo para entender como eles veem essa realidade e quais caminhos eles acreditam ser os adequados para os profissionais da área no que tange à equidade de gêneros.

Em relação à pesquisa descritiva, Figueiredo (2007) destaca que ela tem como principal objetivo descrever as características de determinada população ou fenômeno. Outro intuito dessa pesquisa é estabelecer “relações entre variáveis que são obtidas através da utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados”. (FIGUEIREDO, 2007, p.111). Segundo Gil (2002), outras pesquisas deste tipo são aquelas que têm como objetivo

[...] estudar o nível de atendimento dos órgãos públicos de uma comunidade, as condições de habitação de seus habitantes, o índice de criminalidade que aí se registra, etc. São incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população. Também são pesquisas descritivas aquelas que visam descobrir a existência de associações entre variáveis, como, por exemplo, as pesquisas eleitorais que indicam a relação entre preferência político-partidária e nível de rendimentos ou de escolaridade. (GIL, 2002, p.47).

Ademais, as pesquisas descritivas, ao lado das exploratórias, normalmente são realizadas por pesquisadores sociais que se preocupam com a atuação prática. (FIGUEIREDO, 2007). Ambas pesquisas buscam descrever os fatos e fenômenos de uma realidade específica com exatidão dos fatos, o que “exige do pesquisador uma série de informações sobre o que se deseja pesquisar”. (TRIVIÑOS apud FIGUEIREDO, 2007, p. 111).

Quando ressaltado o espaço que é destinado à metodologia, Gil (2002) leva em consideração a necessidade de mencionar a população e a amostra do objeto de estudo, como, por exemplo, qual será sua extensão e como ela será selecionada. Na sequência, o autor destaca o procedimento da coleta de dados, que merece atenção do pesquisador. Por fim, ele reitera que a etapa da análise de dados, que pode ser dividida em qualitativa, quantitativa ou quanti-qualitativa, também deve ser mencionada.

De acordo com Figueiredo (2007), existe a possibilidade de a análise dos dados ser realizada através da pesquisa quantitativa, a qual realiza a análise de

forma estatística e, na maior parte das vezes, é aplicada a estudos exploratórios que demandam um conhecimento profundo a respeito do objeto de pesquisa. Em contrapartida, as pesquisas qualitativas são aquelas que trabalham com dados que não podem ser quantificados, além de coletar e analisar materiais que são pouco estruturados e narrativos que exigem muito envolvimento do pesquisador. (FIGUEIREDO, 2007). Para finalizar, a autora destaca que “esse tipo de pesquisa produz grandes quantidades de dados narrativos, dispensando grandes amostras, visto que o pesquisador qualitativo tem de evitar controlar a pesquisa, para que o estudo permaneça no contexto naturalista”. (FIGUEIREDO, 2007, p. 114).

Por conseguinte, a pesquisa quanti-qualitativa é associada à análise de estatísticas e à investigação dos significados. Esse modo de pesquisa privilegia a melhor compreensão do tema que está sendo investigado e facilita a interpretação dos dados que são obtidos. Segundo Polit e Hungler apud Figueiredo (2007, p.114), “a abordagem quanti-qualitativa é aquela que permite a complementação entre palavras e números, as duas linguagens fundamentais da comunicação humana”.

Para a análise dos dados deste trabalho, a pesquisa qualitativa é a mais adequada para que o resultado final chegue a um denominador comum. Com isso, entende-se que é necessário que os dados narrativos sejam analisados para uma melhor compreensão do cerne da pesquisa.

Dessa forma, segundo Moresi (2003), a metodologia deve fornecer o detalhamento da pesquisa; esclarecer os caminhos que foram percorridos para chegar aos objetivos propostos; apresentar todas as especificações técnicas materiais e dos equipamentos empregados; indicar como foi selecionada a amostra e o percentual em relação à população estudada; apontar os instrumentos de pesquisa utilizados; e mostrar como os dados foram tratados e como foram analisados. Assim, compreende-se que a metodologia nada mais é do que a escolha do melhor método para solucionar um problema de pesquisa. (DIEHLL; TATIM, 2004).

6.1 Método

Como citado anteriormente, o método deriva do grego e é um procedimento que possibilita avançar sobre uma determinada finalidade. Dessa forma,

o sentido do método tem, na filosofia antiga, uma conotação diferente daquela que vai assumir a partir da filosofia moderna. Sócrates, Euclides, Platão, Aristóteles e outros filósofos [...] trataram também da geometria, da lógica, da matemática, da física, da medicina, da astronomia, imprimindo uma visão totalizante às suas interpretações do mundo, nem sempre encontrada na ciência moderna. Tal visão inclui a preocupação com o saber-fazer, isto é, a técnica, e tem seu ponto de partida na geometria e na matemática, com a noção de medida (saber-medir), que caracteriza as explicações sobre o universo, a matéria, o movimento, os corpos etc. (PÁDUA, 2018, p. 14).

Nesse sentido, para Paviani (2013, p. 61), o método está “[...] intimamente ligado ao conceito de processo de investigação científica, que tem por objetivo produzir novos conhecimentos e modos de intervenção na realidade”. Ademais, por meio de atividades sistemáticas e racionais, o método possibilita a obtenção de conhecimentos válidos e verdadeiros, orientando o pesquisador ao apontar erros e traçar o caminho a seguir. (MARCONI; LAKATOS, 2005).

Além disso, é importante destacar que, segundo Paviani (2013), existem duas formas de interpretar o método: um modo básico de conhecer (sentido estrito) e um conjunto de regras, instrumentos, técnicas e procedimentos (sentido geral). Portanto, entende-se que, de forma ampla, o método científico pode ser considerado um conjunto de processos ou operações mentais que devem ser empregados na investigação. (MORESI, 2003).

Outrossim, Prodanov e De Freitas (2013) ressaltam que foram travadas diversas tentativas de criar um único método que abrangesse todas as ciências e ramos do conhecimento. Entretanto, esses experimentos acabaram por criar correntes de pensamento que divergem entre si. Por conta disso, atualmente, é comum que sejam aceitos e combinados diferentes métodos científicos em uma mesma pesquisa. Isso porque abordagens e métodos distintos podem ser úteis para investigar diferentes questões científicas. Ou seja, não há uma abordagem única ou correta para todas as situações. (PRODANOV; DE FREITAS, 2013). Para ilustrar ainda mais essa vertente ressaltada pelos autores, a seguir serão explicados os métodos de abordagem e de procedimento.

6.1.1 Método de abordagem

O primeiro dos métodos de abordagem a ser exemplificado é o método dedutivo. Segundo Prodanov e De Freitas, o entendimento clássico aponta que esse é o método que parte do geral e, na sequência, desce ao particular. Os autores

destacam ainda que esse método “prediz a ocorrência de casos particulares com base na lógica”. (PRODANOV; DE FREITAS, 2013, p. 27) a partir de princípios, leis ou teorias que são vistas como verdadeiras e indiscutíveis.

Proposto pelos racionalistas Baruch Spinoza, René Descartes e Wilhelm Leibniz, o método dedutivo leva a entender que apenas a razão pode levar ao conhecimento verdadeiro. Justamente por esse detalhe, não existe meio termo, isto é, os argumentos dedutivos são considerados corretos ou incorretos. (MARKONI; LAKATOS (2005).

Ademais, segundo Diehl e Tatim (2004), as definições, os princípios e os teoremas são os instrumentos principais desse método, que usa “a construção lógica para, a partir de duas premissas, retirar uma terceira logicamente decorrente das primeiras, denominada de conclusão.” (PRODANOV; DE FREITAS, 2013, p. 27).

Dessa forma, compreende-se que este projeto de pesquisa utilizará o método de abordagem dedutivo. Isso porque trata-se de uma problemática extremamente atual e que ainda não possui solução. Sendo assim, para compreender qual o papel do jornalista na tentativa de equalizar o tratamento entre os gêneros no futebol brasileiro, será necessário analisar todo o contexto e conversar com especialistas da área para chegar a uma conclusão concreta. Visto que o método dedutivo entende que apenas a razão pode levar ao conhecimento verdadeiro, esse método será empregado justamente por analisar princípios, leis e teorias vistas como verdadeiras e indiscutíveis

Já no método indutivo, que foi proposto pelos empiristas David Hume, Francis Bacon, John Locke e Thomas Hobbes, ocorre a generalização. Conforme Prodanov e De Freitas (2013), o primórdio da questão é particular e posteriormente é aplicada uma lei geral, processo que, segundo os autores, ocorre por meio da observação e experimentação. “O objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam.” (MARCONI; LAKATOS, 2005, p. 87).

Além disso, de acordo com Marconi e Lakatos (2005), é importante destacar que a indução ocorre durante três etapas. A primeira delas conta com a observação minuciosa dos acontecimentos e fenômenos. Na segunda etapa ocorre o esclarecimento da relação entre esses fenômenos onde, através de experimentos, é realizada a classificação dos fatos e a determinação de sua causa. Já a terceira

etapa tem relação com a generalização, onde extrai-se a conclusão final gerada pela observação.

Sob outra ótica, o método hipotético-dedutivo, que foi definido por Karl Popper a partir de críticas à indução, consiste na adoção da linha de raciocínio que entende que o problema surge a partir do momento em que os conhecimentos disponíveis sobre um assunto específico não são suficientes para explicar um fenômeno. (GIL, 2008). A partir disso, ainda segundo Gil (2008), são formuladas conjecturas ou hipóteses na tentativa de explicar as dificuldades expressas no problema.

Além disso, após serem formuladas, essas hipóteses devem ser testadas ou falseadas, processo que é chamado de inferência indutiva. De acordo com Prodanov e De Freitas (2013, p. 32), a pesquisa científica, quando utiliza a abordagem hipotético-dedutiva, é iniciada com “a formulação de um problema e com a sua descrição clara e precisa, a fim de facilitar a obtenção de um modelo simplificado e a identificação de outros conhecimentos e instrumentos [...] que auxiliarão o pesquisador em seu trabalho”.

Em contrapartida, no método dialético, proposto por Georg Wilhelm Hegel, “as contradições transcendem-se, dando origem a novas contradições que passam a requerer solução”. (PRODANOV; DE FREITAS, 2013, p. 34). Os autores destacam também que, quando empregado na pesquisa qualitativa, esse é um método que considera que os eventos e fenômenos da vida não podem ser compreendidos isoladamente, mas devem ser interpretados dentro do contexto mais amplo em que ocorrem. Nesse sentido, Marconi e Lakatos (2007) entendem que o término de um processo marca sempre o início de outro. Sendo assim, compreende-se que para o método dialético tudo está interligado.

Por fim, o método fenomenológico, difundido por Edmund Husserl, tem como objetivo criar uma base segura e livre de pressupostos para todas as ciências. (GIL, 2008). Além disso, esse método apenas apresenta e esclarece o que é o dado. Segundo Prodanov e De Freitas (2013), o método fenomenológico é focado apenas aos aspectos essenciais do fenômeno, independentemente de ser real ou não. Por não ser dedutivo nem empírico, esse método normalmente é empregado na pesquisa qualitativa. Além disso, tem como regra fundamental avançar para as próprias coisas. Nesse caso, a “coisa” refere-se ao fenômeno ou aquilo que é percebido a partir da consciência. “A fenomenologia só visa o dado, sem querer

decidir se esse dado é uma realidade ou uma aparência.” (PRODANOV; DE FREITAS, 2013, p. 35).

6.1.2 Métodos de procedimento

Em contrapartida aos métodos de abordagem, os métodos de procedimentos são vistos como parte de etapas mais palpáveis da pesquisa científica. Segundo Prodanov e De Freitas (2013), essas etapas de investigação têm relação com os procedimentos técnicos que guiarão o pesquisador dentro de uma determinada área de conhecimento. São eles, inclusive, que determinarão quais processos serão utilizados na coleta de dados e informações e na análise. Os principais métodos de procedimento das ciências sociais incluem os métodos histórico, comparativo, monográfico (ou estudo de caso), estatístico, tipológico, funcionalista e estruturalista.

Primeiramente, o método histórico é aquele que investiga acontecimentos, processos e instituições do passado com o objetivo de confirmar a sua influência na sociedade contemporânea. (MARCONI; LAKATOS, 2007). Típico dos estudos qualitativos, esse método busca uma compreensão mais concreta do papel dos acontecimentos passados na sociedade e “deve remontar aos períodos de sua formação e de suas modificações”. (PRODANOV; DE FREITAS, 2013, p. 37).

Ao mesmo tempo, segundo Marconi e Lakatos (2007), o método comparativo é uma abordagem utilizada na ciência para explicar os fenômenos, onde se compara dois ou mais pontos para destacar suas semelhanças e diferenças, com o objetivo de encontrar as causas que explicam esses fatores. De acordo com Prodanov e De Freitas (2013), esse método busca tornar possível analisar o dado concreto e deduzir elementos abstratos, constantes ou gerais que estão presentes nele.

Já o método tipológico denota determinadas características que se assemelha ao método comparativo. Isso porque esse método busca realizar uma comparação entre fenômenos sociais de alta complexidade. (MARCONI; LAKATOS, 2005). Dessa forma, o pesquisador cria modelos para compreender casos concretos através de análises de aspectos essenciais dos fenômenos sociais e ao realizar comparações.

O método monográfico (estudo de caso) é aquele que analisa um caso em profundidade e pode ser considerado como representativo de muitos outros ou mesmo de todos os casos semelhantes. (GIL, 2008). Segundo o autor, esses casos

podem ser indivíduos, instituições, grupos, comunidades, etc. Sendo assim, esse método tem como objetivo averiguar o tema escolhido para analisar todos os fatores que o influenciam, além de analisá-lo em todos os seus aspectos.

Com essa definição, entende-se que o método de procedimento aplicado neste projeto de pesquisa será o monográfico. Como se trata de uma análise de um caso em profundidade, esse projeto precisará passar pelas etapas da averiguação e análise. Esse processo é necessário para que se possa investigar todos os aspectos que influenciam o todo e se chegue a um denominador comum de qual seria a possível solução para o problema da discussão de gêneros no futebol brasileiro.

Proposto por Adolphe Quetelet, o método estatístico emprega técnicas estatísticas para obter representações simplificadas a partir de conjuntos de dados complexos, além de analisar possíveis relações existentes entre si. (MARCONI; LAKATOS, 2005). Esse é um método que permite a descrição quantitativa da sociedade e que fornece um reforço das conclusões por meio da experimentação e observação. (PRODANOV; DE FREITAS, 2013).

O método funcionalista é mais um daqueles que dá mais valor à interpretação do que à investigação. Esse método entende que a sociedade é constituída por parcelas diferenciadas, inter-relacionadas e independentes. (MARCONI; LAKATOS, 2005). Ainda segundo os autores, cada uma dessas parcelas é responsável por desempenhar um papel indispensável. Sendo assim, entende-se que o método funcionalista procura compreender a sociedade através de suas unidades ou sistema organizado de atividades, analisando cada função em particular.

Por último, criado por Claude Lévi-Strauss, o método estruturalista “parte da investigação de um fenômeno concreto, eleva-se a seguir ao nível do abstrato [...] retomando por fim ao concreto”. (MARCONI; LAKATOS, 2005). Segundo os mesmos autores, esse método defende que uma linguagem abstrata é essencial para permitir a comparação de experiências aparentemente distintas, que sem isso não poderiam ser estudadas e ensinar algo.

6.2 A importância da entrevista

De acordo com Marconi e Lakatos (2003), a entrevista pode ser considerada como um encontro entre duas pessoas com a finalidade que uma delas aglomere informações a respeito de determinado assunto a partir de uma conversa de

natureza profissional. Segundo as autoras, “esse procedimento é utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social”. (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 195).

Nesse sentido, Goode e Hatt apud Marconi e Lakatos (2003, p. 196) asseguram que a entrevista "consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de certo ato social como a conversação". Considerada por alguns autores como o principal instrumento de pesquisa na área da investigação social, a entrevista pode ser compreendida como um método sistemático de conversação face a face que provê verbalmente ao entrevistado as informações necessárias.

Marconi e Lakatos (2003) discorrem também sobre os objetivos da entrevista. Segundo elas, o principal deles é a obtenção de informações do entrevistado sobre determinado assunto ou problema. Em relação ao conteúdo, Sellitz apud Marconi e Lakatos (2003) destaca seis metas centrais: averiguação de fatos; determinação das opiniões sobre os fatos; determinação de sentimentos; descoberta de planos de ação; conduta atual ou do passado; e motivos conscientes para opiniões, sentimentos, sistemas ou condutas.

O primeiro deles diz respeito a averiguar se as pessoas que detêm determinadas informações de fato são capazes de compreendê-las. Já o segundo busca conhecer como as pessoas creem que os fatos são. O terceiro leva em consideração a conduta dos indivíduos a partir de seus sentimentos e medos. O quarto descobre, através de definições individuais, qual a conduta a ser tomada frente a determinadas situações para prever qual seria a sua própria. O quinto entende que é preciso conhecer a conduta individual no presente ou passado para prever o que essa mesma pessoa fará no futuro. Por fim, o sexto busca descobrir o que influencia nas opiniões, sentimentos e condutas individuais e os motivos dessa realidade.

É importante destacar que, segundo Fontana e Prey apud Duarte (2011), a entrevista é uma das maneiras mais simples e potentes utilizadas na tarefa da compreensão da condição humana. Assim, Duarte (2011) discorre sobre a entrevista com profundidade. De acordo com o autor, essa é uma técnica qualitativa que busca explorar um assunto através da busca de informações, percepções e experiências de informantes para que assim elas possam ser analisadas e apresentadas de forma estruturada.

Duarte (2011, p. 62) entende a entrevista com profundidade como “um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”. A partir disso, Demo apud Duarte (2011) explica que na pesquisa qualitativa os dados não apenas são coletados, mas também são resultado de uma interpretação e construção do pesquisador a partir de um diálogo “inteligente e crítico” à realidade.

Dessa forma, é importante destacar que as entrevistas em profundidade normalmente são individuais, apesar de existir a possibilidade de realizá-las com duas fontes em conjunto. Segundo Duarte (2011), as entrevistas são classificadas com uma diversa variedade de tipologias que usualmente são definidas como abertas, semi-abertas e fechadas. Elas são originárias, respectivamente, de questões não estruturadas, semiestruturadas e estruturadas (quadro 1). O autor destaca que as abertas e semi-abertas são compreendidas como em profundidade e exigem da fonte uma “subordinação dinâmica ao entrevistado”. (DUARTE, 2011, p. 64).

Ademais, há uma distinção entre as entrevistas abertas e semiabertas. A primeira delas é realizada a partir de uma temática central e sem itinerário. Já a segunda parte de um roteiro-base. Simultaneamente, a entrevista fechada normalmente é aplicada em pesquisas quantitativas.

Quadro 1 - Modelo de tipologia em entrevista

Pesquisa	Questões	Entrevista	Modelo	Abordagem	Respostas
Qualitativa	Não-estruturadas	Aberta	Questão Central	Em profundidade	Indeterminadas
Qualitativa	Semiestruturadas	Semi-aberta	Roteiro	Em profundidade	Indeterminadas
Quantitativa	Estruturadas	Fechada	Questionário	Linear	Previstas

Fonte: A partir de Duarte, 2011.

6.2.1 Como se preparar para a entrevista

De acordo com Marconi e Lakatos (2003), o tempo de preparação para uma entrevista é essencial para o sucesso dela. Isso requer tempo e exige medidas como planejar a entrevista; conhecimento prévio a respeito do entrevistado; agendamento

da entrevista; garantir condições favoráveis para a fonte; contato com líderes das fontes; conhecimento prévio do campo; e organização de roteiro com questões importantes. (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Além disso, para que uma entrevista seja bem sucedida é necessário que o entrevistador tenha habilidade e sensibilidade. Isso porque, a partir do momento que ele consegue criar uma relação confiável com o entrevistado, a probabilidade de que ele obtenha informações vistas como privilegiadas é extremamente alta. (MARCONI; LAKATOS, 2003). Sendo assim, as autoras definem cinco regras essenciais para o êxito de uma entrevista. São elas: contato inicial; formulação de perguntas; registros de respostas; término da entrevista; e requisitos importantes.

O contato inicial, que deverá ser realizado na primeira quinzena de agosto, é primordial para estabelecer uma conversa amistosa e explicar a finalidade da pesquisa, além de ressaltar a importância da colaboração da fonte. Além disso, é preciso manter a confiança do entrevistado para garantir um ambiente em que ele fique confortável para falar de maneira espontânea e natural. É importante destacar que, ao longo da entrevista, questões não previstas anteriormente podem surgir. Por fim, o entrevistador pode falar, mas deve, principalmente, ouvir e se manter no comando da entrevista.

Por conseguinte, a formulação de perguntas é um fator crucial para garantir o sucesso de uma entrevista. Sendo assim, as perguntas precisam ser organizadas de acordo com o tipo da entrevista: padronizadas, obedecendo ao roteiro ou formulário preestabelecido; não-padronizadas, deixando o informante falar à vontade e, depois, ajudá-lo com outras perguntas, entrando em maiores detalhes. (MARCONI; LAKATOS, 2003). Ademais, é correto fazer uma pergunta de cada vez, iniciando por aquelas que não tenham probabilidade de ser recusadas, e toda pergunta que sugira resposta deve ser evitada.

Já o registro de respostas deve ser feito no momento da entrevista para que se mantenha uma maior fidedignidade e veracidade das informações. Para tanto, recomenda-se o uso do gravador. É necessário registrar a fala com as mesmas palavras utilizadas pela fonte e é essencial conferir respostas que não tenham sido totalmente claras. Ainda, é importante anotar gestos, atitudes e inflexões de voz, caso seja possível.

Ao término da entrevista, o entrevistador deve seguir a linha inicial de cordialidade. Isso garante que, caso seja necessário obter novos dados, o

informante não se oponha a ceder respostas. Por fim, as respostas de uma entrevista devem atender à validade (comparação com a fonte externa, com a de outro entrevistador, observando as dúvidas, incertezas e hesitações demonstradas pelo entrevistado); relevância (importância em relação aos objetivos da pesquisa); especificidade e clareza (referência a dados, data, nomes, lugares, quantidade, percentagens, prazos, etc com objetividade); profundidade (sentimentos, pensamentos e lembranças do entrevistado, sua intensidade e intimidade) e extensão (amplitude da resposta). (LODI apud MARCONI; LAKATOS, 2003).

6.2.2 A entrevista semiestruturada

O modelo de entrevista semiestruturada torna possível conservar a padronização de perguntas sem impor opções de respostas ao entrevistado. A partir disso, o pesquisador não irá interferir e manterá a condição de imparcialidade intacta e deixará que o entrevistado formule uma resposta pessoal sobre o assunto tratado:

a entrevista semiestruturada oferece maior amplitude na coleta dos dados, bem como uma maior organização: esta não estando mais irremediavelmente presa a um documento entregue a cada um dos interrogados. Por essa via, a flexibilidade possibilita um contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo assim a exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações, de suas crenças e valores. (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 188-189).

Outrossim, é importante destacar que um dos principais objetivos da entrevista semiestruturada é a busca por uma maior profundidade nos dados coletados e obtidos a partir da análise do conteúdo obtido durante as entrevistas. A partir disso, promove-se um confronto entre as respostas para que se possa ter uma maior compreensão do objeto de estudo.

Segundo Laville e Dionne (1999), a utilização da entrevista semiestruturada flexibiliza a coleta de dados e permite uma abordagem mais aberta ao entrevistado, o que faz com que respostas mais autênticas e confiáveis sejam obtidas. Além disso, esse tipo de entrevista é composto por uma série de perguntas que seguem um roteiro central, abordando a questão central do problema em discussão.

6.3 Delimitação do corpus

Antes de elaborar as entrevistas que serão utilizadas neste projeto de pesquisa, será necessário definir quais serão os profissionais entrevistados. É imprescindível que sejam ouvidos jornalistas de diferentes regiões do Brasil. Para isso, será preciso contatar profissionais de Caxias do Sul, Porto Alegre e do grande centro do Brasil: São Paulo ou Rio de Janeiro.

A ideia é conversar com pelo menos 12 profissionais no total, sendo seis homens e seis mulheres. Essa gama de entrevistados tornará possível compreender as diferentes visões dos profissionais da área do jornalismo esportivo sobre qual o papel desses profissionais na tentativa de equalizar as condições impostas ao futebol de homens e mulheres no Brasil.

Nesse sentido, será importante abranger os diferentes veículos de comunicação. Isto é, rádio, televisão, impresso e online. Ademais, no momento em que os profissionais a serem entrevistados forem definidos, será preciso traçar uma linha sobre a história de cada um deles, explicando sobre sua trajetória acadêmica e profissional, além de discorrer sobre o veículo onde cada um deles atua.

Após isso, o passo seguinte será definir as perguntas que serão feitas durante as entrevistas. Elas devem seguir o padrão do modelo de profundidade qualitativo semiestruturado. Isso garante que o pesquisador não interfira e mantenha a condição de imparcialidade intacta, o que garante uma entrevista isenta.

No momento em que as entrevistas forem feitas e todas as informações estejam coletadas, parte-se para a decupagem. Essa é uma etapa importantíssima para assegurar que as respostas estejam descritas exatamente como as fontes responderam às questões. Depois dessa função, é hora de analisar as respostas e criar um paralelo entre elas. Com isso, será possível chegar a uma conclusão para qual a função do profissional jornalista, seja ele repórter ou gestor, deve fazer para tentar equilibrar as tensões existentes entre o universo futebolístico no que tange à discussão de gêneros.

7 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

7.1 O jornalismo esportivo

7.1.1 Alguns aspectos acerca da história do Jornalismo Esportivo

De acordo com a enciclopédia de Oxford, o jornalismo esportivo é uma área popular da mídia contemporânea que tem uma longa história de entrega de resultados, análises e opiniões para públicos amplos e especializados. Nesse sentido, segundo Fonseca (1997), os primeiros registros a respeito da área datam de mais de cem anos. O autor destaca que, inicialmente, a categoria foi catalogada em 1854 pelo jornal francês *Le Sport*, que publicava crônicas sobre caça, haras e turfe²⁴, além de sessões de boxe, canoagem, natação, pesca e demais esportes.

Ao contrário do que se possa imaginar, a primeira modalidade esportiva que recebeu uma cobertura elaborada pelos veículos impressos foi o hipismo. O fato aconteceu em meados do século XIX, na França. De acordo com Fonseca,

[...] a grande imprensa só abriu espaço em 1875, num momento de mudanças sociais e de crescimento de esportes populares, pois, até então, só se registravam notas sobre o boxe, iatismo e esgrima. Por isso, os pioneiros do jornalismo esportivo surgiram nos jornais populares. (FONSECA, 1997, p. 126).

Em virtude de ser praticado pelas classes sociais menos favorecidas, o esporte era tratado como um tema inferior, que só veria seu cenário mudar a partir do momento que começasse a ser praticado pela elite. (FONSECA, 1997). De fato, essa mudança ocorreu no momento em que o membro da aristocracia francesa, Barão Pierre de Coubertin, trouxe à tona a ideia de ressurgir os ideais olímpicos de união entre os povos. Para tanto, ele criou os Jogos Olímpicos da Era Moderna em 1896.

A partir disso, no final do século XIX e início do século XX, seções esportivas diárias passaram a ser inseridas em diversos jornais. Nesse período, essas subdivisões proporcionaram destaque para eventos locais e regionais, como partidas de beisebol, futebol e corridas de cavalos. O resultado dessas coberturas foi o aumento de interesse dos leitores pela área esportiva, o que transformou o jornalismo esportivo em uma especialidade de diferentes periódicos da época. (FONSECA, 1997).

²⁴ Turfe é o esporte que promove e incentiva corridas de cavalos.

Entre as décadas de 1920 e 1930, o rádio se tornou uma ferramenta importantíssima para a cobertura dos esportes ao vivo. Através da evolução tecnológica, as estações de rádio transmitiam jogos e eventos esportivos. Essas novidades foram responsáveis por transformar os comentaristas radiofônicos em figuras populares e respeitadas na indústria do jornalismo esportivo.

Já na década de 1950, com a popularização da televisão, a modalidade esportiva se tornou ainda mais ilustre. Assim, a tecnologia evoluiu e se transformou em uma das principais formas de entretenimento e comunicação. A TV permitiu a transmissão de eventos ao vivo e a exibição de programas pré-gravados, o que a evidenciou como uma das principais fontes de informação e entretenimento em todo o mundo. (FONSECA, 1997).

Pouco tempo depois, em 1969, a internet foi criada como uma rede de computadores. Entretanto, foi apenas na década de 1990 que ela se tornou uma das principais formas de comunicação e informação. Foi nessa época que os jornalistas esportivos começaram a se apropriar da tecnologia para criar sites e blogs onde pudessem publicar suas opiniões e análises sobre eventos esportivos.

A partir dos anos 2000, com o aumento do acesso à internet, as organizações de mídia tradicionais passaram a expandir sua presença online e criar sites dedicados a esportes. Já em 2010, com o crescimento das redes sociais, muitos jornalistas esportivos começaram a usar o *Twitter*, o *Facebook* e outras plataformas para compartilhar notícias e interagir com seus seguidores. As organizações de mídia também passaram a investir mais em vídeos, *podcasts* e outras formas de conteúdo multimídia.

7.1.1.1 Jornalismo esportivo no Brasil: primórdios

Preconceito. Essa foi a palavra que definiu o início da trajetória esportiva no Brasil. Ironicamente, no começo do século XX, o atual país do futebol jamais imaginava receber esse título. A modalidade, que hoje é ovacionada pelo público, precisou barrar inúmeros revezes para alcançar a relevância que possui hoje. Segundo o jornalista Paulo Vinícius Coelho, a maioria das pessoas não acreditava que o futebol, por exemplo, fosse um assunto que iria estampar manchetes de jornais.

A rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular do país na época, jamais estamparia as primeiras páginas de jornal. Assunto

menor. Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas quadras – valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país? Não, não poderia, mesmo que movesse multidões às ruas em busca de emoções que a vida cotidiana não oferecia. (COELHO, 2003, p. 7-8).

Entretanto, em decorrência da expansão dos meios de comunicação de massa no Brasil no século XX, a popularidade e relevância do jornalismo esportivo cresceram significativamente no país. Esse aspecto pode ser relacionado com o fato de que os veículos de comunicação exercem o trabalho de aliar mensagens ao entretenimento, em um processo que atua diretamente na construção do imaginário social e da memória coletiva. (SIQUEIRA, 1997).

Por conseguinte, ainda segundo Coelho (2003), na década de 1910 havia algumas páginas de divulgação esportiva no jornal *Fanfulla*²⁵. Esse era um periódico que não formava opinião e nem era voltado para a elite, mas foi o responsável por atingir um público cada vez maior em São Paulo, que era formado pelos italianos.

Um aviso não muito pretensioso de uma das edições chamava-os a fundar um clube de futebol. Foi assim que nasceu o Palestra Itália, que se tornaria Palmeiras décadas mais tarde, no meio da Segunda Guerra Mundial. Nesse tempo, as poucas páginas dedicadas ao esporte nos diários paulistanos falavam sobre outra guerra. A travada entre os são-paulinos, que sonhavam tomar à força o estádio Parque Antártica dos palestrinos. (COELHO, 2003, p. 8).

O autor destaca que à época, não existia o que hoje é chamado de jornalismo esportivo. Se não fossem aqueles primeiros relatos, hoje não se saberia nada a respeito do antigo Palestra e, de forma geral, de tantos outros esportes. Contudo, é extremamente relevante destacar que todos esses registros foram realizados a contragosto, segundo o que definiu Coelho. “Nas redações do passado – e isso se verifica também nas de hoje em dia – havia sempre alguém disposto a cortar uma linha a mais dedicada ao esporte.” (COELHO, 2003, p. 9).

Nesse sentido, é possível compreender que mesmo que o esporte movesse milhares de pessoas às ruas de uma forma que a vida cotidiana não conseguia, ele não poderia chegar nem perto de estampar as manchetes dos jornais brasileiros simplesmente porque não era considerado tão importante quanto os demais assuntos.

Entretanto, no início do século XX, era o Rio de Janeiro quem impulsionava o Brasil. E foi justamente nesse estado que os jornais passaram a dedicar mais

²⁵ Criado em 17 de junho de 1893, o *Fanfulla* tornou-se o mais importante jornal em língua italiana, publicado diariamente na cidade de São Paulo desde 1894. Seu nome foi dado em homenagem a Bartolomeo Tito Alon, guerreiro libertário que viveu em Lodi (Itália) no século XV.

páginas ao esporte. Segundo Coelho (2003), o divisor de águas do período foi a conquista da segunda divisão de 1923, feito atingido pelo Clube de Regatas Vasco da Gama, clube que apostava na presença de negros em sua equipe.

Os negros entravam de vez no futebol, tomavam a ponta no esporte. O Vasco foi campeão carioca pela primeira vez em 1924, apesar da oposição dos outros grandes, que sonhavam tirá-lo da disputa alegando que o clube dos portugueses e negros não possuía estádio à altura de disputar a primeira divisão. Os portugueses construíram o estádio de São Januário e nunca mais saíram da elite do futebol do país. (COELHO, 2003, p. 9).

A partir disso, diversos jornais dedicados ao esporte foram surgindo e se tornaram os responsáveis por lutar contra o preconceito de que apenas as pessoas de classes sociais menos favorecidas poderiam se interessar por diários esportivos. Isso porque “o preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menor poder aquisitivo significava também menor poder cultural e, conseqüentemente, ler não constava de nenhuma lista de prioridades.” (COELHO, 2003, p. 9).

Por tanto, diversos jornais e revistas esportivas surgiram e desapareceram com o passar dos anos. Contudo, a partir da segunda metade da década de 1960 houve o surgimento de mais cadernos esportivos no Brasil. Com isso, o país entrou para a lista dos países com maior número de profissionais da imprensa esportiva, posto que perdura até os dias atuais.

7.1.2 O jornalista homem e a jornalista mulher dentro do universo esportivo

Por se tratar de profissionais que estão sempre nos holofotes e que aparecem em frente às câmeras, grande parte do público tem certeza de que os jornalistas são profissionais que recebem salários altíssimos. Entretanto, ao contrário do que se possa imaginar, infelizmente o jornalismo não é uma profissão de alta remuneração. Fato este que se torna ainda mais agravante quando se leva em consideração a responsabilidade que passa pela mão dos porta-vozes da área.

Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social. Pode ser propagado em televisão, rádio, jornal, revista ou internet. Não importa. A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e do interesse público. (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 13).

Nesse sentido, um dos principais pontos a serem analisados a respeito das incumbências do jornalismo é o exercício da profissão respeitando os preceitos

éticos da sociedade. Dentro desse tópico tem-se a necessidade de levar em consideração os perigos que a não atuação ética pode causar aos indivíduos. Como definiu Felipe Pena (2021), “no jornalismo, não há fibrose²⁶. O tecido atingido pela calúnia não se regenera. As feridas abertas pela difamação não cicatrizam. A retratação nunca tem o mesmo espaço das acusações” (PENA, 2021, p. 113).

Isto é, depois que algo é feito não há como voltar atrás. E é justamente por isso que os profissionais do jornalismo precisam ter tanto cuidado com aquilo que veiculam. A divulgação de uma informação incorreta, mesmo que não intencional, tem o poder de acabar com a vida de uma pessoa. Mesmo que retratações sejam feitas, a credibilidade do injustiçado nunca mais pode ser restituída, pois “a mentira fica marcada no imaginário popular”. (PENA, 2021, p. 113).

A partir disso, é preciso compreender que trabalhar com o jornalismo esportivo, em especial, possui especificidades, visto que, por muitas vezes, essa área é confundida com puro entretenimento. (BARBEIRO; RANGEL, 2006). Além disso, por se tratar de um serviço à comunidade, um bom pauteiro deve sempre desconfiar das informações que recebe.

Ademais, se o exercício da profissão já não é favorável aos homens, quando se trata de jornalistas esportivas, os problemas se tornam ainda maiores. Segundo Coelho (2003), antes de 1970 era praticamente impossível ouvir falar de mulheres no esporte. Ainda segundo ele, a presença feminina na área esportiva é sempre tratada como algo curioso, como se esse público entender de esportes fosse algo de outro mundo.

Logicamente, essa falta de respaldo ao feminino não é fato atual. Muito pelo contrário. É uma herança deixada por gerações de preconceito e machismo que infelizmente ainda é enfrentada pela sociedade contemporânea. Em 1941, foi promulgado o Decreto-lei nº 3.199, que estabeleceu as bases de organização esportivas em todo o Brasil até 1975. Esse documento preceituava que “às mulheres, não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”.

Pois é dentro de um quadro mais amplo da luta travada pela mulher de se livrar do estigma de naturalmente inferior ao homem, vinculado às alterações substantivas ocorridas no campo econômico brasileiro, no final dos anos 50, início dos anos 60, que vamos encontrar as bases para a gradativa alteração - que passou a ocorrer - da forma de se perceber a

²⁶ Fibrose é uma resposta do organismo ao trauma gerado por uma agressão cirúrgica.

participação da mulher no fenômeno cultural chamado esporte. (FILHO, 1997, p. 96).

Por óbvio, essa proibição da prática de esportes pelas mulheres respingou não apenas nas atletas, mas também naquelas que possuíam o desejo de ter o esporte como sua profissão, mesmo sem utilizar os pés ou as mãos. Assim, discorrer sobre a figura da jornalista esportiva não é diferente das demais onde existem dificuldades de superar preconceitos contra mulheres por estarem praticando profissões que são consideradas naturais do território masculino. (FILHO, 1997).

7.1.3 A conduta profissional jornalística esportiva no Brasil: aspectos importantes

De acordo com Barbeiro e Rangel (2006), a emoção é a própria alma do esporte. “Ela está nos olhos do jogador que faz o gol do título, na decepção da derrota, nas piscinas, quadras e pistas. Em nenhuma outra área do jornalismo a informação e o entretenimento estão tão próximos.” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 45). A afirmação dos autores é a melhor forma de definir a realidade da vivência do jornalismo esportivo. Essa área envolve muito além dos princípios da profissão. Ela lida com a paixão, um dos mais incompreendidos sentimentos dos seres humanos.

Justamente por isso, é preciso ter muito cuidado no exercício do jornalismo esportivo, pois ele é repleto de momentos que podem ser influenciados pela emoção individual. Barbeiro e Rangel (2006) afirmam que há um limite para a adrenalina. Segundo eles, “transformar um evento esportivo em grande espetáculo no qual o simples passe de um jogador para outro é narrado com entusiasmo é exagero”. (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 45). Dessa forma, os autores reiteram que a emoção precisa estar na medida exata e sempre acompanhada da isenção. (BARBEIRO; RANGEL, 2006).

Ademais, assim como todas as especialidades do jornalismo, é necessário saber construir uma boa história daquilo que se está retratando. Segundo Coelho (2003, p. 41), “é preciso saber priorizar a informação, ter noção exata de qual é o lide da matéria que está por nascer e o encadeamento de ideias para tornar a história suficientemente atraente”. Essas características são definidas pelo autor como bom jornalismo. “É a síntese da profissão, que vive de apurar informações inéditas e construir matérias corretas.” (COELHO, 2003, p. 41).

Nesse sentido, de acordo com Borelli (2001), a conduta midiática de grandes eventos esportivos envolve muito mais do que apenas jornalismo e esporte. A autora destaca que esses acontecimentos englobam diferentes interesses, questões de ordem econômica, cultural, política e religiosa, além, é claro, da atenção de milhares de pessoas em torno de um só movimento. Isso porque a mídia é um dos poucos espaços de privilégio na produção e circulação de discursos sociais. (HELAL, 1998).

Sendo assim, o jornalista precisa mostrar competência e criatividade no momento de elaborar seus materiais a respeito do evento que está sendo veiculado. Não apenas por ser o cerne da profissão, mas também porque, como citado anteriormente, trata-se de um evento que envolve paixão. Por isso, é preciso “fugir do lugar comum das coberturas e buscar o entendimento profundo das especialidades do esporte brasileiro”. (CARVALHO, 1997, p. 123).

Como são movimentos sociais, os eventos esportivos não estão limitados apenas a representar uma competição. (BORELLI, 2001). A autora destaca que eles têm o poder de refletir características culturais, econômicas, sociais, políticas, étnicas, religiosas, etc. Isso significa que essas condutas jornalísticas esportivas envolvem um “conjunto de dimensões das relações interculturais, onde os atores sociais não são apenas os competidores, mas a platéia, os dirigentes, as mídias, os patrocinadores, os diretores esportivos, etc.”. (BORELLI, 2001, p. 3).

Dessa forma, por envolver sentimentos de diversos grupos da sociedade, o exercício do jornalismo esportivo se torna ainda mais complexo. Independente da modalidade, o esporte sempre envolverá uma competição. Acompanhado dela, qualquer resultado final terá a possibilidade de agradar ou não esses grupos. Um dos lados da história sempre achará o placar final injusto, enquanto o outro irá se vangloriar do gosto da vitória. E é justamente nesse momento que o jornalista precisa ser o mais isento possível.

Segundo Barbeiro e Rangel (2006, p. 47), “a competição pode ser contaminada pela atmosfera emocional de uma cidade ou de uma região. Porém, cabe ao jornalista esportivo procurar sempre o equilíbrio e o bom senso e não incentivar as torcidas além do que é razoável.” Isto é, o profissional do jornalismo tem o dever de promover uma abordagem sensata e fornecer informações precisas, analisar os fatos de forma isenta e evitar sensacionalismo ou tendenciosidade.

Assim, o jornalista deve se concentrar na conduta objetiva dos eventos esportivos, destacando a qualidade técnica, tática e os aspectos emocionais

saudáveis do esporte. Com essa linha de produção, o profissional estará contribuindo com uma atmosfera esportiva mais positiva e promoverá um ambiente competitivo baseado no respeito, *fair play*²⁷ e apreciação do esporte em si, sem incentivar comportamentos excessivos ou prejudiciais por parte das torcidas.

Logicamente, é preciso destacar que a grande maioria dos jornalistas esportivos, principalmente falando sobre o Brasil, possuem um time do coração. É inegável que o futebol está presente no cotidiano canarinho, mesmo no daqueles que não dão a mínima importância para o esporte. Por óbvio, se tratando de jornalistas esportivos, essa realidade se torna ainda mais presente.

É comum dizer que uma pessoa torce por um time. A palavra torcer quer dizer que ela está apaixonada, inebriada, encantada com uma equipe ou por um atleta e nenhum raciocínio lógico é capaz de demovê-la disso. É uma característica do ser humano respeitabilíssima. São momentos de grande emoção e que são externados das maneiras mais exóticas que vão do grito, choro, abraço até o rojão e foguetório. [...] As paixões repetidas esmagam a razão. (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 47).

Por conseguinte, é provável que, eventualmente, esses profissionais transmitam partidas do clube para qual torcem. E isso de forma alguma deve ser visto como algo negativo. A única diferença é que nessas partidas específicas o profissional deve se concentrar ainda mais na isenção e deixar de lado, ao menos aparentemente, que pende para um dos lados. Isso porque “quem torce modifica, altera, distorce. O torcedor tem direito de torcer e distorcer à vontade. O jornalista não pode fazer nem uma coisa nem outra, nem mesmo quando a seleção brasileira está em campo.” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 47).

É dever do jornalista saber identificar que no momento em que surgem paixões, o equilíbrio acaba sendo balançado e, com isso, o emocional toma conta do racional. (BARBEIRO; RANGEL, 2006). Esse conhecimento evitará que opiniões que surgem no calor do momento sejam expressadas para o público ou disseminadas em matérias jornalísticas.

Segundo Camargo apud Borelli (2001), “a mídia tem o poder de penetrar na massa e ajudar a construir o seu imaginário coletivo.” Justamente por isso, nos dias de hoje, o esporte exerce um papel significativo como um dos principais fenômenos sociais que alcança amplamente as massas. Tudo isso graças aos meios de comunicação. Sendo assim, o esporte é configurado como um dos principais impulsionadores na formação do imaginário social das pessoas.

²⁷ *Fair Play* é uma expressão do inglês que significa modo leal de agir.

Indubitavelmente, esporte e jornalismo são duas áreas que precisam andar de mãos dadas para prosperarem. Segundo Nogueira apud Borelli (2001), as contribuições dos profissionais midiáticos para o desenvolvimento e para a divulgação do esporte são extremamente significativas. O autor ressalta que a mídia não tem capacidade para manter os mesmos níveis de audiência sem as transmissões esportivas. Simultaneamente, o esporte depende da divulgação midiática para que possa continuar a se desenvolver. Por isso, faz-se necessário ampliar as relações entre a mídia e esporte, visto que existe uma dependência mútua entre os dois campos. (NOGUEIRA apud BORELLI, 2001).

Assim, cabe aos profissionais jornalistas analisar e refletir sobre a construção de acontecimentos esportivos midiáticos. (BORELLI, 2001). Com isso, compreende-se que a autora explica que o exercício da profissão em eventos esportivos deve ir além dos fatos puramente competitivos. Ela deve explorar as diversas questões que envolvem o cenário esportivo como um todo. Para tanto, é essencial analisar o movimento esportivo como uma realidade complexa, que é permeada por uma infinidade de interesses, conflitos e negociações.

7.2 Discussão de gênero: primeiros passos

O estudo de gênero, em suma, aborda a pesquisa teórica que tem o objetivo de associar as ciências sociais e a literatura e discute questões relacionadas a aspectos como identidade, sexualidade, pós-modernidade, pós-colonialismo, desterritorialização e multiculturalismo. (ZINANI, 2012). A finalidade desse viés de pesquisa é evidenciar não somente a diferença entre os gêneros, mas principalmente a subordinação da mulher em inúmeros setores da sociedade.

Um dos pontos mais relevantes do debate de gêneros é o feminismo, movimento que pode ser definido como

[...] a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim. Partindo desse princípio, o feminismo se articula como filosofia política e, ao mesmo tempo, como movimento social. (GARCIA, 2011, p. 13).

Nesse sentido, é importante destacar que o feminismo organizou-se como movimento a partir da década de 1960, no momento em que foram fundadas

entidades que se propuseram a discutir os direitos das mulheres, e que acabou por se consolidar apenas na década de 1980. (ZINANI, 2012).

Sendo assim, partindo do pressuposto de que o feminismo foi iniciado pelo fato de que a disparidade entre gêneros é explícita em incontáveis situações do dia a dia, faz-se necessário levar em consideração o que significa ser mulher. Segundo a escritora Simone de Beauvoir (2009), os amadores de fórmulas básicas acham extremamente simples definir o gênero feminino.

A mulher é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la. Na boca do homem o epíteto “fêmea” soa como um insulto; no entanto, ele não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: “É um macho!” O termo “fêmea” é pejorativo não porque enraíza a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo. E se esse sexo parece ao homem desprezível e inimigo, mesmo nos bichos inocentes, é evidentemente por causa da inquieta hostilidade que a mulher suscita no homem; entretanto, ele quer encontrar na biologia uma justificação desse sentimento. (BEAUVOIR, 2009, p. 31).

Dessa forma, justamente por uma determinada parcela da sociedade viver em uma bolha ilusória que acredita piamente que os homens são superiores às mulheres, existe esse abismo entre os gêneros. Como cita Beauvoir (2009), embora a biologia possa explicar algumas diferenças entre os gêneros, ela não deve ser usada como uma justificativa para tamanha desigualdade entre homens e mulheres. Por óbvio, as mulheres devem ser vistas como indivíduos em seu próprio direito e não como seres definidos apenas por suas características biológicas.

Ademais, por se tratar de um tema tão importante, é indispensável que se fale sobre a discussão de gênero na sociedade contemporânea, pois somente explorando temáticas consideradas como tabus é possível desvendá-las e defini-las como de fato são. Segundo a autora do livro “Breve História do Feminismo”, Carla Cristina Garcia, praticamente ninguém nega que é necessário o enfoque de “gênero” no desenvolvimento de políticas públicas. No entanto, “muitas dessas mesmas pessoas torcem o nariz quando a palavra feminismo é mencionada”. (GARCIA, 2011, p. 11). Na sequência, a autora questiona o porquê de a palavra “gênero” parecer ser menos perigosa do que “feminismo”.

Garcia (2011) alega ainda que isso ocorre porque essas pessoas desconhecem o que de fato é o feminismo e quais são suas realizações, mas, principalmente, porque a desinformação impera sua visão a respeito do tema. Isso porque, ao longo de sua história, o feminismo

[...] foi alvo de campanhas que fizeram com que a população de modo geral acreditasse que o feminismo era um inimigo a combater e não que segundo

a época e a realidade de cada país existiram e coexistiram muitos tipos de feminismo com um nexo em comum: lutar pelo reconhecimento de direitos e oportunidades para as mulheres e, com isso, pela igualdade de todos os seres humanos. (GARCIA, 2011, p. 11).

Sendo assim, torna-se extremamente didático compreender os motivos da necessidade de se explorar essa vertente na sociedade atual. Da mesma forma que na luta por outros inúmeros direitos humanos, é indispensável utilizar a força do feminismo como ponto de apoio para que se alcance o patamar de equidade entre gêneros. Nesse sentido, vale ressaltar a diferença entre equidade e igualdade.

Segundo o Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT), a igualdade é baseada no princípio da universalidade, ou seja, prega que todos devem ser regidos pelas mesmas regras e devem ter os mesmos direitos e deveres. Por outro lado, a equidade reconhece que as pessoas não são todas iguais e que, justamente por isso, é preciso ajustar esse “desequilíbrio”. Isso é de suma importância, visto que se o objetivo é garantir que as pessoas desfrutem das mesmas oportunidades, é preciso levar em consideração as diferenças individuais delas. Assim, equidade quer dizer oportunizar às pessoas o que elas precisam para que o coletivo todo tenha acesso às mesmas oportunidades.

Com isso em mente, entende-se os motivos da discussão de gêneros ser tão fundamental no século XXI. Não basta oferecer os mesmos direitos para as pessoas que, por sua natureza, são diferentes. É preciso analisar as desproporções existentes entre elas, compreendê-las e corrigi-las. Isso significa que não se deve tratar igual aqueles que são diferentes, pois no que tange a narrativa de gêneros, é preciso garantir que as mulheres tenham as mesmas chances de serem contratadas e promovidas para posições de liderança como os homens, e que não sejam discriminadas por motivos de gênero durante o processo de seleção, por exemplo.

Outrossim, a equidade de gênero também pode ser promovida através de programas de treinamento e conscientização para sensibilizar os funcionários sobre as questões de gênero e como combater a discriminação e o assédio. De acordo com o TJDFT, isso pode incluir treinamento para prevenção de violência doméstica e para a promoção de ambientes de trabalho inclusivos.

De modo geral, a aplicação de equidade de gênero envolve a implementação de medidas concretas para garantir que homens e mulheres tenham oportunidades iguais e justas em todos os aspectos da vida, incluindo trabalho, educação, saúde, política e justiça.

Para tanto, é necessário que a mudança parta de cada indivíduo. Não basta apenas não assediar, é preciso agir de modo a extinguir, ou, ao menos, diminuir os casos de assédio e discriminação. Contudo, infelizmente a realidade atual é rodeada por homens que, em sua maioria, protegem-se uns aos outros. E, mesmo que grande parte deles concorde com as aspirações feministas, dificilmente eles as empregarão em rodas de conversa masculinas.

Dessa forma, entende-se que a mudança precisa ser instituída dentro de cada uma dessas bolhas, pois só assim será possível viver em um mundo equalitário e justo para ambos os gêneros. De lição, o que une e fica pendente às mulheres de todos os cantos do mundo é tornar realidade o fato de que os direitos das mulheres nada mais são do que direitos humanos. (GARCIA, 2011).

7.3 A isenção na prática jornalística

De acordo com o dicionário Oxford, a isenção pode ser compreendida como o caráter ou condição daquele que não é parcial. Nesse sentido, é comum ouvir que os jornalistas não devem ter opinião sobre os assuntos que abordam. Entretanto, segundo o jornalista político Franklin Martins (2005), ter opinião não significa ser parcial ou escrever sem objetividade.

Significa formar o próprio juízo sobre os fatos, entender sua importância (ou falta de importância para a sociedade), avaliar seu impacto sobre a vida das pessoas, perceber os interesses que estão em jogo e esforçar-se para informar sobre a essência dos conflitos, e não sobre sua aparência. (MARTINS, 2005, p. 78)

O autor destaca ainda que os jornalistas devem formar opinião sobre os assuntos que cobrem. O importante é que essas opiniões não sejam inseridas no texto que será escrito (com exceção dos colunistas). Entretanto, é de suma importância filtrar, organizar e hierarquizar as informações apuradas. Segundo Martins (2005), “repórter que não tem opinião não consegue sequer apurar a matéria direito”.

Por analogia, segundo Silva e Lorangeira (2022), a dialógica do jornalismo tem o funcionamento baseado em antagonismos equilibrados. São eles negociação/conflicto, liberdade/restricção, autonomia/dependência.

Na leitura objetivista, que condena todo o processo à dependência de um determinismo cognitivo de formação, uma série de contradições é acionada. Primeiro, declara-se a impossibilidade da objetividade; depois, da

neutralidade; na sequência, da imparcialidade; por fim, da isenção. Logo, da independência. (SILVA; LARANGEIRA, 2022, p. 7).

Dessa forma, os autores destacam que cabe a cada jornalista ser militante e escolher o seu lado. A problemática disso é que a verdade acaba sendo prejudicada. Porém, “quem diz que não há verdade cobra verdade dos oponentes”. (SILVA; LARANGEIRA, 2022, p. 7). Assim, essa frase pode ser observada como uma crítica àqueles que afirmam que não há verdade absoluta e, ao mesmo tempo, exigem que seus oponentes apresentem provas concretas e objetivas para suas afirmações. Em resumo, ela enfatiza a importância de buscar a verdade e a objetividade em qualquer discussão ou debate, independentemente das crenças pessoais ou ideologias envolvidas.

Dizer que verdade não existe é uma contradição performativa. É uma mentira, embora compreensível, se considerarmos ser a concepção da inexistência da verdade um regime de verdade, apropriado à intencionalidade de quem o profere. (FOUCAULT apud SILVA; LARANGEIRA, 2022, p. 7)

Ademais, Martins (2005) ressalta que existe o risco de um repórter não ser isento por ter opinião, mas, segundo ele, isso pode ser resolvido com a autocrítica profissional. Ele também questiona a premissa de que um repórter sem opinião seria isento. O autor reitera que esses são dois pólos que não possuem conexão direta. Simultaneamente, por outro lado, “a cobertura feita por um repórter que não pensa será sempre medíocre, sem ponto de partida e sem rumo”. (MARTINS, 2005, p. 79).

Por conseguinte, é necessário frisar que a isenção no jornalismo faz parte do princípio ético de garantir a objetividade e a imparcialidade na produção de conteúdos. De acordo com o art. 4º do capítulo II do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, “o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação”. Isto é, os profissionais do jornalismo devem apresentar os fatos de forma equilibrada, sem tomar partido ou favorecer qualquer uma das partes envolvidas.

Agir dessa forma significa garantir a credibilidade das informações e a confiança do público no trabalho jornalístico. Isso porque a isenção é baseada na ideia de que os fatos devem ser apresentados de forma clara e objetiva, sem a interferência de opiniões pessoais ou ideológicas.

Ademais, segundo um texto apresentado no encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR) em 2018, a isenção nunca foi uma característica do jornalismo.

Desde seu nascimento, o jornalismo massivo é permeado por interesses econômicos, ou seja, a isenção nunca foi uma característica dessa área de conhecimento. Apesar disso, insiste-se em realizar separações absurdas entre práticas "puras" enquanto outras, ao deixarem claros os propósitos de suas produções, são menos confiáveis. Poderíamos pensar justamente o contrário: acreditar preferencialmente em quem se revela e olhar com sérias restrições quem se antepara em lugares comuns como "apenas relatei os fatos" para esconder interesses específicos. (MORAES, 2018).

A partir disso, é possível compreender que uma prática ativista não quer dizer abrir mão da apuração, pesquisa e produção, mas sim empregá-las em abordagens que respeitem e potencializem o que pode ser considerado o poder do jornalismo: iluminar o que está sob as sombras. (MORAES, 2018). Ademais, é preciso citar que o processo objetivo jornalístico vai muito além dos procedimentos técnicos. Segundo Moraes (2018), este deve ser pautado pela percepção da sub-representação, que acaba por atingir inúmeros grupos sociais

No entanto, é importante lembrar que a isenção completa por parte do jornalista pode ser difícil de alcançar, visto que este é um ser humano e, portanto, está sujeito a opiniões pessoais e influências externas. Por isso, é importante que os jornalistas sejam transparentes sobre seus métodos de trabalho e que os leitores também assumam uma postura crítica e questionadora em relação às informações que consomem.

Por essa análise, tem-se a impressão de que a isenção é, de fato, impossível de ser atingida. Contudo, "a isenção é como a felicidade. Em termos absolutos e permanentes, é inalcançável, mas nem por isso deixamos de correr atrás dela." (MARTINS, 2005, p. 77). Sendo assim, compreende-se que tanto a felicidade quanto a isenção estão alocadas em patamares em que os seres humanos jamais serão capazes de alcançar. Entretanto, apesar disso, não há motivos para deixar de persegui-las, visto que ambas são essenciais para a realidade social e pessoal do jornalista.

7.4 Considerações sobre o futebol brasileiro: uma perspectiva isenta de opinião

7.4.1 Um breve histórico

O futebol é o maior fenômeno social do Brasil e, além de representar a identidade nacional, dá significado aos desejos de potência da maioria absoluta dos brasileiros (GUTERMAN, 2009). Com “desejos de potência”, o autor se refere aos anseios de sucesso, reconhecimento, poder e ascensão social que muitos brasileiros possuem. O futebol, nesse contexto, é visto como uma forma de realizar esses anseios.

Contudo, apesar de parecer nato aos filhos deste solo, o esporte nem sempre fez parte do dia a dia brasileiro. Ainda, a julgar pelos feitos já conquistados pela Seleção Brasileira de Futebol, pode ser inimaginável acreditar que a trajetória do principal esporte do Brasil data de pouco mais de um século. A modalidade, que completou seu centenário em 1995, está próxima de atingir a marca dos 130 anos de história registrada em terras canarinhas.

[...] quem garantia que eram mesmo 100 anos? Quem disse que nosso futebol só começou a existir em 1895? Não teria a bola rolado antes pelos campos deste imenso país? Certamente, há algo de arbitrário na data que os historiadores elegeram para assinalar o nascimento do futebol brasileiro. Mas, arbitrária que seja, é a que melhor cabe como ponto de partida para tudo o mais. (MÁXIMO, 1999, p. 179).

Importado da Inglaterra por Charles William Miller, paulistano filho de ingleses que voltou de Southampton depois de ter cursado a *Banister Court School*, o futebol foi descoberto como um fascinante e novo brinquedo. Segundo Máximo (1999), à época, os filhos de famílias da alta sociedade eram instruídos a estudar na Europa, mesmo que existissem escolas de qualidade no Brasil. Miller, que era descendente europeu, conheceu a terra dos pais, fez amigos e tomou uma atitude que mudaria o futuro brasileiro: em sua mala, o garoto trouxe duas bolas de futebol, um par de chuteiras, alguns uniformes usados, uma bomba de ar e um livro com as regras do esporte que conheceu na Inglaterra e pelo qual se apaixonou. (TREVISAN, 2019).

Foi então na manhã do domingo, 14 de abril de 1895, que aconteceu a primeira partida de futebol em terras brasileiras. Charles pegou uma de suas bolas e se dirigiu a um terreno baldio da várzea do Carmo, entre as ruas Santa Rosa e do Gasômetro, em São Paulo. Foi no local, que era considerado o jardim da alta classe média paulistana, que Miller plantou a semente do futebol.

Foi com jovens de boas famílias como a sua, até então interessados em críquete, golfe, tênis e similares, que Charles plantou a semente. Ensinou-lhes os fundamentos do futebol, dividiu-os em dois times, escalou um dos seus amigos para juiz, outro para bandeirinha, e lá foram todos fazer história na várzea do Carmo. (MÁXIMO, 1999, p. 182).

A partir daquele momento, o futuro do futebol no Brasil estava destinado ao sucesso. Charles Miller e seus amigos passaram a realizar novos jogos, até que passaram a surgir os primeiros times de futebol de verdade. (MÁXIMO, 1999). Entretanto, vale ressaltar, a modalidade, contraditoriamente sob a perspectiva atual, era considerada quase como um brinquedo de meninos ricos. Por isso, infelizmente, o preconceito não é um "luxo" do século XXI.

O esporte aparece primeiro como atividade da elite, importado e jogado por estrangeiros aristocráticos ou ligados aos investidores europeus que exploraram as oportunidades abertas pelo desenvolvimento do país no final do século XIX. Negros e operários só teriam vez ou nos campos de várzea ou quando passaram a ser decisivos para que os times de brancos ricos ganhassem títulos. (GUTERMAN, 2009, p. 12).

Dessa forma, mesmo que a Lei Áurea tenha sido assinada em 13 de maio de 1888 pela Princesa Isabel, colocando um fim na escravidão no Brasil, esse feito sequer se aproximou de exterminar os preconceitos raciais e sociais no país. Por isso, desde seu início em terras canarinhas, o futebol

[...] vetou velada e até mesmo explicitamente a participação de negros e pobres em suas equipes. Os clubes que não impediam a associação das chamadas "pessoas de cor" ou então de operários em seus estatutos cobravam valores impensáveis a essas classes, o que acabava por impedir a indesejada presença em seus quadros sociais. (TREVISAN, 2019, p. 15).

Segundo Máximo (2009), a história do futebol no Brasil pode ser dividida em fases que refletem o que o esporte representa na sociedade brasileira. Embora pouco a pouco pobres e negros fossem conquistando seus espaços nos clubes da primeira divisão, a oposição contra eles era altíssima, pois o futebol era declaradamente racista. Tanto que em 1921, o então presidente da República, Epitácio Pessoa, recomendou que negros não fossem incluídos na comissão brasileira que viajaria a Buenos Aires para o Campeonato Sul-Americano.

O racismo era tão escancarado que essa prescrição tinha como objetivo projetar "outra imagem do Brasil no exterior", pois uma delegação de futebol não deixava de representar o país. E "era absolutamente imperioso que o país fosse representado por sua 'melhor sociedade'". (MÁXIMO, 1999, p. 184).

Foi justamente essa imposição presidencial que fez com que muitos jogadores negros começassem a organizar ligas próprias. E, apesar da

discriminação, em 1923, o Vasco da Gama foi campeão da primeira divisão carioca tendo um elenco repleto de negros. Foi

[...] uma data histórica para o futebol brasileiro, porque mostrou que um time de negros e trabalhadores, se bem treinados e remunerados, podia desbancar os clubes de estudantes ricos do futebol brasileiro. O Vasco ainda sofreria, nos anos seguintes, com as normas do futebol que impediam a profissionalização de jogadores e a participação de atletas negros e analfabetos. Mas venceu as resistências, e seu sucesso - que inclui a construção, em 1927, do estádio de São Januário, então o maior do país, com dinheiro arrecadado entre torcedores de toda a cidade - dá a dimensão das transformações profundas pelas quais passava o futebol. (GUTERMAN, 2009, p. 55).

Com isso já era possível notar uma pequena integração entre as classes e as raças. Entretanto, nem todos os cantos do país seguiram o exemplo do Rio de Janeiro. Na capital gaúcha, por exemplo, foi somente nos anos 1950 que o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre passou a permitir que negros vestissem sua camisa.

Nesse sentido, todo o abismo existente em torno do universo futebolístico deixou de existir no momento em que houve a formação das metrópoles brasileiras. Dessa forma, os pilares do preconceito “foram demolidos pela massa de trabalhadores que encontrou no futebol a essência democrática que lhe era negada em todas as outras áreas.” (GUTERMAN, 2009, p. 12).

Por conseguinte, chegou o momento da profissionalização do futebol se tornar uma realidade. Em 1933, o regime foi oficialmente implantado. Entretanto, por mais estranho que possa parecer, essa profissionalização foi fruto de uma ideia conservadora. Isso porque aqueles clubes que perdiam os campeonatos por se negarem a ter jogadores negros em seus times decretaram um novo regime.

Assim, poderiam arregimentar jogadores de qualquer raça ou condição social, contratados como empregados, sem precisarem macular seu quadro social. Não foi por acaso que as elites do Fluminense e do São Paulo estavam entre os líderes do movimento profissionalista. (MÁXIMO, 1999, p. 186).

Apesar dos altos e baixos, o tópico a ser abordado é o fato de o futebol ter se transformado em uma paixão popular. Mas, claro, não foi do dia para a noite que essa passou a ser a realidade brasileira. Segundo Máximo (1999), a virada de chave ocorreu quando o Brasil venceu o Uruguai na final do Campeonato Sul-Americano em 1919. O grito de campeão ecoou após Friedenreich marcar o gol do título na terceira prorrogação. Após o feito histórico, o atleta “foi carregado nos ombros da torcida pelas ruas da cidade, teve as chuteiras expostas numa joalheria e

consagrou-se como ídolo maior, cognominado *El Tigre* pelos adversários” (MÁXIMO, 2009, p. 184).

A partir daquele momento o futebol começou a estar estampado na alma do povo. Dali em diante, a paixão só passou a aumentar e, dependendo do ponto de vista, se tornou a religião de grande parte dos brasileiros.

7.4.2 Os 10 melhores jogadores de futebol brasileiro de todos os tempos

Falar sobre os maiores nomes da história do país do futebol certamente não é uma tarefa fácil. Dentre todos os ídolos que marcaram gerações, é extremamente complexo elencar apenas 10 para estampar o pódio. Contudo, a revista inglesa *FourFourTwo*²⁸ elegeu, em outubro de 2022, os 10 melhores jogadores brasileiros de todos os tempos. Por óbvio a lista varia conforme critérios específicos e variáveis. A seguir, observa-se o ranking criado pela *FourFourTwo* em ordem decrescente. Os dados sobre os jogadores foram retirados do capítulo 18 do livro “A história do futebol para quem tem pressa”, de Márcio Trevisan (2019).

10º lugar: Kaká (Ricardo Izecson dos Santos Leite)

Nascido em Gama/DF em 22 de abril de 1982, Kaká, ao contrário da grande maioria dos jogadores brasileiros, é descendente de uma família de classe média alta. Tanto é que o ex-atleta sempre foi apontado como um dos atletas mais cultos que o futebol brasileiro já produziu.

Revelado pelas categorias de base do São Paulo, Kaká chamava a atenção desde cedo pela visão de jogo, pela qualidade do passe e pelo bom chute. Do Morumbi para o Milan, da Itália, o brasileiro conquistou ainda mais sucesso na Europa, tanto que em 2007 foi eleito o melhor jogador do mundo pela FIFA. Kaká também conquistou a Copa do Mundo de 2002, mesmo sem ter participado efetivamente da campanha brasileira na busca pelo penta.

²⁸ *FourFourTwo* é uma revista de futebol publicada pela *Future*. Emitida mensalmente, publicou sua 300ª edição em maio de 2019. Leva o nome da formação de futebol com o mesmo nome, 4-4-2.

9º lugar: Jairzinho (Jair Ventura Filho)

O carioca nasceu em 25 de dezembro de 1944 e foi o escolhido para substituir ninguém mais, ninguém menos, do que Garrincha. Jairzinho, apesar de ser menos habilidoso, era tão rápido quanto e melhor finalizador do que seu antecessor tanto no Botafogo, quanto na Seleção Brasileira.

Em 1970, o ponta-direita era o dono absoluto da camisa 7 da Seleção no Mundial do México. Foi o destaque da competição, terminou como campeão e único jogador a marcar gols em todas as partidas, além de ficar conhecido como o “Furacão da Copa”.

8º lugar: Sócrates (Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira)

O paraense nascido em Belém em 19 de fevereiro de 1954, Sócrates se formou em Medicina e foi ídolo de uma geração inteira de torcedores do Corinthians. Com 1,91 metros de altura, magro e desengonçado, devolveu, ao lado de Zico e Falcão, a magia da Seleção Brasileira, que sempre havia sido inerente.

Apesar de não ter conquistado o título mundial, o jogador fez os brasileiros relembrem de Pelé e Garrincha e voltarem a sonhar com o futebol-arte. O título não veio na Copa de 1982, mas “se hoje, tanto tempo depois, ainda se fala em Sócrates, é porque, ao contrário do ditado, valeram mais os meios do que os fins”. (TREVISAN, 2019, p. 183).

7º lugar: Zico (Arthur Antunes Coimbra)

Nascido no Rio de Janeiro em 1953, Zico encantou a todos desde seus primeiros chutes em uma bola de futebol. Por conta de sua forma física franzina, ficou conhecido pelo apelido de “Galinho de Quintino”, uma referência ao bairro da Zona Norte carioca onde nasceu.

Antes de se tornar o camisa 10 do Flamengo, Zico precisou passar por um processo de fortalecimento muscular. Na Gávea, ele conquistou 12 títulos expressivos. Em sua carreira, marcou 756 gols, o que coloca o “Galo” no ranking dos maiores artilheiros da história do futebol mundial.

6º lugar: Rivaldo (Rivaldo Vítor Borba Ferreira)

O pernambucano nasceu em 19 de abril de 1972 em Paulista e foi destaque do Mogi Mirim em 2002. A tática adotada no clube pelo técnico Oswaldo Alvarez (Vadão) levou o time à fase semifinal do Campeonato Paulista. Depois de uma passagem pelo Corinthians, Rivaldo foi transferido para o Palmeiras, clube pelo qual conquistou um Brasileirão e dois Paulistões.

O meio-campista tinha o chute forte de longa distância e grande facilidade para armar jogadas ofensivas. Tanto que teve passagem pelo Barcelona, clube pelo qual foi eleito o melhor jogador da FIFA em 1999. O ex-atleta disputou duas copas do mundo, sendo vice em 1998 e campeão em 2002.

5º lugar: Romário (Romário de Souza Faria)

Apesar da pouca altura e de não ser tão veloz, o carioca Romário, nascido em 29 de janeiro de 1966, conseguiu conquistar o mundo. Há quem diga que foram exatamente essas atribuições que o ajudaram em sua performance em campo, visto que ele foi o centroavante que mais fez gols utilizando-se de uma menor faixa do gramado e que mais balançou as redes com chutes de bico.

Ademais, ele é um dos poucos jogadores que atingiu a marca dos mil gols marcados. Romário também foi campeão e destaque da Copa de 1994, nos Estados Unidos, além de ter sido o melhor jogador da FIFA do mesmo ano.

4º lugar: Ronaldinho Gaúcho (Ronaldo de Assis Moreira)

O mago do futebol nasceu em Porto Alegre em 21 de março de 1980. Desde que iniciou sua carreira no Grêmio, Ronaldinho conquistava multidões pela sua habilidade extraordinária e por seus dribles desconcertantes. Era, inclusive, aplaudido pelos torcedores rivais, que não raro batiam palmas de pé para o mago gaúcho.

Ronaldinho conquistou o pentacampeonato mundial em 2002 e foi eleito por duas vezes consecutivas como o melhor jogador do mundo pela FIFA (2004 e 2005). Depois de uma brilhante passagem pela Europa, o gaúcho retornou ao futebol

brasileiro para fazer história no Atlético Mineiro, conduzindo o clube ao seu primeiro título da Libertadores, em 2013.

3º lugar: Garrincha (Manuel Francisco dos Santos)

Nascido em Pau Grande, no Rio de Janeiro, em 28 de outubro de 1933, o “Anjo das Pernas Tortas” foi um excepcional ponta-direita e considerado o melhor jogador de sua posição em toda a história do futebol pela FIFA. Mané conquistava o público por sua genialidade e seus dribles, que provocavam sorrisos naqueles que tinham o privilégio de vê-lo jogando.

Bicampeão mundial com a Seleção Brasileira, Garrincha terminou a Copa de 1962, no Chile, substituindo Pelé, que sofreu uma contusão e ficou de fora do torneio. Na ocasião, o jogador, além do título, recebeu as faixas de artilheiro e melhor jogador da competição.

2º lugar: Ronaldo (Ronaldo Luís Nazário de Lima)

O “fenômeno” nasceu em 22 de setembro de 1976 na capital fluminense. Aos 17 anos, foi campeão mundial pela Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1994. Com 23 anos, já havia atingido a marca de 200 gols como atleta profissional e foi eleito o melhor jogador do planeta pela FIFA em três ocasiões (1996, 1997 e 2002).

Depois de seguidas e graves lesões que o afastaram dos gramados por quase três anos, Ronaldo, aos 26 anos, conquistou o pentacampeonato mundial com o Brasil em 2002. Encerrou sua carreira aos 35 anos com mais de 600 gols marcados e na condição de segundo maior artilheiro da Seleção Brasileira, com 67 gols - atrás apenas de Pelé.

1º lugar: Pelé (Édson Arantes do Nascimento)

O Rei do Futebol é brasileiro. Pelé nasceu em Três Corações, Minas Gerais, em 23 de outubro de 1940 e foi o Atleta do Século XX. Venceu três Copas do Mundo, duas Libertadores da América, dois Mundiais Interclubes, 10 Campeonatos Paulistas, quatro Torneios Rio-São Paulo, seis Campeonatos Brasileiros, foi eleito 11 vezes artilheiro do Paulistão, duas vezes o máximo goleador do Brasileirão e eleito

pela FIFA e pela Federação Internacional de História e Estatísticas do Futebol (IFFHS) o melhor jogador de todos os tempos.

A descrição acima traduz quem foi o rei na história do futebol. Se Pelé não tivesse existido, talvez o futebol não seria o que é hoje. Segundo Trevisan (2019), jamais alguém foi melhor do que Pelé e jamais será.

7.4.3 Notas sobre a história do início da conquista feminina por seu espaço no futebol brasileiro

Antes de iniciar este capítulo, é imprescindível frisar que o termo a ser empregado para denominar o público feminino que pratica futebol nesta pesquisa é “futebol de mulheres” ou “futebol praticado por mulheres”. Isso porque, segundo Kessler (2015), a substituição de “futebol feminino” por esses termos busca combater a narrativa de que as mulheres são incompatíveis com a prática desse esporte.

Nega-se, com isso, a ideia de que essa prática daria contornos peculiares do esporte, tornando-o “feminino” e descaracterizando-o. Pelo contrário, a utilização dessa expressão reafirma tratar-se exatamente do mesmo esporte, porém com outros corpos em campo. (KESSLER apud SILVA, 2022, p. 263).

Sendo assim, é necessário recorrer às constatações destacadas no item 2 desta pesquisa, que revelam o abismo exponencial existente entre os gêneros de uma forma geral e, nesse caso, principalmente, no âmbito futebolístico. Infelizmente, o futebol é um ambiente predominantemente masculino e, apesar dessa realidade estar sendo alterada ano a ano, é inegável que o esporte foi iniciado por homens, como citado no item 4.

Essa definição é resultado de um processo histórico que segregava os papéis destinados a homens e mulheres. Segundo Filho (1997), a história feminina no esporte reflete a forma como as mulheres eram concebidas nos mais diferentes momentos da história em que o esporte foi pensado, construído, organizado e praticado.

Por conseguinte, o autor destaca que, ainda em 1882, Rui Barbosa relatou o Projeto número 224, que tratava da Reforma do Ensino Primário e de várias instituições complementares da Instituição Pública. À época, Barbosa destacou essa questão das diferenças de papéis destinados aos gêneros e levando sempre em

consideração, em relação à mulher, a “harmonia das formas femininas e as exigências da maternidade futura”.

Já não bastasse ser problemático levar em conta o corpo feminino, Barbosa ainda focou no tópico maternal sendo que, primeiramente, nem todas as mulheres podem ser mães e, acima de tudo, nem todas as mulheres querem ser mães. E, se essa imposição maternal é concebida como dever universal feminino até os dias de hoje, pode-se imaginar no século XIX.

Configurava-se, portanto, no tratamento dado à prática pelas mulheres da Educação Física e do Esporte, o reforço ao pensamento dominante a respeito do papel da mulher na sociedade brasileira, preparando-a fisicamente para a maternidade, concebendo a ideia de “mulher” quase que somente associada à “mãe”. (FILHO, 1997, p. 94).

Ademais, 24 anos após o parecer de Barbosa, o educador Fernando de Azevedo destacou a forma a qual a educação física deveria se incorporar aos hábitos femininos.

[...] a educação física da mulher deve ser, portanto, integral higiênica e plástica e, abrangendo com os trabalhos manuais os jogos infantis, a ginástica educativa e os esportes, cingir-se exclusivamente aos jogos e esportes menos violentos e de todos compatíveis com a delicadeza do organismo das mães. (AZEVEDO, 1906, p. 96 apud FILHO, 1997, p. 94).

Pouco mais de três décadas depois dessa frase, o Brasil de fato colocou essas aspirações em prática. Em 14 de abril de 1941 o então presidente Getúlio Vargas promulgou o Decreto-lei número 3.199 que estabeleceu as bases do esporte brasileiro e a proibição para mulheres de atividades desportivas que fossem “incompatíveis com as condições de sua natureza”. (BRASIL, 1941).

Esse impedimento perdurou até 1983 e foi um dos responsáveis por resultar na desvalorização que a categoria enfrenta atualmente. Com esse decreto, as bases de organização dos esportes no Brasil foram estabelecidas e, a partir disso, era a primeira vez que o Estado regulava a estrutura desportiva brasileira. Inclusive, no mesmo período, foi criado o Conselho Nacional de Desportos (CND).

Nesse sentido, é importante destacar que “ao longo dos mais de 40 anos de proibição da prática do futebol pelas mulheres, elas nunca deixaram de jogar.” (SILVA, 2022, p. 264). Entretanto, o ato de seguir praticando o esporte não quer dizer que esse ambiente tenha sido salubre para a modalidade. Muito pelo contrário. Por décadas, o futebol praticado por mulheres foi considerado como atração de circo. (BONFIM, 2019).

Eles eram performados por atrizes e contribuíram, por um lado, para popularizar a imagem de mulheres de uniformes jogando futebol. Por outro

lado, no entanto, essas partidas colaboraram para disseminar a ideia de que, quando praticado por mulheres, independente do nível técnico, o futebol era apenas uma “brincadeira, chiste, faz-de-conta”. (BONFIM, 2019, p. 111 apud SILVA, 2022, p. 252).

O fato de a modalidade ser considerada como piada já seria ruim o bastante. Contudo, não suficiente, essa era uma atividade classificada como entretenimento para o público masculino, que se dirigia aos estádios para praticar o que hoje é chamado de assédio.

Ao se colocar mulheres consideradas bonitas para atuar nesse jogo, pretendia-se atrair justamente esses homens que estavam habituados a ir aos estádios para torcer por seus times e que, no caso do futebol praticado por mulheres, seriam atraídos não pela intenção de torcer ou apreciar o esporte, mas sim pelos corpos das moças em exposição, engajando-se numa atividade pouco usual para elas. (SILVA, 2022, p. 253).

Por conseguinte, essa forma de “entretenimento” apenas corroborava para manter o conceito de que o espaço do estádio de futebol era um local de expressão da masculinidade heterossexual. (DAMO, 2007). Pior do que isso: transformava o espaço designado para o ato de torcer em uma vitrine promocional de corpos femininos que jamais estiveram à venda.

Outrossim, é preciso levar em consideração que, por não possuírem voz nem local dentro do universo futebolístico, as mulheres eram pouco habituadas a lidar com o esporte. Isso contribuía para que os jogos tivessem baixa qualidade técnica, o que reforçava a crença de que “as mulheres não deveriam jogar futebol, senão nessas ocasiões voltadas ao entretenimento”. (SILVA, 2022).

Dessa forma, é nítido observar que a diferença de tratamento dos gêneros no futebol não é recente. Ela possui uma rica herança repleta de machismo, preconceitos e assédios. E, por se tratar de um esporte com regras, talvez possa parecer contraditório que estas se apliquem somente dentro de campo. Como citou Kessler (2016, p. 27), “enquanto a contenção da violência é objetivada nas regras do jogo com punições, o conflito entre as diferentes lógicas do futebol desenrola-se numa dimensão de inabilitada apreensão pelos registros oficiais”.

7.4.3.1 O cenário começa a mudar

Apesar de sutis, pequenos aspectos de aumento do espaço feminino no futebol começaram a ser percebidos no final dos anos 1950 e início dos anos 1960. Segundo Filho (1997), foi dentro de um quadro mais amplo da luta feminina de se

livrar do estigma de naturalmente inferior ao homem, vinculado às alterações ocorridas no campo da economia do Brasil, que a participação da mulher nos esportes passou a aumentar.

Sendo assim, a figura feminina buscou ocupar um lugar na sociedade em que se identificava como “um ser capaz de, em condições de igualdade em relação ao homem, envolver-se em tarefas que até então somente a ele pertenciam”. (FILHO, 1997, p. 96). Simultaneamente, o campo onde o jogo, literalmente, virou, foi o mais imprevisível de todos: na várzea²⁹.

Isso porque, longe dos clubes tradicionais, dos grandes estádios e do centro, as mulheres que praticavam o futebol amador resistiam. Dessa forma, nesses espaços esportivos considerados “menores”, “as mulheres puderam efetivamente jogar futebol, isto é, sem se ocupar de disfarces, segredos, conspirações ou intervenções policiais ligadas à proibição da modalidade para elas”. (SILVA, 2022, p. 259).

Sob o mesmo ponto de vista, entende-se o motivo pelo qual aquelas mulheres não desistiram do esporte e plantaram a semente do futuro: o amor pelo futebol. Elas jogavam simplesmente porque gostavam de fazer aquilo, mesmo que o ato de praticar pudesse render a elas um tempo atrás das grades. É o que Tralci Filho e Araújo (2011) definiram como “jogar futebol pelo puro gosto de fazê-lo, sem nenhum ganho fora do próprio sucesso esportivo”. E, acima de tudo, elas reconheciam aquele ato como uma luta de resistência contra o sistema.

Além disso, mesmo que, à época, não percebessem a importância de suas escolhas, essas mulheres foram responsáveis por marcar o início do processo de reconhecimento, legalização e organização do futebol para mulheres no Brasil. (SILVA, 2022).

7.4.3.2 Da proibição à exigência: a realidade atual do futebol praticado por mulheres no Brasil

Depois de ser proibido por mais de 40 anos, o futebol de mulheres no Brasil alcançou um de seus maiores divisores de águas em 2016. Isso porque, à época, a FIFA publicou a visão de como a instituição via o futebol para os próximos 10 anos seguidos de 2016. Nesse documento, o incentivo ao futebol de mulheres ganhou

²⁹ Campo de futebol localizado em um terreno baldio e utilizado por times de amadores.

uma relevância grandíssima e, entre os objetivos, estavam desenvolver novas competições internacionais, assegurar a criação de estratégias locais de fomento à modalidade, criar um programa de marketing e ampliar o número de mulheres nos comitês das associações e da própria FIFA.

A partir disso, a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) passou a exigir que os clubes interessados em disputar a Copa Libertadores e a Copa Sul-Americana tivessem também uma equipe feminina. Essa regra passou a valer a partir de 2019 e incentivou também a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) a trilhar o mesmo caminho. Em 2017, a confederação criou o licenciamento dos clubes brasileiros para a disputa de suas competições oficiais. Nessas regras, tornou obrigatório que cada clube que venha a disputar o Brasileirão da Série A participe de competições femininas.

Segundo trecho do regulamento da Conmebol,

o solicitante (a disputar a competição) deverá ter uma equipe feminina ou associar-se a um clube que possua a mesma. Ademais, deverá ter ao menos uma categoria juvenil feminina, ou associar-se a um clube que possua a mesma. [...] Em ambos os casos, o solicitante deverá prover suporte técnico e todo o equipamento e infraestrutura (campo de jogo para disputa das partidas e de treino) necessários para o desenvolvimento de ambas as equipes em condições adequadas. (CONMEBOL, 2017).

Apesar de recentes, essas novas regras foram decisivas para o futuro (hoje presente) da categoria no Brasil. Prova disso é que, em 2022, o futebol de mulheres bateu duas vezes o recorde de público em jogos entre clubes. Na primeira partida, 36.330 torcedores se deslocaram ao Estádio Beira-Rio, em Porto Alegre, para o primeiro jogo da final do Brasileirão Feminino entre Internacional e Corinthians. No jogo de volta, 41.070 estiveram presentes na Neo Química Arena, em São Paulo.

Fatos como esse apenas comprovam que as categorias femininas de futebol só não possuíam o mesmo prestígio do público que o masculino porque não eram incentivadas.

O silêncio e a visibilidade foram fatores que se sobrepuseram durante longos anos à história das mulheres. Inclusive a que escreveram com seus corpos, seus dribles e sua doação ao futebol não escaparam desse processo de silenciamento. (MORAES, 2016, p. 199).

Entretanto, assim como afirma Goellner apud Moraes (2016), silêncio não significa ausência. Segundo o autor, o fato de as mulheres não serem nomeadas, evidenciadas, mostradas e narradas não significa, de maneira alguma, que essas mulheres não estivessem presentes nas quadras, arenas, campos, parques,

ginásios e ruas. “Simplesmente a elas não se conferiu luz nem voz. Foram lançadas nas zonas de sombras e de esquecimentos por razões políticas, éticas, ideológicas, religiosas, culturais, entre outras.” (GOELLNER apud MORAES, 2016, p. 203).

A partir disso, em busca de dar ainda mais voz e espaço ao futebol praticado por mulheres, o presidente da Confederação Brasileira de Futebol, Ednaldo Rodrigues, afirmou, em fevereiro de 2023, que até 2027 todos os times das séries A, B, C e D do Campeonato Brasileirão terão uma equipe feminina.

Queremos que o futebol feminino possa ser bastante valorizado e apoiado. Não adianta o clube achar que o futebol feminino é sacrifício. Pensamos de forma macro. Para que os clubes possam estar na Série A é obrigatório ter futebol feminino. Isso vai ser estendido para as Série B, C e D. Em 2027, o clube que for jogar a Série D tem que ter o futebol feminino. São 64 clubes que vão praticar, em todo o Brasil, o futebol feminino. (RODRIGUES, 2023).

Iniciativas como a tomada pelo presidente da CBF são essenciais para corroborar com o crescimento e visibilidade da modalidade no país. Ainda mais quando se leva em consideração que o Brasil é considerado o país do futebol. Segundo Moraes (2016), a “ausência” do futebol de mulheres não pode ser compreendida como descaso ou desinteresse delas. Muito pelo contrário. “O caso do futebol é emblemático ao se observar essa ausência, pois, se o Brasil fosse realmente o “país do futebol”, creio que a presença e a permanência feminina deveriam, no mínimo, igualar-se à masculina, apresentando-se dentro e fora dos gramados. (MORAES, 2016, p. 203-204).

Apesar desses avanços, existem inúmeros relatos do descaso ainda existente no universo do futebol praticado por mulheres. Desde o uniforme que vestem até o salário que recebem, as mulheres estão longe de atingir o patamar do gênero oposto quando o assunto é futebol. O que torna esse cenário ainda pior é saber que essa realidade só é resultado de um passado repleto de impedimentos, onde os homens possuíam o poder de decidir em que ambiente as mulheres deveriam estar.

Trata-se de um esporte que deveria exclusivamente servir para celebrar a virilidade masculina, no qual a mulher deveria exercer somente a função de espectadora e auxiliar em tarefas como passar e lavar os uniformes, servir bebidas, além de, de vez em quando, torcer pelos times dos maridos, filhos, namorados, etc. (MOURA apud MORAES, 2016, p. 201).

Havendo empecilhos ou não, o importante é que as mulheres jamais deixaram de lutar por seu espaço no futebol – e fora dele. Hoje, mais do que nunca, entende-se que o normal é que não exista preconceito entre gêneros. “Homens e

mulheres devem ter os mesmos direitos. Têm. Os mesmos níveis salariais. [...] Devem ter as mesmas oportunidades.” (COELHO, 2003, p. 34).

7.4.3.2.1 As atuais ligas de futebol de mulheres no Brasil

As competições de futebol de mulheres na categoria profissional foram ampliadas em 2022. A partir desse ano, o Brasileirão Feminino passou a ter três divisões: A-1, A-2 e A-3, que são proporcionais às séries A, B e C do campeonato masculino. Com essa expansão, o número de times passou de 52 para 64, divididos em três séries que disputam entre si.

Especificamente sobre a Série A-1, há um calendário fixo, que conta com 16 equipes participantes. O torneio segue o formato de quatro fases. A primeira delas começa com os 16 times se enfrentando entre si em turno único. Ao final dela, são classificados às quartas de final os oito primeiros colocados. Os quatro últimos disputam a Série A-2. A partir das quartas, são mata-matas em jogos de ida e volta. Os oito clubes são distribuídos em quatro grupos, com dois times em cada. Avançam para a semifinal os quatro melhores, que são colocados, posteriormente, em dois grupos de duas equipes.

Pelo regulamento, se os clubes empatarem no número de pontos ao final das fases de mata-mata, o desempate é definido observando o maior saldo de gols. E, caso persista a igualdade, são realizadas cobranças de pênaltis. É importante destacar que o Brasileirão Feminino garante vagas para a disputa da Supercopa do Brasil e da Libertadores. Para a competição nacional, terão direito à vaga os oito clubes melhores colocados, limitados a um clube por estado, entre os 12 melhores colocados da Série A-1 e os quatro melhores colocados da Série A-2. Em caso do não preenchimento das oito vagas pelo primeiro critério, a CBF prevê que a federação melhor ranqueada no Ranking Nacional de Federações do Futebol Feminino (RNF/FF) 2022 terá direito a duas vagas.

As equipes campeã e vice-campeã do Brasileirão terão vagas asseguradas na Libertadores Feminina do ano seguinte. Caso um mesmo time chegue até a decisão do torneio brasileiro e conquiste a taça da competição sul-americana, a vaga oriunda do Brasileirão 2022 é repassada ao time melhor colocado no campeonato, excluídos os já classificados.

O Brasileirão A-2 também é disputado em quatro fases. Na primeira, os dezesseis times são distribuídos em dois grupos de oito clubes cada. Na segunda etapa, são classificados para as quartas de final os quatro times melhores colocados em cada grupo e, assim, disputam por uma vaga na semifinal e na final. Para a formação dos grupos o critério utilizado é a proximidade geográfica por estado. Na primeira fase, os clubes se enfrentarão em turno único dentro de cada grupo. A partir das quartas de final, os confrontos são em partidas de ida e volta. Os quatro primeiros colocados se classificam para a Série A-1 e os últimos quatro são rebaixados à Série A-3.

Já o Brasileirão A1-3 é disputado em cinco fases. Sendo a primeira 32 clubes distribuídos em 16 grupos de dois clubes cada. A segunda fase conta com 16 clubes distribuídos em oito grupos de dois clubes cada. Na terceira fase são oito clubes distribuídos em quatro grupos de dois clubes cada. Na semifinal são quatro clubes distribuídos em dois grupos de dois clubes cada. Por fim, a fase final conta com dois clubes em um grupo. Em todas as fases do campeonato, os confrontos acontecem em partidas de ida e volta. Os quatro clubes semifinalistas ganham vaga para disputar a Série A-2 do ano seguinte.

Além dos campeonatos profissionais, existem também os torneios disputados pelas categorias de base, que são os responsáveis por formar as futuras atletas no país. Entre eles, existem três predominantes: o Brasileirão Feminino sub-18; o Brasileirão Feminino sub-16; e a Liga de Desenvolvimento da Conmebol, que é disputada nas categorias sub-16 e sub-14.

8 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS

1 INTRODUÇÃO

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O FUTEBOL BRASILEIRO: UMA PERSPECTIVA ISENTA DE OPINIÃO

2.1 UM BREVE HISTÓRICO DO FUTEBOL NO BRASIL

2.2 O FUTEBOL PRATICADO POR MULHERES NA NAÇÃO CANARINHA: DA PROIBIÇÃO À EXIGÊNCIA

2.3 COMO O PASSADO DO MACHISMO NO FUTEBOL RESULTOU NA DESIGUALDADE CONTEMPORÂNEA DA MODALIDADE

3 A DISCUSSÃO DE GÊNEROS E SEU PAPEL NO CENÁRIO DO FUTEBOL E JORNALISMO ESPORTIVO

3.1 ASPECTOS SOBRE A DIFERENÇA DE TRATAMENTO DIRECIONADA A HOMENS E MULHERES

3.2 COMO O GÊNERO PODE SER DETERMINANTE NA RELEVÂNCIA DADA A UM PROFISSIONAL

3.3 PRIVILÉGIOS NO ESPORTE: POR QUE OS HOMENS SÃO MAIS FAVORECIDOS DENTRO E FORA DE CAMPO

4 JORNALISMO ESPORTIVO: ISENÇÃO, HISTÓRIA E REPRESENTATIVIDADE

4.1 A ISENÇÃO NA PRÁTICA JORNALÍSTICA

4.2 ASPECTOS SOBRE A HISTÓRIA DO JORNALISMO ESPORTIVO

4.3 HOMENS E MULHERES NO UNIVERSO DO JORNALISMO ESPORTIVO

5 METODOLOGIA

5.1 MÉTODO

5.2 A IMPORTÂNCIA DA ENTREVISTA

5.3 DELIMITAÇÃO DO CORPUS

6 TENSÕES EM ANÁLISE: A PARCIALIDADE E A ISENÇÃO DO JORNALISTA

6.1 ENTREVISTA COM JORNALISTAS ESPORTIVOS

6.2 ANÁLISE DE RESULTADOS

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

ADOXY. **O que é fibrose e como tratar.** Disponível em:

<<https://adoxy.com.br/blog/o-que-e-fibrose-e-como-tratar/#:~:text=Fibrose%20%C3%A9%20nada%20mais%20do,procedimento%2C%20maior%20a%20fibrose%20cicatricial.>> Acesso em 02/04/2023.

ADVOCACIA MARIA PESSOA. **Competições de Futebol Feminino: quais são as principais no Brasil?** Disponível em:

<<https://blog.advocaciamariapessoa.com.br/competicoes-de-futebol-feminino-quais-sao-as-principais-no-brasil/>> Acesso em 16/05/2023

BARBEIRO, Herodóto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo.** - São Paulo: Contexto, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo.** Tradução Sérgio Milliet - 2.ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

BONFIM, Aira Fernandes. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915,1941).** Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

BORELLI, Viviane. **Cobertura midiática de acontecimentos esportivos: uma breve revisão de estudos.** Intercom, p. 1-15, 2001.

CAMARGO, Vera Regina Toledo. **O movimento olímpico e os meios de comunicação de massa: a interdependência e a perpetuação do mito esportivo.** in Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, setembro de 1999.

CARVALHO, Sérgio. Esporte e Jornalismo. In: TAMBUCCI, P.L. & OLIVEIRA, J.G.M.de & COELHO SOBRINHO, J. (orgs.) **Esporte & Jornalismo** - São Paulo, CEPEUSP, 1997.

Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Disponível em:

<https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf> Acesso em 26/03/2023.

CBF. **Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino A-3 - 2023.** Disponível em:

<<https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/competicoes/campeonato-brasileiro-feminino-a3>> Acesso em 16/05/2023.

CBF. **CBF divulga Regulamento Específico e Tabela Detalhada do Brasileiro Feminino Binance A-2.** Disponível em:

<<https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/campeonato-brasileiro-feminino/cbf-divulga-regulamento-especifico-e-tabela-basica-do-brasileiro-feminino#:~:text=A%20competi%C3%A7%C3%A3o%20ser%C3%A1%20disputada%20em,na%20semifinal%20e%20na%20final.>> Acesso em: 16/05/2023.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo.** Editora Contexto, 2003.

COELHO SOBRINHO, José; MARIZ DE OLIVEIRA, José Guilmar; TAMBUCCI, Pascoal Luiz. **Esporte e Jornalismo**. São Paulo: CEPEUSP/ECA-USP, 1997.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2007.

DIEHLL, Astor; TATIM, Denise. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 5. reimpr. - São Paulo: Atlas, 2011.

EL PAÍS. **Da proibição à obrigação, o futebol feminino desafia os clubes brasileiros em 2019**. Disponível em:
<https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/11/deportes/1555012178_170838.html>
Acesso em 16/05/2023.

ÉPOCA NEGÓCIOS. **Diferença salarial entre homens e mulheres vai a 22%, aponta IBGE**. Disponível em:
<<https://epocanegocios.globo.com/brasil/noticia/2023/03/diferenca-salarial-entre-homens-e-mulheres-vai-a-22-aponta-ibge.ghtml>> Acesso em 15/03/2023.

ETIMOLOGIA. **Etimologia de metodologia**. Disponível em:
<<https://etimologia.com.br/metodologia/>> Acesso em 27/04/2023.

ESPN. **Para jogar Libertadores masculina, clubes terão que montar time feminino**. Disponível em:
<http://www.espn.com.br/noticia/635254_para-jogar-libertadores-masculina-clubes-terao-que-montar-time-feminino> Acesso em 16/05/2023

FIGUEIREDO, Nélia. **Método e Metodologia na pesquisa científica**. 2. ed. São Paulo: Yendis, 2007.

FILHO, Lino Castellani. Esporte e Mulher. In: TAMBUCCI, P.L. & OLIVEIRA, J.G.M.de & COELHO SOBRINHO, J. (orgs.) **Esporte & Jornalismo** - São Paulo, CEPEUSP, 1997.

FONSECA, O. Esporte e Crônica Esportiva. In: TAMBUCCI, P.L. & OLIVEIRA, J.G.M.de & COELHO SOBRINHO, J. (orgs.) **Esporte & Jornalismo** - São Paulo, CEPEUSP, 1997.

FOURFOUR TWO. **Ranked! The 10 best Brazilian players ever**. Disponível em:
<<https://www.fourfourtwo.com/features/ranked-the-best-brazilian-players-ever-footballers-all-time>> Acesso em 09/04/2023.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo : Claridade, 2011. 120 p. : il. - (Saber de tudo).

GE. **CBF quer obrigatoriedade de time feminino em clubes das quatro séries do futebol brasileiro.** Disponível em:

<<https://ge.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/2023/02/08/cbf-quer-obrigatoriedade-de-time-feminino-em-clubes-das-quatro-series-do-futebol-brasileiro.ghtml>>

Acesso em 16/05/2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país** - São Paulo : Contexto, 2009.

GZH. **Tudo o que você precisa saber para acompanhar o Brasileirão Feminino.**

Disponível em:

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2022/03/tudo-o-que-voce-precisa-saber-para-acompanhar-o-brasileirao-feminino-ckzxgv7nc0058017pynftjb9b.html>>

Acesso em 16/05/2023.

HELAL, Ronaldo. **Cultura e idolatria: ilusão, consumo e fantasia in Cultura e Imaginário: interpretação de filmes e pesquisa de idéias.** ROCHA, E. (org.), 1998.

KESSLER, Cláudia Samuel. **Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol** - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

KESSLER, Cláudia Samuel & COSTA, Leda Maria da & PISANI, Mariane da Silva. **As mulheres no universo do futebol brasileiro** - Santa Maria, RS : Ed. UFSM, 2022.

LAVILLE, Christian; Dionne, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Porto Alegre : Artmed : Belo Horizonte: Editora UFMQ 1999.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas; 2005.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 2003.

MARTINS, Franklin. **Jornalismo Político.** 1. reimpressão - São Paulo : Contexto, 2005.

MÁXIMO, João. **Memórias do futebol brasileiro.** Estudos Avançados, v. 13, p. 179-188, 1999.

MORAES, Enny Vieira. O gramado como espaço de disputa entre gêneros: alguns aspectos sobre a história do futebol feminino no Brasil. In: KESSLER, Cláudia Samuel. **Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol** - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

MORAES, Fabiana. **Ativismo, isenção e subjetividade: sobre um jornalismo que ainda não ousa dizer os nomes**. 17º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, v. 17, 2019.

MORESI, Eduardo et al. **Metodologia da pesquisa**. Brasília: Universidade Católica de Brasília, v. 108, n. 24, p. 5, 2003.

NUNES, Ginete Cavalcante; NASCIMENTO, Maria Cristina Delmondes; DE ALENCAR, Maria Aparecida Carvalho. **Pesquisa científica: conceitos básicos**. ID on line. Revista de psicologia, v. 10, n. 29, p. 144-151, 2016.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa: Aborgagem teórico-prática** – Campinas, SP: Papirus, 2018. – Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

PAVIANI, Jayme. **Epistemologia prática: ensino e conhecimento científico**. 2. ed. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2013.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. - 3. ed., 6ª reimpressão. - São Paulo : Contexto, 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SIGNIFICADOS. **O que é o fair play no esporte**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/fair-play/>> Acesso em 10/07/2023.

SILVA, Giovana Capucim e. Jogar é resistir: práticas do futebol por mulheres durante sua proibição. In: Cláudia Samuel & COSTA, Leda Maria da & PISANI, Mariane da Silva. **As mulheres no universo do futebol brasileiro** - Santa Maria, RS : Ed. UFSM, 2022.

SILVA, Juremir Machado da; LARANGEIRA, Álvaro. **Teorias do jornalismo – A hipótese do mediador complexo: da isenção (possível) à independência (necessária)**. Galáxia (São Paulo), v. 47, 2022.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. **Memória, história e poder: a implantação dos meios de comunicação no Brasil**. Logos, v. 4, n. 2, p. 5-10, 1997.

TRALCI FILHO, Marcio Antonio; ARAUJO, Sérgio Estevam Carlos de. **As possíveis relações entre os feminismos e as práticas esportivas**. In: RUBIO, Katia (ed.). As mulheres e o esporte olímpico brasileiro. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.p. 17-42.

TJDFT. **Diferença entre Igualdade e Equidade**. Disponível em: <<https://www.tjdft.jus.br/acessibilidade/publicacoes/sementes-da-equidade/diferenca-entre-igualdade-e-equidade#:~:text=A%20igualdade%20%C3%A9%20baseada%20no,preciso%20ajustar%20esse%20%E2%80%9Cdesequil%C3%ADbrio%E2%80%9D>> Acesso em 29/03/2023.

TREVISAN, Márcio. **A história do futebol para quem tem pressa**. 1. ed. - Rio de Janeiro: Valentina, 2019.

UOL. **A hora do futebol feminino?** Disponível em:
<<https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/cbf-e-conmebol-obrigam-clubes-a-ter-times-femininos-sera-que-agora-vai/#a-hora-do-futebol-feminino?cmpid=copiaecola>> Acesso em 16/05/2023.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia da pesquisa** - Florianópolis : SEaD/UFSC, 2006.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Estudos culturais de gênero e estética da recepção: leitura na perspectiva feminina**. Nonada: Letras em Revista, v. 2, n. 19, p. 145-157, 2012.